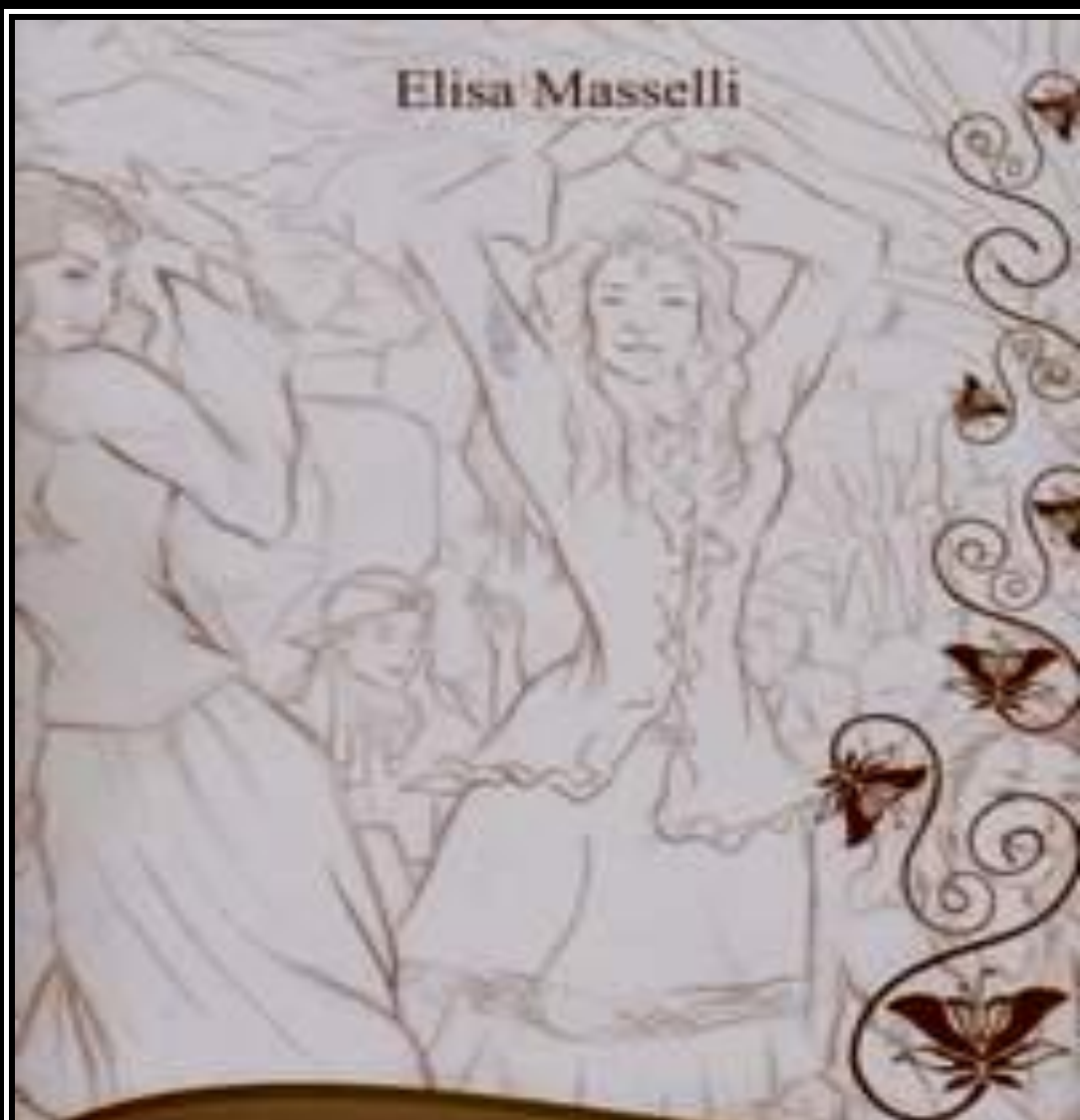


Elisa Masselli



O PASSADO NÃO
IMPORTA



Sumário

Prefácio.....	5
Prólogo.....	7
O reencontro	9
Uma nova vida	23
Conversando sobre o país.....	33
A história de Luísa e Tobias.....	43
Idéias conflitantes.....	51
Música conhecida.....	63
A hora do encontro.....	69
Revendo conceitos.....	77
Desentendimentos.....	93
Reconhecimento	101
Conversa elevada.....	109
Em busca da lei.....	117
Atraindo companhias	121
Fim da tranquilidade.....	133
Truculência	141
A fuga	151
Conversando com Rodolfo	155
Hora de escolha	163
O papel da Ditadura.....	175
Fim de missão.....	189
Tomando providências	197
Chegando ao destino	203
A Confissão	207
Primeiro contato com o passado.....	215
A caminho do morro das cruces.....	227
A descoberta.....	243

Plano perfeito	253
Finalmente, notícias.....	261
Momento decisivo	269
Encontro inesperado	275
Situações que se repetem	283
Visita indesejável	293
Conhecendo a história.....	301
Epílogo	307

Prefácio

Como sempre acontece, em uma manhã, acordei, ouvindo O passado não importa. Embora já esteja acostumada a esses avisos quando outro livro será escrito, estranhei aquele nome, pois o que acontece normalmente é sempre o tema do próximo livro chegar dessa maneira. Sabia que a explicação viria de alguma forma. Ao ligar meu computador, conversava com minha filha. Cliquei errado e abri o documento onde está o livro "Quando o passado não passa". Sorri, achando que havia me enganado. O tempo passou e demorei muito para entender. Várias manhãs, acordei ouvindo: O passado não importa. Toda vez que abria o computador, por um motivo ou por outro, eu me enganava e lá estava: "Quando o passado não passa". Finalmente, entendi que deveria escrever a continuação daquele livro. Não gostei, pois o segundo filme ou livro nunca é igual ao primeiro e este seria mais difícil ainda, por se tratar daquela história. Não imaginei como seria essa história. Comecei a escrever, ela foi surgindo e seu enredo cada vez mais me encantava. Os fatos se dão muito tempo depois, nos anos setenta, quando o mundo passava por uma transformação. Os mesmos personagens retornam, só que tendo um outro modo de ser e de viver. No final, como também sempre acontece, gostei muito. Estou escrevendo este prefácio para que as pessoas entendam o que aconteceu. Aquelas que já leram "Quando o Passado não Passa" não terão problema algum em reconhecer os personagens. Mesmo aquelas que não o leram encontrarão uma história linda e com muitos ensinamentos.

Espero que gostem e agradeço o carinho que tenho recebido de todos vocês.

Um abraço

Elisa Masselli

Prólogo

Um carro corria veloz pela estrada.

— Não corra muito. Gosto de apreciar a paisagem...

— Realmente, essas montanhas são lindas!

— Também acho. Adoro passar o fim de semana na fazenda. Seu avô, embora com mais de oitenta anos, ainda está lúcido. O que achou daquela história que nos contou sobre o fato de o avô dele ter nascido em um acampamento cigano e de a mãe dele ser negra e de haver se matado?

— Não sei, mas não é só ele quem conta. Meus primos também ouviram essa mesma história dos pais deles. Vai ver, foi verdade mesmo!

— Não sei se foi verdade, mas é uma linda história. E este colar que ele me deu hoje! É lindo. Disse que a avó dele ganhou da tal cigana. Como era mesmo o nome dela?

— Acho que Zara...um bonito nome...

— Já sabe. Este colar não pode ser vendido, tem de permanecer na família para sempre.

— Sei disso. Espere! Pare o carro! Quando puder, dê marcha à ré!

— O que aconteceu?

— Olhe lá atrás aquele casal. Parece que está em dificuldades! Acho que a moça desmaiou.

— Está bem, doutora! A senhora manda.

Assim que pôde, ele deu marcha à ré. Parou o carro perto de um moço alto e bonito, mas com ar triste e sofrido. Estava com uma criança no colo e tentava reanimar a esposa.

— O que está acontecendo?

— Ela está muito cansada e fraca! Desmaiou.

Ela tirou a criança dos braços da moça que estava desmaiada. Enquanto seu marido a reanimava, o rapaz pedia:

— Por favor, senhor, me ajude. Estamos tentando chegar à cidade para levar nosso menino ao hospital, mas ela não vai aguentar...

— Luana, pegue minha maleta...

— Pois não...

Luana entregou a maleta para o marido, que abriu o cobertor onde o menino estava enrolado. Viram uma criança deformada, com as perninhas tortas e precisando de ajuda.

Luana, ao ver aquela criança, sentiu um misto de horror e ternura. A moça acordou. Era loira de olhos azuis:

— Onde está meu filho? Oh! Meu Deus! O que fiz de tão errado nesta vida para sofrer tanto? Não aguento mais...Prefiro morrer!

Luana olhou para a moça, que chorava desesperadamente. Aqueles olhos se encontravam. Aqueles olhos se conheciam. Uma sentiu muita ternura... muito amor pela outra.

— Seu filho está aqui...não se preocupe mais. Agora, ele está comigo... você também ficará. Não vai precisar morrer! Sua vida mudará ao nosso lado. Felipe, o que acha?

— Somos médicos. Temos um hospital na capital. Rodolfo, meu irmão, cuida exatamente de doenças como a de seu filho. Vamos levá-los e cuidar dele.

— Não temos dinheiro. Nem sequer um emprego...

— O hospital é grande. Precisamos de funcionários. Ficarão morando e trabalhando lá. Assim, ajudarão a cuidar de seu filho e de outros que precisam.

— Muito obrigado, doutor! O senhor caiu do céu. Deus vai abençoar toda essa bondade!

— Já me abençoou. Deu-me um corpo perfeito e a mulher que amo. Não preciso de mais nada. Não é, meu amor?

— De mais nada. Só de ajudar este menino! Vamos embora!

A moça olhou para o céu, agradecendo a Deus em pensamento. Depois, perguntou:

— Estão sentindo esse perfume de rosas?

Os outros tentaram sentir o perfume, mas não conseguiram.

— Não estou sentindo! E vocês?

Balançaram a cabeça, dizendo que não...

Não sentiam, mas, se pudessem, veriam que pétalas de rosas caíam sobre eles, jogadas por amigos do céu que estavam torcendo e festejando aquele reencontro.

O Reencontro

Felipe, ao examinar a criança, percebeu que não estava bem, mas não quis preocupar os pais mais do que já estavam. Encarou Luana de modo significativo. Ela entendeu e, com os olhos, pediu que fosse rápido. Ele, então, acelerou o carro para que pudessem chegar ao hospital o mais rápido possível.

Ele dirigia, quando, de repente, ouviu um grito:

— Meu filho está morrendo!

Ele olhou pelo retrovisor e viu que a moça, enquanto gritava, sacudia a criança, que estava pálida.

Luana também ficou desesperada:

— Pare o carro, Felipe! Pare o carro!

Felipe notou que na estrada não havia acostamento e que estavam próximos a uma curva. Assim que a passaram, pôde perceber que havia uma reta. Mesmo arriscando-se, ele parou o carro em um canto da estrada, que não era muito movimentada.

Rapidamente, ele e Luana abriram as portas do carro e desceram. Felipe abriu a porta traseira, com a mão fez um sinal para a mãe, pedindo que saísse. Ela obedeceu imediatamente.

Felipe tirou o menino do colo da mãe e colocou-o sobre o banco traseiro. Começou a fazer massagem em seu peitinho e respiração boca a boca.

Enquanto isso, Luana abriu a maleta e, de dentro dela, tirou uma seringa e uma ampola. Colocou o conteúdo da ampola na seringa e aplicou no menino que, após alguns segundos, começou a chorar.

Entreolharam-se e sorriram. Felipe devolveu o menino para a mãe e disse:

— Agora ele está bem. Mesmo assim, precisamos chegar logo ao hospital. Ele precisa de atendimento. Meu irmão Rodolfo fará isso.

A moça, ao mesmo tempo em que chorava, ria também. Com o menino no colo e, após beijá-lo, emocionada, disse:

— Obrigada, doutor. Ainda bem que os encontramos, foi Deus quem os mandou.

Ele sorriu e, instintivamente, olhou para o pai que, pálido, continuava no mesmo lugar, com os olhos parados, parecendo que ia desmaiar.

Percebendo a situação, Luana, que havia dado a volta para guardar a seringa, pegou-o pela camisa e começou a sacudi-lo e a chamá-lo:

— Moço! Moço!

Poucos segundos depois, ele respirou fundo e, parecendo voltar de outro lugar, olhou para a mulher. Vendo que o menino estava bem, começou a chorar e a gritar:

— Luísa! Não suporto mais isso! Até quando vai continuar?

Ela, vendo o estado dele, estranhou:

— O que está acontecendo, Tobias. Nunca vi você dessa maneira.

Ele, chorando, saiu do carro e abraçou-a, dizendo:

— Perdão, perdão, mas sabe que, sempre que isso acontece, fico muito assustado... penso que ele vai morrer...

Em seguida, pegou o menino de seu colo e o beijou carinhosamente. Luana e Felipe acompanharam toda a cena. Ela disse:

— Fique calmo, pois, um dia, como todos nós, ele vai morrer, mas não será hoje. Agora está bem.

Tobias sorriu. Maria Luísa, rindo, disse:

— Não me conformo, como que um homem desse tamanho pode ser tão medroso!

Tobias também riu. Felipe, parecendo ofendido, disse:

— Espere aí! Não é bem assim, o homem não é diferente da mulher! Também temos sentimentos!

— E você mais do que todos, não é, meu amor...

— Não brinque, Luana! Este momento foi muito difícil, ele teve razão de ficar assustado. Até eu, que sou médico, me assustei!

— Tem razão, Felipe, agora, vamos embora?

Entraram no carro. Enquanto Felipe dirigia, Luana disse:

— Foi sorte estarmos com a maleta de emergência, Felipe, se não fosse isso, receio que o pior teria acontecido.

— Tem razão, Luana. Ainda bem que, quando vamos à fazenda, sempre a levamos, caso o vovô precise. Sabe que ele não está bem...

— Não se preocupe, Felipe. Ele ainda vai durar muito tempo... sabe que as pessoas doentes são as que duram mais. Se não fosse a artrite que o impede de andar com segurança, estaria muito bem, sem nada sentir. Sua cabeça está boa como sempre. Felipe começou a rir:

— Tem razão. Ele vive, somente, para nos contar a história da família. Quer que conheçamos todos os nossos antepassados, diz que eles foram muito importantes.

— Chame-o pelo interfone e peça para que vá me encontrar na emergência.

A moça sorriu e atendeu aos pedidos de Luana. Ela, voltando-se para os pais do menino, disse:

— Coitado, mal sabe ele que nós não estamos interessados, muito menos nossos filhos. O passado não importa. Estamos vivendo no presente e este, sim, importa.

— Sim, Luana, mas não nos custa dar atenção a ele, quando nos conta suas histórias.

— Deixamos o vovô bem. Ele está aos cuidados da Severina, sabe como é dedicada. Trata-o como se fosse uma criança. Por isso, não precisamos nos preocupar, pois, se acontecer alguma coisa, ela nos comunicará. Agora, precisamos nos preocupar com esse menino. Levá-lo para o hospital.

Após algumas horas de viagem, finalmente, chegaram a uma rua arborizada, com poucas casas. As que existiam ali eram enormes.

O menino dormia. Seus pais, admirados, olhavam tudo. Nunca haviam estado na cidade, muito menos em uma rua como aquela.

Felipe entrou por um portão grande e seguiram por uma alameda. Estacionou o carro em frente a uma porta e disse:

— Luana, entre com eles. Leve o menino para a emergência, ele precisa de cuidados. Aproveite e veja se Rodolfo está aí. Enquanto isso, vou estacionar o carro e irei em seguida até vocês.

Luana, sabendo da gravidade da situação, disse:

— Está bem, vamos fazer isso.

Olhou para a moça que estava com o menino, que ainda dormia, no colo. Ela parecia tranquila e confiante. Luana disse:

— Venha, vamos cuidar do seu filho. Não precisa se preocupar, ele está um pouco desidratado por causa da febre, mas logo ficará bem. Pode ter certeza de que seu filho está em boas mãos, eu diria até que nas melhores.

A moça sorriu e, abraçando o filho com carinho, todos entraram rapidamente. Assim que chegaram até o balcão onde estava uma recepcionista, Luana disse, tentando esconder o seu nervosismo:

— Por favor, chame uma enfermeira e leve este menino para a sala de emergência.

— Pois não, doutora.

— O Rodolfo está trabalhando hoje?

— Está sim.

— Chame-o pelo interfone e peça para que vá me encontrar na emergência.

A moça sorriu e atendeu aos pedidos de Luana. Ela, voltando-se para os pais do menino, disse:

— Vou me encontrar com o meu cunhado, ele é neurocirurgião e vai examinar o menino. Esperem aqui, por favor. Voltarei em seguida.

Eles sorriram e, confiantes, acenando com a cabeça, disseram que sim. Luana se afastou.

Estava chegando à sala de emergência, quando encontrou Rodolfo que vinha apressado. Ao vê-la, perguntou:

— O que está fazendo aqui, Luana? Pensei que estivessem na fazenda e que só voltariam amanhã...

— Tem razão, Rodolfo, mas embora não tenha entendido a razão, de repente, senti uma vontade enorme de voltar.

— Também não entendo, aquele lugar é maravilhoso. Só não vou lá mais vezes, por falta de tempo. Disse que não entendeu e agora entende?

— Sim, acredito que foi para socorrer um casal e sua criança doente. Se não estivéssemos lá, naquela hora, a criança teria morrido.

— Acredita que foi por isso que quis voltar?

— Tenho quase certeza, pois jamais teríamos vindo embora se não houvesse um motivo maior. Sabe como é difícil tirarmos um fim de semana de folga.

— Está certa. Estou há muito tempo tentando. Talvez tenha razão: estar lá naquele momento pode ter sido obra de Deus.

Luana deu uma gargalhada e perguntou:

— Falando em Deus, Rodolfo? Você? Parece que Marília está conseguindo virar sua cabeça!

— Temos conversado muito. Portanto, acho que, se não for coincidência, tudo o que ela fala só pode ser coisa de Deus mesmo. Fui chamado na emergência, não sei para que, todos sabem que não atendo emergência.

— Fui eu quem pediu que o chamasse.

— Você? Para quê?

— Quero que examine uma criança que está muito mal.

— Onde ela está?

— Na sala de emergência.

— Então, já deve estar sendo atendida. Por que precisa de mim?

— Assim que a vir, entenderá.

— Está bem, vamos rápido.

Chegaram à sala, entraram. Luana aproximou-se de um médico que atendia o menino e perguntou:

— Como ele está, Caio?

— Está muito fraco e desidratado, já pedi que fosse colocado no soro.

— Obrigada.

Rodolfo aproximou-se, olhou o menino que estava com os olhos fechados e sem roupas, deitado sobre a mesa. Quando se aproximou, percebeu que ele sofria de paralisia cerebral. Olhou para Luana e perguntou:

— Qual é a idade dele, Luana?

— Não sei, encontramos os pais na estrada e não perguntei.

— Preciso saber.

O menino abriu os olhos e olhou para ele. Rodolfo, ao olhar nos olhos do menino, sentiu um arrepio percorrer seu corpo e empalideceu. Luana percebeu e perguntou, aflita.

— Que aconteceu, Rodolfo? Está sentindo alguma coisa?

— Não sei, de repente me senti mal.

— Foi depois que olhou para o menino, não foi?

— Sim, mas não entendo. Sabe que me dedico a cuidar de doenças cerebrais há muito tempo. Nada mais me surpreende, mas, ao olhar para os olhos desse menino, senti algo que não sei explicar.

— Entendo o que está querendo dizer, também tive essa mesma sensação quando o vi na estrada.

— Estranho. Por que será que isso aconteceu?

— Não sei, mas acha que pode fazer alguma coisa por ele?

— Você sabe que, em casos como esse, pouco pode se feito, Luana. Onde estão os pais?

— Na sala de espera.

— Vamos até lá, preciso saber a idade dele.

Caio disse:

— Por enquanto, ele vai ficar em observação. Vamos ver como reage aos medicamentos.

Enquanto isso, Felipe estacionava o carro. Estava saindo, quando viu Danilo, seu filho, que também estacionava o carro e que, ao vê-lo, perguntou:

— Papai! O que está fazendo aqui? Não estava na fazenda?

— Olá, meu filho. Sim, estávamos na fazenda, mas sua mãe, de repente, quis porque quis vir embora. Sabe como ela é, quando quer uma coisa, ninguém faz com que mude de ideia.

— Ela não quis continuar na fazenda?

— Não, de repente disse que precisava vir embora. Só me restou obedecer.

— Como sempre, não é, papai? — perguntou, rindo com ironia e fazendo uma careta.

Felipe sorriu e respondeu:

— Sim, como sempre. Você sabe que ela manda em mim... — disse, também rindo, com ironia.

— Sei sim, mas ela sabe como mandar. Felipe deu uma gargalhada, dizendo:

— Você sabe que ela é a mulher da minha vida!

— É mesmo. Como também sei que o senhor é o homem da vida dela. Formam o casal perfeito.

— Tem razão, acredito que, como dizem os antigos, nosso casamento foi talhado no céu.

— Isso é difícil de acontecer, não é?

Felipe, abraçando o filho, disse:

— Tem razão, meu filho, acho que nascemos um para o outro, mas, o que está fazendo aqui? Sei que detesta hospitais!

— Detesto mesmo, mas esta noite não consegui dormir bem. Senti muita dor no estômago. Assim que acordei, fui para a Faculdade, mas a dor continuou, resolvi vir até aqui para me consultar.

— Ainda está doendo?

— Sim, é uma dor constante.

— O que você comeu ontem?

— Nada diferente. Comi o que todos lá em casa comeram.

— Vamos entrar e o examinarei.

Entraram. Foram avisados pela recepcionista de que Luana e Rodolfo ainda estavam na emergência. Foram para lá. Quando Felipe passou pelos pais do menino, sorriu e, calado, continuou andando.

Danilo não estava bem, por isso não notou o olhar do pai. Assim que chegaram e se aproximaram, ele olhou para o menino que estava sendo medicado. O menino, parecendo sentir sua presença, também olhou. Os olhos se encontraram. Duas lágrimas correram pelo rosto do menino. Danilo aproximou-se mais e perguntou:

— Quem é essa criança, mamãe?

— Não sei, nós encontramos seus pais na estrada. Estavam precisando de ajuda e os trouxemos até aqui.

Danilo, com carinho, passou a mão pela cabeça e pelo rosto do menino e disse:

— Ele é tão bonito. Não sei o que está acontecendo, mas estou sentindo profunda ternura por ele. Vai ficar bem, tio Rodolfo?

— Estamos fazendo o possível para que isso aconteça.

O menino, assim que olhou para Danilo, pensou:

“Rosa Maria, Rodolfo e você Felipe, meu neto, estão juntos e aqui! Quanta saudade...”

— Estão, sim, meu velho...

— Matilde! Você também está aqui?

— Sim, estou ao seu lado desde que renasceu, mas só agora você pôde me ver.

— Estou muito feliz em ver todos reunidos, só não entendo o porquê...

— Voltaram para colocar algumas coisas no lugar. Rosa Maria e Felipe não precisariam ter voltado, mas escolheram fazer isso para ajudar aqueles que ficaram para trás.

— A mim?

— Não só a você, mas a Jerusa e Marcela também. Sabe o que elas fizeram?

— Sei, sim. Assim como está acontecendo comigo, elas terão outra chance?

— Todos sempre têm, mas nem sempre aproveitam...

— Por que estou com este corpo, Matilde? Por que tenho de depender de outras pessoas?

— Você não lembra ainda, mas, aos poucos, irá lembrar. Quando estava para renascer, pediu um corpo fraco a fim de que dependesse de outras pessoas para sobreviver.

— Por que pedi isso?

— Porque, quando tinha um corpo perfeito, usou do poder e da maldade para destruir muitas vidas.

— Estou começando a lembrar. Fui mesmo um canalha...

— Infelizmente, meu velho, mas Deus, que é um Pai amoroso, perdoa sempre e nos dá, a cada momento, a chance de repararmos o mal que fizemos. Você está tendo essa chance.

— Como posso reparar alguma coisa em um corpo como este?

— Com o tempo descobrirá.

— Reconheci Rosa Maria, Rodolfo e Felipe. Quem são as pessoas que estão cuidando de mim, até agora?

— Essas pessoas de quem está falando são Maria Luísa e Tobias. Eles concordaram, também, em recebê-lo como filho. Embora ela tenha passado muito tempo no vale, ainda tem sobre si o suicídio e o assassinato e precisa resgatar os dois. Ele, assim como acontece com Rosa Maria e Rodolfo, não precisaria ter voltado, mas insistiu. Não quis deixar Maria Luísa sozinha. Sabe que ele nunca a abandonou nem mesmo quando ela estava no vale.

— Ele a ama de verdade. Mas você sabe que ela não teve culpa, o culpado fui eu...

— Sim, você ajudou, mas ela, já há muitas encarnações, não tem conseguido fugir do apelo para o suicídio e sempre termina se matando. Nesta, terá outra chance.

— E você, por que está aqui? Também fiz com que sofresse muito...

— Fui sua esposa e, assim como acontece com Tobias em relação a Maria Luísa, também estive sempre ao seu lado, mesmo não renascendo, como está acontecendo agora.

— Embora não tenha renascido, está aqui?

— Sim e ficarei até que possa acompanhá-lo, vitorioso, de volta para casa.

— Com este corpo, que mal poderei fazer?

— Poderá colocar à prova o amor entre Maria Luísa e Tobias.

— Por que está dizendo isso? Não acabou de dizer que eles sempre se amaram?

— Disse, é verdade, mas, muitas vezes, quando renascidos, os espíritos se esquecem dos planos feitos e, na hora em que seus desejos não são realizados, fogem dos compromissos assumidos.

— O que está querendo dizer?

— Que, muitas vezes, homens, ao terem filhos com o corpo que você tem agora, não suportam e se afastam, ou melhor, fogem da responsabilidade e a mulher toma para si o encargo de criar seu filho, sozinha. E quase sempre consegue.

— Está dizendo que Tobias pode nos abandonar?

— Não só ele, como Maria Luísa também.

— Tomara que isso não aconteça...

— Tomara, meu velho, tomara..

— Será que, desta vez, vou conseguir?

— Esperamos que sim. Tudo está se encaminhando muito bem.

— Por quanto tempo vou permanecer neste corpo?

— Pelo tempo que for necessário.

— Está bem, sei que, depois de tudo o que fiz, preciso me resignar...

— É isso mesmo, meu velho... é isso mesmo..

O quarto todo se iluminou. Matilde e o menino olharam em direção à luz. Pai Joaquim surgiu e, sorrindo, disse:

— Tão tudo junto di novu.. que Deus bençoe ocêis.

— Vai ficar ao nosso lado?

— Não vai sê perciso, Sinhá. Ocêis tão bem e sei qui dessa veiz, com a judá de Jesus, Nosso Sinhô, o sinhô vai consegui... vim aqui só pra dizê isso. Perciso ir embora. Tenho otras coisa pra fazê, mais, se percisa, eu vorto. Jesus bençoe ocêis.

Sorrindo, desapareceu.

Danilo, alheio ao que estava acontecendo, enternecido e passando a mão sobre a cabeça do menino, disse:

— Mamãe, tio Rodolfo, cuidem bem dele, sei que precisa e merece.

— Como sabe, Danilo? Você não o conhece...

— Tem razão, não o conheço e nem sei o motivo, mas quero muito que ele fique bem.

— Estamos tentando, Danilo. Sabe que não precisava nos pedir isso. Sempre fazemos o possível para ajudar nossos pacientes, seja quem for.

— Desculpem, mas sinto tanta ternura por ele...

Rodolfo e Luana, admirados, olharam-se, mas ficaram calados.

Danilo continuou olhando para o menino. Luana e Rodolfo não estavam entendendo aquela reação tão diferente da que eles tiveram. Eles, assim que olharam para os olhos do menino, sentiram um certo mal-estar. Danilo, ao contrário, se enterneceu. Como poderia ser? Qual seria a explicação?

Ficaram ali por mais um tempo, depois saíram. Não podiam imaginar, mas, assim que saíram, o menino, com lágrimas a cair de seus olhos, disse:

— Felipe, meu neto, ainda gosta de mim, Matilde...

— Sim, Carlos, ele ainda gosta, apesar de tudo o que você fez. Além do mais, sabe que ele não foi seu neto...

— Sei, mas prefiro esquecer o que fiz e só me lembrar dos bons momentos que passei ao lado dele.

Ela, sorrindo, disse:

— Está bem, faça isso...

Chegaram à recepção. Luana foi ao encontro dos pais do menino que continuavam ali. Assim que a viram se aproximando, levantaram-se. Luana disse:

— Ele está sendo atendido, embora sua situação seja grave. Temos esperança de que poderá ficar bem.

— A senhora acha, mesmo, que ele vai ficar bem?

— Esperamos que sim. Este é o meu cunhado, Rodolfo, ele é especialista em doenças como a do seu filho e fará tudo o que estiver ao seu alcance, não é, Rodolfo?

Rodolfo aproximou-se, pegou a mão que a moça lhe oferecia. Assim que ela tocou em sua mão e levantou os olhos, ele estremeceu, sentiu um frio correr por sua espinha e um desejo imenso de abraçar aquela desconhecida. Não entendia o que estava acontecendo, mas estava feliz por estar diante dela. Emocionado, disse:

— A senhora pode ficar tranquila, vamos fazer tudo o que for possível para que seu filho fique bem.

Ela também sentiu o mesmo que ele e, olhando firme em seus olhos, disse:

— Acredito nisso, o senhor me parece ser, além de competente, um bom homem.

Rodolfo apertou sua mão e, um pouco constrangido por não entender o que estava acontecendo, disse:

— Obrigado, mas agora preciso voltar para os meus pacientes. Espero que tudo caminhe como desejamos.

Saiu apressado. Luana acompanhou aquela cena e percebeu que alguma coisa havia acontecido. Pensou:

“Parece que ele, assim como eu, ficou feliz em ver essa moça, mas por quê? Não a conhecemos...”

Felipe e Danilo nada perceberam”.

Felipe disse:

— Danilo, vamos até o meu consultório e tentar descobrir o motivo desta sua dor de estômago.

— Dor de estômago, Danilo? Não sabia que estava doente.

— Passei muito mal durante a noite, mas, agora, a dor sumiu, mamãe. Estou bem. A dor passou.

— Mesmo assim, eu disse-lhe que vamos fazer alguns exames. Precisamos descobrir de onde surgiu essa dor que lhe causou tanto desconforto.

— Não acho que seja preciso, papai. A dor, assim como veio, foi embora.

— Seu pai tem razão, Danilo. Faça os exames que ele julgar necessário. Nenhuma dor surge do nada.

— Está bem, mamãe, quem mandou eu nascer em uma família com tantos médicos... — disse, rindo e debochando.

— Que você, infelizmente, não quis ser.

— A senhora sabe que tentei, mas não consegui. Não nasci para ser médico. Não suporto ver sangue. Prefiro ser advogado.

— Já discutimos sobre isso e, embora não tenhamos ficado felizes com sua decisão, a aceitamos. Agora, preciso ir para casa. As malas ainda estão no carro. À noite, conversaremos.

Estava saindo, quando olhou para o casal que a encarava. Bateu com a mão na testa e disse:

— Desculpe, esqueci que vocês não têm onde ficar.

— É verdade, doutora, não conhecemos ninguém aqui na Capital e não temos dinheiro.

— Sim, vocês disseram isso. Vamos para minha casa e arranjarremos um lugar para que fiquem bem.

Danilo e Felipe, assustados, olharam para ela, que, sorrindo, disse:

— Temos uma casa nos fundos. Ela foi feita para que os empregados morassem nela, mas todos eles são casados e moram em suas casas. Ela está vazia e poderão ficar ali, até que seu filho receba alta.

— Não podemos aceitar, só se a senhora nos arranjar um emprego.

— Sabem que não têm para onde ir, mas, está bem, o que você sabe fazer? — perguntou, olhando para o rapaz.

— Não sei fazer muita coisa, sempre trabalhei na roça.

— E você? — perguntou para a moça, que respondeu:

— Antes do meu menino nascer, só trabalhei como doméstica.

— Então, está resolvido o nosso problema.

Felipe e Danilo, ainda surpresos e confusos, continuavam olhando e acompanhando a conversa. Sabiam que Luana tinha aquela tendência de ajudar as pessoas, só queriam saber qual seria a solução encontrada por ela. Ficaram calados, somente esperando.

Ela, sorrindo, disse:

— Felipe, o nosso jardim está precisando de uma limpeza e as flores precisam ser replantadas, não é mesmo?

Felipe, tomado de surpresa, mas entendendo qual era a vontade dela, respondeu:

— Tem razão, também notei.

— Está vendo como para tudo há solução? Vocês vão lá para casa. Você, como é mesmo o seu nome?

— Tobias, doutora.

— Tobias, você tem carta de motorista?

— Tenho, e é profissional.

— Ótimo, você, além de cuidar do jardim, poderá ser o motorista da casa. O nosso se aposentou.

— Vi que o doutor e seu filho têm carro. Para que precisa de um motorista?

— Jerusa, minha filha, não gosta de dirigir e nunca quis um carro. Tínhamos um motorista que trabalhou muito tempo em casa. Há dois meses ele se aposentou e ficamos sem motorista. Muitos já ficaram em experiência, mas Jerusa não gostou de nenhum deles. Quem sabe ela goste de você. Além do mais, somos muito ocupados e não temos tempo de fazer as compras da casa. Você ficará à disposição da Alda, da é quem faz as compras. Nas horas de folga, poderá cuidar do nosso jardim.

— Está bem, senhora. Vou me esforçar para que fique satisfeita com o meu trabalho.

Luana sorriu e, olhando para a moça, perguntou:

— Como é o seu nome?

— Luísa.

— Sabe passar roupa? Não se esqueça de que todos lá em casa, menos Danilo, usam roupas brancas.

— Sei passar, sim, senhora.

— Pronto, está tudo resolvido. Vocês ficarão em casa o tempo que for necessário. Depois que o menino receber alta do hospital, veremos o que fazer.

— Obrigada, doutora... não sabemos como agradecer...

— Não precisam agradecer, basta que trabalhem direito. Agora, podemos ir embora, estou cansada da viagem.

Felipe e Danilo beijaram seu rosto e ela, acompanhada por Tobias e Luísa, saíram.

Uma nova vida

Tobias sentou ao lado de Luana que dirigia o carro. Luísa sentou-se no banco traseiro. Pelo retrovisor, Luana, de vez em quando, olhava para ela e pensava:

“Por que será que tive tanta vontade de ajudar a esses dois? Assim que os vi, senti um carinho muito grande. Parece até que já nos conhecemos, mas isso é impossível... não estou entendendo... parece que o mesmo aconteceu com Rodolfo. Ele também teve uma reação muito estranha ao ver a moça. Mais tarde vou conversar com ele e saber se minhas suspeitas são verdadeiras.”

Assim que chegou em frente a casa, parou o carro, dizendo:

— Tobias, por favor, pode me ajudar com as malas?

— Sim, senhora.

Ela desceu, abriu o porta-malas e ele retirou todas. Entraram em casa.

Alda, uma das empregadas, os recebeu com um sorriso e surpresa:

— A senhora já chegou? Pensei que só viesse amanhã.

— Essa era a ideia, mas senti vontade de voltar antes. Está tudo bem aqui em casa?

— Sim. A Jerusa veio almoçar com uma amiga e foi para a faculdade.

— Uma amiga? Que amiga?

— Não a conheço, mas, pelo que ouvi, parece que a moça veio do interior para estudar aqui.

— Estranho. Jerusa aparecer com uma amiga...

— Por que está dizendo isso, senhora?

— Você a conhece melhor do que eu, Alda, sabe como é difícil ela fazer amizade. Parece que tem medo de tudo. Já tentei conversar, mas não consegui. Ela é muito fechada, calada, desconfiada e diferente de Danilo, que fala até demais.

— Tem razão, senhora. Realmente, é muito fechada. Também não entendo por que é assim. Tem uma casa e uma família maravilhosa e tudo o que quer.

— Também não entendo, depois vou conversar com Jerusa e descobrir quem é essa amiga.

— Ela estava muito nervosa.

— Por quê?

— Disse que a senhora precisa contratar um motorista, pois está cansada de ir para a Faculdade e voltar de lá, de táxi.

— Depois que o Sebastião se aposentou, já tentei contratar alguns, mas ela não aceitou nenhum, também não entendo por que ela não quer tirar carta de motorista. Se ela fizesse isso, teria o seu próprio carro!

— Já falei com ela sobre isso, mas diz que não gosta de dirigir, que tem medo.

— Medo do quê, Alda? Não entendo esse medo...

— Também não entendo, senhora, mas ela é assim. Vamos fazer o que, não é?

— Tem razão. É difícil entender a Jerusa.

— Senhora, Danilo disse que estava com dor de estômago e foi para o hospital.

— Sei disso, nós o encontramos lá.

— Ele está bem?

— Não sei, Felipe o está consultando, mas não deve ser grave. Alda, este casal vai ficar aqui em casa. Prepare a casa dos fundos.

Alda, que já havia notado a presença dos dois, estava curiosa, mas não quis perguntar. Luana continuou:

— Só depois que você falou em almoço foi que me lembrei de que não comemos durante a viagem. Vocês, assim como eu, devem estar com fome, não estão?

Tobias olhou para Luísa, que respondeu:

— Estamos sim, mas não precisa se preocupar, estamos acostumados a ficar sem comer.

— Vocês podem estar, mas eu não. Alda, tem almoço?

— Pensei que a senhora não viesse e pedi para Carlita preparar pouca comida, só restou um pouco.

— Acha que dá para nós três?

— Receio que não, senhora, mas posso preparar num instante.

— Prepare somente um lanche e arrume a mesa na sala de refeições. Vamos comer ali.

Luísa olhou para Tobias e disse:

Senhora, preferimos que não...

— Não o quê? Não querem comer? Não estão com fome?

— Estamos, mas...

— Mas o quê? Já sei, não querem comer na sala de refeições, não é?

Luísa sorriu. Luana continuou:

— Preferem comer na cozinha?

Luísa voltou a sorrir.

— Está bem. Alda, prepare os três lugares na mesa da cozinha. Também adoro comer ali, só como na sala de refeições por causa do Felipe.

Alda sorriu. Ela sabia que Luana não estava dizendo a verdade, mas conhecia desde pequena e entendia perfeitamente o que estava querendo fazer: ajudar aquele casal.

— Está bem, senhora, vou pedir para a Carlita preparar o lanche. E depois os levarei até a casa dos fundos para que a conheçam.

— Faça isso. Enquanto os encaminha para a casa dos fundos, vou trocar esta roupa.

Começou a se afastar, mas voltou-se:

— Quando os encontramos, não vi malas. Vocês não trouxeram roupas?

— Não, senhora. O menino começou a passar mal e saímos correndo, nem pensamos em pegar roupas.

— Venham comigo!

Luísa ficou parada sem saber o que fazer. Luana pegou em sua mão e a puxou, fazendo com que a acompanhasse. Tobias ficou parado, só olhando. Do meio da escada, Luana se voltou e disse:

— Você também, Tobias. Venha!

Ele, sem jeito, continuou parado. Ela gritou:

— Venha! Não pode continuar com essas roupas que está usando. Vou pegar alguma coisa do Felipe para que possa usar. Vocês têm o mesmo corpo. As roupas dele vão servir muito bem em você.

Luísa, vendo que ele estava nervoso e com vergonha, disse:

— Venha, Tobias.

Ele, devagar, as acompanhou. Luana abriu uma porta e fez com que entrassem na sua frente. Dentro do quarto, abriu um guarda-roupas e começou a tirar e a jogar sobre a cama saias, blusas e vestidos. Luísa e Tobias, com os olhos, acompanhavam seus movimentos. Depois de tirar alguns, Luana disse:

— Pode levar tudo com você.

— Para mim?

— Sim, para você.

— Mas são lindos! Não pode fazer isso, senhora...

— Eu não uso essas roupas. Sabe que todos aqui somos médicos, somente Danilo, para nossa tristeza, resolveu ser advogado. Com exceção dele, todos usamos, na maior parte do tempo, roupas brancas. Pode ficar com elas.

Luísa pegou as roupas. Seus olhos começaram a brilhar de uma maneira que Tobias nunca havia visto. Enquanto ela colocava as roupas na frente do corpo e se olhava em um espelho que havia no guarda-roupas, Luana pensou:

Engraçado, parece que já vi esta cena... como pode ser? Por que gostei tanto desses dois assim que os vi?

Luísa, com um dos vestidos na frente do corpo, ficou com os olhos parados, perdidos no tempo. Depois de alguns segundos, olhou para Luana e disse:

— Não sei, senhora, mas parece que já vivi algo parecido com isto.

— Que está querendo dizer?

— Não sei como explicar, mas sinto que já nos encontramos em uma situação como esta...

— Também sinto isso, mas, como sabe, é impossível. Acabamos de nos conhecer.

— Tem razão, devo ter sonhado ou desejado haver conhecido a senhora, que é um anjo que Deus colocou nas nossas vidas.

Luana sorriu, abriu a porta de um outro guarda-roupa e tirou algumas calças e camisas, dizendo:

— Estas roupas podem ficar para você, Tobias.

— Não pode, senhora. Seu marido vai ficar brabo...

— Não vai, não. Ele já não as usa há muito tempo. Pode pegar.

Depois, abriu algumas gavetas e tirou roupas íntimas dela e de Felipe e deu a eles que, sem saber o que falar, ficaram calados, embora os olhos brilhassem de felicidade. Luísa foi dobrando as roupas e colocando sobre a cama. Quando estava tudo dobrado, Luana disse:

— Agora já podemos ir, a Alda vai providenciar toalhas. Vamos descer?

Com as roupas nas mãos, Luísa e Tobias a acompanharam. Assim que se aproximaram de Alda, Luana perguntou:

— O lanche está pronto, Alda?

— Ainda não, senhora. A Carlita precisa de mais alguns minutos.

— Está bem. Enquanto isso, acompanhe Luísa e Tobias e mostre-lhe onde vão ficar. Não se esqueça de providenciar tudo o que precisarem, eles vão ficar algum tempo morando aqui.

Luísa e Tobias, embora não entendessem o que estava acontecendo, em pensamento, agradeciam a Deus por haver colocado aquela mulher em suas vidas. Saíram acompanhando Alda que lhes mostrou a casa onde iriam ficar.

A casa, embora pequena, era confortável. Tinha apenas um quarto e um banheiro. Assim que Alda os acomodou e providenciou roupas de cama e toalhas, saiu, deixando-os sozinhos. Luísa olhava tudo e seus olhos

brilhavam de contentamento. Subiu na cama e começou a pular e a dizer:

— É macia, Tobias! Nunca dormimos em uma cama como esta!

Tobias permaneceu calado, só que, dessa vez, sorriu.

Estava pulando, feliz, e não percebeu Luana que, da porta, ria da felicidade dela. Assim que a viu, Luísa desceu da cama e, sem graça, disse:

— Desculpe, doutora, mas nunca tivemos uma cama como esta. Estou muito feliz...

— Não se preocupe, só vim ver se gostaram, da acomodação.

— Nossa, doutora! Nem sabemos como agradecer.

— Não precisa agradecer, a casa estava vazia mesmo. Podem ficar o tempo que quiserem.

Luana disse aquilo com sinceridade e, outra vez, achou já ter visto aquela cena. Sorrindo, afastou-se.

Assim que ela foi embora, Luísa olhou para Tobias e, abraçando-se a ele, perguntou:

— Tobias, o que acha de tudo o que está acontecendo?

— Não sei, só sei que ela e o marido foram dois anjos que Deus colocou no nosso caminho.

— Será que foi Deus mesmo?

— Claro que sim, Luísa. Você não viu como eles apareceram do nada naquela estrada?

— Do nada, não. Eles estavam voltando de uma viagem.

— Sei disso, mas quantos carros passaram por nós e não pararam? Qualquer um que passasse poderia ver que estávamos com problema, mas só eles viram e pararam. Foi Deus, mesmo!

— Tem razão...

— Tem uma coisa que não consigo tirar da cabeça.

— O quê?

— Quando ela abriu o guarda-roupa e me mostrou toda aquela roupa, dizendo que eu podia escolher a que quisesse, não sei, mas senti que já tinha vivido aquela cena, Tobias...

— Que cena?

— De ver um guarda-roupa cheio de vestidos. E nós duas estarmos juntas.

— Não pode ser, Luísa, só se for em sonhos. A gente só a conheceu agora.

— Tem razão, mas foi o que senti, por isso disse que achava estranho.

Tobias ficou com o olhar distante. Luísa perguntou:

— No que está pensando, Tobias?

— Na minha tia Isaura.

— Na tia Isaura, por quê?

— Ela tem aquela religião que você sabe.

— Sim, ela diz que fala com os mortos, mas sabe que nunca acreditei nisso.

— Eu também não, mas agora, estou pensando. Ela me disse, uma porção de vezes, que a gente nasce e renasce muitas vezes, nunca acreditei e sempre achei que fosse uma bobagem, mas depois do que você me disse, estou pensando, será que você e a doutora não viveram juntas em outra vida?

— Está louco, Tobias? Acredita mesmo nessas coisas?

— Não sei. Eu não queria lhe contar, também, assim que vi a doutora, achei que já a conhecia e que era nossa amiga...

— Será, Tobias? Será que essa coisa de nascer de novo existe mesmo?

— Não sei, Luísa, mas essa seria a única explicação para isso que estamos sentindo. Ela está nos recebendo como se fôssemos da família.

— Não só ela, mas toda a família. Você viu o cunhado dela, como é mesmo o nome dele?

— Acho que é Rodolfo. Não sei muito bem, eu estava muito nervoso e assustado com tudo o que estava acontecendo.

— É Rodolfo mesmo. Ele me olhou de uma maneira.

— Que maneira, Luísa?

— Não sei explicar, mas foi muito estranho.

— Estranho como?

— Não sei, estranho.

Ela olhou para o marido e viu que ele estava preocupado, deu uma gargalhada e disse:

— Não é dessa maneira que está pensando, Tobias. Ele me olhou como um irmão, como alguém que não se via há muito tempo.

— Não estou pensando nada...

— Está, sim. Eu o conheço muito bem. Não pode ver um homem me olhando que já pensa uma porção de bobagem.

— Não pensei, Luísa! — disse nervoso.

Ela deu outra gargalhada, olhou bem para ele e, levantando-se dacama, o abraçou.

— Sei que você morre de ciúmes, só não entendo por quê. Sabe que, desde que éramos crianças e vivíamos na fazenda, só tive olhos para você, para mais ninguém. Gosto muito de você, Tobias.

— Sei disso, também gosto muito de você. Só que...

— Só que... — ela disse imitando o tom de voz dele.

— Você é tão bonita e eu sou tão feio.

— Feio? Coisa nenhuma! Você é o homem mais bonito que conheço e, mesmo que não fosse, é o homem que escolhi para meu marido e de quem gosto muito!

— Está falando a verdade?

— Claro que estou. Gosto muito de você, Tobias, e isso acontece desde quando a gente brincava de esconde com as outras crianças. Você lembra?

— Claro que lembro. Éramos ainda uns pirralhos e nos escondíamos no mato só para ficar pegando um na mão do outro.

Com os olhos saudosos, Luísa começou a rir.

— Naquele tempo, a gente nem imaginava tudo o que ia passar na vida...

— É verdade, mas, mesmo depois de tudo, estou feliz por estar casado com você, Luísa. Acho que a gente foi feito um para o outro.

Ela se abraçou mais forte a ele e começou a chorar.

— Por que está chorando, Luísa?

— Por que o nosso menino teve de nascer doente, Tobias? Eu não entendo...

— Também não entendo, mas não importa o porquê. O que importa é que ele nasceu e a gente gosta muito dele, não gosta?

— Claro que sim e ainda tenho esperança de que um dia ele vai ficar bom.

— Ele vai ficar bom, Luísa! Você não ouviu o que a doutora disse? Ele só está muito fraco, mas vai ficar bom!

— Não estou falando de hoje, do ataque que teve, estou falando de ficar bom mesmo, poder andar e me chamar de mãe...

— Isso você sabe que não vai acontecer. Quando ele nasceu, o médico disse que ele teve um problema, não sei muito bem o que aconteceu, parece que faltou oxigênio e ele ficou desse jeito e para essa doença não tem cura.

— Não posso aceitar isso, Tobias! Por que isso foi acontecer com a gente? Por que o nosso menino tinha de nascer assim? Por que a gente foi escolhido? Não é justo!

— Sei como se sente, Luísa. Também penso muito a esse respeito. Quando vejo as crianças brincando, rindo e correndo, fico triste porque sei que isso nunca vai acontecer com o nosso menino. Ele vai ficar para o resto da sua vida assim, sem fazer nada e nem sei se conhece a gente.

— Ele conhece, Tobias! Claro que conhece!

— Ele sabe que a gente cuida dele, só isso, Luísa. Acho que todo pa só quer ver os filhos crescerem, se tornarem adultos, se casarem e terem suas famílias. Isso nunca vai acontecer com ele e isso me apavora.

— Apavora por quê, Tobias?

— Já pensou se a gente morrer? Quem vai cuidar dele?

Luísa ficou pensativa. De seus olhos, lágrimas começaram a correr.

— Nunca havia pensado a esse respeito, Tobias... nunca imaginei que gente poderia morrer. Agora estou com medo, se isso acontecer o que vai ser dele? Quem vai cuidar?

Vendo o desespero dela, ele tentou consertar:

— A gente não vai morrer, Luísa. Não temos doença alguma e ainda somos jovens. A gente vai conseguir criar o nosso menino. Sei que vai.

— Criar para quê, Tobias? Ele vai ser sempre assim, sempre vai depender de alguém... não sei o que pensar. Nem sei se quero que ele sobreviva. Será que não seria melhor que ele morresse?

— Não fale assim, Luísa! Ele é nosso filho! Não importa como tenha nascido, o que importa é que é nosso filho e eu o amo de coração!

— Também o amo, Tobias, mas sabemos que nossa vida não vai ser fácil. A gente não tem dinheiro para dar um bom tratamento para ele e, mesmo que tivesse, não adiantaria. Ele vai ser sempre assim...

— Também já pensei muito a esse respeito, mas não adianta pensar. Ele está vivo e vai continuar assim e, enquanto a gente puder, ele vai receber todos os cuidados. Deve ter algum motivo que a gente não conhece para ele ter nascido assim e ser nosso.

— Que motivo, Tobias? Por que ele nasceu assim? Por que foi ser nosso filho? Por que logo a gente?

— Não sei o motivo, Luísa. Só sei que ele está aqui e que a gente vai cuidar dele.

Luísa, com as mãos, secou as lágrimas que corriam por seu rosto e disse:

— Você tem razão, Tobias. Nada pode ser feito, além de cuidarmos dele. Talvez, algum dia, a gente descubra o porquê de ele ter nascido nosso filho.

— Isso mesmo, é assim que a gente tem de pensar, do contrário vamos ficar loucos. Agora, acho melhor a gente ir para a casa da doutora. Eu não quis falar, mas estou morrendo de fome.

Ela sorriu e, abraçando-o, disse:

— Eu também, saímos cedo de casa e nem tomamos café.

Saíram e caminharam em direção à cozinha da casa de Luana.

Conversando sobre o país

Enquanto isso, no hospital, Felipe terminou de examinar o filho e disse:

— Aparentemente, está tudo bem, talvez a dor tenha sido provocada pelo fato de você haver comido algo que não lhe fez bem, mas, mesmo assim, acho prudente você fazer uma endoscopia para que possamos ver como está esse estômago.

— Endoscopia? Aquele cano que é enfiado pela garganta? Nem pensar, doutor!

Felipe sorriu:

— Você é mesmo um covarde, Danilo! É um exame como outro qualquer. É feito rapidamente e não vai doer. Deixe de ser criança!

— Não vai mesmo, eu não vou fazer!

— Está bem, vou lhe receitar um remédio, mas se a dor voltar vai fazer, sim, é sempre bom se prevenir. Um diagnóstico feito no começo de uma doença é a melhor coisa que pode acontecer.

— Também não entendi o motivo dessa dor que senti. Acho que era saudade que estava sentindo do senhor e queria vir até o hospital.

— Se fosse saudade, não precisaria vir até aqui. Sabia que eu e sua mãe estávamos viajando e que iríamos para casa, só estamos aqui porque encontramos aquele casal com a criança que passava mal.

— Que menino lindo, não, papai?

— Você achou?

— Sim, por que está me fazendo essa pergunta?

— Porque, na maioria das vezes, as pessoas desviam o olhar de uma criança como aquela ou, ao contrário, a encaram com curiosidade.

— Por que isso acontece, papai?

— Por que ela é diferente das outras.

— Por que existem crianças que nascem assim como ele?

— Os motivos são muitos. Pode faltar oxigenação ao nascer, o que prejudica algumas áreas do cérebro. Pode, também, haver, problemas sanguíneos por parte dos pais.

— Não tem cura?

— Ainda não.

— Será que elas pensam ou reconhecem as pessoas?

— Sim, pensam e reconhecem as pessoas, só não conseguem se comunicar. Em alguns casos, dependendo de onde o cérebro foi atingido, conseguem ter uma vida quase normal.

— Esse menino pode ter uma vida normal?

— Infelizmente, não. Ele será dependente por toda a vida.

— Que pena... ainda não entendo por que Deus permite que isso aconteça...

— Também não sei responder. Estou estranhando...

— Estranhando o quê, papai?

— Parece que você gostou muito desse menino, não foi?

— Sim, não sei como explicar, mas assim que olhei em seus olhos, tive a impressão de conhecê-lo.

— Sabe que isso é impossível. Nunca o viu antes. Seus pais moram no interior, perto da fazenda, e você não vai lá faz muito tempo.

— Tem razão, mas eu tive essa sensação assim que o vi. Como isso pode acontecer?

— Outra resposta que não sei dar.

— Como, não? O senhor não é aquele que sabe tudo? — Danilo perguntou, rindo e fazendo aquela careta que todos conheciam.

— Espere aí! Nunca disse que sabia tudo!

— Nem precisa dizer, sempre teve respostas para tudo e quando não tem, faz como está fazendo agora, diz que não sabe.

— Está vendo? Como pode dizer que me considero o sabedor de tudo?

— Falei isso só para irritá-lo. Gosto de vê-lo nervoso, papai.

— Você gosta, mesmo, é de brincar, especialmente comigo. Os culpados somos nós, eu e sua mãe, que lhe damos toda essa liberdade.

— Acho muito bom que seja assim. Quando digo a meus amigos que conversamos e brincamos, eles não acreditam. Dizem que não conseguem conversar com os pais e muito menos com as mães. A educação deles é muito rígida.

— Sei que acha bom, Danilo, conheço essa educação e gostaria que meu pai tivesse sido igual a mim, mas não era. Sempre foi muito rígido, bastava um olhar para eu e Rodolfo entendermos o que ele queria e ficarmos calados.

— E, sua mãe?

— Ela era diferente dele. Gostava de falar e estava sempre disposta ouvir, mesmo assim, não era sobre qualquer assunto que podíamos conversar. Além disso, não fazia nada sem consultar meu pai. Era dependente dele em tudo.

— Não, mamãe é diferente. Ela gosta de ouvir e está sempre pronta para ajudar, mas, se for preciso tomar uma decisão, toma sem demora e, se erramos, nos faz pensar no assunto. Sei que, se precisar, ela daria a vida

por mim e por Jerusa. Ela é quem fala pouco. Parece sempre desconfiada. Por que ela é assim, papai?

— Também não entendo. Jerusa é assim desde pequena. Sempre foi de falar pouco e também gostava de ficar em um canto, quieta. Não brincava com crianças da sua idade. Como sabe, não tem amigas até hoje. Passa a maior parte do tempo no seu quarto.

— Sabe que sinto pena dela.

— Por quê?

— Uma pessoa assim só pode ser infeliz, papai. Guardar tudo só para si e não confiar em ninguém.

— Concordo com você. Nunca entendi o motivo de sua irmã ser assim, mas o que se pode fazer. Desde muito cedo, aprendi que precisamos aceitar as pessoas como são. Talvez a vida faça com que ela mude, mas, mesmo que não mude, nunca deixará de ser sua irmã e nossa filha. Eu e sua mãe, pode ter certeza, amamos os dois da mesma maneira. Claro que, com você, o nosso diálogo é mais fácil, mas isso não significa que a amamos menos. Tenho a certeza de que você também a ama.

— Claro que sim, papai. Embora, algumas vezes, ela torne isso muito difícil.

Felipe começou a rir. Danilo não entendeu e perguntou:

— Do que está rindo, papai?

— De nada, meu filho. Não entendo como começamos a falar da sua dor de estômago e terminamos falando de sua irmã.

Danilo também riu.

— Tem razão, papai. Também não sei. A não ser o fato de que gostaria que ela fosse diferente. Mas, diante do que disse, não há como mudarmos alguém. Só mesmo a própria vida.

— É isso que devemos fazer. Continuar amando-a e aceitá-la como é. Voltando a sua dor de estômago, sabe que existem estudos que dizem que o estômago reflete o estado emocional da pessoa?

- É mesmo?
 - Sim, você está tendo algum problema, Danilo?
 - Não chega a ser um problema, mas tem algo me incomodando.
 - Posso saber o que é?
 - É na Faculdade.
 - Na Faculdade? Está tendo algum problema com os estudos? Se for preciso, podemos contratar um professor particular para ajudá-lo.
 - Não se trata disso, papai. Sabe que amo Direito, talvez por isso não encontre muita dificuldade.
 - O que é, então?
 - Estamos vivendo em uma tensão permanente.
 - Por quê?
 - Devido às perseguições políticas, nunca se sabe quem é amigo ou não.
 - Parece que está muito grave mesmo, não é?
 - Muitos de meus amigos estão presos ou exilados. O regime militar está sendo muito duro com aqueles que não estão a seu favor. Dizem que as pessoas estão sendo torturadas. No princípio, não sabíamos como elas eram encontradas e presas. Agora, sabemos que os militares colocaram espiões disfarçados como estudantes. Por isso, a desconfiança é total.
 - Sabe que nunca gostei de me envolver em política. Nasci para cuidar da saúde das pessoas. Desde que eu tenha condições de atendê-las, não tenho, nem quero me preocupar.
 - Alguns não pensam assim e acham que o melhor caminho é a resistência, a luta armada.
- Felipe, assustado, perguntou:
- Você está envolvido em algum movimento de resistência, de luta armada, Danilo?

— Não, papai. Eu acredito na lei, por isso estou estudando Direito, pois sem a lei nunca haverá uma sociedade livre. Não acredito que a democracia possa ser conseguida através das armas, como muitos propõem. Embora saiba que, através das armas, ela possa nos ser tirada.

— Também penso assim, filho. A violência só gera violência. Embora para mim, a ditadura não cause problema algum. Apesar de não poder falar contra, tenho meu trabalho e condições de exercê-lo bem. O querer falar, discutir e lutar, faz parte da mentalidade dos advogados, não dos médicos. Estes precisam apenas preocupar-se com seus doentes.

— Muitos não pensam assim e acreditam que a Ditadura nos faz muito mal.

— Sabe o que não aceito?

— Não.

— Que jovens, assim como você, sejam envolvidos por adultos experientes e mandados para frente de batalha.

— Não estou entendendo.

— Adultos descontentes, sem coragem de enfrentar suas próprias lutas, envolvem jovens estudantes, mas na hora da luta, propriamente dita, eles não se apresentam, apenas ficam organizando. São os jovens que lutam e, por esse motivo, são obrigados a se esconder, fugir e, conseqüentemente, largar seus estudos. Assim, deixam de ajudar a Pátria da maneira correta. Você não está vendo quantos de seus amigos estão indo presos e obrigados a deixar o país sem saber se um dia poderão Voltar?

— Sim, conheço muito e todos são estudantes brilhantes.

— Está vendo o que vai acontecer com eles, se nunca mais puderem voltar para o país, para seus pais? Onde estarão os adultos que os envolveram quando eles e seus pais choraram de saudade e preocupação, pois perderam seus filhos por uma luta inglória?

— Por que diz que a luta é inglória, papai?

— Porque essa Ditadura que está aí só vai terminar no dia em que desejarem aqueles que a promoveram, Danilo.

— Não estou entendendo...

— Estou dizendo que, no dia em que os militares quiserem, a Ditadura terminará e o país voltará para as mãos dos civis.

— Acredita mesmo nisso, papai?

— Sim, não só acredito como tenho certeza. A história nos conta.

— Muitos não pensam assim. Dizem que, se o povo quiser e se unir, eles serão obrigados a se afastar.

— Isso é ilusão, o povo só conseguirá se unir, quando eles permitirem. Antes disso, nada poderá fazer.

— Será, papai?

— Sim, pode esperar para ver, Danilo.

— Às vezes, penso que o senhor tem razão.

— Por que está dizendo isso, Danilo?

— Parece que o povo não está se dando conta do que está acontecendo. Parece que a ditadura não atinge a população.

— Você tinha só treze anos e não lembra, mas, no princípio, diante de tanto desmando e corrupção da maioria dos deputados e senadores, o povo ficou feliz pelos militares terem tomado o poder. A felicidade foi tanta que, quando houve a campanha "Ouro para o Brasil", muitos tiraram até a aliança do dedo para doar. A campanha teve uma repercussão enorme, todos queriam ajudar o Brasil. Depois, no Governo Militar, foi criado o Banco Nacional de Habitação e muitos conseguiram sua casa própria. Além disso, construíram hospitais e escolas. Com todo esse desenvolvimento, não faltou trabalho e isso é tudo do que o povo precisa. Trabalho...

— Acha que o povo não se importa de não poder falar, reivindicar?

— Um homem que se levanta às cinco ou seis horas da manhã, após trabalhar o dia inteiro, quando chega a casa só quer relaxar, assistir à

televisão, por isso não se importa com quem o está governando. O homem comum acha que não tem o que falar, só quer ter comida, moradia, saúde e escola para os filhos. Além do mais, acredita que nada possa fazer contra os poderosos. Eu mesmo, após passar longas horas aqui no hospital vendo muita dor e sofrimento, quando chego a casa só quero descansar e esquecer tudo o que vi. Não tenho ânimo algum para me revoltar.

— O senhor deve ter razão. Acredito que é isso mesmo o que acontece com o homem comum. Mas, mesmo assim, a liberdade é importante e, para que isso aconteça, é necessário que haja eleições e o povo possa escolher quem quer que o governe.

— Sim, esse é um sonho e seria ideal se...

— Se o quê, papai?

— Os estudantes são os únicos que podem brigar e se entregar a essa luta. A maioria deles tem os pais que pagam seus estudos e não precisam se preocupar com casa e comida. Eles têm e precisam ter o ideal de liberdade, de democracia. Não se esqueça de que a maioria do povo brasileiro tem pouca instrução e que aqueles que votam são os mesmos que levantam de madrugada para ir trabalhar e voltam à noite, cansados. Não sabem e não estão interessados em saber a quantas anda a política e os políticos. Na hora de votar, votam em alguém por ouvir dizer ou por receber alguma compensação e aqueles que se candidatam, na maioria das vezes o fazem pensando exclusivamente no seu próprio bem. Sem educação acadêmica, pouco se conhece e se pode exigir.. Infelizmente, a maioria dos políticos brasileiros não tem esse perfil.

— Para o senhor não existe político bom?

— Claro que existe, mas é uma minoria que, sozinha, nada poderá fazer.

— Foi por isso que o senhor disse que, no princípio, o povo ficou feliz. Parece que os militares se preocuparam mesmo com o Brasil. O que

acha que aconteceu para que mudassem, se tornassem violentos e provocassem toda essa repressão?

— O poder, meu filho... o poder... ele cega as pessoas, não importando a que classe pertençam.

— O poder?

— Sim, as pessoas fazem de tudo para exercer o poder sobre as outras. Quer saber de uma coisa, acho que todo político é contra a democracia.

Danilo riu e perguntou curioso:

— Por que está dizendo isso, papai?

— Todo homem, quando atinge um cargo político, começa a perceber a mudança que ocorre em sua vida. É sempre bem recebido em qualquer lugar em que se apresenta. As pessoas o bajulam, fazendo com que se sinta especial. Essa situação o envaidece, o que faz com que tema perdê-la. Com a democracia, existe a alternância de poder e isso o assusta. Ele teme perder o lugar que conquistou. Com as ditaduras, esse perigo é afastado e ele pode continuar no poder por um tempo bem mais longo que a democracia permitiria.

Danilo ficou olhando para o pai. Ele não imaginava que o pai pensasse daquela maneira. Disse:

— O senhor parece conhecer muito bem os problemas. Por que não se envolve na luta?

— Como já lhe disse, nasci para ajudar as pessoas na sua doença, nasci para salvar vidas. Deixo a política para os advogados. — disse isso, rindo e passando, com carinho, a mão pelos cabelos do filho.

— Uma coisa está me preocupando, Danilo.

— O quê, papai?

— Você disse que não está envolvido em qualquer movimento de resistência, por que está tão preocupado com os espiões que diz existirem na faculdade?

— Não estou envolvido, mas o Júlio está, temo por ele. Sabe que é meu amigo.

— Ele não é filho de um coronel da marinha?

— Sim. Desde pequeno, quis seguir a carreira do pai, mas foi impedido.

— Impedido por quê?

— O pai lhe disse que a vida de um militar não é fácil, precisa mudar constantemente e sua família o acompanha. Isso faz com que seus filhos não tenham tempo para se acostumarem a uma nova escola nem mantenham amizades, o que julga prejudicial para a formação das crianças. Por isso, deseja que o Júlio tenha uma profissão diferente da dele. Quer que ele seja advogado.

— Pensando assim, ele até que tem razão. O Júlio aceitou sem discutir?

— O pai, por ser militar, exerce em sua casa uma posição de comando e hierarquia. Júlio não teve como discutir.

— Ele não gosta de estudar Direito?

— Até que gosta, mas, da marinha, gosta muito mais. Desde pequeno, sonhou em ser marinheiro.

Quem sabe ele ainda poderá ser. Só não entendo uma coisa. Se ele gosta tanto da vida militar, por que está envolvido em um movimento de resistência contra os militares?

— Também lhe fiz essa pergunta e me admirei com sua resposta.

— O que ele respondeu?

— Disse que, por admirar as forças armadas e os militares, não pode aceitar no que eles se transformaram. Disse que os militares têm uma boa formação acadêmica e sua maior missão é defender o Brasil e seu povo de qualquer ataque, por isso, nunca poderiam tornar o Brasil uma ditadura. Ele não é revoltado contra as forças armadas, mas, sim, contra alguns militares que as transformaram em ditadores e, segundo alguns, torturadores.

— Conheço o Júlio por muito tempo e sei que é um bom rapaz. Agora, você me diz que está lutando por algo em que acredita. Embora não acredite na sua luta, respeito-o por sua determinação.

— Nisso o senhor tem razão. Ele luta por aquilo em que acredita, é um bom rapaz e amigo leal. Quando estamos conversando, tenho a impressão de que o conheço há muito tempo, porém, sei que isso é impossível, só nos conhecemos há dois anos, quando entramos na Faculdade.

— Admiro aqueles que se envolvem em uma luta por um ideal. Embora, através da história do nosso país, possamos perceber que a nossa democracia, desde a República, sempre foi ameaçada e, por diversas vezes, foi vencida. Continuando a estudar a história do Brasil, notamos que sempre que a democracia foi abalada, houve homens que lutaram para que ela fosse restabelecida, assim como está fazendo o seu amigo Júlio e outros. Porém, quando isso aconteceu, vários daqueles que lutaram a seu favor começaram a fazer parte do mundo político e mudaram de atitude radicalmente. Em pouco tempo, estavam fazendo as mesmas coisas que aqueles contra os quais lutaram.

— O senhor está dizendo que a história sempre se repete?

— Sim, todo homem que chega ao poder, em qualquer mandato, logo começa a fazer parte do sistema, pois, se assim não fizer, não será aceito perante os demais e sofrerá com isso. Há, ainda, aqueles que se deixam envaidecer pelos privilégios que o poder propicia. O poder, infelizmente, corrompe, meu filho.

— Todos os políticos se deixam corromper?

— Graças a Deus, não. Existe uma minoria que continua tentando seguir seus ideais e o desejo de que o Brasil deixe de fazer parte do terceiro mundo e se torne a potência que poderia ser, se não houvesse tanto roubo, tanta corrupção.

— Tenho certeza de que, se um dia, o Júlio chegar ao poder, será um desses.

— Se for assim, tomara que chegue. O Brasil precisa de bons políticos.

— Por ele estar tão decidido é que sinto medo. Ele está muito envolvido e agora, com tantos espões, temo que poderá ser preso e torturado e, se isso acontecer, sinto que nada poderei fazer.

— Não se preocupe, Danilo, se isso acontecer, seu pai é um coronel, tem muitos contatos e fará com que ele seja libertado.

— O senhor acredita nisso?

— Sim, por isso, não fique preocupado. Agora, preciso ir para casa. Hoje, não devia estar trabalhando. Estou cansado da viagem. Vamos?

— Gostaria de, antes de ir embora, ver como aquele menino está.

— Você se interessou mesmo por ele, não é, Danilo?

— Não consigo entender o motivo, mas sinto muito carinho por ele. Vou até lá, papai, depois irei para casa.

— Vou com você, depois iremos para casa. Sua mãe levou o carro e eu estou a pé. Amanhã, retornarei ao trabalho. Hoje, só quero chegar a casa, relaxar e descansar sem me preocupar com política, políticos ou com quem está me governando. — disse isso rindo e debochando.

Danilo também riu. Saíram do consultório e foram para o quarto do menino que só haviam conhecido naquele dia, mas por quem, mesmo sem entender o motivo, Danilo sentia tanto carinho.

A história de Luísa e Tobias

Luísa e Tobias entraram pela porta dos fundos, na cozinha, no exato momento em que Luana entrava pela porta do corredor. Assim que os viu, sorriu, dizendo:

— Parece que agora estão bem.

— Estamos sim, senhora. Olhe como as roupas que nos deu ficaram boas. Parece que foram feitas para nós.

— Ficaram, sim, mas, sentem-se, vamos comer. Não sei vocês, mas eu estou morrendo de fome.

Luísa sentou-se, Tobias esperou que Luana se sentasse e, em seguida, fez o mesmo. Sobre a mesa, havia pão, frios, frutas e suco, além de café com leite. Para eles, que estavam desde o dia anterior sem comer, aquilo representava o manjar dos deuses, mas esperaram até que Luana começasse a comer. Ela, com um pedaço de pão na mão, disse:

— Podem começar a comer e fiquem à vontade. Tudo isso, a Alda preparou só para nós, não é, Alda?

— É sim, senhora. Fiz o melhor possível...

— Está ótimo. Não está? — perguntou olhando para eles.

Luísa, também com um pedaço de pão na mão, sorriu e respondeu:

— Sim, está ótimo! Não imaginam a fome que estávamos sentindo e, para ser sincera, jamais vimos uma mesa como esta, com tanta coisa, não é, Tobias?

Tobias continuou calado, apenas concordou com a cabeça.

— Não me diga isso? São muito pobres?

— Sim, mas isso, antes de nosso filho nascer, nunca nos incomodou.

— Por que incomodou depois que ele nasceu?

— Porque se tivéssemos dinheiro, poderíamos ter lhe dado uma melhor alimentação e tratamento e, quem sabe, conseguíssemos curá-lo.

Luana ficou olhando para aquele casal que comia com tanta vontade, pensou:

Coitados, são tão jovens... e não sabem que, mesmo que tivessem dinheiro, nunca conseguiriam curar o filho. Poderia lhes dizer, mas para que tirar suas ilusões, não vale a pena.

Depois de pensar, disse:

— Agora, seus problemas terminaram. Estão aqui em casa e, aqui, nada de mal lhes acontecerá. O menino está nas mãos de Rodolfo. Sei que tudo o que ele puder fazer, fará.

— A senhora acha que ele vai ficar bom? Que vai ser uma criança igual às outras?

Aquela pergunta incomodou Luana, pois não sabia o que responder. Se mentisse, criaria, neles, uma ilusão. Se dissesse a verdade, lhe causaria uma tristeza sem fim. Sabendo que precisaria dar alguma resposta, disse:

— Não posso lhe responder, Luísa. Só posso lhe dizer que Rodolfo é muito bom e que fará o melhor.

— Está bem, doutora, e obrigada por tudo o que tem feito por nós, pessoas que não conhece. Sabe que isso é difícil de acontecer, as pessoas confiarem nas outras, dessa maneira.

— Não me pergunte por que, mas gostei de vocês assim que os vi e achei que deveria ajudá-los. Sei que são pessoas boas, apenas precisando de ajuda e, eu, graças a Deus, posso ajudar. Não haverá problema algum se quiserem continuar morando aqui, mesmo quando o menino ficar bom. Aqui, vocês terão trabalho, casa e comida. Também todo o tempo de que precisarem para ajeitar suas vidas. Mas, se quiserem, podem ir embora a qualquer momento.

— Não vamos, senhora! Só se a senhora quiser! Nunca nos sentimos tão seguros e felizes, além de o nosso filho estar sendo tratado. O que mais a gente poderia querer, não é, Tobias?

— É, sim... obrigado, doutora.

Continuou comendo, só que com os olhos perdidos. Luísa percebeu:

— No que está pensando, Tobias?

— Em nada, Luísa...

— Claro que está, conheço você...

— Está bem, estou pensando em uma coisa que a tia Isaura me disse.

— O que ela disse?

— Que a gente nunca está sozinho e, que, na hora da necessidade, Deus sempre nos manda uma ajuda. Hoje, pela manhã, quando a senhora encontrou e ajudou a gente, doutora, eu estava desesperado. O menino estava daquele jeito que a senhora viu. Eu não tinha um centavo. Quando ele começou a passar mal, pedi ajuda a Deus, peguei a Luísa e saímos para a estrada. Ela também estava nervosa e desesperada. Tanto que até desmaiou. A senhora viu, não viu? Se minha tia Isaura tivesse aqui, ia dizer que foi Deus quem colocou a senhora e o seu marido, naquela estrada e naquela hora. Ela diz que Deus usa algumas pessoas para ajudar outras.

Luana ouviu e, olhando para ele, disse:

— Quando fomos para a fazenda, pretendíamos voltar só amanhã. Não sei se sabem, mas, para médicos, é muito difícil sobrar tempo para tirar férias. Fomos até a fazenda, para visitar o avô do meu marido que está com mais de oitenta anos. A fazenda é maravilhosa, se pudesse, eu ficaria lá pelo resto da minha vida. Por isso, não entendi a vontade imensa de, naquele momento, vir embora. Depois de ouvir o que você disse, Tobias, penso que, talvez, sua tia tenha razão. Será que foi Deus quem me usou para ajudar vocês?

— Acho que foi, doutora... acho que a senhora foi um anjo enviado por Deus...

Luana deu uma gargalhada:

— Anjo? Eu?

— Sim, a senhora e seu marido. Ele parece ser, assim como a senhora, uma pessoa de bem.

— Ele é mesmo! É o melhor homem do mundo. Somos muito felizes.

— O seu filho, aquele que estava no hospital, também parece ser um bom moço.

— Tem também a Jerusa. Ela é minha filha e bem diferente do irmão, mas é uma ótima moça. Estudiosa e bem educada. Sabe, Luísa, vocês

estão em uma família onde todos são bons, mas, como em toda família sempre existe algum problema. Ninguém é perfeito, temos as nossas diferenças, porém procuramos superá-las. E vocês, como se conheceram?

— Quando eu tinha seis anos, minha mãe morreu. Eu não conheci meu pai, foi ela quem sempre me criou. Ela trabalhava de empregada doméstica na casa do Senhor Rafael, tio do Tobias.

— Então vocês se conhecem desde crianças?

— Não senhora. O Tobias morava em outra cidade com os pais. O pai dele é irmão do senhor Rafael. Quando o Tobias completou dezesseis anos e eu quatorze, o pai dele mandou que ele viesse morar com o tio para poder estudar. Foi aí que a gente se conheceu e, escondido, começamos a namorar.

— Percebi que são muito jovens. Foi por isso que tiveram de namorar escondido?

— Foi, o senhor Rafael disse que éramos muito crianças e proibiu, mas nada adiantou a proibição, assim que nós nos vimos, tanto eu como ele sentimos que era amor verdadeiro.

— Amor verdadeiro aos quatorze anos? — perguntou, rindo.

— Sim, o nosso amor é verdadeiro. Não é, Tobias?

Ele sorriu e com a cabeça disse que sim.

Luana olhou para Alda que estava servindo a mesa e que sorria. Ela sabia por que Alda sorria e, também sorrindo, disse:

— Sei o que está pensando, Alda.

— Sabe, senhora?

— Sei.

Olhou para Luísa e Tobias e disse:

— Quando conheci o Felipe, ele tinha dezoito anos e eu dezesseis. Como aconteceu com vocês, assim que nos vimos, sabíamos que o nosso amor era verdadeiro. Nossas famílias, ao contrário das de vocês, embora

achassem que éramos crianças, não proibiram o nosso namoro. Quando nos casamos, eu estava esperando o Danilo e só tinha dezessete anos. Estávamos na faculdade de medicina e eles nos ajudaram durante todo o tempo em que estivemos estudando. Assim que nos formamos, fomos trabalhar no hospital da família de Felipe e estamos lá até hoje. Existe, sim, Luísa, o amor verdadeiro e acredito que vocês se amam de verdade.

— A gente se ama, sim, doutora.

— O que aconteceu depois que o senhor Rafael proibiu?

— Quando eu descobri que estava grávida, o Tobias foi conversar com o tio, mas ele não quis saber dos nossos motivos e queria que eu tirasse a criança e que Tobias voltasse para a casa do pai. Não podíamos aceitar aquilo! Eu não queria tirar a minha criança e o Tobias não queria ir embora. Depois de pensar muito, resolvemos que a única solução era fugir. Foi o que fizemos.

— Vocês fugiram?

— Sim.

— Foram para onde?

— Fomos para uma cidade vizinha. O Tobias arrumou emprego em uma fazenda e eu, enquanto minha barriga não ficou grande, trabalhei na casa grande como empregada, mas, quando a dona da casa percebeu que eu estava esperando criança, me mandou embora e o Tobias ficou trabalhando sozinho.

— Quando o menino nasceu vocês moravam na fazenda?

— Sim. Uma parteira me ajudou, mas quando ela percebeu que ele estava demorando muito para nascer, conversou com o dono da fazenda e ele me levou para o hospital. O médico disse que, como ele demorou a nascer, teve um problema no cérebro e ficou daquele jeito que a senhora viu.

Luana acompanhava o que ela dizia e sentiu um aperto no coração. Disse:

— Talvez tenha sido esse o motivo, mas poderiam ser muitos outros. Estou pensando em como vive a maioria do povo brasileiro. Sei que só penso, mas não tenho ideia do que seja a pobreza. Embora soubesse que existem pessoas pobres, como vocês, nunca as havia conhecido. Nasci em uma família com recursos e nunca senti falta de coisa alguma. Por isso, só posso imaginar o que seja viver nessa pobreza que você está descrevendo.

— É muito difícil, mas, apesar de o nosso menino haver nascido assim, gostamos muito dele e acreditamos que, com fé em Deus, ele ainda vai ficar bom e me chamar de mãe. É o que mais desejo. Você também gosta muito dele, não é, Tobias?

Tobias olhou para Luísa e respondeu:

— Gosto de você, Luísa...

Luana percebeu que alguma coisa existia ali, mas não pôde precisar o quê. Sabia que, infelizmente, o menino dificilmente poderia fazer o que Luísa queria, pois, pelo pouco que havia visto, percebeu que o cérebro dele havia sido muito comprometido, mas se calou e pensou:

São tão jovens e já têm tantos problemas... como a vida é estranha. Enquanto eu tive tudo e meus filhos também, existem muitas pessoas tão pobres como eles.

— Vocês nunca mais voltaram para a casa do senhor Rafael?

— Não...

— Por que não, Luísa?

— Ficamos com medo. Quando o menino nasceu e descobrimos que ele tinha esse problema, ficamos assustados e pensamos em voltar, mas a gente sabia que o tio não ia aceitar. Ele não queria que a criança nascesse e ia querer muito menos agora, doente assim...

— Entendo e foram para onde?

— Continuamos na fazenda. O Tobias continuou trabalhando, eu não pude mais, precisava cuidar do menino. Foi muito difícil, o salário do

Tobias era muito pequeno. Depois de pagar o aluguel da casa e a despesa que fazíamos na venda da fazenda, não sobrava quase nada. Por isso, quando a senhora pegou a gente na estrada, o Tobias disse que não tinha nem um centavo. Vendo meu menino morrendo e sabendo que não tínhamos dinheiro para socorrê-lo, desesperei-me e desmaiei.

— Agora estou entendendo. A vida de vocês, até aqui, foi muito dura, mas, daqui para frente, tudo vai melhorar e vocês ficarão bem. O menino está no hospital e sendo bem cuidado. Vocês estão aqui e ficarão enquanto quiserem.

— Obrigada, doutora. Só mesmo Deus poderá lhe pagar todo o bem que está nos fazendo.

— Conhecendo a vida de vocês, acredito que Deus me pagou por antecedência. Sempre tive uma vida boa. Nasci em uma casa em que, além de ter dinheiro, tinha, também muito amor e carinho. Sempre fui muito feliz e tive tudo o que desejei, além de um marido e filhos maravilhosos. Depois do que ouvi de vocês, só me resta agradecer a Deus pela vida que me deu.

— A senhora merece...

Luana, pensativa, sorriu. Luísa, terminando de comer, perguntou:

— Doutora, será que podemos voltar para o hospital e ver como nosso menino está?

— Acredito não ser necessário. Quando saímos de lá, Rodolfo estava cuidando dele. Hoje, nós estamos cansados. Vou telefonar, falar com Rodolfo e saber como o menino está. Se ele achar necessário, se o menino estiver correndo algum risco, iremos até lá. Porém se ele estiver bem e sedado, vamos deixar para amanhã. Não precisam ficar preocupados. Ele está sendo muito bem tratado.

— Nunca ficamos longe dele...

— Mas ele nunca teve um tratamento como está tendo agora. A presença de vocês não vai adiantar e vocês, justamente por terem estado

ao lado dele, precisam ter um tempo de descanso, precisam ficar um tempo sozinhos. Descansem hoje e, amanhã, quando eu for para o hospital, irão comigo. Está bem assim?

— A senhora vai telefonar?

— Vou sim, agora mesmo.

Luana levantou-se e foi até um telefone que estava preso na parede. Assim que atenderam do outro lado, pediu para falar com Rodolfo. Ele atendeu imediatamente:

— Rodolfo, sou eu, a Luana. Como o menino está?

— Sob medicação, mas parece bem. Precisamos esperar a medicação fazer efeito para vermos o resultado.

— Acha necessário os pais irem até aí?

— Não, não é preciso. Nada poderão fazer aqui, a não ser ficarem cansados. Se acontecer alguma coisa preocupante, eu lhe telefono e você providencia a vinda deles para cá.

— Obrigada, Rodolfo. Vou tranquilizar os pais. Eles estão aflitos.

— Entendo, mas diga-lhes que, por enquanto, não há motivo para isso.

Ela conversou com ele por alguns minutos e desligou. Voltou-se para Tobias e Luísa e disse:

— Como havia previsto, o menino está sedado e sendo medicado, Rodolfo disse que, se vocês quiserem, podem ir até lá, mas, assim como eu, não acha necessário. Se o quadro se alterar, ele avisará imediatamente.

— A senhora acha mesmo que a gente não precisa ir?

Acho. Agora, voltem para o quarto e procurem descansar. Quando ele voltar para casa, o trabalho recomeçará. E sei que não é fácil cuidar de uma criança como a sua, Luísa.

— Eu não me importo, doutora. Sou feliz por ele ter nascido.

— Sei disso, mas precisam descansar e eu vou fazer o mesmo. Vou me deitar um pouco e tentar dormir. Fiquem em paz. Amanhã será outro dia.

Luísa olhou para Tobias que balançou os ombros. Ela disse:

— A doutora tem razão, Tobias. A gente não tem o que fazer no hospital e estamos mesmo muito cansados.

Sorriram, levantaram-se e se despediram de Luana que, com os olhos, os acompanhou. Enquanto eles saíam da cozinha, ela pensou:

Tão jovens e com tantos problemas. Por que será que alguns, como eu, têm tanto, e outros, como eles, nada têm...

Idéias conflitantes

No hospital, Danilo e Felipe foram até a emergência, onde o menino estava em observação. Assim que entraram, viram Rodolfo ao lado dele. Aproximaram-se. Rodolfo percebeu quando chegaram. Sorriu, perguntando:

— Ainda está por aqui, Felipe? Pensei que já tivesse ido embora.

— Estamos indo, mas Danilo quis vir ver como o menino está.

— Está reagindo bem à medicação. Acredito que logo estará bem. Por que todo esse interesse, Danilo?

— Não sei tio, mas estou preocupado com ele. Ele é tão pequeno... Não entendo como uma criança pode nascer assim, dessa maneira...

— Assim como ele existem muitas crianças com paralisia cerebral.

— Por que isso acontece, tio?

— Os motivos científicos são muitos.

— O que quer dizer com motivos científicos? Existem outros?

— Não sei se existem outros, só entendo dos científicos, mas Marília tem outros pensamentos.

— Que pensamentos?

— Ela está estudando uma doutrina a qual diz que todos renascemos e que estamos pagando por tudo o que fizemos em encarnações passadas.

— Como é isso, tio? — Danilo perguntou, assustado.

— Não sei muito bem, mas, segundo ela, nascemos e renascemos muitas vezes e, a cada renascimento, vamos nos lapidando até chegarmos à perfeição. Ela diz que estamos vivendo, hoje, a vida que escolhemos ontem e que durante a nossa vida reencontramos amigos e inimigos de outros tempos.

— Como é? — Danilo perguntou, intrigado.

— Ela diz que precisamos nos encontrar com amigos e inimigos para perdoarmos e sermos perdoados. Só assim, poderemos seguir para o aperfeiçoamento.

— O senhor acredita nisso, tio?

— Até hoje, não e nunca me preocupei...

— O que está querendo dizer com até hoje?

— Quando me vi diante desse menino, senti um mal-estar terrível e tive vontade de sair de perto dele. Só não o fiz por ser médico e saber que ele precisava ser atendido. Porém, quando vi sua mãe, senti um carinho enorme por ela e tive de me controlar para não abraçá-la. Parece que a conhecia há muito tempo. Isso me levou a pensar no que Marília disse. Será que já conhecia esse menino e sua mãe? Por tudo o que senti e, se formos pensar sobre o que Marília diz, ele deve ter sido meu inimigo e ela, alguém que amei muito.

— Será, tio?

— Não sei se isso pode realmente acontecer, mas que foi estranho, foi...

— Também tive essa mesma impressão, só que foi ao contrário. Assim que vi o menino, senti por ele muito carinho, poderia dizer que até saudade.

Felipe, que estava calado ao lado deles, começou a rir e disse:

— Vocês dois estão voando! Voltem para a Terra!

Rodolfo e Danilo também riram. Rodolfo perguntou:

— O que está fazendo aqui, Danilo? A esta hora não deveria estar na Faculdade?

— Deveria, tio, mas tive uma dor muito forte de estômago e vim até o hospital para ver qual foi o motivo.

— Já o examinou, Felipe?

— Sim, e pedi que faça alguns exames, mas ele se recusa.

— Por que está se recusando, Danilo?

— Não acho que seja necessário. Agora, depois da conversa que tivemos, acho que essa dor foi só um motivo para que eu viesse aqui para rever o meu amigo. — disse, passando com carinho a mão sobre a cabeça do menino, que, sem que imaginassem, começou a chorar e a dizer:

— Está vendo, Matilde, ele não me esqueceu...

— Estou sim, Carlos... o amor dele sempre foi muito grande por você...

— Por que não posso abraçá-lo, Matilde? Estou morrendo de saudade...

— Sabe que está vivendo a vida que escolheu. Quando retornou e viu que, por ter tanto poder, fez muita maldade, pediu para renascer assim, pois, com esse corpo, não poderia fazer mal algum, mas, ao contrário, seria dependente de outras pessoas. Porém Deus nosso Pai tornou a colocar em sua vida todos eles. Deus é muito bom, não é, Carlos?

— É sim, Matilde... é sim... mas eu gostaria de poder abraçar o meu menino, assim como Maria Luísa, minha filha amada e a quem fiz tanto mal.

— Não pode se esquecer do mal que fez para a Rosa Maria, Jerusa, Tobias e Rodolfo.

— Todos eles estão aqui ao meu lado, Matilde. Eles querem se vingar?

— Não, ao contrário. Todos escolheram renascer e ajudá-lo na sua caminhada. São espíritos amigos. Embora não entendamos, o amor e o perdão são os sentimentos mais fortes e maiores que existem. Todos estão

aqui, esperando que, dessa vez, você consiga se libertar do orgulho e do desejo de poder.

— Na situação em que estou, nada posso fazer de bem ou de mal... não sei para que renasci...

— Qualquer vida, não importa a situação, sempre tem um motivo. Você, depois da experiência de viver em um corpo assim, se, um dia, renascer novamente com dinheiro e poder, saberá usá-los para o bem, para ajudar e não para oprimir as pessoas. O seu espírito está caminhando, Carlos...Está caminhando...

— Tem razão, Matilde. Estou aprendendo muito sobre poder e dinheiro. Alheios a essa conversa, Felipe, Danilo e Rodolfo saíram do quarto.

Enquanto caminhavam, Rodolfo perguntou:

— Está tendo algum problema, Danilo?

— Por que está perguntando isso, tio?

— Não sei, mas essa sua dor de estômago está estranha. Dizem que o estômago reflete a parte emocional.

— Está falando como médico? — Danilo perguntou, rindo.

— Não, estou perguntando como seu tio.

— Ele está com problemas na faculdade.

— Na faculdade? Está com problemas para entender as matérias?

— Não, tio, o problema é outro.

— Que problema?

— Política, tio.

— Política? O que está acontecendo?

— O senhor sabe como está a repressão. Alguns estudantes estão se rebelando com o governo militar e planejando alguma forma de enfrentá-lo e isso está nos causando muitos problemas. Descobrimos que existem espiões e que eles entregam os alunos que participam, como eles dizem, dessa conspiração. Dizem que os subversivos devem ser presos e torturados para que digam os nomes de todos.

— Você está participando de algum movimento?

— Não, tio.

— Mas deveria! Todas as conquistas do povo brasileiro começaram pela revolta dos estudantes! Principalmente os que estudam Direito!

— Eu, por estudar Direito, acredito que só poderemos vencer essa ditadura através das leis.

— Que leis, Danilo? Se os estudantes de outros tempos tivessem pensado assim, a escravidão não teria terminado e o Brasil ainda seria um império. É preciso que haja luta de um povo para que possa ser livre e democrático.

— Não ligue para o que seu tio está dizendo, Danilo. Ele sempre foi um anarquista. Não importa qual seja o governo que está no poder, sempre será contra.

— Não é isso, Danilo! Apenas, sempre achei que o povo deve ser livre, deve poder falar, reclamar e exigir os seus direitos.

— Também acho, tio, porém, insisto que não é através de luta armada que isso poderá ser conquistado, mas, sim, pelas leis. Para isso, vou ser um advogado e lutar com as armas certas.

— Deve lutar junto dos seus companheiros e não ser um covarde e se esconder.

— Pare com essa conversa, Rodolfo! Deixe meu filho estudar e, assim, lutar com as armas certas! Você falou em escravidão e República, dizendo que foram conquistadas através das lutas, quando, na verdade, não foi assim que aconteceu.

— Como não foi assim, Felipe?

— A escravidão só terminou quando a Inglaterra resolveu transformar os escravos em consumidores. A república foi decidida por duas ou três pessoas. O povo pouco teve a ver com esses movimentos. Agora mesmo, se prestar atenção, verá que quase todos os países da América do Sul

estão vivendo sob ditaduras militares. Já se perguntou por que isso acontece?

— Não, o que acontece nos outros países não me importa. Só quero que o Brasil seja um país livre, democrático e que haja justiça social.

— Pois deveria se importar. Todas essas ditaduras foram patricionadas pelos Estados Unidos. Estão com medo de que as idéias comunistas da Rússia se espalhem pela América do Sul e Central. Essa ditadura que estamos vivendo só terminará no dia em que os militares decidirem que está na hora de entregar o poder aos civis. Antes disso, não!

— Você não sabe o que está dizendo, Felipe! Com a força do povo, tudo pode ser mudado! Não podemos nos conformar com essa situação que estamos vivendo!

— O povo tem pouco a ver com as decisões dos políticos poderosos! Cada homem e cada mulher estão preocupados em como pagar as contas e criar os filhos! Enquanto os militares não resolverem entregar o poder, se o povo tentar algum ato de rebeldia ou simplesmente se reunir para discutir a respeito, vai acontecer o que está acontecendo, prisões e torturas. Você não se lembra das histórias que nosso pai contou? Daquilo que aconteceu na ditadura Vargas, quando tantos jovens e adultos foram torturados e outros tantos mortos? Para quê, Rodolfo? Hoje, estamos em ditadura novamente?

— Se todos pensarem assim, o Brasil nunca será um país democrático, Felipe!

— Será, sim, meu irmão. Quando interessar aos Estados Unidos.

— Você é muito radical, Felipe!

— Pode ser que seja, mas não quero meu filho envolvido em nada disso. Quero que termine sua Faculdade e, já que não quis ser médico, que seja um bom advogado.

— Não se preocupe, papai. Penso como o senhor e não vou me envolver em movimento algum.

Felipe olhou para o filho, passou a mão por seus cabelos e, sorrindo, disse:

— Ainda bem, Danilo. Não sei o que faria se soubesse que você está preso e sendo torturado. Por que você não entra em um desses movimentos, Rodolfo?

— Por que já estou velho e tenho mulher. Além disso, tenho responsabilidades aqui no hospital.

— Está vendo, Danilo? E assim que os adultos agem. Falam, falam, mas não arriscam sua estabilidade. Por isso, fico contente em ver que você não está se deixando enganar. Quer lutar com as armas certas.

— Já disse para não se preocupar, papai. Não faço nem pretendo fazer parte de movimento algum. O que quero mesmo é estudar.

Rodolfo acompanhou o gesto do irmão e o que ele disse, também sorriu, dizendo:

— Agora que já terminamos a nossa discussão patriótica, vamos mudar de assunto. Como está a fazenda e o vovô, Felipe?

— O vovô está bem. Passou o tempo todo nos contando aquelas histórias mirabolantes da família, de sua avó e sua mãe negra, sem se esquecer dos ciganos.

Rodolfo começou a rir.

— Ele sempre nos contou essas histórias. Disse que faz isso para não nos esquecermos de que, antes de nós, houve muita história e pessoas maravilhosas que lutaram pela família.

— Se tudo o que ele contou for verdade, realmente foram pessoas maravilhosas e lutadoras, Rodolfo.

— Sim, teve até um que lutou contra a escravatura e a favor da República. Parece-me que foi o pai dele, nosso bisavô.

— Sim, foi ele mesmo. Vovô sempre nos contou a história de que seu pai lutou pela libertação dos escravos e pela República.

— Não vamos reiniciar esse assunto, Rodolfo.

— Por quê, Felipe? Está com medo de que, se seu filho conhecer a história da família, decida-se a também lutar por alguma coisa?

— Não, Rodolfo. Sei que ele não vai se deixar influenciar por essas bobagens.

— Pois eu continuo achando que não é bobagem e se eu fosse mais novo, não estaria fugindo da luta.

— Acho que você errou de profissão, deveria ser político. — Felipe disse, rindo e debochando.

Danilo, percebendo que a discussão ia reiniciar, falou:

— Não conheço essas histórias da família. Por que nunca me contou, papai?

— Sempre achei que meu avô exagerasse muito quando contava. Além do mais, do que nos adianta conhecer a história da família? Eles viveram no seu tempo. Hoje, tudo é diferente, as lutas são outras.

— Tem razão, meu irmão, embora o tempo e as lutas sejam outras, os motivos são sempre os mesmos. A liberdade!

— Não vamos voltar a esse assunto, Rodolfo. Será que não percebeu que Danilo, graças a Deus, não está interessado nessa luta inglória e que eu não tenho interesse algum em discutir sobre esse assunto, porque, embora exista uma Ditadura, ela nunca me atingiu, ao contrário, desde que se instalou, tenho tido a oportunidade de atender muito bem aos meus pacientes e, para mim, é isso o que importa.

— Por favor, parem com essa discussão que não levará a lugar algum. Estou mais interessado em conhecer a história da nossa família.

— Quem conhece bem essa história é a sua mãe. Ela fica ouvindo o meu avô por horas e se encanta com tudo o que ele conta. Dessa vez, ele lhe deu um colar que disse ter pertencido a uma cigana que deu para a avó dele, no dia do seu casamento. Disse que esse colar tem passado de geração a geração e, como ele não teve uma filha, resolveu dar para sua

mãe. Ele diz que sua avó, quando veio de Portugal, era muito jovem, mas não me pergunte mais, porque não sei.

— Também nunca dei muita atenção para as histórias que ele conta, Danilo. Sabe como é, todo velho gosta de viver no passado.

— Pois eu não sou velho e gostaria de conhecer essas histórias. Gostaria de saber como foram os meus antepassados, o que fizeram, o que pensaram. A primeira coisa que queria saber é qual é o nome do vovô?

— Está dizendo bisavô, não é? Por que insiste em chamá-lo de avô? Sabe que ele é meu avô e seu bisavô.

— Sei disso, mas dá muito trabalho falar bisavô. É bem mais fácil chamá-lo de vovô, o senhor não acha?

— Você é mesmo muito folgado, Danilo!

Danilo sorriu e perguntou:

— Não sou folgado, papai, só não gosto de perder tempo. Se é mais fácil chamá-lo de vovô, por que fazer diferente? Mas ainda não me respondeu, qual é o nome do vovô?

— Não sabe o nome do meu avô?

— Não, o senhor nunca disse. Sempre o chama de vovô.

Rodolfo começou a rir.

— Do que está rindo, Rodolfo?

— Do seu filho não ter a mínima idéia de como é o nome do nosso avô.

— Não entendo por que está rindo, tio...

— Se você adivinhar o nome dele, lhe dou um doce. Danilo olhou para o pai e, também rindo, disse:

— Não vai me dizer que o nome dele é Felipe, papai!

— Por que, não gosta desse nome?

— Claro que gosto, ele é muito bonito, mas são muitos Felipes na nossa família... não sei o nome do meu bisavô, mas sei que o nome do meu avô, seu pai, era Felipe e o seu também. Qual foi o primeiro Felipe da família?

— Pelo que sei, foi o pai do seu bisavô, aquele que, segundo ele, nasceu no acampamento cigano. De lá para cá, todos os homens que nasceram na nossa família receberam esse nome.

— Sendo assim, por que o meu nome não é Felipe?

— Por que cansei e resolvi quebrar a tradição, além do mais, sua mãe pediu que eu lhe desse o nome de Danilo. Por que, não gosta do seu nome?

— Gosto, claro que gosto, só fiquei curioso.

— Ainda bem. Não sei por que está rindo, Rodolfo. Quantos Rodolfos existiram na nossa família?

— Pelo que sei, só um, o nosso bisavô.

— Talvez porque o meu Felipe foi mais importante que seu Rodolfo!

Quem riu agora e mostrou a língua fazendo uma careta foi Felipe. Danilo ficou com o olhar perdido no horizonte. Felipe perguntou:

— No que está pensando, Danilo?

— No passado e em como devem ter sido essas pessoas de quem estamos falando. Gostaria muito de conhecer toda a história...

— Tenho uma ótima idéia para resolver esse problema.

— Que idéia, papai?

— Rodolfo, você não me perguntou como está a fazenda? Como não poderia deixar de ser, está um pouco abandonada. Todos da família resolveram ser médicos e não temos tempo para cuidar dela. Você poderia transferir sua Faculdade para lá e ir morar na fazenda. Ela não fica muito distante da cidade e da Faculdade. Assim, poderá conhecer toda a história e cuidar dela.

— Está louco, papai? Eu odeio mato! Posso passar alguns dias lá, mas morar, nunca!

Rodolfo e Felipe riram do desespero de Danilo.

— Está bem, Danilo, foi só uma idéia. Só pensei nisso porque você não quis ser médico e por isso tem todo o tempo que nós não temos.

— O senhor nunca vai me perdoar por eu ter decidido ser advogado, não é, papai?

— Nada disso, sei que nem todas as pessoas conseguem exercer uma profissão que está sempre envolvida com dor e sofrimento. Acho que os médicos são pessoas escolhidas.

Rodolfo riu e, debochando, perguntou:

— Somos escolhidos, Felipe?

— Claro que sim, titio. Preciso concordar com meu pai. Eu jamais suportaria ver alguém gemendo de dor ou com sangue espalhado pelo corpo. Sei que desmaiaria na hora.

Felipe e Rodolfo olharam-se e riram. Felipe disse:

— Não se preocupe com isso, meu filho. O mundo, assim como precisa de médicos, precisa de advogados, também.

— Tive outra idéia, Felipe.

— Qual?

— Já que ninguém quer cuidar da fazenda, poderíamos vendê-la.

— Já pensei a esse respeito, mas sabe que, enquanto o vovô viver, isso não poderá ser feito. Ele nunca quis sair dali. A casa continua como sempre foi. Nunca quis trocar os móveis e a cor da pintura dos quartos.

— Ainda existem móveis daquele tempo?

— Sim, Danilo. Todos os móveis foram trazidos de Portugal e feitos com madeira de lei e, se forem bem cuidados, nunca se estragarão. O vovô dá muita importância ao passado e, por isso, pode não cuidar da plantação, mas da casa, cuida muito bem.

— Sendo assim, acho que, enquanto ele estiver vivo, não deve ser vendida mesmo.

— Você tem razão, Felipe. Vamos pensar nesse assunto mais tarde.

— É isso mesmo que vamos fazer. Agora, precisamos ir embora. Além de estar cansado da viagem, também estou com muita fome.

— Vamos, sim, papai. Também estou com fome.

— Isso é um bom sinal, mostra que a sua dor de estômago foi algo passageiro.

— Já tinha até me esquecido dela. Antes de irmos, posso ir dar uma última olhada no menino?

Rodolfo e Felipe olharam-se. Não entendiam todo aquele interesse, mas, mesmo assim, Rodolfo, respondeu:

— Podemos, sim, Danilo. Ficamos conversando aqui e nem percebi o tempo passar. Está na hora de eu ver se os medicamentos estão tendo resultado. Vamos.

Juntos, entraram no quarto onde o menino estava. Danilo aproximou-se, passou a mão no cabelo dele, dizendo:

— Fique bom logo, viu? Você é um lutador, sei que vai sair dessa.

Felipe e Rodolfo voltaram a se olhar e sorriram. O menino, sem que Rodolfo entendesse, deixou que uma lágrima corresse por seu rosto. Danilo sorriu, olhou para o pai:

— Agora podemos ir, papai. Parece que ele está bem.

— Pode ir tranquilo, Danilo. Parece que ele está reagindo bem à medicação, mas, se acontecer alguma alteração, eu telefono. Está bem assim?

— Está ótimo, tio. Estou muito preocupado com ele.

Felipe pegou no braço do filho e, juntos, foram para o estacionamento.

Assim que saíram, o menino, com lágrimas, disse:

— Esse menino é um anjo mesmo, Matilde...

— É sim e ele gosta muito de você, Carlos.

— Nem imagina o mal que fiz para sua mãe.

— Tem razão, ela nunca quis que ele soubesse. Ele, depois que morreu, tomou conhecimento. Mesmo assim, nunca deixou de gostar de você. Isso é um amor verdadeiro.

— É sim, Matilde... é sim... tomara que ele seja feliz nesta vida que escolheu, porque, na anterior sofreu muito. Perdeu a esposa logo no

começo do casamento e nunca mais quis se casar. Viveu para o filho e as lembranças de Divina.

— Eles são espíritos amigos e vão continuar por muito tempo na mesma caminhada, um ajudando ao outro.

— Assim como estou, pouco posso fazer. Gostaria de ser normal para poder reparar todo o mal que fiz.

— Você é normal, só está vivendo a vida que escolheu e que achou que seria melhor para o seu aprendizado. Mesmo estando paralisado e dependente, seu espírito está alerta a tudo o que acontece e pode vibrar amor para todos eles que estão se reencontrando e poderão resgatar Maria Luísa, Jerusa e Marcela que ficaram pelo caminho.

— Eu só vou ficar assistindo, sem nada poder fazer?

— Na hora certa, vai ajudar. Agora, procure dormir. Seu corpo é muito fraco e precisa de cuidados.

— Está bem, Matilde, e obrigado por ficar ao meu lado.

Matilde sorriu, passou a mão sobre a cabeça do menino que fechou os olhos. Quem o via, não podia imaginar que, por sua pequena cabeça, tantos pensamentos passavam, tanta vida havia.

Música conhecida

Assim que Luísa e Tobias saíram da cozinha, Luana foi para o seu quarto. Queria se deitar e descansar. Foi isso que aconteceu, logo depois, adormeceu e sonhou que estava tocando piano e, que ao seu lado, Luísa sorria. A música era linda. Sentia, também, um perfume de rosas, estava feliz. Por trás de Luísa, que a observava, surgiu a imagem de um homem, cujo rosto não podia ver, mas isso fez com que se assustasse e acordasse. Deu um pulo, sentou-se na cama e ficou pensando:

"Que sonho louco foi esse? Que lugar era aquele e o que Luísa estaria fazendo no meu sonho?"

Levantou-se e, enquanto se arrumava, pensava no sonho e na música que não saía de sua cabeça. Desceu e foi até a cozinha, onde não havia ninguém. Tomou um pouco de água e foi para a sala. Assim que entrou, olhou para o piano que estava em um canto. Sorriu e pensou:

“Há quanto tempo não sento nesse piano e não toco? A música do meu sonho era linda! Tenho a certeza de que nunca a ouvi antes. Que bobagem estou pensando? Claro que devo tê-la ouvido em algum lugar. Vou me sentar e tentar tocá-la.”

Sentou-se ao piano e começou a tocar aquela música. O som invadiu toda a casa. Estava inebriada tocando, pensando:

Estávamos felizes eu e Luísa. Parecia que nos conhecíamos muito bem. Como isso pode ser? Quem era aquele homem que me causou tanto medo? Estava assim, distraída, e não percebeu que a porta da sala se abriu e, por ela, entraram duas moças que ficaram paradas ouvindo. Quando Luana terminou de tocar, uma das moças perguntou:

— Que música linda é essa, mamãe?

— Olá, Jerusa, nem percebi que havia entrado. Não sei que música é essa. Sonhei que a estava tocando e, como ela não saía da minha cabeça, resolvi tocar. Ela é realmente linda, não é?

— É sim, mamãe, mas tenho a impressão de já tê-la ouvido.

— Também estou com essa impressão, mas não consigo saber de onde. Ela não me parece atual.

Enquanto falava, olhava para a moça que estava ao lado de Jerusa. Percebendo o interesse da mãe, Jerusa disse:

— Esta é Diva, ela está há pouco tempo estudando lá na Faculdade.

Luana levantou-se e caminhou em direção à moça. Estendeu a mão e, sorrindo, disse:

— Olá, Diva. Estou feliz por estar em minha casa, muito mais por ter sido trazida por Jerusa.

A moça sorriu e, apertando a mão que Luana estendia, perguntou:

— Por que está dizendo isso, senhora?

— Você é a primeira amiga que ela traz aqui em casa. Nunca imaginei que ela tivesse uma amiga.

— Que é isso, mamãe, está me deixando sem graça...

— Não é essa a minha intenção e fico feliz por ter uma amiga. Sabe o quanto já temos discutido a esse respeito. Você é jovem e linda. Precisa sair de casa, passear e nada melhor que uma amiga para que isso aconteça.

— Agora seu desejo vai ser realizado. Diva chegou há pouco. Ela não conhece ninguém e mora em uma pensão. Sua família está toda no Nordeste. Fui encarregada de mostrar-lhe a Faculdade e de apresentá-la aos alunos. Sem perceber, descobrimos que temos muito em comum e ficamos amigas.

— Sabe como isso me deixa feliz. Seja bem-vinda, Diva.

Diva sorriu e disse:

— Obrigada, senhora. Sua filha é uma excelente moça e muito inteligente. Estou feliz por tê-la conhecido. A música que a senhora estava tocando é realmente muito linda... não sei por que, mas também tive a impressão de já tê-la ouvido. É estranho, não é? Levando-se em conta que, como a senhora disse, ela não parece ser atual. Quem será que a compôs?

— Ela é linda mesmo e também tive a impressão de já conhecê-la, só não posso lhe dizer quem a compôs, pois só a ouvi no meu sonho.

— Isso é estranho, mas ela é linda. Poderia tocar novamente?

Luana olhou para Jerusa que, assim como a amiga, sorria.

— Está bem, preciso confessar que também estou com vontade de tocar. Sentou-se ao piano e as moças em um dos sofás. Começou a tocar e sentiu que estava em outro lugar, em outro tempo.

Novamente a música invadiu o ambiente. Sentiram um perfume de rosas. Estranharam, mas logo viram que se tratava de Alda, que entrava

na sala trazendo um vaso com rosas e o colocou sobre uma mesinha de canto.

Quando terminou de tocar, Luana se levantou e sentou-se ao lado da filha, que disse:

— Mamãe, como lhe disse, Diva não conhece ninguém e está morando em uma pensão. A senhora sabe que essa situação não é confortável, por isso gostaria que, se a senhora e o papai concordarem, ela venha morar aqui em casa.

Luana assustou-se com aquele pedido. Olhou para Diva e depois para a filha. Estava feliz por ver que, finalmente, Jerusa estava bem e deixara para trás aquele olhar de tristeza e desconfiança que sempre tivera. Disse:

— Por mim não haverá problema algum. Sabe que temos vários quartos vagos, mas precisamos consultar seu pai e seu irmão e, se eles se opuserem, poderá ficar o tempo que desejar, Diva.

— Obrigada, senhora. Prometo que, se ficar, não lhes darei trabalho algum.

— Não se preocupe com isso, pois, só de ver minha filha feliz e descontraída, sua presença já é bem-vinda.

Jerusa sorriu, pois sabia que tudo o que a mãe queria, tanto o pai como o irmão acatavam. Pegando a mão de Diva, levantou-se, dizendo:

— Venha, Diva, vamos nos preparar para o jantar. Daqui a pouco, meu irmão e meu pai deverão chegar. Você vai conhecer os homens mais bonitos que já viu na vida!

Diva sorriu e, levantando-se, disse:

— Dona Luana, sua filha é a maior fã do pai e do irmão. Devo confessar que estou ansiosa para conhecê-los.

— Ela é assim mesmo, mas garanto que você não vai se decepcionar. Eles, além de lindos, são pessoas maravilhosas. Tenho a certeza de que gostará de ambos.

Elas saíram, Luana continuou sentada, pensando no sonho e na música. Começou a tocar novamente.

Estava assim, quando a porta se abriu. Felipe aproximou-se e, abaixando-se, beijou sua testa. O mesmo fez Danilo. Luana, sorrindo, disse:

— Meus dois homens lindos chegaram.

Eles riram e sentaram-se. Ela perguntou:

— O que aconteceu com Danilo, Felipe? Qual foi o motivo da dor de estômago?

— Aparentemente não existe motivo, preciso fazer alguns exames, mas ele se recusa.

— Recusa-se, por quê, Danilo?

— Já pensou, mamãe, ele quer enfiar aqueles canos dentro de mim? Não quero!

— Sei que é desconfortável, mas, se for necessário, terá de fazer. Sabe que o começo da cura de qualquer doença é o diagnóstico precoce.

— Estou bem, mamãe, e já disse ao papai que, se a dor voltar, farei os exames.

— Assim espero. Acredito que não se trate de algo mais grave, deve ter sido algo que comeu. Como está o menino, Felipe?

— Rodolfo está cuidando dele. Disse que é preciso esperar o resultado dos medicamentos que estão sendo aplicados. Por enquanto, continua em observação.

— Os pais estão aqui e muito ansiosos para ter notícias dele.

— Como eles estão se sentindo aqui em casa?

— Um pouco constrangidos, mas, com o tempo, se acostumarão.

— Dissemos a eles que poderiam morar e trabalhar no hospital. Acha que eles preferiam que fosse assim, Luana?

— Não sei. Na hora em que estávamos conversando, imaginei que seria melhor morarem aqui, pois poderiam dar mais atenção ao menino

quando obtivesse alta. Quando isso acontecer, voltarei a conversar com eles e saber o que preferem.

— Aquele menino é lindo...merece o melhor tratamento e conforto que poderemos lhe dar.

— Você ficou muito impressionado com ele, não é, Danilo?

— É, sim, mamãe. Não sei explicar o motivo, mas, assim que o vi, meu coração bateu forte. Parece que o conheço, só não posso imaginar de onde pode ser.

— Assim que o vi, senti o mesmo. Não só por ele, mas por sua mãe também. Acabei de ter um sonho em que estava sentada em um piano tocando uma linda música, ela ouvia e sorria. O sonho foi tão real que a música não saía da minha cabeça, mesmo depois de acordada. Vim até aqui e a toquei de uma maneira como se a conhecesse muito bem.

— Isso é muito estranho, não é, mamãe? É essa que estava tocando quando entramos? É linda e também me parece que já a ouvi em algum lugar, mas não sei precisar onde. Toque mais um pouco para ver se lembro.

Luana, que ainda estava sentada ao piano, sorriu e começou a tocar.

Depois de algum tempo, Danilo começou a cantarolar.

Quando Luana terminou, ele disse, eufórico:

— Agora tenho certeza de que conheço essa música, mamãe! Já a ouvi, não sei quando ou onde, mas já a ouvi, sim! É muito estranho, pois esse ritmo não é atual. Parece que é de muito tempo atrás.

Felipe, que permanecia calado enquanto eles conversavam, levantou-se dizendo:

— Talvez aquilo que Rodolfo disse tenha algum fundamento.

— O que ele disse, Felipe?

— Que já vivemos em outro tempo. Que existe reencarnação.

— Ora, Felipe, isso é coisa da Marília e daquela religião que está seguindo. Como cientistas, acha que podemos acreditar nisso?

— A ciência não explica tudo, Luana.

— Tem razão, mas isso de se ter vivido em outros tempos é uma loucura.

— Não sei, mas estou estranhando isso que está acontecendo, Luana. Você, Rodolfo e Danilo, ao verem o menino e seus pais, sentiram que já os conheciam. Será que não se conheceram em outros tempos?

— Isso é loucura, Felipe! Não pode se esquecer que, logo depois de que Rodolfo e Marília se casaram, ela começou a dizer que ouvia e via coisas. Com o tempo, deve tê-lo influenciado.

— Sim, Luana, mas você também não pode se esquecer de que Rodolfo fez todos os exames e constatou que, fisicamente, ela estava bem. Até hoje ele não tem explicação científica para aquilo que acontece com ela.

— Nisso você tem razão, mas deve haver outra explicação.

— Rodolfo é muito reservado. Faz algum tempo que não converso com ele a esse respeito. Hoje, talvez sem pensar, ele comentou. Não sabemos como ela está.

— Conversei com ela há alguns dias, Felipe. Ela disse que está bem e que as vozes e aparições sumiram, mas que está aprendendo a lidar com isso.

— Aprendendo, como?

— Estudando essa Doutrina. Disse que está encontrando respostas para tudo e que as vozes e visões só voltarão quando estiver preparada.

— Ela vai poder controlar, Luana?

— Ela disse que sim.

— Se isso acontecer, teremos a confirmação de que não é louca. Que pode, sim, haver coisas que não entendemos, mas de que não podemos descrever.

— Tem razão, Felipe... tem razão...

Enquanto eles conversavam, Luísa e Tobias também ouviram a música. Ela saiu da casa e ficou parada. Sentiu um arrepio correr por seu corpo e

uma vontade imensa de chorar e, quase sem perceber, lágrimas correram por seu rosto. Tobias se aproximou e perguntou:

— Por que está chorando, Luísa? O que aconteceu?

Ela, abraçando-o, respondeu:

— Não sei, senti uma tristeza e saudade muito grande.

— Tristeza, por quê? Saudade do quê?

— Não sei explicar, mas assim que ouvi a música que está sendo tocada, senti que a conhecia e me deu vontade de chorar...

— Isso é muito estranho, pois também parece que já a ouvi e também não sei dizer onde ou quando.

— Quem será que está tocando, Tobias?

— Não sei, só sei que está vindo da casa, deve ser dona Luana ou sua filha, porque o doutor e o rapaz acabaram de chegar. Eu estava aqui fora e vi quando chegaram. A música só parou quando eles entraram...

— Deve ser a dona Luana, mesmo. Essa música é linda, Tobias...

A hora do encontro

Luana, Felipe e Danilo conversaram por mais um tempo, depois, Danilo disse:

— Está quase na hora do jantar. Vou tomar um banho e voltarei em seguida.

— Boa ideia, Danilo. Vou fazer o mesmo e fiquem bem bonitos, temos visita para o jantar.

Os dois olharam para ela. Felipe perguntou:

— Visitas? Quem?

— Alem de Luísa e Tobias, uma amiga de Jerusa.

— Amiga! Da Jerusa? Nunca soube que ela tivesse uma amiga...

— Nem eu! Quem é ela, mamãe?

— Uma moça que chegou do Nordeste e que está estudando na mesma faculdade. Gostei muito dela. Parece ser uma boa moça e deve ser, pois conseguiu se aproximar de Jerusa e sabemos que isso é muito difícil.

— Por que a Jerusa é assim, mamãe, tão diferente de todos nós?

— Não sei Danilo, foi criada da mesma maneira que você, mas tem um temperamento completamente diferente. Enquanto você é alegre, expansivo, ela está sempre triste e parece não conseguir confiar em ninguém. Desconfia de tudo e de todos. Confesso que muitas vezes me fiz essa mesma pergunta. Realmente, não dá para entender o seu comportamento. Mas, hoje, me pareceu feliz. Essa moça conseguiu aquilo que nunca consegui, fazer Jerusa sorrir.

— Ela é estranha mesmo, mas também é minha filha muito amada.

— Por todos nós, Felipe. Também a amamos, só ela é que não se dá conta disso. Por isso fiquei feliz ao ver que, finalmente, arrumou uma amiga. Espero que essa amizade faça com que mude de comportamento.

— Também espero. Bem, vou subir e me preparar para conhecer essa amiga.

— Também vou. Vamos, Danilo, estou curioso...

— Eu também, papai...

Subiram a escada, Luana foi até a cozinha para ver como estava o preparo do jantar e voltou no exato momento em que Jerusa e Diva retornavam. Percebeu o olhar feliz da filha. Perguntou:

— Estão prontas para o jantar?

— Sim, mamãe, estamos com fome e, depois do jantar, precisamos estudar, pois, na semana que vem, teremos provas semestrais. Papai e Danilo chegaram?

— Sim, estão se preparando para o jantar. Enquanto o jantar não fica pronto, venham, sentem-se aqui.

Assim que se sentaram, o telefone tocou e Luana atendeu:

— Alô!

— Oi, Luana, sou eu, Rodolfo.

— Rodolfo! Aconteceu alguma coisa com o menino?

— Não, ele está reagindo muito bem à medicação. Acabei de vê-lo. Só telefonei para dizer que estou indo para casa e que está tudo bem e, se ele continuar assim, amanhã, poderá ter alta. Pode tranquilizar os pais.

— Farei isso, obrigada, Rodolfo. Eles devem estar ansiosos. Boa-noite e dê um abraço em Marília.

— Darei, boa-noite.

Luana desligou o telefone. Jerusa, que prestou atenção à conversa, perguntou:

— De que criança a senhora estava falando, mamãe?

— Não tive tempo de lhe contar, mas quando estávamos voltando da fazenda, encontramos um casal com um menino que passava muito mal e o levamos para o hospital, Rodolfo está tratando dele. E acabou de dizer que está bem. Quer ir comigo contar para os pais?

— Onde eles estão?

— Como são pobres e nunca estiveram em uma cidade grande, pedi que viessem ficar na casa dos fundos, até que o menino fique melhor.

— A senhora trouxe-os aqui para casa? Como pôde fazer isso, mamãe?

— Isso o quê, Jerusa?

— Trazer para nossa casa pessoas que não conhece. E se forem bandidos?

— O que é isso, Jerusa? São uns pobres coitados com uma criança doente! Não entendo como pode ser assim!

— Assim como, mamãe?

— Tão fria e sem coração. Nada faz com que se emocione ou que acredite bondade alheia. São pessoas que precisam de ajuda e, nós, graças a Deus, temos condições de ajudar.

— A senhora é muito confiante, acredita que só exista o bem, quando na realidade, não é bem assim. Existe muita maldade, mamãe.

— Você é quem, não sei o motivo, vê maldade em tudo e todos.

— A senhora é que é muito confiante e não vê o que acontece por aí! Acredita em todos e sabe que nunca terá uma recompensa de pessoas pobres como essas!

— Já discutimos muitas vezes a esse respeito. Não ajudo as pessoas esperando recompensas ou pagamento. Ajudo-as, simplesmente porque quero, posso e tenho condições e, se depois de o menino estar bem, eles não me disserem muito obrigada, não me preocuparei. O importante é que o menino fique bem e seus pais, também. Eles apareceram, do nada, no nosso caminho, não poderíamos deixar de ajudá-los. Não posso lhe dizer que gostei do menino, na verdade, assim que o vi, não gostei, mas isso também não tem importância. O importante é que ele e os pais estão sob minha responsabilidade e ficarão enquanto desejarem. O depois, será o depois...

— A senhora não existe, mesmo, mamãe. Não posso aceitar que seja assim. Que não tenha maldade e não veja maldade em ninguém.

— Pois eu, às vezes, fico preocupada por você ser como é.

— Por quê?

— Existe um ditado que é assim: quem usa acusa...

— Não estou entendendo o que quer dizer, mamãe.

— Quero dizer que esse ditado diz que aquele que acusa deve ser capaz de fazer o mesmo. Você, sem os conhecer, acusa-os de coisas e maldades inimagináveis. Será que seria capaz de fazer essas mesmas maldades e coisas?

— Não sou maldosa, mamãe, só previdente. Jamais traria para minha casa pessoas desconhecidas, encontradas no meio da estrada.

— Sabe que nunca entraremos em acordo. Recuso-me a aceitar que todas as pessoas sejam ruins. Claro que existem, mas a maioria, não, são boas e estão cuidando de suas vidas. Estou indo até lá para lhes contar o que Rodolfo disse. Quer ir também?

— Não, obrigada. Não tenho interesse algum em conhecer esse tipo de gente.

— Sinto muito, mas vai ter de conhecer.

— Por que está dizendo isso?

— Sabe que, na casa dos fundos, não tem cozinha, por isso, terão de comer aqui.

— Aqui em casa?

— Sim, aqui em casa e na nossa mesa.

— A senhora está louca, mamãe? Não os conhece nem sabe se eles sabem se comportar à mesa!

— Não, Jerusa, estou apenas fazendo aquilo em que acredito e só não comerão em nossa mesa se não quiserem. Você está tendo preconceito por serem pobres, quando deveria, ao contrário, agradecer tudo o que tem e tentar dividir com aqueles que têm menos.

— Não tenho culpa de ter nascido em uma casa com tanta riqueza! Não vou me culpar por isso!

— Não deve se culpar, mas não precisa desmerecer aqueles que não têm. Isso, sim, é errado! Agora, vamos parar com essa conversa. Está quase na hora do jantar e você, parece que esqueceu, mas tem visita.

Só naquele momento, Jerusa se lembrou de Diva que, em silêncio, acompanhou toda conversa. Envergonhada, disse:

— Desculpe, Diva, mas, se for morar aqui em casa, vai se acostumar com essas discussões. Eu e minha família temos muitos pontos de vista diferentes. Às vezes, chego a pensar que nasci em casa errada. — disse isso rindo e passando a mão pelo cabelo da mãe. Diva, constrangida, apenas sorriu.

Luana também riu e saiu. Atravessou o quintal e foi para a casa dos fundos, conversar com Luísa e Tobias. Quando se aproximou, encontrou-os do lado de fora, perguntou:

— Tudo bem com vocês?

— Sim, doutora, só estamos preocupados com o nosso menino.

— É por isso mesmo que estou aqui, Luísa. Rodolfo telefonou e disse que ele está respondendo bem à medicação e que, se continuar assim, amanhã receberá alta e poderá vir para casa.

— Que bom, doutora! Estávamos muito preocupados. Ele nasceu fraquinho, mas nunca ficou tão mal como desta vez.

— Parece que não precisam se preocupar. Tenho um outro assunto para tratar com vocês.

— Que assunto?

— Quando os encontramos, dissemos que poderiam morar e trabalhar no hospital, mas, agora, acho que seja melhor continuarem aqui, pois, assim poderão cuidar melhor do menino. Preciso saber se concordam?

— A senhora foi um anjo que caiu em nossa vida, por isso, faremos o que achar melhor. Só não podemos ficar aqui se não formos necessários. Precisamos trabalhar para pagar tudo o que está fazendo.

— Sendo assim, Luísa, vocês podem continuar aqui. Já lhes disse que preciso de alguém para cuidar das minhas roupas e do meu jardim. Ficando aqui, uniremos o útil ao agradável. Ficarão bem e o menino também.

— Obrigada, doutora... desculpe, mas preciso lhe fazer uma pergunta.

— Pode fazer. Do que se trata?

— Quem estava tocando aquela música no piano?

— Eu, por quê?

— Como é o nome dela?

— Não sei, apenas toquei.

— Ela é linda e posso até jurar que já a ouvi antes, só não sei quando ou onde...

— O mesmo aconteceu lá em casa. Também ficamos intrigados, mas não podemos deixar de dizer que, realmente, ela é linda. Agora, podemos ir jantar. A família vai estar toda lá e poderão conhecer a todos.

— Desculpe doutora, mas não podemos jantar ao lado da sua família...

— Por quê?

— A senhora sabe que somos simples e que não sabemos nos comportar a mesa, por isso, se não se incomodar, gostaríamos de comer aqui ou na cozinha.

Luana sorriu. Entendendo a situação deles, disse:

— Está bem, se acharem ser melhor assim, podem comer na cozinha. Então, vamos? O dia foi muito agitado e estou com fome.

Sorriu. Eles a acompanharam. Ela, para evitar constrangimento por parte deles, entrou pela cozinha. Disse:

— Alda, eles vão jantar aqui com vocês.

Alda olhou para eles, sorriu e disse:

— Tudo bem, senhora. Assim que terminar de servir a mesa, jantaremos aqui.

Felipe já havia descido e conversava com Jerusa e Diva. Luana entrou e foi recebida com um sorriso:

— Olá, Luana, estava conversando com as meninas. Jerusa me contou da sua preocupação em relação aos pais do menino. Eu estava lhe dizendo que não precisa se preocupar, porque eles parecem ser pessoas de bem e só se preocupam com o filho. Portanto, ela pode ficar tranquila.

Luana sorriu:

— Espero que tenha conseguido convencê-la, pois tentei e não consegui.

— Não sei o que acontece com vocês duas, nunca conseguem chegar a um acordo.

— Qual é o problema agora, papai?

Voltaram-se e olharam para Danilo que acabava de descer a escada e chegava à sala.

— Aquilo de sempre, Danilo. Sua mãe e sua irmã não conseguem ter a mesma opinião sobre qualquer assunto. Nem parecem mãe e filha.

Danilo, rindo, se aproximou e olhou para Diva que, paralisada, também olhava para ele. Jerusa apressou-se e disse:

— Diva, este é meu irmão, Danilo, não sei como consegue, mas sempre está de acordo com tudo o que mamãe diz.

Danilo estendeu a mão e, sorrindo, disse:

— Muito prazer, senhorita. Não ligue para o que Jerusa diz, ela, sim, está sempre em desacordo e faz um campo de batalha por qualquer motivo.

As mãos se tocaram, os olhares se encontraram e uma corrente elétrica percorreu o corpo dos dois. Diva, emocionada e com a voz embargada, disse:

— Muuio prazer...

Ficaram se olhando por alguns instantes, quando Alda entrou, dizendo:

— O jantar está pronto e a mesa está servida, senhora.

— Obrigada, Alda, estamos indo.

Olhou para os outros e continuou:

— Podemos ir? Estou com muita fome e acho que todos vocês também.

Levantaram-se e a acompanharam.

Revedo conceitos

Rodolfo também chegou a casa e, como sempre, estava cansado. Médico dedicado, adorava sua profissão e entregava-se a ela de corpo e alma.

Assim que entrou, foi recebido por Ivete, a empregada da casa:

— Boa noite, doutor.

— Boa noite, Ivete, tudo bem aqui em casa?

— Está tudo bem.

— Marília está bem?

— Está sim, só que não está em casa.

— Onde está?

— O senhor se esqueceu que hoje é dia de ela ir à Casa Espírita? Foi a tarde, deve estar chegando.

— Tem razão, esqueci completamente. Enquanto ela não chega, vou pura a biblioteca, avise-me assim que ela chegar.

— Pode deixar doutor, assim que ela chegar, eu o aviso. Pode ler tranquilo.

Rodolfo sorriu e foi para a biblioteca, lugar onde sempre gostava de estar. Possuía muitos livros. Quase todos tratavam do cérebro humano. Olhou na estante, procurou e encontrou o que queria. Tinha fome do saber. Sentou-se e começou a ler. Era um livro recém-publicado. Desejava muito conseguir curar todas as doenças que partiam dele. Naquele dia, em especial, queria ler mais sobre paralisia infantil e tentar novamente, embora soubesse que não conseguiria, encontrar cura para aquela doença. O menino o havia impressionado muito. Não entendia o motivo, mas não havia gostado dele. Pensou:

“Já tratei de muitas crianças com paralisia cerebral, mas nunca senti, por nenhuma delas, o que senti hoje ao ver aquele menino. Que sensação foi aquela? Tudo o que aconteceu hoje é estranho. Por que não gostei daquele menino indefeso e, ao contrário, senti tanto carinho por sua mãe? Que sentimento foi aquele? Por que senti tanta vontade de abraçá-la como se já a conhecesse e da qual eu sentia tanta saudade? Será que Marília tem razão? Será que existem, mesmo, outras vidas? Não sei, mas estou sendo tentado a acreditar que sim, pois, se não existir, não haverá explicação para aquilo que aconteceu hoje. Porém, como posso acreditar nisso? Estudei medicina, conheço o corpo humano e, muito mais, o cérebro, embora precise admitir que pouco se conhece sobre ele. Depois do que aconteceu hoje, entretanto, estou muito confuso... será que Marília tem razão? Será que existe, mesmo, reencarnação?”

Voltou os olhos para o livro e continuou a ler. Teve de voltar algumas páginas, pois não havia se concentrado o suficiente. Mas, como da outra

vez, seu pensamento estava distante das palavras escritas no livro. Relembrou o dia em que conheceu Marília.

“Eu estava no quinto ano e já me preparava para fazer residência, quando ela se matriculou na Faculdade em que eu estudava. Filha de um diplomata, morara nos últimos anos no México, onde frequentou a faculdade de Medicina. Quando seu pai teve de voltar para o Brasil, trouxe seu histórico que foi reconhecido e conseguiu uma vaga na Faculdade. Ela estava no quarto ano. Lembro como se fosse hoje. As aulas daquele dia haviam terminado. Eu estava saindo, quando vi Raul acompanhado de uma moça. Ao se aproximar, ele disse:

— Rodolfo, há quanto tempo não nos encontramos? Ia lhe telefonar, pois preciso conversar com você.

— Olá, Raul. Tem razão, faz muito tempo, mas por que não me telefonou? Quer conversar sobre o quê?

— Todos os dias, penso em telefonar, mas sabe como é, sempre deixo para depois e acabo esquecendo. Estou precisando de um livro e, como você já o usou no ano passado, queria pedir emprestado.

— Não vejo problema algum. Tenho todos. Basta me dizer o nome e eu o trarei ou, se preferir, vá lá em casa para pegar.

— Acho melhor ir à sua casa, pois estudamos em horários diferentes e é difícil nos encontrarmos.

— Vá quando quiser, se eu não estiver em casa, alguém estará e poderá resolver o seu problema. Não vai me apresentar a sua amiga?

— Claro que vou! Desculpe-me, Rodolfo. Esta é a Marília e acabou de se matricular na Faculdade.

— Muito prazer, Marília. Seja bem-vinda.

— Obrigada, estou aqui há poucos dias e já estou me sentindo muito bem.

Assim que a vi, embora já houvesse namorado muito, sem maiores consequências senti que ela era a mulher da minha vida. Pensando nisso, falei:

— Raul, estou indo para casa, não quer ir agora? Além de pegar o livro, poderá almoçar também. Sei que mora sozinho e deve sentir muita saudade da comida de casa.

— Para ser educado, poderia agradecer e dizer que não, mas, tem razão, morar sozinho não é fácil, e sinto, sim, saudade da comida de casa.

— Tudo bem, podemos ir. Quer ir também, Marília?

Ela pensou um pouco, depois, disse:

— Posso, só preciso telefonar lá para casa e avisar que vou demorar.

Telefonou e fomos para minha casa. A família de Raul era do interior e, por isso, ele morava em um dos apartamentos da faculdade. De vez em quando, almoçava ou jantava em casa. Minha mãe gostava muito dele, pois era um rapaz simples e alegre. Estava sempre contando uma piada, o que nos fazia dar boas gargalhadas. Daquele dia em diante, começamos a nos encontrar mais vezes. Raul namorava, já fazia muito tempo. Nora, que também estudava na faculdade e frequentava o terceiro ano. Felipe namorava Luana, por isso, saíamos sempre juntos. Quando me formei, fiz residência clínica, mas não sabia que especialidade seguir. Marília se formou um ano depois e quis ser obstetra. Depois de formados, nos casamos e fomos felizes durante três anos.”

Rodolfo levantou-se, andou até a estante e colocou o livro de volta. Sabia que não tinha condições de continuar lendo. Voltou a se sentar e a pensar:

Embora eu quisesse ter um filho, Marília dizia não ser à hora, pois desejava terminar sua especialidade e ter seu próprio consultório. Acatei seu desejo e tudo corria bem. Depois, devido a sua doença, nunca se sentiu com capacidade de ter, criar e educar uma criança. Mesmo sem filhos, éramos felizes, até aquela madrugada. Estávamos dormindo,

quando Marília acordou, assustada, sentou-se na cama e, olhando para a parede em frente a cama, começou a gritar e a dizer:

— Quem é você? O que quer de mim?

Também acordei e também me assustei por ver a expressão de medo e desespero em seu rosto. Comecei a perguntar:

— O que está acontecendo, Marília? O que está vendo?

Ela, parecendo não me ouvir, continuou gritando:

— É mentira! Minha mãe está bem e não tem doença alguma!

— Marília! Fique calma! Diga o que está acontecendo e com quem está conversando!

Por mais alguns minutos, ela continuou conversando com alguém que eu, embora olhasse para o mesmo ponto que ela, não via. Desesperado e sem saber o que fazer, coloquei-me na sua frente para que ela não conseguisse ver o que havia na parede e comecei a sacudi-la e a dizer:

— Marília, acorde, você está dormindo!

Mesmo estando na sua frente, ela continuou, por alguns minutos, a dizer.

— É mentira! Minha mãe está bem e não vai morrer!

Desesperado e sem saber o que fazer, abracei-me a ela e fiquei assim por um bom tempo. Em seguida, ela, parecendo voltar de longe, deitou-se e adormeceu. Depois de constatar que ela dormia, levantei-me e fui para o banheiro. Lavei o rosto e, olhando para o espelho, pensei: o que foi que aconteceu? O que ela estava vendo?

Com uma toalha sequei o rosto, pensando: Não preciso me preocupar, ela, embora estivesse com os olhos abertos, estava dormindo e sonhando. Voltei para a cama e, abraçando-me a ela, adormeci. Pela manhã, quando acordou, ela, lembrando-se do que havia acontecido, assustada, perguntou:

— Quem era aquele homem que estava no nosso quarto, Rodolfo?

— Não sei, pois, embora estivesse olhando para o mesmo ponto que você, não vi ninguém. Foi só um sonho ruim...

— Tomara que sim...

— Por que está dizendo isso?

— Ele disse coisas horríveis! Disse para eu ficar preparada, pois minha mãe vai morrer...

— Isso é bobagem, sua mãe está muito bem. Fique calma, foi mesmo um sonho. Rodolfo ajeitou-se na poltrona. Estava emocionado ao lembrar aquele dia. Não entendia, mas não deixava de pensar:

— Levantamos e fomos tomar café. Enquanto tomava café, Marília continuava distante, perguntei:

— Porque está tão distante, Marília?

— Como já lhe disse, eu vi aquele homem, Rodolfo, e ele me disse aquela coisa horrível... que minha mãe vai morrer...

— Como também já lhe disse, é bobagem, sua mãe está bem e, um dia, vai morrer, mas não vai ser hoje. Pare de se preocupar...

— Tomara que você esteja com a razão, mas estou preocupada. Assim que terminar de tomar o café, vou telefonar para minha mãe e saber se ela está bem mesmo.

— Faça isso, mas, agora, vamos tomar café, tranquilos.

Foi o que fizemos. Não havíamos, contudo, terminado de tomar o café, quando o telefone tocou. Ivete, que estava na cozinha, atendeu. Logo em entrou na sala e, preocupada, disse:

— Doutor, a dona Sueli está no telefone e quer falar com o senhor.

Fiquei admirado, pois Sueli é irmã de Marília. Perguntei:

— Comigo, tem certeza?

— Tenho. Ela parece muito aflita.

Preocupado, olhei para Marília que, também assustada e chorando, se levantou e, antes que eu me levantasse, correu, pegou o telefone e perguntou:

— O que aconteceu com a mamãe, Sueli?

Também corri para o telefone e abraçando-me a ela, tentei ouvir o que Sueli dizia. Marília, após ouvir a irmã, entregou-me o telefone e, chorando mais ainda, disse:

— Eu sabia... eu sabia...

Ainda abraçado a Marília, perguntei:

— Alô, Sueli. O que aconteceu?

Ela, também chorando, respondeu:

— A mamãe morreu esta madrugada, Rodolfo...

— Como morreu? Ela estava sentindo alguma coisa? Estava doente?

— Não, não estava doente, ao menos não sabíamos. Ela nunca nos falou a respeito. Papai disse que só percebeu pela manhã, ao tentar acordá-la.

— Morreu do quê?

— Não sabemos, o Milton acha que ela teve um enfarte...

— Na sua casa? O Milton já telefonou para a polícia? Eles devem vir buscá-la para que seja feita a autópsia. O papai nos telefonou assim que a descobriu e viemos correndo. Vocês vão vir para cá?

— Claro que sim, agora mesmo!

Desliguei o telefone. Ivete, enquanto eu falava com Sueli, levou Marilda de volta à cadeira em que estava sentada e ajudou-a a se sentar. Fui até ela e, abraçando-a, disse:

— Precisamos ir até lá, Marília.

— Eu lhe disse, Rodolfo... aquele homem me avisou...

Fiquei sem saber o que fazer ou falar, pois havia presenciado tudo o que acontecera naquela madrugada. Sem muita certeza, eu disse:

— Foi apenas uma coincidência, Marília...

— Não foi, Rodolfo... aquele homem me avisou... você acompanhou tudo...

— Não sei o que aconteceu, mas não posso acreditar nisso que está dizendo. Continuo achando que foi só coincidência...

Abraçando-a, fiz com que se levantasse e nos encaminhamos para o quarto. Ela continuava chorando. Eu estava muito assustado com tudo o que havia acontecido. Fomos para o enterro. Durante todo o tempo, Marília permaneceu calada e com os olhos perdidos no espaço. Desesperado por vê-la assim, disse-lhe:

— Não pode ficar assim, Marília. Como médica sabe que, assim como o nascimento, a morte também existe.

Ela não me olhou nem falou comigo. Daquele dia em diante, mudou completamente. Estava sempre distante. Ficava quase o tempo todo deitada e olhando para um ponto qualquer. Conversava com alguém que só ela via. Chorava e ria. Sentia medo e, às vezes, parecia estar em paz. Preocupado, levei-a ao consultório do Nelson, um amigo nosso que é psiquiatra. Após examiná-la, chamando-me à parte, disse:

— Ela está tendo ataque psicótico. Com medicamentos, ficará bem.

— Vai demorar muito tempo?

— Não, se tomar as doses certas e cumprir os horários, em breve estará bem.

Voltamos para casa, mas, antes, passamos em uma farmácia e comprei os medicamentos. Expliquei a ela o que Nelson havia dito. Para minha surpresa, ela, calmamente, disse:

— Não vou tomar, Rodolfo! Aquele homem que apareceu ontem disse que, se eu começar a tomar remédios, vou perder o meu controle totalmente e não terá mais volta. Vou ficar louca!

Nervoso, eu disse:

— Você não está bem, mesmo, Marília! Claro que vai tomar os remédios. Você é inteligente, uma médica, como pode se deixar levar por essas crendices? Não consigo acreditar que esteja agindo assim.

— Também não entendo o que está acontecendo, mas sei que não se trata de crendice! Você pode não acreditar, mas eu vi e ouvi, Rodolfo! Tudo o que ele disse aconteceu! Minha mãe, apesar de estar bem, morreu da maneira como ele disse! Você estava lá, acompanhou tudo!

— Não vamos mais falar sobre isso. Você não é criança, sabe que os remédios são necessários!

— Não vou tomar! Agora mesmo ele está dizendo que não posso tomar. Disse que em breve estarei bem, sem medicamentos que só me tornarão dependente e tirarão de mim a faculdade de discernir entre o que é certo e errado.

Vendo que ela não mudaria de opinião, modifiquei meu tom de voz e disse:

— Está bem. Já que é assim que deseja, por um tempo, não precisa tomar os remédios, mas se a sua atitude continuar igual, se ficar pelos cantos conversando com alguém que só você vê, chorando e rindo, não haverá alternativa. Terá de tomar. Está bem assim?

Ela, beijando-me, disse:

— Está bem, não se preocupe, Logo tudo isso vai passar.

— Como sabe?

— Ele acabou de me dizer.

— Está bem, vamos tentar. Sabe que a amo e que não quero que nada de mal lhe aconteça. Por isso, estou tentando encontrar uma cura para isso que está acontecendo para que nossa vida volte a ser como antes.

— Sei disso... também amo você, mas não se preocupe, tudo vai ficar bem.

Quando chegamos a casa, fomos para o quarto. Ela deitou-se e ficou com os olhos presos na mesma parede da noite anterior. Embora não dissesse, sabia que estava conversando com aquele homem. Ao constatar isso, dei-lhe um beijo e saí do quarto. Fui para a cozinha, onde Ivete estava conversando e ajudando a cozinheira. Entrei e disse:

— Ivete, Marília não está bem e precisa tomar remédios, só que se recusa. Fingi que aceitei sua decisão, por isso vou lhe dar os remédios e horários em que devem ser administrados. Para que ela não desconfie, coloque no leite ou suco.

— Está bem, doutor, vou fazer isso, mas ela não está bem, mesmo. Estou preocupada...

— Eu também, faça da maneira como lhe disse e tudo ficará bem.

— Vou fazer...

Voltei para o quarto. Marília continuava na mesma posição. Deitei-me ao seu lado e fiquei em silêncio.

Na hora do almoço, Ivete fez um suco de uva que sabia que, ao contrário de mim, Marília gostava muito. Ao ver o suco, e entendendo a intenção de Ivete, fingi estar nervoso e perguntei:

— Ivete, que suco é esse?

— De uva, doutor...

— Sabe que não gosto desse suco!

— Desculpe, eu esqueci, mas já vou preparar um de laranja. A dona Marília gosta deste.

— Está bem, traga o meu suco. A Marília que tome esse. Não entendo como alguém pode gostar de suco de uva!

Ivete saiu e, logo depois, voltou com uma jarra de suco de laranja. Coloquei em meu copo, estava começando a tomar, quando Marília disse:

— Não vou tomar este suco.

— Por que não?

— O homem está dizendo que não é para eu tomar, que você colocou os remédios nele. Ivete, vou tomar o suco de laranja.

Antes que disséssemos alguma coisa, ela continuou:

— Ivete, por favor, pegue outro copo.

— Você precisa tomar os remédios, Marília!

— Já lhe disse que não vou tomar. Disse-lhe também que logo ficarei bem.

Diante de sua recusa, concordei e fiquei pensando em uma maneira de fazer com que fosse medicada. Chamei Ivete e lhe disse:

— Ivete, precisamos fazer com que ela tome os medicamentos. Pense em algo.

— Está bem, doutor, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance.

Daquele dia em diante, Marília mudou de atitude, dizendo que não via nem ouvia nada mais. Acreditei e, por um bom tempo, parecia que as coisas haviam voltado ao normal. Ela voltou a ser da maneira como sempre fora. Conversava, ria e estava sempre de bom humor. Pensei que a paz havia voltado para casa, por isso desisti de lhe dar os remédios.

Tudo corria bem. Uma tarde, estava no hospital, trabalhando, quando comecei a sentir uma dor de cabeça muito forte. Resolvi voltar para casa. Assim que cheguei, Ivete me informou que Marília estava dormindo. Fui até o quarto e abri a porta bem devagar para não acordá-la. Entrei e parei.

Ela sem perceber a minha presença, dizia:

— Ele não vai aceitar, acho melhor continuarmos assim como estamos. Ficou calada por mais alguns instantes, depois disse:

— Eu entendo tudo o que está me dizendo, mas devemos convir que, para alguém como Rodolfo, isso é inacreditável...

Silêncio novamente. Ela levantou-se e foi até onde eu estava. Ao me ver ali, estático e quase sem cor, começou a rir e perguntou:

— Está me espionando, Rodolfo?

Envergonhado, como se fosse uma criança pega fazendo uma travessura, respondi:

— Entrei devagar para não incomodá-la, não sabia que estava com visitas.

— Não estou com visitas, termine de entrar e venha para a cama. Entrei e constatei que ela estava sozinha. Nervoso, perguntei:

— Ainda continua conversando com aquele homem que ninguém vê, Marília?

Ela, para minha surpresa, calma, respondeu:

— Sim. Converso com ele, várias vezes por dia.

— Você está louca!

Ela começou a rir e respondeu:

— Não estou louca, Rodolfo, só conhecendo outro tipo de vida desconhecida pela maioria das pessoas...

— Que tipo de vida?

— Aquela que existe depois da morte...

— Que asneira está dizendo? Que vida existe depois da morte? Está louca mesmo! De onde tirou essas ideias?

— Quando você me levou ao psiquiatra, também aceitei que não estava bem e que aquilo que sentia era um sintoma de loucura. Fiquei deprimida por algum tempo, mas o homem que me visita sempre disse para eu não me preocupar, que eu era médium e que tinha uma missão muito importante. A princípio, não aceitei, mas, depois de muito conversar, ele pediu que eu entrasse em contato com a Marta. Lembra-se dela?

— Claro que sim, aquela que, segundo o que dizem, segue a Doutrina dos Espíritos e que sempre me pareceu meio fora da realidade?

Marília riu gostosamente. Tanto que fiquei admirado, pois, em uma situação como aquela, deveria, ao menos, ter ficado nervosa por ter sido descoberta.

— Ela não é louca, Rodolfo, apenas estudou e aprendeu a lidar com os mortos...

— Mortos? Você, assim como eu, sabe que o corpo, com a morte, se desfaz e nada sobra. Esse negócio de alma ou espírito foram inventados para que os poderosos pudessem controlar os mais fracos. Depois da morte, nada mais existe, Marília!

— Enquanto estudei, também pensei assim, mas, hoje, não penso mais. Existe uma vida depois da morte.

— Que vida?

— Igual a esta que temos aqui...

— Não consigo entender nem aceitar!

— Sei que é difícil para você, mas, se tiver boa vontade, poderei lhe explicar. Aprendi muito com a Marta e com o Euclides.

— Quem é Euclides?

— O homem que começou a conversar comigo.

— Começou? Por que, tem mais algum?

Ela, parecendo dizer a coisa mais normal do mundo, rindo, respondeu:

— Sim, muitos...

— Está louca, mesmo!

— Não estou louca. Seguindo os conselhos da Marta e de Euclides, comecei a ler e a entender o que estava acontecendo comigo. Sou médium e posso ver e falar com os espíritos. Com isso, poderei ajudar não só a pessoas, como aos mortos também. A pessoa, quando morre, muitas vezes fica perdida, sem encontrar o caminho. Com a minha ajuda, poderá ser encaminhada.

— Não sei o que dizer. Você, embora fale como louca, está muito bem. Não sei o que anda lendo, mas, se lhe fizer bem, continue.

— Tenho alguns livros e acho que seria bom que lesse sem preconceito.

— Não tenho interesse. Só quero que se sinta bem. Volto a repetir, se isso lhe faz bem, continue.

— Venha, deite-se ao meu lado. Vamos conversar.

— Não, não estou bem, vou sair um pouco e pensar no que fazer.

— Está bem. Assim que tiver decidido alguma coisa, venha conversar comigo.

Embora ela tivesse dito o que estava acontecendo, nervoso e ofendido, por ela ter me escondido o que estava acontecendo, sai do quarto e fui para o jardim. Sentei-me em um dos bancos e fiquei pensando:

Ela parece normal, mas está completamente louca e eu não sei o que fazer para ajudá-la. Fiquei sentado sob uma árvore. A tarde estava agradável, havia uma brisa fresca. Continuei a pensar:

Estou há tanto tempo formado e exercendo atendimento clínico, por que, até agora, não me decidi que especialidade fazer? Agora, acho que encontrei. Para ajudar Marília, preciso entender o que está se passando com ela. A melhor maneira de fazer isso é aprender tudo sobre o cérebro. Vou fazer especialização em psiquiatria. Preciso entender o cérebro humano e assim descobrir o tipo de doença que a está acometendo. Foi o que fiz. No dia seguinte, logo pela manhã fui até a faculdade e me informei de quando começaria a nova turma e me matriculei. Estudei com afinco, mas, por mais que pesquisasse, não conseguia descobrir qual era o problema de Marília. Porém, para minha surpresa, me apaixonei pelo estudo do cérebro e resolvi me especializar em neurologia. Precisava entender não só o psique, mas também o interior do cérebro. Marília, sabendo que eu não gostava daquela Doutrina, nunca mais falou sobre ela. Fingia que estava bem e eu fingia que acreditava. Com o tempo, vendo que ela estava bem mesmo, aceitei que lesse para mim e que frequentasse uma casa espírita. Ela falava sobre a vida pós-morte, encarnação e reencarnação. Mesmo assim, eu não dava muita atenção, pois, como cientista, não podia aceitar. Sabia que ela tinha um problema cerebral e que era questão de tempo para eu descobrir. Mas, depois de hoje, diante do que senti ao ver aquela moça, o desejo de dar-lhe um abraço saudoso e, por aquele menino, um ódio inexplicável, só me resta perguntar: será que existe mesmo encarnação e reencarnação? Será que já conheci aquela moça? Preciso confessar que estou em dúvida. Preciso ler os livros e conversar com Marília...

Olhou para o relógio de pulso, levantou-se, saiu da biblioteca e seguiu por um longo corredor. Entrou na sala no exato momento em que Marília também entrava. Ao vê-lo, disse, sorrindo:

— Olá, Rodolfo! Desculpe-me pelo atraso, mas, por um motivo especial, a reunião se estendeu.

Aproximaram-se e beijaram-se, de leve, nos lábios. Curioso, ele perguntou:

— Que motivo foi esse, posso saber?

— Claro que pode. Vamos nos sentar e eu lhe contarei.

Sentaram-se em um dos sofás da sala. Ela disse:

— Como sempre, estávamos em reunião. Às segundas-feiras, temos desenvolvimento mediúnico, onde os médiuns pintam belas telas, compõem músicas e recebem mensagens através da palavra falada e escrita. Como você sabe, eu recebo mensagens através da escrita. Já estou até escrevendo um livro.

— Sei que está escrevendo um livro, mas sei também que, até agora, não quis que eu lesse uma palavra sequer.

— Vou lhe mostrar no dia em que acreditar que não sou eu quem o está escrevendo.

— Por que está dizendo isso?

— Sei que não acredita que um espírito possa envolver as vidas das pessoas e que se eu lhe mostrar o meu livro, vai dizer que é obra minha e não de um espírito, quando, na realidade, tenho certeza de que não é assim e que quem me envia através da intuição é o Euclides.

— Você me conhece muito bem. Se eu acreditar no que está dizendo, vou ter de acreditar que todos os livros escritos são obras dos espíritos.

Ela sorriu e, piscando um olho, disse:

— Por que não?

— Porque nem todos os escritores são espíritos...

— Porém, todos são filhos do mesmo Deus, Rodolfo e, portanto, todos têm suas energias, seus amigos e inimigos espirituais. Já lhe disse algumas vezes que, para Deus, não existe religião. Todas elas não passam de denominações criadas pelos homens. Deus é o criador de tudo e de

todos. As denominações religiosas e as fronteiras entre países também foram criadas pelos homens. Para Deus, nosso criador, somos, todos, Seus filhos amados e todos, sem exceção, estamos caminhando para a perfeição. Por isso, acredito que não só os livros, mas as músicas, as pinturas e todas as invenções que, aparentemente, pertencem aos seus criadores, não passam de inspiração Divina para que nossa vida, aqui na Terra, seja sempre melhor e que, através delas, possamos viver em paz.

— Se tivesse me dito essas coisas em outros tempos, Marília, eu não acreditaria, mas, hoje, é diferente. Estou levado a crer que pode até ser verdade...

Ela, admirada, pois nunca pensou ouvir isso ou qualquer coisa parecida, perguntou:

— Por que está dizendo isso, Rodolfo?

— Hoje aconteceram coisas muito estranhas...

— O que aconteceu?

Ele lhe contou de como se sentiu desde que viu o menino e sua mãe. Terminou, dizendo:

— Não sei Marília, mas, durante o dia, fiquei pensando em tudo o que você tem falado e cheguei a acreditar que existe, mesmo, reencarnação...

— Existe, sim, Rodolfo! Pois, se não existir, não teremos respostas para muitas coisas que acontecem no mundo!

— Se realmente existir, o que significa aquela vontade de abraçar aquela moça? Será que já a conheci antes?

Ela, rindo, e com um ar de preocupação, perguntou:

— Pode ter certeza que sim, Rodolfo, por tudo o que está me dizendo, chego até a ficar preocupada. Será que ela é um amor antigo?

— Não, Marília! A vontade de abraçá-la não era a de um homem para com uma mulher, mas, sim, a de um amigo, diria até que a de um irmão...

— Você deve se sentir um privilegiado, pois a encontrou aqui na Terra e pode confirmar. Posso lhe garantir que isso acontece com poucas pessoas. Podemos ter a sensação de ter conhecido alguém, mas nunca a certeza. Você pode ter a certeza disso.

— Como posso confirmar?

Ela, sorrindo, abriu a bolsa e dela tirou um papel que entregou a ele, dizendo:

— Eu lhe disse que a reunião atrasou, só não disse o motivo. Estávamos terminando a reunião, senti uma vontade imensa de escrever. Voltei a pegar o papel e o lápis que já havia guardado e escrevi isso. Não entendi, mas, depois de tudo o que me contou, resolvi mostrá-lo para você.

Rodolfo, desconfiado, pegou o papel e começou a ler:

Sinhazinha Rita.

Tenho uma mensagem pra lhe dá.

Leva ela pro sinhozinho Rodolfo

I avisa qui à sinhazinha

acabô de chegâ.

A sinhazinha, irmã dele,

Vortô pra ele incuntrá

Agora ele vai pode judá

cum carinho e amô.

qui ela vai percisá.

Tão tudos junto de novo.

Pra judá aqueles que no caminho ficô.

Deus bençoe a todos

Por aceitá a missão.

Com muito amô

O mais importanti di tudo,

Não podi si esqucê, não

Qui é di dá o perdão
Di todo coração
Quem tá iscrevendo essas coisas pro sinhozinho
É o Pai Juaquim, que nunca dexô eli suzinho.

Rodolfo, emocionado, terminou de ler e olhou para Marília, perguntando:

— O que significa isto, Marília?

— Não sei Rodolfo, apenas escrevi o que me foi intuído. Confesso, como já lhe disse, que também não entendi e não ia mostrar para você, mas, diante de tudo o que me contou, resolvi mostrar.

— É muito estranho, mas, se for verdade, aquela moça foi minha irmã, Marília?

— Não sei Rodolfo, mas tudo leva a crer que sim.

— Isso explicaria, também, o carinho que Danilo sentiu pelo menino...

— Talvez.... precisamos conversar com a Luana e o Danilo...

— Acha que será bom? Sabe que eles não acreditam em nada disso, Rodolfo.

— Sei disso, mas, embora não tenhamos conversado a esse respeito, posso garantir que Luana também sentiu alguma coisa em relação à moça!

— Acredita mesmo, Rodolfo? Será que ela também fez parte do seu passado?

— Agora, neste momento, não sei se acredito ou não, mas estou curioso e preciso obter respostas.

— Também estou curiosa. Mas, agora, está na hora de jantarmos. Depois do jantar, você telefona para Luana e conversa com ela. Está bem assim?

— Tem razão, com tudo o que aconteceu, até esqueci que estava com fome, mas, agora, ela voltou com toda força. Vamos jantar, depois conversaremos com a Luana.

Levantaram-se e foram em direção à sala de refeições, onde a mesa já estava colocada. Sentaram-se.

Desentendimentos

Na casa de Luana, terminaram de jantar e voltaram para a sala de estar. Sentaram-se. Danilo e Diva tentaram disfarçar, mas, quando um não estava olhando, o outro olhava. Algumas vezes, os olhos se encontraram e sentiram-se constrangidos. Mesmo assim, tentaram conversar com os outros.

Felipe, sem perceber o que estava acontecendo, disse:

— Bem, Diva, você pode se considerar uma privilegiada.

— Por que o senhor está dizendo isso?

— É a primeira amiga que Jerusa traz para que conheçamos. Não sei se sabe, mas ela sempre foi muito sozinha e calada. Nunca confiou em alguém o suficiente para considerá-lo amigo. Nós sempre achamos e dissemos a ela que, diferente de todos nós, é anti-social.

— Talvez tenha sido esse o motivo para nos darmos bem, pois também sou considerada por minha família dessa maneira. É, preciso contronlar, tenho dificuldade em fazer amizades. Sou muito reservada.

Disse isso, olhando para Danilo, que sorriu. Jerusa, demonstrando nervosismo, disse:

— Não se trata de ser anti-social, não suporto as conversas fúteis das moças de minha idade. Só pensam em namoros e rapazes!

— Ora, minha filha. Elas estão certas, vivem sua idade. É natural que os jovens sintam atração pelo sexo oposto.

— Entendo isso, mamãe, mas não pode ser o único objetivo da vida.

— O jovem pode e deve viver sua idade no tempo certo, pois o tempo fará com que encontre o seu caminho, mas, se você pensa assim, só nos resta aceitar. Sei que, mesmo sendo criados da mesma maneira, os filhos

são diferentes. Acho que o instinto e as tendências fazem parte de cada um. Agora, parece que você encontrou uma amiga e isso é muito importante e, ao mesmo tempo, fico preocupada.

— Preocupada com o quê, mamãe?

— Por nunca ter tido uma amiga, me preocupa que você se entregue a essa amizade com muito ardor, que espere muito dela e possa, por isso, ser machucada.

— Por que está dizendo isso, senhora? Acha que não sou boa companhia para sua filha? — Diva, ofendida, perguntou.

— Não, acho que você será uma ótima companhia. O que me preocupa é Jerusa pensar que, por ser sua amiga, você não tenha defeito algum, quando, na realidade, não existe ninguém perfeito. O que me preocupa é ela esperar demais.

— Não sou perfeita, tenho meus erros e minhas qualidades, mas posso lhe garantir que minhas qualidades são maiores.

— Não duvido disso, só quero alertar Jerusa para o fato de sonhar demais e dever aceitar a todos como são, não importa se ricos, pobres, cultos ou não. Ela tem muito preconceito, você já pôde notar. Desconfia de todos e se deixa levar pelas aparências. Isso, quase sempre, causa dor.

— Ora, mamãe, sei qual é o motivo disso que está dizendo.

— Não existe motivo algum, só me preocupo com você e não quero que sofra. O preconceito e a solidão só trazem tristeza e sofrimento.

— Eu não sofro nem me sinto só, mamãe! Sou até muito feliz. Só não tenho paciência para conversas fúteis.

— Está bem, Jerusa, não vamos discutir mais.

— A senhora está dizendo tudo isso, porque eu disse que não deveria ter trazido para casa essas pessoas que encontrou na estrada e que não sabe quem são.

— Em parte, é isso mesmo, você não os conhece e já está sendo injusta. São pessoas simples, sim, mas de boa índole.

— Como pode saber, mamãe? Acabou de conhecê-los!

— Não os conheço, mas sei sentir e sinto que são pessoas boas.

— Já que é assim, quero conhecer essas pessoas e ver se tenho o mesmo sentimento.

Sem que pudesse ser impedida, Jerusa levantou-se e caminhou em direção à cozinha. Luana, preocupada, também se levantou e foi atrás.

Jerusa entrou na cozinha, olhou para Luísa que estava sentada comendo e de frente para ela e, fingindo calma, disse:

— Boa noite, estou aqui para conhecer as pessoas que minha mãe trouxe para casa.

Luísa levantou-se, o mesmo fez Tobias que estava sentado de costas para a porta por onde ela entrou e ficou, agora, sim, de frente.

Jerusa olhou para Luísa e sorriu, dizendo:

— Muito prazer, parece que conquistaram toda a minha família.

— Obrigada, senhorita, a sua família é muito boa...

— Sei que é, por isso, sujeita a ser enganada.

Luana que chegara logo atrás, disse com a voz grave e demonstrando descontentamento:

— Jerusa, quero lhe apresentar os nossos convidados.

Jerusa, fingindo não perceber que mãe estava lá, voltou-se para ela, olhou em seus olhos e não pôde dizer palavra alguma.

Tobias, que havia notado o tom ríspido como ela falava, encarou-a.

Jerusa olhou para ele por alguns instantes e depois, sem nada dizer, saiu da cozinha e, calada, foi para seu quarto.

Luana, constrangida, disse:

— Desculpem minha filha, ela é assim mesmo, desconfia de tudo e de todos, mas, quando a conhecerem melhor, verão que é uma ótima pessoa.

— Não precisa se desculpar, doutora. Entendemos a atitude dela. Afinal, somos estranhos e a senhora nos trouxe para sua casa. É natural que ela desconfie.

— Tem razão, mas ela vai entender. É uma boa moça...

Luísa sorriu. Tobias ficou intrigado, mas se calou. Luana voltou para a sala, onde todos continuavam conversando, menos Jerusa. Disse nervosa:

— Felipe, sua filha não está bem! Ela precisa de um tratamento!

— Não sei por que você está tão nervosa, Luana. Ela sempre foi assim. Sempre se isolou, parece que sente alguma culpa.

— Culpa do quê, Felipe?

— Como vou saber, ela só diz que sente culpa, mas, também diz que não sabe o motivo.

— Até entendo, mas isso não lhe dá o direito de ser indelicada! Você precisa conversar com ela!

— Vou conversar, mas não vai ser hoje. Ela precisa ficar só e pensar em tudo o que fez e na sua vida.

— Acalme-se, mamãe. A senhora está nervosa à-toa. Sabe que ela sempre age assim, para, logo em seguida, se arrepender e pedir desculpa.

Diva, também constrangida por aquela situação, olhando para todos e, principalmente para Danilo, disse:

— Preciso conversar com ela e, se permitirem, vou até o seu quarto.

— Claro que pode ir, Diva, e desculpe-nos por essa situação desagradável.

— Se vai morar aqui conosco, precisa ir se acostumando. Jerusa faz questão de sempre provocar uma crise.

— Não fale assim, Danilo! Ela é sua irmã!

— É minha irmã, sim, mamãe, mas não é por isso que não sei os defeitos que tem... — disse, rindo.

Diva levantou-se e foi para o quarto de Jerusa. Bateu, devagar, à porta e entrou. Jerusa estava deitada e chorando. Diva se aproximou e perguntou:

— Por que está assim, Jerusa?

Jerusa, que estava com o rosto virado para o outro lado, voltou-se e respondeu:

— Não sei, Diva! Não consigo me enquadrar nesta família! Parece que não faço parte dela! Parece que sou uma estranha! Ninguém gosta de mim!

— Não fale assim, Jerusa, isso não é verdade. Sua família gosta muito de você e está preocupada. Sua mãe disse que você precisa de ajuda, de um tratamento. Quem sabe, alguém possa ajudá-la a entender o que está acontecendo.

— Você também está achando que preciso de um tratamento psiquiátrico? Também acha que sou louca?

— Não! Não disse isso. Acho que precisa conversar mais e dizer o que está sentindo. Não entendo sua reação, estava bem e, de repente, se descontrolou. Quando foi para a cozinha, estava bem, o que aconteceu lá?

— Estava bem, mesmo, só queria afrontar minha mãe.

— Por quê, Jerusa? Sua mãe me pareceu ser uma pessoa muito boa.

— Esse é o problema! Ela é muito boa e está sempre tentando ajudar as pessoas! Você mesma viu que ela, sem pensar nas consequências, trouxe para nossa casa aquelas pessoas que conheceu na estrada. Nem sabe de quem se trata. E se forem bandidos?

— Existem pessoas que são assim, Jerusa. Cada um é da maneira que é e ninguém fará que mudem. Aprendi com minha mãe que devemos aceitar a todos da maneira como são.

— Nisso está certa, então, por que não me aceitam como sou?

— Eu aceito, mas até agora não entendi qual foi o motivo de ter ficado tão descontrolada.

— Não sei lhe responder, Diva. Entrei na cozinha para conhecer as pessoas. Quando vi a moça, senti um ódio incontornável, mas, quando olhei para o rosto do marido, estremeci, senti muita ternura, uma vontade imensa de abraçá-lo, beijá-lo e de pedir-lhe perdão.

— Perdão, por quê, do quê, Jerusa?

— Não sei dizer, mas senti um enorme sentimento de culpa. Assim que o vi, fiquei paralisada e não pude dizer uma palavra sequer. Não sei o que estava acontecendo e me desesperei.

— Também não consigo entender... o que será que isso significa, Jerusa?

— Não sei... não sei...

— Não entendemos, mas deve existir uma resposta. Sempre existe...

— Não sei, Diva, mas, às vezes, chego a pensar que tia Marília, que todos consideram louca, é quem está com a razão...

— Quem é tia Marília?

— A esposa do meu tio Rodolfo. Ele é irmão do meu pai.

— Por que ela é considerada louca?

— Ela diz que vê os mortos e fala com eles.

— Como?

— É isso mesmo, Diva. Diz que existe vida após a morte e que nascemos e renascemos muitas vezes.

— Você acredita nisso?

— Até agora, não, porém, estou sendo levada a acreditar.

— Por que está dizendo isso, Jerusa?

— Porque, se realmente existir reencarnação, eu teria respostas para tudo o que está acontecendo e o que estou sentindo.

— Não estou entendendo...

— Segundo ela, nascemos e renascemos muitas vezes em lugares e situações diferentes. Isso explicaria a culpa que sinto, não sei do quê. O ódio que senti por aquela moça e a ternura que tive para com seu marido.

— Isso é muito louco, Jerusa!

— Também sempre achei isso, mas, hoje, não sinto mais. A reencarnação explicaria por que me sinto tão diferente de todos aqui em casa. Ela, enfim, explicaria tudo...

— Sendo assim, por que não telefona para sua tia e conversa com ela?

— Não sei... ela foi sempre tão discriminada, que, talvez, não queira falar a respeito. Meu tio não fala e a família também não. Ela é muito reservada e nos visita muito pouco.

— Nada entendo sobre isso e devo confessar que nunca me preocupei muito com essa história de religião. Acredito que só o trabalho constrói e faz com que as pessoas possam viver com dignidade, mas, diante disso que disse, gostaria de conhecer melhor, pois também tenho alguns questionamentos que, talvez, só a reencarnação possa responder.

— Estou pensando muito nisso...

— Ainda é cedo, Jerusa, telefone para sua tia. Quem sabe ela esteja disposta a conversar a respeito.

— Acha que devo fazer isso?

— Por que, não? Para tudo, na vida, existem só duas respostas. Sim ou não. Portanto, ela pode dizer que aceita ou não conversar com você. Se disser sim, ótimo. Marque um encontro e converse, tire todas as suas dúvidas. Se disser não, procure em outros lugares. Deve existir literatura que fale a esse respeito.

Jerusa ficou olhando para Diva por alguns instantes, depois, disse:

— É isso que vou fazer. Vou telefonar agora mesmo.

Pegou o telefone e discou o número da casa de Rodolfo. Ele atendeu e se admirou:

— Jerusa! O que aconteceu?

— Nada de grave, tio. Eu queria falar com a tia Marília. Ela está aí e pode me atender?

— Está e acredito que possa atendê-la, mas do que se trata?

— De um assunto muito sério. Preciso conversar com ela.

— Está bem. Vou passar o telefone para ela.

Intrigado, entregou o telefone para Marília, que também, curiosa, atendeu:

— O que aconteceu, Jerusa? Por que está telefonando a esta hora?

— Desculpe o horário, tia, mas preciso falar, urgente, com a senhora!

— Você está muito nervosa. O que aconteceu?

— Preciso conversar com a senhora sobre reencarnação.

— O quê?

— É isso mesmo, tia. Estou com algumas dúvidas e acredito que só a senhora poderá me ajudar!

— Fique tranquila. Eu e o Rodolfo conversamos e decidimos que, assim que terminássemos o jantar, ele ia telefonar para seus pais. Precisamos mostrar-lhes algo e conversar a respeito. Assim que desligar o telefone, ele vai telefonar e iremos até aí. Está bem assim?

— Está, tia. Não sei de qual assunto irão tratar, mas, seja qual for, antes de ir embora, preciso muito falar com a senhora.

— Estamos telefonando e indo.

— Obrigada, tia. Estarei esperando.

Desligou o telefone e disse para Diva:

— Eles pretendiam mesmo vir aqui em casa conversar com meus pais, Diva.

— Sobre o quê?

— Ela não disse, mas deve ser um assunto muito grave para virem a noite.

— Vamos esperar e, depois que conversarem, traga sua tia aqui para o quarto e converse com ela. Sinto que, depois dessa conversa, tudo vai ser esclarecido e você se sentirá melhor.

— Assim espero... assim espero...

No mesmo instante, Felipe conversava com Rodolfo pelo telefone:

— Precisamos conversar com você, Felipe, principalmente com Luana e Danilo.

— Do que se trata, Rodolfo? Está me parecendo nervoso. Estou preocupado...

— Não estou nervoso, só precisamos conversar e esclarecer algumas coisas e não pode ser por telefone. Podemos ir até aí?

— Podem, claro que podem. Nem precisava ter telefonado. Marília também vem?

— Sim. Trata-se de um assunto que só ela poderá esclarecer.

— Estaremos esperando.

Desligou o telefone e, atônito, olhou para Luana e Danilo que também o olhavam. Luana perguntou:

— O que aconteceu, Felipe?

— Não sei. Rodolfo disse que Marília precisa conversar conosco.

— Marília? Conversar conosco? Sobre o quê?

— Não sei. Ele não disse.

Luana, balançando os ombros, disse:

— Só nos resta esperar para ver do que se trata. Deve ser um assunto muito sério para Marília vir aqui.

Foi o que fizeram. Esperaram.

Reconhecimento

No dia seguinte, Luana e Felipe tomavam café, quando Jerusa e Diva entraram apressadas:

— Bom dia, mamãe, papai.

— Bom dia, Jerusa, bom dia, Diva. Sentem-se.

Diva e Jerusa sentaram-se, Luana disse: Hoje não precisa chamar o táxi, Jerusa.

— Por que não, mamãe?

— O Tobias, aquele rapaz que eu trouxe aqui para casa, é motorista e vai levá-las para a faculdade. Já deve estar esperando, portanto, apressem-se.

— Ele é motorista?

— Sim, mostrou-me a carteira de motorista. Ele vai estar à disposição de você e da Alda. Vai ficar no lugar do senhor João.

— Será que vai dar certo, mamãe? Ele conhece a cidade?

— Não sei se vai dar certo, ele não conhece a cidade, mas você ensinará o caminho para que ele possa chegar à faculdade e a Alda, o caminho que precisar. Sabe que temos necessidade de um motorista. Já que ele está aqui, vamos experimentar.

— Não sei, não...

— Não sabe o quê, Jerusa?

— Não sei se ele tem competência para exercer esse cargo.

— Para isso, existe um tempo de experiência. Vamos tentar e, depois, veremos.

— Está bem, a senhora tem razão. Vamos, Diva. Estamos atrasadas e ainda teremos de ensinar o caminho. — disse, contrariada.

— Teremos, não, Jerusa! Você terá, pois eu também não conheço o caminho.

Jerusa sorriu e disse:

— Tem razão, eu sou a responsável pela nossa chegada à Faculdade. Onde está o Danilo?

— Ele saiu agora pouco. Não tem medo de dirigir... — Luana disse Com ironia na voz.

— A senhora não se conforma com esse meu medo, não é mamãe?

— Não me conformo mesmo e não entendo como uma pessoa pode não gostar de dirigir!

— Eu não gosto, sabe que tenho medo.

— Você tem medo e desconfia de tudo e de todos! Como pode ser isso?

— Não sei... Sinto-me culpada, não sei bem do quê...

— Acho que deveria procurar ajuda.

— Sabe que já fiz isso, mas ainda não encontrei o motivo...

— Está bem. Não precisa ficar aflita. Termine de tomar seu café e vá para a faculdade.

Terminaram de tomar o café, despediram-se e saíram. Como Luana havia dito Tobias, vestido com um terno preto, camisa branca e um quepe, também preto, estava postado junto ao carro que havia terminado de lavar. Jerusa se aproximou, dizendo:

— Bom dia!

— Bom dia, senhoritas...

Abriu a porta de trás do carro para que entrassem. Elas, em silêncio, entraram e sentaram-se. Tobias abriu a porta do motorista, entrou e colocou o carro em movimento.

Assim que chegou à esquina, ele, um pouco constrangido, disse:

— Senhorita, sua mãe lhe disse que eu não conheço o caminho. Nunca dirigi em uma cidade grande.

— Sim, não se preocupe, eu ensinarei. Pode virar à esquerda.

Ele obedeceu. Enquanto dirigia, pelo retrovisor olhava para Jerusa que fingia não ver. Ele, constrangido, voltava os olhos para a estrada e pensava:

“Essa moça não gosta de mim. O que vai acontecer se ela reclamar qualquer coisa para a doutora? Ela foi tão boa, está cuidando do nosso filho e nos deu um teto. Tomara que eu consiga fazer com que essa moça me aceite. Preciso conseguir isso...”

Jerusa, embora fingisse que não estava percebendo, sentia seu olhar e, por mais que quisesse, não podia desviar o seu. Também pensava:

“Eu posso até jurar que já vi esses olhos em algum lugar. Onde terá sido? Eles dizem que nunca moraram aqui na cidade... será que foi de outra

encarnação? Se tia Marília estivesse aqui, provavelmente diria que sim...”

Após alguns minutos por aquela via, Jerusa disse:

— Na próxima, entre novamente à direita. Estamos perto.

— Sim, senhorita.

Ele dirigia com atenção, fazendo esforço para decorar o caminho.

Diva, ao perceber o silêncio que havia se instalado, disse:

— Esta cidade é realmente muito bonita Jerusa! Embora soubesse que era grande, nunca imaginei que fosse tanto.

— Realmente, é grande e bonita. Está vendo só uma pequena parte dela. Terá oportunidade de ver e se encantar muito mais.

Finalmente para Tobias, chegaram à porta da faculdade. Ele desceu, abriu a porta de um lado, depois do outro para que elas descessem. Jerusa foi à primeira. Desceu e começou a caminhar, sem nada dizer.

Diva também desceu, mas, diferente dela, sorriu, dizendo:

— Obrigada, Tobias, por ter nos trazido. Ele, também sorrindo, disse:

— Obrigado, senhorita. Na hora da saída, estarei aqui.

Elas entraram pelo portão da faculdade, ele voltou para o carro, entrou, colocou-o novamente em movimento e saiu.

Jerusa, enquanto entrava na Faculdade, também pensava:

“Estou começando a acreditar que aquilo que tia Marília disse é verdade... tenho certeza de que conheço esse moço e sua mulher, mas de onde? Não pode ser de agora, pois eles nunca moraram aqui e nem eu no interior... por que sinto esse carinho por ele e muito ódio por ela? Depois de tudo o que a tia disse e se for verdade, só pode ter sido em outra encarnação. O que terá acontecido? Como gostaria de saber...”

Diva, que caminhava ao lado de Jerusa, percebendo que ela estava pensativa, perguntou:

— No que está pensando, Jerusa?

— Naquilo que a tia Marília disse. O que achou de tudo aquilo, Diva? Diva, rindo, respondeu:

— Sua casa é muito movimentada, Jerusa. Confesso que estou confusa. Sou filha única, não tenho um irmão para brigar, meu pai, você sabe, é militar, o que o torna um tanto seco. Minha mãe nunca trabalhou fora, também não conversa muito. Está sempre envolvida com seus compromissos sociais.

Jerusa também riu, dizendo:

— Tem razão, em casa conversamos muito e sobre todos os assuntos. Eu e meu irmão sempre encontramos um motivo para discutir, mas meus pais interferem e a paz volta. Estou muito preocupada com aquilo que tia Marília disse. Será que houve mesmo uma encarnação anterior? Será que tivemos outra vida? Será que, nesta encarnação, conhecemos pessoas com quem convivemos antes?

— Por que está perguntando isso, Jerusa?

— Por que estou muito confusa. Sinto que conheço Tobias e sua mulher. Sinto por ele um carinho inexplicável e, por ela, um ódio incontrolável. Só mesmo a reencarnação poderia responder.

— Isso é fácil de entender, Jerusa! — Diva disse com ironia na voz e fazendo uma careta.

— Por que está dizendo isso, Diva?

— Ele é muito bonito! Um pedaço de homem, e ela, é sua esposa... Jerusa olhou para a amiga e, sorrindo, disse:

— Tem razão, ele é muito bonito e ela muito feia...

— O que é isso, Jerusa? Não a conheço, será que é feia mesmo, ou está dizendo isso por ciúmes?

— Quando a conhecer, verá que tenho razão. Ela é feia mesmo!

Diva riu e, depois, com o rosto sério, disse:

— Ontem à noite, quando fomos dormir, também fiquei pensando naquilo que sua tia disse...

— O que pensou?

— Assim como você sentiu quando viu aquele casal, também, quando vi sua mãe e seu irmão e, depois, quando seu tio chegou, senti o mesmo, tive a impressão de já os conhecer. O estranho é que, por seu irmão e sua mãe, senti um carinho especial, como você disse, parecia que os conhecia. Já com seu tio foi diferente. Senti que, assim como eu, ele também evitou o meu olhar. Acho que também não gostou de mim.

— Será que já vivemos todos juntos em outra encarnação, Diva?

— Não sei, mas o que me faz pensar sobre essa teoria é por que não senti o mesmo com você nem com seu pai. Quando conheci você, gostei logo, mas não tive esse pressentimento de tê-la conhecido antes. O mesmo aconteceu com seu pai. Acho que, se houver mesmo reencarnação, nunca vivemos juntos.

— Será que vivemos em épocas diferentes, Diva?

— Não sei Jerusa... Não sei...

— Tem razão, não dá para adivinhar. Bem, agora vamos para a sala de aula?

— Vamos, sim. Estamos atrasadas!

Entraram na sala de aula. Tobias chegou a casa. Estacionou o carro e, quando estava descendo, Luana se aproximou, perguntando:

— Está tudo bem, Tobias?

— Sim, doutora.

— Minha filha foi rude com você?

— Não, doutora. Foi até gentil. Ela me ensinou o caminho até a faculdade.

— Como foi a sua volta?

— Tive alguma dificuldade, mas perguntei aqui e ali e, graças a Deus, consegui chegar.

— Acha que não terá problemas para voltar e apanhá-las na hora da volta?

— Acho que não, prestei muita atenção, mas, se a senhora permitir, quero ir bem antes, pois, se me perder, terei tempo para chegar na hora.

Luana sorriu:

— Pode sim, não se preocupe com o tempo que perder procurando o caminho. Entendo que, por nunca ter dirigido em uma cidade grande como esta, terá alguma dificuldade.

— Obrigado, doutora. Prometo que não vai demorar muito para que eu aprenda bem o caminho.

— Tobias, seria melhor se fosse comigo para conhecer o caminho até o hospital, assim, você e Luísa poderão visitar o menino e, talvez, buscá-lo à tarde, caso esteja de alta.

— Parece que a senhora ouviu meu pensamento. Estava pensando como ia fazer para ver o Carlinhos. Luísa está muito preocupada. Ela nunca ficou tanto tempo longe dele.

Ela sorriu e, enquanto se dirigia para o seu carro, ele correu para abrir a porta para que ela entrasse. Ela disse:

— Agora, podemos ir para o hospital.

— Doutora, será que poderei ver o meu menino?

— Claro que sim, Tobias! Vai ser a primeira coisa que vamos fazer! Depois que o vir, volte para casa e fique à disposição da Alda. Na hora do almoço, vá buscar as meninas na Faculdade. Depois de ver o menino, vou conversar com Rodolfo e telefonarei para lhes dizer quando poderão buscá-lo. Pode ficar tranquilo...

— Obrigada mais uma vez, doutora...

Ela sorriu, sem nada dizer. Ele entrou no carro, ligou o motor e saiu.

Assim que chegaram ao hospital, desceram. Luana, seguindo na frente, conduziu Tobias até o quarto do menino. Ele parecia dormir, mas, na realidade, em pensamento, conversava com Matilde.

— Matilde, sempre que vejo o carinho com que o Tobias me olha, fico pensando em como pude fazer aquilo com ele e com a Rosa Maria...

— Aqueles eram outros tempos. Você, por ter dinheiro achava que tinha todo o poder e que, por isso, era o dono do mundo e de todos. Achava que poderia comandar o destino de todos. Muita coisa aconteceu depois daquele dia. Hoje, você sabe que não é assim, que somente Deus, nosso criador, é que pode fazer isso.

— Tem razão. Eu era mesmo muito ruim. Ele, como meu pai, gosta, mesmo, de mim. Será que se ele conhecesse o passado, agiria da mesma maneira?

— Tobias é um espírito iluminado. Renasceu para ficar ao lado de Maria Luísa e ao seu. Ele fará tudo para protegê-los. Você também continua ao meu lado.

— Não só ao seu como ao de Maria Luísa também. Como eu poderia seguir deixando vocês pelo caminho?

— Ficaré sempre ao nosso lado?

— Sim, estamos há muito tempo juntos na caminhada.

— Eu não mereço tanto sacrifício...

— Você, assim como todo mundo, nada sabe. Só quem sabe é Deus.

— Do que vale esta minha encarnação se não sirvo para nada? Estou aqui, preso neste corpo sem nada poder fazer... Qual é a minha utilidade, a não ser trazer sofrimento e preocupação para Tobias e Maria Luisa?

— Nenhuma encarnação é inútil. Seu espírito está dando valor para tudo o que teve um dia e desprezou. Foi prepotente e, por isso, fez também muita maldade. Hoje, preso dentro desse corpo, entendeu que Deus é Pai e nos dá sempre novas chances de redenção. Não pode se esquecer, nunca, de que, quem quis nascer assim foi você.

— Sinto que está falando a verdade, mas, quem está sofrendo, também, é Maria Luísa e Tobias. Eles, com certeza, prefeririam ter um filho perfeito.

— Às vezes, acho que eles não gostam de mim de verdade e queriam que eu morresse para ficarem em paz.

— Está enganado, Carlos. Você, como acontece com muitos, tinha o poder nas mãos e o poder corrompe. Muitos espíritos, diante dele, já sucumbiram e sofreram por isso. Quanto ao que pensam Maria Luísa e Tobias, não deve se preocupar. Eles, antes de renascermos, escolheram e quiseram que fosse assim. Perdoaram, de verdade, você. Maria Luísa o matou e depois se matou, embora tenha entendido e se arrependido, precisava resgatar o que fez. Tobias, como sempre a amou, quis vir junto para viver ao seu lado e ajudá-la. Por enquanto está tudo bem, mas coisas ruins talvez possam acontecer. Jerusa, a escrava que o ajudou naquela maldade, hoje é Jerusa, filha de Luana e está sendo testada mais uma vez. Assim que viu o Tobias, todo aquele amor que sentiu voltou com muita força. Para que possa resgatar o mal que fez, precisa evitar que esse amor faça com que ela cometa o mesmo mal que cometeu em outros tempos. Ela, sendo filha de Deus, está tendo uma nova chance. Vamos esperar para ver se ela aproveita.

— Você acha que ela vai conseguir Matilde?

— Não sei, mas espero de coração, que sim.

Tobias, sem imaginar o que eles conversavam, olhando com carinho para o filho e passando a mão por sua cabeça, disse:

— Parece que ele está bem, não é, doutora?

— Sim, está dormindo e respirando bem. Vou conversar com Rodolfo e, depois, telefonarei para casa e aviso vocês.

— Obrigado, doutora. Nem sei como agradecer por tanta bondade.

— Não tem o que agradecer. Só estou fazendo o que qualquer pessoa faria na mesma situação. Agora, pode ir embora e espere o meu telefonema. Preciso começar o meu trabalho.

— Está bem, doutora, e mais uma vez obrigado.

Saíram do quarto. Luana acompanhou Tobias até a saída do hospital. Ele, sorrindo, se despediu e caminhou em direção ao carro. Luana foi ao encontro de Rodolfo.

Tobias teve dificuldade, mas conseguiu chegar a casa. Luísa, assim que ouviu o barulho do carro, saiu da casa e, ansiosa, correu para junto dele. Ele, vendo a ansiedade dela, disse:

— Está tudo bem, Luísa. A moça me tratou muito bem. Só tive dificuldade para voltar, pois não conhecia o caminho, mas consegui chegar e não vou me perder mais. Fui com a doutora até o hospital e vi o Carlinhos.

— Como ele está?

— Parece que está bem. A doutora disse que vai conversar com o doutor Rodolfo e, depois, vai telefonar para dizer se a gente vai visitar ou trazer o nosso menino de volta.

— É o que mais quero trazer o meu menino para casa, Tobias...

Ele sorriu e, abraçados, entraram em casa.

Conversa elevada

Luana foi em busca de Rodolfo. Ele estava em um dos quartos, examinando um paciente. Ela se aproximou e ficou observando-o. Ele viu quando ela entrou, sorriu.

Depois de terminar de examinar o paciente e preencher sua ficha, saíram. Ele perguntou:

— Tudo bem com você, Luana?

— Sim. Você já viu o menino? Estive lá e parece que está muito bem.

— Estou indo agora para lá, quer me acompanhar?

— Gostaria muito.

— Então, vamos?

Foram para o quarto onde o menino estava. Assim que entraram, aproximaram-se da cama e olharam para ele que ainda parecia dormir. Ao seu lado, ainda estava Matilde que, ao vê-los, sorriu.

O menino, parecendo sentir a presença dos dois, abriu os olhos que brilharam. Rodolfo, com a ajuda de Luana, o examinou. Quando terminou, disse:

— A crise passou, ele está bem. Acredito que, hoje à tarde, poderei lhe dar alta e ele poderá voltar para junto dos pais.

— Que bom Rodolfo! Eles ficarão contentes.

— Tenho certeza que sim, mas...

— Mas o quê, Rodolfo?

— Nada, deixe para lá...

— Mas o quê, Rodolfo? Ela repetiu, preocupada.

— Ele, entendendo a preocupação dela, disse:

— Vamos sair. Iremos até a lanchonete, tomaremos um café e conversaremos.

— Está bem. Precisamos mesmo conversar. Tenho algumas dúvidas e só você poderá me esclarecer.

Foram até a lanchonete, sentaram-se e pediram café. Enquanto o café não vinha, Luana disse:

— Estive pensando muito em tudo o que você e a Marília disseram. Será verdade tudo aquilo?

— Também tive muita resistência para acreditar, mas, hoje, já não tenho mais.

— Por quê?

— Vi a melhora de Marília, quando começou a entender o que lhe acontecia. Depois, ligando fatos.

— Que fatos?

— Quando conheci você, no dia em que Felipe a levou para que nossa família a conhecesse.

— Como?

— Em casa, estávamos ansiosos para conhecê-la. Ele falava muito a seu respeito. Assim que a vi, tive a sensação de já tê-la visto em algum lugar e senti um carinho imenso, uma vontade de abraçá-la, como aconteceu quando vi a mãe do menino. Na época, não dei muita importância, mas, depois de tudo o que Marília me disse, comecei há relembrar aquele dia.

— É sobre isso que quero conversar. Estive também me relembrando daquele tempo e senti a mesma sensação quando conheci sua família e, principalmente, você. Ao vê-lo, também tive essa mesma impressão. Também senti vontade de abraçá-lo e, durante muito tempo, me culpei por isso. Julgava estar traindo Felipe, embora soubesse que o meu sentimento para com ele era diferente do que tinha por você. Eu o amava e queria com ele me casar. Você era um amor diferente, como se fosse meu irmão.

— Foi exatamente o que senti por você, mas não parou por aí. Quando Danilo nasceu, tive a mesma impressão. Ao segurá-lo no colo, senti-me como se fosse seu pai, ao contrário do que ocorreu quando Jerusa nasceu...

— O que aconteceu?

— Não quero dizer, tenho medo de magoar você...

— Magoar, por quê? Conte-me o que aconteceu.

— Quer mesmo saber?

— Claro que sim. Já lhe disse que estou revendo o meu passado e tenho algumas dúvidas.

— Está bem. Quando peguei Jerusa no colo, diferente do que aconteceu com Danilo, senti um arrepio por todo o corpo e uma vontade imensa de derrubá-la no chão, para que morresse. Sinto muito, Luana...

Luana olhou em seus olhos e, sem nada dizer, ficou pensando.

Rodolfo também olhou para ela e ficou esperando sua reação. Depois de alguns segundos, seus olhos encheram-se de lágrimas. Ele, desesperado, falou:

— Eu disse que ia magoá-la, por isso nunca comentei com você nem com ninguém! Foi uma sensação que, com o passar do tempo, desapareceu. Hoje, gosto muito dela! É minha sobrinha!

— Não foi pelo que você me contou que estou triste e chorando...

— Por que, então, Luana?

— Porque senti o mesmo e nunca me perdoei...

— Sentiu o quê?

— O mesmo que você. Assim que peguei Jerusa em meu colo, senti um ódio inexplicável e vontade que ela morresse. Nos primeiros dias, não conseguia cuidar dela. Não entendia e sofria por isso. Antes de ela nascer, eu estava feliz e ansiosa para ver seu rostinho e quando estava com ela nos braços, pela primeira vez, senti essa rejeição. Sofri muito naquele tempo, mas não comentei com ninguém, nem mesmo com Felipe. Eu não entendia o que estava acontecendo, como poderia esperar que outros entendessem? Depois, como aconteceu com você, o tempo foi passando e acredito que o amor de mãe foi maior e até havia me esquecido de que tudo aquilo havia acontecido. Tenho problemas com Jerusa, pensamos de modo diferente e muitas vezes brigamos por coisas sem sentido, mas, hoje, amo-a e só quero o seu bem e farei o possível e o impossível para evitar que sofra!

— Ninguém duvida do seu amor, Luana! Você é uma ótima mãe e seus filhos são maravilhosos!

— Como já falei Rodolfo, nunca disse isso a ninguém nem mesmo ao Felipe...

— Fique tranqüila, Luana, não comentarei com ninguém, muito menos com ele.

— Sei disso. Foi justamente em tudo isso que fiquei pensando desde ontem, quando estiveram lá em casa. Depois do que me contou e aceitando a teoria de Marília, se realmente existe reencarnação e já tivemos outras vidas, será possível que Jerusa tenha sido nossa inimiga, tenha nos feito algum mal?

— Aceitando essa teoria, Jerusa pode ter sido, sim, nossa inimiga e Danilo alguém há quem muito amamos.

— Se ela foi nossa inimiga, como pode ter nascido na nossa família, na minha casa e ser minha filha?

— De acordo com o que Marília diz, essa é uma forma de demonstrar o grande amor que Deus sente por todos nós. Segundo ela, Ele nos dá todas as oportunidades para que nos reconciliemos com nossos inimigos. Existe melhor lugar do que a família para que haja essa reconciliação? Isso está provado com o que aconteceu conosco. No seu caso, você mesma disse, e eu também posso dizer que, com o tempo, toda aquela rejeição ficou para trás e o que sobrou foi o seu amor de mãe e o meu de tio.

— Tem razão... O que vamos fazer daqui para frente?

— Por que está perguntando isso, Luana?

— Com todas essas teorias, não sabemos quem é nosso amigo ou inimigo. Como poderemos conviver com as pessoas?

— Da mesma maneira que convivemos até hoje. Jerusa continua sendo sua filha e minha sobrinha. Esse casal que chegou até nós, se realmente foram pessoas a quem amamos, devemos prestar atenção e ajudá-los em tudo o que for preciso, o que, mesmo antes de termos esta conversa, já estamos fazendo. Eu estou cuidando do filho deles, outro provável inimigo, e você os recebeu em sua casa. Vamos esperar e ver como as coisas caminharão. Há outra coisa que está me preocupando.

— O quê, Rodolfo?

— Marília me disse que, quando morremos e retornamos ao plano espiritual, nos são mostrados os acertos e enganos praticados. Pelos acertos, receberemos parabéns e quantos aos enganos, teremos novas oportunidades para os repararmos. Mas, para isso, é necessário que renasçamos novamente e passemos pelos mesmos momentos que nos conduziram a eles.

— Não estou entendendo, Rodolfo?

— É simples, Luana. Para que uma etapa seja vencida e nosso espírito esteja livre para caminhar, as mesmas situações se repetirão e teremos de ultrapassá-las.

— Está dizendo que, se um dia fizemos mal a alguém ou fomos vítimas, poderemos passar pelas mesmas situações e tudo se repetir?

— Passaremos pela mesma situação, mas, necessariamente, não terão de se repetir os mesmos resultados. Poderemos agir de maneira diferente e conseguiremos, assim, a nossa redenção. Poderemos assim também continuar a nossa caminhada para a Luz.

— Tudo isso é muito confuso...

— Não é, Luana, pois, se, um dia, cometemos um mal para alguma pessoa, essa situação se repetirá, mas dessa vez, poderemos, através do nosso livre-arbítrio, não repetir os mesmos enganos.

— Então, se, realmente, Jerusa foi nossa inimiga e nos causou algum mal, tudo poderá se repetir? Ela poderá voltar a cometer o mesmo mal?

— Ela terá de passar por tudo novamente. É a oportunidade que a encarnação lhe proporciona, mas, por pertencer a nossa família, através dos laços de amor e do sangue o caminho poderá ser outro. Queira Deus que aja diferente.

— Pelo que ela terá de passar, Rodolfo?

— Não sei, mas, seja o que for, estaremos ao seu lado, ajudando-a em todos os momentos.

— E se fomos nós quem lhe fizemos mal?

— Acontecerá da mesma maneira. Tendo ela nascido na nossa família, teremos a oportunidade, como já fizemos, de recebê-la com carinho ou, como acontece em algumas famílias, às pessoas ficam brigando durante uma vida inteira. Cabe a cada um escolher o caminho que deseja seguir. O que precisamos entender é que, para o nosso bem, o melhor caminho a seguir é o do perdão, pois, só assim, poderemos caminhar em direção à Luz.

— O que podemos fazer para que nada de mal aconteça com a nossa família, Rodolfo?

— Nada podemos fazer, a não ser esperar que tudo continue como está. Em nossa família, apesar de alguns pequenos contratemplos, tudo está caminhando bem. Jerusa, se é que um dia foi nossa inimiga, hoje não é mais. O mesmo acontece conosco, se um dia fomos seus inimigos, hoje não somos mais. Segundo o que Marília diz, em toda família existem amigos e inimigos. Os amigos promovem a paz e nos ajudam. Os inimigos, mostrando os nossos defeitos, nos ajudam a reparar os nossos erros. No nosso caso, vamos esperar Luana, é o que podemos fazer. Não adianta ficarmos ansiosos ou preocupados nem querer descobrir o que se passou ou quem são nossos amigos ou inimigos, pois talvez nada aconteça e tudo continue como está. No momento em que algo acontecer, se acontecer, estamos preparados para fazer o possível para que o amor e a paz prevaleçam nunca nos esquecendo de que fomos nós que escolhemos em que família nascer e com quais pessoas isso aconteceria e que, nós mesmos, escolhemos nossos pais e nossos irmãos.

— Tem razão... Vamos esperar...

— O que estão conversando?

Voltaram-se, foi Felipe quem fez essa pergunta. Luana, sorrindo, respondeu:

— Estamos tomando café e conversando sobre a situação do menino e outras coisas.

— Como ele está Rodolfo?

— A crise passou Felipe, e hoje à tarde, pretendo lhe dar alta. Ele poderá ir para casa e ser cuidado por seus pais.

— Essa notícia é muito boa. Quais eram os outros assuntos?

— Estávamos falando sobre tudo o que Marília disse.

Felipe sentou-se ao lado deles e também pediu um café. Perguntou:

— Sobre reencarnação, Rodolfo?

— Sim. Estávamos dizendo dos sentimentos que ambos temos em relação a esse casal que vocês recolheram na estrada.

— Não estou entendendo, que sentimentos?

— De carinho para com os dois, principalmente pela moça.

— Estão achando que já conheceram aquela moça?

— Seguindo a teoria de Marília, sim. Tanto eu quanto Luana tivemos essa sensação.

— Nada entendo a esse respeito. Também gostei dos dois, mas isso não quer dizer que acredito que já tenhamos nos conhecido e convivido em outros tempos, em outra encarnação.

— Era exatamente sobre isso que estávamos conversando, Felipe.

— A esta hora da manhã, esse assunto é muito elevado. — disse rindo.

— Luana e Rodolfo também riram. Ela disse:

— Tem razão, Felipe. Eu e Rodolfo ficamos conversando e nos esquecemos da vida. Tenho pacientes esperando por mim, no consultório.

— Eu também preciso continuar minha ronda!

— Acho que vim estragar a prosa...

— Não, tem razão, esse assunto é muito elevado para esta hora da manhã. Vamos voltar ao trabalho.

— Terminaram de tomar o café e voltaram aos seus afazeres.

— Luana, antes de começar o seu trabalho, telefonou para casa. Quem atendeu foi Alda.

— Alda, diga para a Luísa que o menino está bem e que Rodolfo, mais tarde, vai me dizer se ele vai ter alta. Se isso acontecer, peça ao Tobias que, depois do almoço, assim que deixar Jerusa e Diva na faculdade venha me buscar, assim, juntos, levaremos o menino para casa.

— Está bem, senhora. Farei isso.

Luana desligou o telefone e foi atender aos seus pacientes.

Em busca da lei

Naquele momento, Danilo também chegava à Faculdade. Estacionou o carro, desceu e viu vários grupos de estudantes que conversavam. Em um desses grupos, viu Júlio, que falava e gesticulava, demonstrando muito nervosismo. Aproximou-se, perguntando:

— O que aconteceu, Júlio, por que todo este tumulto?

— Ainda não soube o que aconteceu, Danilo?

— Não, acabei de chegar.

— Agora pouco, quatro agentes federais pegaram Ricardo e alguns dos nossos colegas, colocaram-nos no carro e foram embora!

— Foram para onde?

— Não sabemos, eles nada falaram, apenas os colocaram no carro. Tentamos perguntar, mas não nos deram atenção!

— O que pretendem fazer, Júlio?

— Estamos nos organizando para discutirmos e tomarmos alguma atitude.

— Acho que o melhor a fazer é conversarmos com algum juiz e pedirmos que interfira! Temos muitos professores que são juízes!

— Do que vai adiantar Danilo? Talvez até consigamos libertar esses nossos colegas, mas e os outros que estão presos há mais tempo e aqueles que foram obrigados a deixar o Brasil? Precisamos, sim, lutar contra essa ditadura! Isso é o que precisamos fazer!

— Não acredito em luta armada, Júlio, já lhe disse que acredito na lei e que só poderemos voltar a ter um país livre através dela!

— Que lei, Danilo? Em uma ditadura, não existe lei! A única solução será lutarmos com armas para que nosso país volte a ser livre! Precisamos nos organizar!

— Para isso não conte comigo. Agora mesmo vou procurar o nosso professor de Direito Civil, ele é juiz e poderá nos ajudar!

— Faça o que quiser e achar certo, eu vou continuar aqui conversando com os outros que não são covardes!

— Não sou covarde! Só tenho bom senso, pois, se formos presos também, do que adiantará Júlio? Vamos ser advogados e, aí sim, teremos como lutar!

— Do que adiantará sermos advogados em um país sem lei, Danilo? O melhor que temos a fazer é nos juntarmos aos nossos companheiros que estão escondidos na selva, preparando as guerrilhas, só assim haverá uma chance de vencermos essa ditadura e de nosso país voltar a ser livre e democrático!

— Desculpe, mas não posso aceitar essa sua teoria. Ainda continuo pensando que só a lei é o caminho!

— Já lhe disse que faça o que quiser!

Virou-se de costas para Danilo e continuou conversando com os outros. Danilo, sem alternativa, entrou e foi procurar o professor. Encontrou-o em sua sala. Bateu à porta, pediu licença e entrou. Por ser um bom aluno, todos os professores gostavam dele, principalmente o Juiz Leônidas.

— Pode entrar Danilo, mas o que quer tão cedo?

— Desculpe-me por importuná-lo tão cedo, mas preciso conversar com o senhor.

— Não tem problema algum, do que se trata?

— O senhor não está sabendo o que aconteceu quando os alunos estavam chegando?

— Não, cheguei muito cedo, estou preparando minha aula, mas o que aconteceu?

— Quatro agentes federais levaram alguns de nossos colegas e ninguém sabe para onde.

O Juiz coçou a cabeça num sinal claro de preocupação. Perguntou:

— Disseram alguma coisa? Sabem para onde os levaram?

— Não, professor, esse é o problema. Estamos muito preocupados, pois sabemos o que fazem com aqueles que consideram inimigos.

— Como estão os alunos?

— O senhor pode imaginar, estão alvoroçados.

— O que pretendem fazer?

— Estão discutindo e imaginando que atitude tomar. Alguns estão pensando em ir para a floresta e se unir com grupos de guerrilha para enfrentar o governo.

O professor, preocupado, balançou a cabeça, dizendo que não.

— E você, o que pensa Danilo?

— Não acredito que essa seja uma boa solução. Acredito que só conseguiremos voltar à democracia através da lei, pois se todos aderirem à violência, só atrairá mais violência.

O professor, que estava sentado, com ar preocupado, levantou-se, ficou andando de um lado para outro e em seu rosto podia-se perceber uma enorme tristeza. Voltou-se para Danilo, dizendo:

— Estamos vivendo tempos difíceis, Danilo, mas é preciso ter calma e não cometer desatinos. Você tem razão. A luta armada, neste momento, não vai acabar com a ditadura e só vai trazer muita tristeza e sofrimento para muitas famílias e muitos jovens morrerão ou serão torturados. Precisamos ter paciência e encontrar uma solução de paz. Estou dizendo isso, porque passei pela ditadura Vargas e vi muita coisa que aconteceu.

Naquele tempo, eu era jovem assim como você, freqüentava a Faculdade de Direito e assim como vocês estão fazendo hoje, lutamos muito para que ela terminasse. Ao lado de outros colegas, fui preso, não sofri tortura, mas muitos dos meus amigos sofreram e outros morreram. Quando a ditadura terminou, o ditador foi eleito democraticamente e tudo o que fez foi esquecido. Hoje, depois de tanto tempo, estamos vivendo tudo novamente, para tristeza de muitos, mais ainda daqueles que foram presos, torturados. Muitos dos que um dia lutaram contra aquele governo, depois, para ficarem junto ao poder, se uniram a ele. Os brasileiros, desde o descobrimento do Brasil, tiveram de lutar por sua democracia. Muitos lutaram e morreram para que o país deixasse de ser colônia de Portugal, depois contra a escravatura e pela República. Agora, estamos vivendo um novo momento de dor. Em memória daqueles que lutaram e morreram, mesmo antes de a República ser proclamada, devemos encontrar um caminho para que, depois que essa ditadura termine, e ela terminará nunca mais o Brasil volte a ser dominado por outra igual. Mas para que isso aconteça é necessário que nosso povo tenha uma educação de qualidade e possa escolher seus representantes sem se deixar enganar. Vou dar alguns telefonemas e tentar descobrir para onde foram levados e tentar ajudar de alguma maneira. Volte para junto dos outros, peça-lhes que tenham calma e que esperem, pois logo mais terei uma resposta.

— Está bem, professor, farei isso.

O professor, tristemente, sorriu. Danilo saiu da sala e foi para junto de seus colegas. A confusão ainda continuava. Aproximou-se do grupo em que Júlio falava muito e gesticulava e disse:

— Júlio, estive conversando com o professor Leônidas.

— Por que foi perder tempo? Sabe que ele está de acordo com a ditadura!

— Não diga isso, Júlio! Ele não está a favor da ditadura, mas contra qualquer tipo de luta que possa levar à prisão e ao sofrimento. Assim como eu, acredita que só através da lei podemos vencer!

— Você é um sonhador, Danilo! Não vê que não temos leis neste país?

— Não vou discutir mais com você a esse respeito. O professor pediu para que tenhamos calma, ele vai dar alguns telefonemas, tentar descobrir para onde levaram nossos colegas e ver o que pode ser feito. Confio nele e sei que tudo o que puder ser feito, ele fará.

— Você é mesmo um sonhador... — disse com ironia na voz. Fazendo um gesto de desprezo, voltou-se para os outros colegas que discutiam e que, assim como ele, não acreditavam nas leis e queriam lutar de peito aberto.

Danilo, sentindo que não era bem-vindo naquele grupo, afastou-se e entrou na sala de aula. Encontrou outros alunos que, como ele, acreditavam nas leis e que estavam lendo o Código Civil e a Constituição, procurando uma maneira de ajudar os colegas. Pegou um dos livros e com atenção fez o mesmo.

Atraindo companhias

Naquele mesmo instante, embora tentasse acompanhar as aulas, o pensamento de Jerusa não se desviava do rosto de Tobias. Estava assustada, pois, apesar de já haver tido alguns namoros de pouca duração, nunca havia se interessado, realmente, por alguém. Enquanto pensava nele e, principalmente, em seus olhos, seu corpo estremecia e sentia uma enorme vontade de estar ao seu lado, de abraçá-lo e de beijá-lo. Durante um intervalo, nervosa, pensava:

“Sei que não posso pensar nele da maneira como estou pensando. Ele, além de ser casado, é de uma classe social totalmente diferente da minha. Não tem instrução nem sabe falar direito, mas, por que não

consigo esquecê-lo: Por que não paro de pensar nele e na sua mulher? Por que sinto tanto amor por ele e ódio por ela? Por que sinto tanta vontade de vê-la morta? Será que tia Marília tem razão? Será que já nos conhecemos antes? O que preciso fazer para que esses pensamentos se afastem?”

Olhou à sua frente e viu Diva que se aproximava e que perguntou:

— Você está diferente, Jerusa. No que está pensando?

— Em nada. Estou encontrando dificuldade em biologia.

— Não precisa ficar preocupada com isso, eu me dou muito bem em biologia e posso ajudá-la.

— Obrigada, Diva. Acho que vou precisar.

— Agora, já que esse problema está resolvido, não quer me contar o verdadeiro motivo de sua preocupação. Desabafar sempre faz bem. Posso lhe garantir que, depois de conversar, se sentirá muito melhor.

Jerusa, desconsertada, olhou para Diva e perguntou:

— Por que está dizendo isso?

— Desde ontem à noite, quando saiu da sala para conversar com o casal que seus pais recolheram na estrada, você está diferente. Que aconteceu, Jerusa?

— Nada aconteceu Diva! Você está vendo coisas onde nada existe.

— Não estou não, quando você saiu, estava tão transtornada que sua mãe, percebendo, foi atrás, acredito que para evitar que você ofendesse o casal. O que aconteceu para que voltasse diferente? O que encontrou lá?

— Já lhe disse que assim que os vi, senti que já os conhecia!

— Não precisa ficar nervosa, Jerusa. Estamos apenas conversando.

— Você não está conversando, está querendo respostas que não sei quais são!

— Está bem, Jerusa, não vou insistir. Sinto que este momento é só seu e que só você poderá encontrar suas respostas, mas, se precisar desabafar,

não se esqueça de que estou sempre disposta a ouvi-la e ajudá-la no que for possível.

— Desculpe-me, Diva, mas estou mesmo desorientada. Assim que vi o Tobias, senti que o amo desesperadamente e quero que ele fique comigo para sempre...

Diva começou a rir e perguntou:

— Como pode dizer isso, Jerusa? Acabou de conhecê-lo!

— Não sei, por isso estou tão confusa! Sinto que faria qualquer coisa para ficar ao lado dele para sempre!

— Como ficar ao lado dele? Ele é casado, tem um filho!

— Sei disso, mas não posso controlar esse sentimento!

— Não sei, não, minha amiga, acho que você está confusa. E seguindo um caminho perigoso.

Jerusa, tentando sorrir, disse:

— Tem razão, não estou bem. Deve ter sido uma primeira impressão. Está na hora de voltarmos para a sala de aulas.

Diva sorriu e, com a cabeça, concordou. Entraram na sala de aula.

Jerusa tentou prestar atenção a todas as aulas seguintes, mas foi inútil. A imagem de Tobias não saía de sua cabeça. Finalmente, terminou a última aula da manhã.

Assim que chegaram à rua, Tobias estava ao lado do carro. Quando as viu, sorriu. Aquele sorriso fez com que o coração de Jerusa batesse mais forte. Com passos firmes, ela caminhou até ele que, prontamente abriu a porta para que elas entrassem. Depois, ele também entrou e colocou o carro em movimento.

Estava dirigindo há alguns minutos. O silêncio era profundo. Diva, percebendo que Jerusa não queria conversar, ficou calada por alguns minutos. Depois, não suportando aquela situação, perguntou:

— Teve alguma dificuldade para voltar a casa e chegar até aqui?

— Tive um pouco para voltar para a casa, mas, agora, já aprendi o caminho e não tive dificuldade alguma.

— Que bom! Sabia que você aprenderia com facilidade. Dona Luana disse que seu menino está no hospital. Como ele está?

— A doutora telefonou e disse que ele saiu da crise e que, provavelmente, voltará hoje para casa. Ela mesmo o trará.

— Que bom, fico contente.

— Obrigado, senhorita. Também estou contente. Aquele menino é tudo em nossa vida...

Diva olhou para Jerusa que, com o rosto virado para fora, fingia olhar a paisagem e não prestar atenção à conversa. Diva continuou:

— Você e sua mulher se dão bem?

— Sim, a gente se gosta muito, eu faço qualquer coisa para a gente ser feliz e já passamos por momentos muito difíceis, mas, agora, parece que tudo vai melhorar. A doutora Luana e o doutor Felipe foram anjos que Deus mandou para ajudar a gente...

— Parece que foram mesmo...

Jerusa, ao ouvir aquilo, sentiu o corpo todo estremecer e, tomada de muito ódio, pensou:

“Como pode gostar dela dessa maneira! Está mentindo! Eu quero você e vou tê-lo a qualquer custo! Não me importo com o que tenha de fazer! Nem que tenha de matá-la? Aconteça o que acontecer, ficarei com você!”

No mesmo instante em que terminou de pensar, vultos negros a envolveram totalmente. Um deles, rindo muito, dizia:

— É isso mesmo que tem de fazer, ele é só seu! Precisa lutar por ele! Quem é ela para ficar com esse homem que é seu? Se precisar matá-la, faça isso!

Jerusa, parecendo ouvir a voz, pensou:

“Quem é ela para ficar com ele? Farei tudo o que for possível para que ele fique ao meu lado e não me importam as conseqüências!”

Mesmo pensando assim, nada disse e continuou olhando pela janela do carro. Diva, percebendo que a amiga não queria conversar, também se calou.

Chegaram a casa. Tobias estacionou o carro em frente à grande porta da sala, desceu e abriu primeiro a porta do lado em que Jerusa estava sentada. Esta, antes de descer, olhou bem fundo em seus olhos, o que fez com que ele estremecesse. Um pouco confuso com aquele olhar, ele deu a volta e abriu a porta para que Diva descesse. Enquanto descia, Diva disse:

— Obrigada, Tobias.

Ele sorriu. Jerusa, sem nada dizer, entrou em casa. Diva percebeu a atitude da amiga, ficou preocupada e também entrou. Tobias foi ao encontro de Luísa, que o esperava ansiosa.

— Como foi, Tobias, ela conversou com você?

— Não, estava calada. Estou com medo, Luísa, acho que ela não vai deixar a gente continuar aqui.

— Será, Tobias?

— Acho que sim, Luísa...

— O que a gente vai fazer?

— Não sei, vamos esperar e ver o que acontece. A doutora disse que se o Carlinhos estiver bem, vai trazê-lo, hoje, quando voltar do hospital.

— Estamos tão bem aqui, não é? Pela primeira vez, não sei por que, estou me sentindo protegida.

— Sinto o mesmo que você. Vamos confiar na vontade de Deus, Ele vai proteger a gente.

— Está certo, agora, vamos almoçar, porque daqui a pouco vai ter que levar as moças de volta para a Faculdade.

— Tem razão, estou com fome.

Enquanto caminhavam em direção à cozinha, Luísa disse:

— Estou nervosa e ansiosa para que o Carlinhos volte, foi a primeira vez que ficamos longe dele. Ainda bem que ele está melhor, pode voltar a ficar ao lado da gente, não é, Tobias?

— É sim. Também estou. Eu disse para aquela moça que está morando aqui que ele é a razão da nossa vida.

Luísa sorriu e, com carinho na voz, disse:

— Tem razão... ele é tudo para nós. Não sei o que seria da nossa vida se ele não existisse.

Entraram na cozinha, Alda estava junto ao fogão, abrindo as panelas e olhando para a comida que a cozinheira havia preparado. Ao vê-los entrando, disse:

— Esta comida parece que está muito boa. Luísa, as moças chegaram, subiram e devem descer em seguida, você pode me ajudar a levar tudo isto aqui para a mesa?

— Claro que sim.

— Depois que elas almoçarem, já que hoje ninguém mais vem, poderemos almoçar aqui, todos juntos.

— Sim, senhora.

Assim dizendo, pegou uma travessa de salada e levou para a sala, voltou e pegou outra travessa com arroz. Alda pegou os demais pratos e, em poucos instantes, estava tudo arrumado. Luísa tomou certa distância e ficou olhando para a mesa, pensando:

“Nunca, em minha vida, vi uma mesa como esta, com pratos e travessas tão lindas... muito menos tanta comida...”

Seus pensamentos foram interrompidos, quando viu, entrando pela porta, Jerusa e Diva. Sorriu. Diva correspondeu ao seu sorriso, mas Jerusa lançou-lhe um olhar de ódio, que fez com que seu corpo todo estremecesse. Não entendeu o que estava acontecendo, mas, naquele

momento, percebeu que Jerusa a odiava com muita intensidade. Jerusa e Diva sentaram-se, Luísa foi para a cozinha e disse:

— Alda, as moças estão sentadas à mesa. Preciso ficar lá?

— Não é necessário. Elas mesmas se servirão. Pode preparar o prato do seu marido e o seu.

Alda saiu e foi para a sala de refeições. Jerusa e Diva, realmente, estavam se servindo. Alda perguntou:

— Jerusa, estão precisando de mais alguma coisa?

— Não, Alda, pode ir almoçar e obrigada.

Tobias, que estava lá, e viu quando Luísa entrou na cozinha, percebeu que ela não estava bem. Ela pegou dois pratos no armário e caminhou em direção ao fogão, onde estava a comida. Preocupado, perguntou:

— O que aconteceu, Luísa?

Ela, que estava terminando de colocar a comida no prato, olhou para ele, respondeu:

— Nada, Tobias... nada aconteceu. Vamos almoçar.

Sentaram-se e começaram a comer.

Alda entrou em seguida, pegou seu prato, colocou a comida e sentou-se ao lado deles.

Jerusa, assim que viu Luísa, e enquanto comia, lembrou-se do que Tobias havia dito e pensou:

“Odeio essa mulher! Preciso pensar em uma maneira de tirá-la do meu caminho! Amo esse homem e sei que ficarei com ele! Não me importo o que tenha de fazer para que isso aconteça.”

Jerusa e Diva terminaram de comer e foram para seus quartos. Diva, ainda preocupada com Jerusa, enquanto trocava de roupa, pensava:

“Jerusa está mesmo alucinada por Tobias. Estou com medo do que possa fazer. Como pode acontecer uma coisa como essa? Ela, assim que o viu, descobriu que gostava dele... o que estou pensando? O mesmo aconteceu comigo quando vi Danilo. Parece que o conheço há muito

tempo. Será que existe mesmo essa coisa de reencarnação? Será que algum dia nós convivemos? Não sei se estou enganada, mas sinto que Danilo sentiu o mesmo por mim, porém, preciso me comportar, afinal, sou uma hóspede...

Desceram em seguida, precisavam voltar para o período da tarde. Quando saíram, viram Tobias que estava ao lado do carro. Aproximaram-se, ele abriu as portas e elas entraram. Ele, depois, entrou, ligou o carro e saiu.

Desta vez, durante o caminho, Jerusa olhava Tobias pelo retrovisor, ele, como das outras vezes, pensando que ela continuaria como antes, também olhou e seus olhos se encontraram por alguns segundos. Ele estremeceu e voltou a olhar para frente. Jerusa, ao perceber que ele havia ficado constrangido, sorriu e pensou:

“Você também está sentindo algo por mim, não é? Não se preocupe meu amor, nada poderá nos separar, só precisamos dar um jeito na sua mulher.”

Os vultos que haviam se cercado dela riram e um deles disse:

— É isso mesmo, ele gosta muito de você! Somente aquela mulher é que está atrapalhando. Você precisa pensar em uma maneira de tirá-la do caminho!

Ao ouvir aquilo em pensamento, Jerusa sorriu.

Tobias, enquanto dirigia, também pensava:

Não sei o que essa moça quer comigo. Por que me odeia tanto? Logo agora que parecia que a nossa vida ia melhorar... eu e a Luísa temos trabalho e nosso filho está sendo cuidado. A doutora Luana, sem nos conhecer, nos ajudou e, nós, também sem sabermos o porquê, nos sentimos protegidos. Por que isso acontece? Por que a vida é assim?

Diva, por várias vezes, tentou conversar, mas Jerusa estava distraída, pensando e só respondia suas perguntas. Para consolo de Tobias, o

trajeto era curto, logo chegaram e desceram do carro. Assim que elas se afastaram, respirou fundo e iniciou o caminho de volta.

A tarde passou. Luana, antes de voltar para casa, foi falar com Rodolfo:

— Rodolfo, daqui à uma hora, irei embora e quero saber como está o menino.

— Acabei de passar pelo quarto. Ele está bem e, se quiser, pode levá-lo para casa.

— Que bom! Os pais ficarão felizes!

— Ele só precisa de cuidados e sei que os terá. Vou lhe passar uma receita para que ele continue medicado e, com boa alimentação e carinho, ficará melhor ainda.

— Fico contente em ouvir isso. Vou telefonar para o pai e pedir que venha nos buscar. Enquanto ele não chega, pedirei à enfermeira que o prepare para que possamos levá-lo.

— Espere um pouco, vou lhe dar a receita. Depois de dar a receita, disse:

— Cuide bem dele, Luana.

Luana sorriu e se afastou. Telefonou para casa, depois, foi para o quarto, pediu à enfermeira que preparasse o menino.

Algum tempo depois, Tobias, ansioso, chegava ao hospital e foi ao encontro de Luana, que o recebeu com um sorriso:

— Ele está bem Tobias, só precisa ser medicado e tratado com carinho.

— Isso ele vai ter, doutora.

— Sei disso. Vamos até o quarto. Ele já deve estar pronto.

Foram para o quarto e, realmente, ele estava pronto. Luana pegou-o no colo e saíram em direção ao estacionamento.

Quando chegaram a casa, Luísa estava passando roupa. Ao ouvir o barulho do carro chegando, saiu da casa e correu. Assim que chegou junto ao carro, pegou o menino que estava no banco de trás e no colo de Luana. Abraçou-o e beijou-o com carinho. Luana sorriu ao ver a

felicidade daquela moça que, há poucos dias, era uma desconhecida. Desceu do carro e disse:

— Ele está bem. Só precisa de cuidados. Estes são os remédios que precisa tomar.

— Obrigada, doutora! A senhora é, mesmo, um anjo que Deus mandou para ajudar a gente...

Luana riu:

— Eu, anjo? Não, sou igual a qualquer pessoa, tenho meus momentos de anjo e de diabo também.

O menino, ao ouvir aquilo, em pensamento disse:

— Ela é um anjo mesmo, não é, Matilde?

— É sim e nem imagina. Nasceu, sem precisar, somente para ajudar Jerusa e Maria Luísa.

Luísa, com o menino no colo, entrou na casa dos fundos. Luana entrou em casa, encontrou Alda que estava na sala. Perguntou:

— Como está o menino, senhora?

— Está bem, só precisa de boa alimentação e de carinho.

— Isso ele vai ter. Agora, me dê licença, estou ansiosa para conhecer esse menino. Vou até lá.

— Parece que esse menino vai ter muito carinho, mesmo! — Luana disse, rindo.

Alda, também rindo, caminhou em direção ao quarto, onde Luísa estava com o menino.

Jerusa, que estava em seu quarto, assim que ouviu o barulho do carro, foi para a janela e viu Luísa e Tobias se abraçando e a felicidade que sentiam. Com ódio, pensou:

Essa felicidade não vai durar muito! Eu odeio essa mulher e ele vai ficar comigo, queira ou não!

Os vultos, que havia atraído para seu lado, riram. Aquele que sempre conversava com ela, disse:

— É isso mesmo! Na vida passada, ela o matou e você, ao ver que tinha ajudado, ficou louca! Nesta, precisa se vingar! Eles não podem ficar juntos!

Eles não podem continuar nessa felicidade toda! Ele ainda não sabe, mas gosta muito de você! Imagine se ele vai trocar você por essa lambisgóia e esse filho doente! Na vida passada, você era escrava e ela, a sinhazinha, hoje, tudo mudou, ela é pobre e você rica e poderosa! Quem você acha que ele vai escolher?

Como se houvesse pensado e sem saber que a voz era quem falava, Jerusa, com ódio, pensou:

“Sei que ele gosta de mim! Imagine se não vai preferir ficar comigo, que sou rica, bonita e posso lhe dar tudo com o que sonhar. Na hora de escolher entre mim, essa lambisgóia e esse filho doente, claro que ele vai me escolher! Mas, se ele não quiser, não importa o que terei de fazer para que isso aconteça! Farei!”

Nervosa, saiu da janela e deitou-se. Pensava em uma maneira de ter Tobias para si, quando ouviu uma batida à porta.

— Entre.

A porta se abriu e por ela entrou Diva, que perguntou preocupada:

— O que está acontecendo com você, Jerusa?

— Nada. Não sei por que está perguntando isso.

— Está diferente, Jerusa... quando a conheci, embora não fosse muito risonha, sempre conversou com naturalidade. Hoje, vive quieta, parece que está sempre preocupada e pensando. É por causa do Tobias?

Jerusa olhou para ela e respondeu:

— Não sei o que está acontecendo. Assim que o vi, senti como se já o conhecesse. Nunca havia sentido isso por homem algum. Acho que estou apaixonada... não consigo tirá-lo do meu pensamento...

— Não pode ser Jerusa! Ele é casado e gosta muito da mulher e do filho...

— Sei disso, Diva, mas não posso evitar! Quero esse homem e vou tê-lo, nem que para isso tenha de cometer uma loucura!

Ao dizer isso, levantou-se e começou a andar pelo quarto. Diva acompanhou seus passos e, preocupada, disse:

— Precisa mudar esses pensamentos, pois, se continuar assim, poderá sofrer muito! Você é uma moça bonita, inteligente e pertence a uma família muito boa. Pode ter o homem que quiser...

— Você diz que pertenço a uma família muito boa, eu acrescento, com dinheiro, e você sabe que o dinheiro compra tudo.

— O que está querendo dizer com isso, Jerusa?

— Já que o dinheiro compra tudo, vou comprar esse homem!

— Não está raciocinando com clareza, Jerusa! Não pode comprar um homem que é apaixonado pela mulher e pelo filho! Esqueça-se dele!

— Nunca! Não vou me esquecer dele! Farei o possível e o impossível para que isso não aconteça!

— Sabe que, se fizer isso, sua família não a apoiará.

— Não me importo com o que minha família ou alguém pense! Quero esse homem e vou tê-lo!

Diva, sentindo-se impotente e sem argumentos, disse:

— Está bem, faça o que quiser, mas posso lhe adiantar que causará e sentirá muito sofrimento.

— Não se preocupe Diva, estou pensando em algo que só causará sofrimento a quem merecer. Vou ficar com ele e serei feliz para sempre!

— Está bem, sendo assim, nada mais tenho para falar. Vou me preparar para o jantar.

Jerusa ficou calada, parecendo não ouvir o que a amiga havia dito. Diva saiu do quarto. Jerusa voltou para a janela, olhou para a casa onde Tobias e Luísa estavam. Com raiva, disse:

— Você vai ser meu!

Luísa e Tobias, alheios ao que Jerusa pensava, entraram com o menino no quarto e colocaram-no em um berço improvisado com cadeiras e cobertores. Luana havia dito que no dia seguinte providenciaria um berço.

Luísa, olhando para o menino, disse:

— Parece que ele está bem mesmo, não é, Tobias?

— Parece, sim. Agora, não sei por que, sinto-me protegido. Sinto que se a moça quiser, nossa vida vai mudar e, finalmente, poderemos ser felizes.

— Tenho essa mesma sensação, Tobias. Acho que daqui para frente seremos felizes. Estava na hora, não é? A gente tem lutado tanto...

Ouviram o barulho do carro de Felipe.

— O doutor chegou Tobias, preciso ir ajudar na preparação do jantar e da mesa.

— Vá e não se preocupe, ficarei tomando conta dele.

Após beijar o menino e Tobias, saiu e foi em direção à casa de Luana.

O jantar estava sendo preparado. Ajudou Carlita e, em poucos minutos, estava tudo pronto. Auxiliou Alda na preparação da mesa.

A primeira a chegar foi Luana que, ao ver a mesa colocada, perguntou:

— Parece que está tudo pronto. O que preparou para o jantar, Alda?

— Não sei por que a senhora insiste em perguntar, sabe que nunca conto e que gosto de fazer surpresa...

Luana sorriu e sentou-se à mesa.

Alguns minutos depois, chegaram Jerusa e Diva, que também se sentaram. O último foi Felipe que, ao vê-las sentadas, perguntou:

— Onde está o Danilo?

Quem respondeu foi Alda:

— Ele telefonou, avisando que ia demorar, pois tinha uma reunião do diretório na faculdade.

Ao ouvir aquilo, Luana disse preocupada:

— Não gosto quando ele participa dessas reuniões. Sei que discutirão sobre política. Hoje em dia, participar de qualquer tipo de reunião é muito perigoso. Só quero que ele termine seus estudos e não deve se preocupar com a política.

— Já disse isso a ele, mas acha que vai conseguir fazer com que seus colegas mudem de idéia a respeito de como vencer a ditadura.

— Sabemos que isso é muito difícil, Felipe, será uma luta impossível. Tenho medo de que, assim como tantos outros, ele seja preso e obrigado a abandonar a faculdade.

— Na faculdade onde estudo, também, existem estudantes que estão na mesma situação e estão determinados a vencer a ditadura.

— Esses jovens não devem se envolver, Diva. Nada conseguirão. Precisam se formar e, assim, sim, lutar com as armas certas.

— O senhor tem razão em pensar assim, mas a lei só é válida para um país onde elas sejam cumpridas e no Brasil, no momento, isso não acontece. A lei que predomina é a da força e do desatino. As pessoas foram divididas entre aquelas que apóiam o governo e aquelas que não o aceitam. As que apóiam estão bem e protegidas, as que não apóiam são presas, torturadas até mortas. Muitas desapareceram e ainda vão desaparecer sem deixarem rastros e suas famílias nunca mais saberão delas.

— Meu Deus! Está vendo, Felipe, o motivo por que não quero que Danilo se envolva nesse tipo de coisa? Já imaginou o que aconteceria se ele sumisse? Não, isso não pode acontecer.

— Não se preocupe com isso, Luana. Conversei com Danilo e ele não está interessado nesse tipo de luta. Ele quer sim, que a ditadura termine e que a democracia volte, mas acha que isso só será conseguido, embora você não acredite Diva, através das leis.

Diva ficou calada, apenas sorriu tristemente.

Jerusa, sentada, não prestava atenção à conversa. Seus olhos estavam presos em Luísa com tanto ódio que ela, sem saber o que fazer, tentava não olhar para ela e rezava para que o jantar terminasse logo e pudesse voltar para junto de Tobias e do filho.

Enquanto tentava comer, Jerusa pensava:

“Preciso encontrar uma maneira de tirar você do meu caminho.”

Depois de alguns minutos, disse:

— Mamãe, amanhã não vou à faculdade.

— Por quê?

— Preciso ir à biblioteca, tenho um trabalho para fazer e vou pesquisar.

Luana estranhou:

— Você também, Diva?

Diva, sem imaginar o que Jerusa queria, olhou para ela que disse:

— Não, ela não pertence ao mesmo grupo de estudos que eu.

— Sendo assim, está bem. A que horas você vai?

— Às dez.

— Peça ao Tobias que a leve.

— Está bem, mamãe, farei isso.

Olhou para Luísa e, com ar vitorioso, disse:

— Por favor, diga ao seu marido que deve estar pronto às dez horas.

Luísa, sentindo um frio correr por sua espinha, disse:

— Está bem, senhorita.

Jerusa sorriu e voltou a comer.

Fim de tranqüilidade

Luana, embora houvesse se deitado às dez horas, só conseguiu dormir quando ouviu o barulho do carro de Danilo estacionando.

A madrugada ia alta. Todos dormiam, quando alguém tocou a campainha com muita força e começou a chamar, parecendo muito nervoso.

Luana e Felipe assustaram-se, olharam para o relógio e viram que eram três horas e quinze minutos. Felipe, preocupado, levantou-se e perguntou:

— Quem será a esta hora, Luana?

Ela, também se levantando, respondeu:

— Não sei, mas parece alguém muito aflito.

— Não posso imaginar quem seja. Danilo está em casa?

— Está, ouvi quando chegou.

— Vamos descer e ver de quem se trata e o que está acontecendo.

Desceram, quando chegaram junto à porta, Felipe perguntou:

— Quem é?

Do outro lado, uma voz desesperada respondeu:

— Doutor Felipe, sou o Júlio, amigo do Danilo!

— São mais das três horas da madrugada. Ele está dormindo!

— Sei disso, mas é importante e urgente!

— Pode me dizer do que se trata?

— Só posso falar com ele, mas posso lhe garantir que é urgente!

Percebendo que algo de muito grave estava acontecendo, Felipe olhou para Luana, que, intrigada, olhava-o também. Ele, entendendo sua ansiedade, disse:

— Vamos ver do que se trata.

Abriram a porta e viram Júlio que, realmente, estava muito nervoso.

— Entre, Júlio, mas o que aconteceu?

Júlio entrou, ia começar a falar, quando viu, no alto da escada, Diva e Jerusa que, também, ouvindo o barulho, acordaram, assustaram-se e desceram para ver do que se tratava.

Assim que Júlio viu Diva, perguntou intrigado:

— Diva o que está fazendo aqui?

Ela, terminando de descer a escada, respondeu:

— Estou, por um tempo, morando aqui...

— Não estou entendendo, por que está morando aqui?

Antes que ela respondesse, Felipe, também intrigado com aquela situação, perguntou:

— Vocês se conhecem?

Ela, desconsertada, respondeu:

— Sim, antes de vir para cá, eu fazia parte de um grupo de resistência. Assim que cheguei aqui e comecei a freqüentar a faculdade, conheci o Júlio, mas, por estar sendo procurada, não participei do seu grupo.

— Que grupo? Que resistência?

— Resistência armada contra a Ditadura.

— O quê? Você faz parte de um grupo armado?

— Não mais, senhor. Fazia parte de um grupo na minha cidade. Estava me preparando para partir e me juntar a outros que estão se unindo para um ataque, mas o meu grupo foi denunciado e descoberto, tivemos de fugir e nos esconder.

— O quê? Envolver-se em uma coisa como essa é loucura!

— Desculpe senhor, mas tive de me envolver na luta contra a Ditadura. E me envolverei em qualquer tipo de luta contra os direitos civis e contra qualquer tipo de preconceito e discriminação. Não posso admitir que uma pessoa seja condenada por aquilo que pensa ou por sua raça, credo ou classe social.

— Não sabe o que está dizendo! Lutar contra a Ditadura é uma luta inglória! Vocês não conseguirão vencer e só poderão ser torturados e mortos!

— Sei disso, mas é algo mais forte do que eu. Às vezes, sinto que já sofri qualquer falta de liberdade e de preconceito e não consigo me controlar!

— Aceito que queira tudo isso! Aceito que tenha escolhido lutar dessa maneira, mas, por que escolheu a minha casa?

— Lá no meu Estado, eu estudava e alguns alunos se uniram e criaram uma estratégia de luta, mas fomos denunciados e precisamos nos esconder do Serviço Nacional de Inteligência.

— Do SNI? Por quê?

— Eu e meu grupo, quando descobrimos que havíamos sido denunciados, antes que fôssemos presos e torturados, saímos do nosso Estado e, com um nome diferente conseguido por um juiz amigo do meu pai, cheguei aqui e me matriculei na faculdade. Conheci Jerusa. Gostei dela assim que a vi e, sabendo que sua família estava acima de qualquer suspeita, pedi a ela que me abrigasse. Conheci o grupo do Júlio, que é um dos líderes, e tomei conhecimento da sua luta ao lado de alguns estudantes de Direito. Mas, por ser procurada, nunca participei de reunião alguma.

Jerusa, ao ouvir aquilo, assustada, disse:

— Eu não sabia papai... ela nunca me contou...

— Desculpe Jerusa, mas eu não podia contar. Fiquei com medo de que, se contasse não me aceitariam.

Luana, ao ouvir aquilo, chorando e assustada, perguntou:

— Como pôde colocar a nossa família em risco dessa maneira, Diva?

Antes que Diva respondesse, Danilo, que também acordou com o barulho, chegou à sala no exato momento em que Luana fazia a pergunta. Admirando-se ao ver Júlio, perguntou:

— Júlio, o que está fazendo aqui há esta hora? O que aconteceu?

— Precisamos fugir Danilo!

— Fugir, por quê?

— Alguém nos denunciou e a Polícia está indo a todas as casas para prender todos aqueles que ela julga fazer parte da Resistência e que estão se preparando para a guerrilha.

— Eu não pertenço a grupo algum, muito menos à guerrilha!

— Sei disso, mas a pessoa que nos denunciou disse que você está sempre conversando comigo e, por isso, também faz parte do nosso grupo!

— Isso não é verdade, Júlio! Sabe que quero, sim, vencer a Ditadura, mas através da lei!

— Sabemos disso, Danilo, mas até que prove essa verdade, não quero nem imaginar o que terá de passar! Precisamos fugir, pois, se formos presos, além de sermos torturados, nunca mais poderemos estudar e você não poderá aplicar essa sua lei que, sabe muito bem, neste momento, no Brasil não existe.

Felipe, demonstrando uma calma que, no fundo, não estava sentindo, disse:

— Ele tem razão, Danilo, vocês não podem continuar aqui. Precisam fugir até que eu encontre uma maneira de provar que você nunca esteve envolvido em subversão.

— Fugir para onde, papai?

— Não sei, precisamos pensar com calma, deve existir um lugar para onde possam ir.

Luana, antevendo tudo o que estava para acontecer e que, até aí, chorava, parou de fazê-lo e disse:

— Seu pai tem razão, Danilo! Não entendo o porquê de tudo isso estar acontecendo em nossa família, mas precisamos encontrar uma solução. Não podem continuar aqui e o único lugar que me ocorre é a fazenda.

Devem ir para a fazenda e esperar. Assim que encontrarmos uma solução, iremos buscar vocês.

— Eu também, dona Luana?

— Claro que sim, Diva. Nunca quisemos nos envolver com a Ditadura, somos médicos e nos dedicamos a salvar vidas, mas já que fomos envolvidos, precisamos encontrar uma maneira de lutar contra toda essa loucura! Não sei por que, mas ao ouvir você falar em lutar contra preconceito e falta de liberdade, senti que já passei por isso e que preciso lutar!

— Está louca, Luana?

— Não, Felipe, não estou louca, só acredito nas liberdades, sejam quais forem!

— Estou desconhecendo você, Luana!

— Está bem, Felipe, mas agora não é hora para isso. As crianças precisam fugir!

— Só fui para a fazenda quando era criança, não sei como chegar até lá!

— Subam, tirem o pijama, peguem algumas roupas. Enquanto isso farei um mapa que devem seguir para encontrar a fazenda. Precisam se apressar!

— Está bem, papai! Vamos Diva, precisamos nos preparar.

— Também vou subir com você, Diva e, enquanto pega suas roupas, precisa me contar como tudo isso aconteceu.

— Está bem, Jerusa, preciso mesmo lhe contar tudo e pedir que me perdoe.

— Agora não é hora para isso, vamos?

Enquanto eles subiam e Felipe fazia o mapa, Luana disse:

— Não entendo Júlio, como pode ser contra a Ditadura se seu pai é militar?

— Por isso mesmo, dona Luana! Quando fizeram a Ditadura, até acreditei que, diante de tanta corrupção, era o melhor a ser feito, mas

pensei que seria por pouco tempo, só até que houvesse novas eleições, mas não foi isso o que aconteceu. Os militares tomaram o poder e não querem largar nunca mais nem que para isso seja preciso tirar do caminho todos aqueles que se opõem a eles. O Brasil não merece isso, dona Luana!

— Nisso você tem razão. O povo tem o direito de ser livre e de expressar sua opinião, sem medo! Desde o descobrimento do Brasil, muitos têm lutado e morrido pela sua liberdade. Para que a tivéssemos, franceses, holandeses e até portugueses foram expulsos. Tiradentes foi morto. Finalmente, no dia sete de setembro a Independência foi proclamada, depois, veio à luta contra a Escravatura e, finalmente a República. Não podemos deixar de honrar a todos os que morreram. Vocês têm razão, precisamos lutar!

Felipe, que a tudo ouvia, levantou os olhos do papel onde estava fazendo o mapa e, assustado, disse:

— O que está dizendo, Luana? Você não pode pensar, nem por um minuto, em uma loucura como essa!

— Sei que é loucura, mas muitos outros pensaram assim e morreram por isso!

— Os outros não eram minha mulher e filho!

— Como pode ter certeza disso?

— Não estou entendendo o que está querendo dizer?

— Não sei por que está tão surpreso, pois, se a teoria de Marília estiver certa e já tivermos vivido outras vidas, quem pode garantir que não lutamos em todas ou algumas dessas lutas? Quem sabe se não lutamos a favor da República e contra a escravidão?

— Está louca, mesmo! Você e Marília!

Luana, apesar do momento, não pôde deixar que um sorriso surgisse em seu rosto.

Danilo desceu com uma maleta. Assim que chegou à sala, Felipe lhe deu o papel no qual havia feito o mapa e perguntou:

— Júlio, você veio com o seu carro?

— Não, senhor, vim de táxi.

— Ótimo, enquanto eu fazia o mapa, pensei que não acho seguro que viagem de carro, pois, se estavam sendo seguidos, devem conhecer os carros de vocês.

— Se não formos de carro, como vamos fazer, papai?

— Vocês devem ir de trem.

— De trem?

Diva, que vinha descendo a escada ao lado de Jerusa, perguntou parecendo nervosa.

— De trem? Não podemos ir de trem...

O tom de voz dela fez com que todos a olhassem.

— Qual é o problema, Diva?

— Não posso andar de trem, dona Luana...

— Não pode, por quê?

— Não sei. Uma vez, quando criança, meus pais fizeram uma viagem de trem e eu me senti muito mal. Tive taquicardia e quase desmaiei. Meus pais foram obrigados a descer na estação seguinte e fizemos o resto da viagem de ônibus.

— Estranho isso...

— Também acho, mas não sei o que fazer a respeito.

— Estamos em uma situação muito difícil, precisamos tomar logo uma decisão. Acredito que o melhor meio de transporte seria o trem, pois, além de sempre haver muitas pessoas na estação, será mais difícil procurarem por vocês, o que não acontecerá na rodoviária. Entretanto, vocês devem decidir.

— O senhor está certo, papai. Diva, você vai precisar superar esse seu trauma. Precisamos fugir.

— Está bem. Entendo a situação e isso aconteceu quando eu era muito pequena, deve ter passado.

Ele sorriu, transmitindo-lhe segurança. Depois, voltou-se para o pai, perguntando:

— Qual é o seu plano, papai?

— Vocês precisam sair daqui rapidamente. Deixem o carro em uma rua qualquer, depois, de táxi, vão até a estação, verifiquem o horário do trem. Se for demorar, instalem-se em um hotel até a hora. Tomem o trem e, quando chegarem à cidade, tomem outro táxi para irem até a fazenda. Fiquem lá e esperem até que eu possa verificar o que está acontecendo realmente.

— Está bem, papai.

— Vocês têm algum dinheiro, Júlio?

— Não tenho muito...

— Você tem algum, Luana?

— Tenho um pouco e já está aqui comigo.

— Também tenho doutor. Quando saí da minha cidade, meu pai me deu.

— Também tenho um pouco, papai. — disse Jerusa.

— Vamos juntar todo o dinheiro que temos. Depois, encontrarei uma maneira de mandar mais. Sabem que, por um bom tempo, talvez sejamos vigiados.

Luana, chorando, disse:

— Neste fim de semana, quando estivemos na fazenda, deixei dinheiro com o vovô e deve dar por algum tempo.

Juntaram o dinheiro que tinham e deram a Danilo. Luana, abraçando-se ao filho e ainda chorando, disse:

— Vá com Deus, meu filho.

— Fique calma, mãe. Encontrarei uma maneira de mandar notícias. Rapidamente, abraçaram-se e saíram.

Luana, chorando, abraçou-se a Felipe e a Jerusa, que também chorava.

— Agora, vamos voltar para os nossos quartos e, se a polícia chegar, fiquem caladas, deixe que eu converso com eles.

— Está certo, Felipe. Vamos, Jerusa.

Apagaram as luzes da casa e subiram a escada.

Assim que chegaram ao quarto, ainda com as luzes apagadas, deitaram-se. Luana, abraçada em Felipe e, ainda chorando, disse:

— Por que tudo isso está acontecendo, Felipe?

— Não sei, mas precisamos ficar calmos e, se a polícia chegar, temos de fingir nada saber.

— Está bem, mas sabe que será difícil...

— Sei que será, mas é tudo o que podemos fazer para não sermos presos também.

— Presos?! — Luana disse, levantando-se e sentando-se na cama.

— Nunca demos muita importância para tudo o que estava acontecendo no país, mas muita coisa está sendo feita por aí. Vivemos em uma Ditadura, Luana, e qualquer que seja o matiz das ditaduras, elas sempre são cruéis.

— Acha que Danilo está em perigo?

— Não só ele, como todos nós.

— Todos nós, por quê?

— Somos sua família e, só por esse motivo, julgarão que fazemos parte da subversão.

— Como isso pode estar acontecendo conosco, com Danilo, Felipe? Ele nunca quis se envolver em política, muito menos nós...

— Não quis Luana, mas foi envolvido, agora, até que prove o contrário, não sabemos por tudo o que teremos de passar.

— Estou assustada, Felipe. Embora não tenha dado muita atenção, tenho ouvido sobre o que é feito com os presos políticos. Dizem que eles são torturados e até mortos...

— Também estou assustado, também tenho ouvido coisas e também nunca quis me envolver, Luana, mas agora, parece que não há outra maneira. Precisamos ser fortes. Não queríamos, mas já que nos obrigaram, precisamos lutar.

— Lutar como, Felipe?

— Não sei, precisamos esperar as coisas acontecerem, só aí pensaremos no que fazer.

— Estou com muito medo, Felipe...

— Eu também, mas precisamos ficar calmos.

Luana voltou a se deitar, abraçou-se em Felipe e, juntos, ficaram esperando.

Truculência

Luísa e Tobias também acordaram com a chegada de Júlio e ficaram atentos. Viram quando Danilo e os outros saíram de carro. Ela, preocupada, perguntou:

— O que será que está acontecendo, Tobias?

— Não sei, mas parece que é algo muito grave. O rapaz parecia muito nervoso.

— Deve ser grave mesmo, Tobias, para eles saírem a esta hora da madrugada.

— Não saberemos o que está acontecendo até amanhã. Vamos tentar dormir.

Luísa sentou-se na cama e olhou para o menino, tranqüilo, no berço improvisado com cadeiras.

A criança parecia dormir, mas, na realidade, conversava com Matilde que não o abandonava por um instante sequer. Perguntou:

— O que está acontecendo, Matilde?

— Nada, não se preocupe. É só a vida colocando as coisas em seus lugares.

— O que está querendo dizer?

— Que a vida trabalha sempre para o melhor, mesmo quando parece que está tudo dando errado.

— Ainda não estou entendendo...

— Felipe e Divina estão voltando para casa. Lá, eles vão ter a oportunidade de continuar de onde pararam.

— Ela morreu antes da hora?

— Não, ninguém morre antes da hora. Embora estivesse programado, não precisava ser, podia ser mudado. Jerusa, que ajudou a fazer aquela maldade com Rosa Maria e Tobias, morreu sentindo-se culpada. Hoje, ela, como Jerusa e filha de Rosa Maria, está tendo a oportunidade para consertar o que fez.

— Ela vai conseguir?

— Não sei. As coisas e oportunidades sempre se repetem até que a pessoa consiga superar. Precisamos e desejamos ver se ela vai saber aproveitar. O mesmo vai acontecer com Marcela, que planejou e matou Divina. Ela vai ter a oportunidade de fazer ou não o que fez no passado.

— Onde ela está Matilde?

— Lá na fazenda, junto com a Severina.

— A Severina está lá?

— Está sim, pois, assim como os outros, veio ajudar aqueles que ficaram pelo caminho. Vamos esperar que, desta vez, todos consigam.

— Tudo vai se repetir?

— Não da mesma maneira, mas bem parecido.

— A Marcela vai matar a Divina outra vez?

— Não sei, espero que não.

— O que vai acontecer com Maria Luísa e Tobias aqui tão perto da Jerusa?

— Ela também vai ter a oportunidade de superar suas dificuldades e elevar seu espírito.

Luísa, sem imaginar o que seu filho e Matilde conversavam, beijou o menino no rosto e voltou a se deitar.

Menos de quinze minutos depois de Danilo, Diva e Júlio terem ido embora, Felipe e Luana ouviram o toque da campainha e fortes batidas na porta.

Felipe esperou um pouco, depois, levantou-se e foi para a janela. Abriu e olhou para baixo. Viu um carro preto na rua em frente à casa. Do alto, perguntou:

— O que está acontecendo?

Um dos homens, olhando para cima, respondeu:

— Precisamos conversar com o senhor. Pode, por favor, descer e abrir a porta?

O tom de sua voz causava medo. Luana, que continuava deitada, começou a tremer.

Felipe, antes de sair da janela, disse:

— Esperem um momento, estou descendo.

Olhou para Luana:

— Você deve descer comigo e fazer de conta que não sabe onde Danilo está, deve até chorar desesperada quando eles disserem que estão a sua procura.

— Não precisarei fazer esforço algum para chorar.

— Seus olhos estão vermelhos, antes de descer, lave o rosto. Eles não podem desconfiar de que sabíamos de alguma coisa.

— Está bem, farei o melhor de mim.

Colocaram um roupão sobre a roupa de dormir e desceram. Felipe abriu a porta e encontrou dois homens muito sérios. Um deles perguntou com a voz firme e ríspida:

— Onde está o seu filho?

— Dormindo, por quê? — Felipe respondeu, demonstrando uma tranqüilidade que não estava sentindo.

— Tem certeza de que ele está dormindo?

— Claro que está?

— Pode chamá-lo, por favor?

— Posso, mas, antes, preciso saber do que se trata.

— O senhor saberá assim que conversarmos com ele.

Felipe, enquanto conversava com o homem, olhou para fora, viu mais dois que estavam a alguns metros da porta de entrada e outros dois junto ao carro. Respondeu:

— Os senhores não querem entrar?

— Não, só queremos conversar com seu filho! — falou, com a voz mais ríspida ainda.

Felipe olhou para Luana e subiu a escada. Voltou depois de algum tempo, olhou para Luana e demonstrando surpresa, disse:

— Ele não está dormindo, Luana!

— Como não está? Ouvi quando seu carro chegou e estacionou na garagem!

— Não sei o que aconteceu, mas ele não está no quarto.

O homem olhou para os outros que estavam mais perto e, demonstrando muita raiva e nervosismo, disse:

— Vão até a garagem! O senhor vai acompanhá-los?

Felipe voltou a olhar para Luana. Disse:

— Claro que sim, pois, assim como os senhores, também estou preocupado e preciso saber o que está acontecendo.

Enquanto o homem continuava diante da porta, os outros três acompanharam Felipe até a garagem. Ele abriu a porta e, novamente demonstrando surpresa, disse:

— O carro dele não está aqui!

O homem, agora furioso, perguntou:

— O senhor tem certeza de que não sabe onde ele está?

— Tenho! Pensei que estivesse dormindo.

Voltaram para junto daquele que ficou ao lado de Luana. Um deles disse:

— O carro do rapaz não está na garagem.

— Como não está? Ouvi quando ele chegou!

— A senhora ouviu quando ele chegou, mas não quando tornou a sair! Isto é, se estiver dizendo a verdade!

Felipe, demonstrando nervosismo, disse:

— Espere aí, o senhor está nos chamando de mentirosos?

— Se isso fosse verdade, não seria a primeira vez que os pais tentariam esconder os filhos. Isso acontece muito!

— Esconder do quê e por quê?

— Seu filho é subversivo!

— Meu filho? O senhor está enganado! Ele estuda Direito e acredita nas leis! Recusa-se a participar de qualquer ato que não seja movido por elas! Pode perguntar para os seus colegas!

— Que, assim como o senhor, mentiriam por ele! Deixe-nos entrar!

— Não entendo muito de leis, mas sei que não pode entrar em minha casa sem um mandato! O senhor tem um?

— Não, não tenho, mas se diz que seu filho não é subversivo, qual é o problema de olharmos em seu quarto?

— Não tem problema, mas se entrar em minha casa sem um mandato, estará agindo contra os meus direitos legais.

— Já está nos fazendo perder muito tempo! Saía da frente, por favor!

Vendo a expressão de ódio no rosto do homem, Felipe abraçou Luana e se afastou da porta. Os homens entraram e aquele que falou o tempo todo, perguntou:

— Onde é o quarto do seu filho?

Ainda abraçado em Luana, Felipe respondeu:

— Lá no alto, queira nos acompanhar.

Abraçados, Felipe e Luana subiram a escada e foram acompanhados por três homens. Um deles continuou junto à porta.

Assim que chegaram diante da porta do quarto de Danilo, Felipe abriu-a e se afastou para que os homens entrassem. Eles entraram e, em poucos minutos, o quarto estava totalmente revirado. Olharam em todos os lugares, bateram nas paredes para ver se não havia paredes falsas, nada encontraram, a não ser alguns livros. O homem que falava, após olhar para os títulos dos livros, nervoso, disse:

— Não lhe falei que seu filho é subversivo?

— Por que está dizendo isso?

— Olhe os livros que encontramos em seu quarto! Todos falam sobre Democracia, Ditadura Vargas e em alguns países da América Latina! Este outro é de um famoso escritor comunista! Diante disto, como pode continuar afirmando que ele não é subversivo?

— Ele estuda Direito e precisa ler todos esses livros!

— Quem disse isso?

— Claro que precisa ler! Ele precisa aprender tudo o que se refere à evolução humana e suas formas de governo!

— Isso, em outros tempos, seria aceitável, mas, agora, não! Todos os subversivos são interessados nesse tipo de leitura!

— Meu filho não é subversivo!

— Se não é, onde está agora?

— Não sei onde está, mas tenho certeza de que ele acredita nas leis e, apesar do momento pelo qual o Brasil está passando, não participaria de movimento algum que não estivesse dentro da lei!

— Esta noite, foram presos alguns estudantes que estavam reunidos tramando contra o governo Federal, alguns fugiram e tivemos uma denúncia de que, entre eles, estava o seu filho!

— Não pode ser! Isso não é verdade!

— É verdade e, por mais que queira disfarçar, sei que sabe disso! Onde está o seu filho? — o homem perguntou, gritando.

— Não acredito no que está dizendo e não sei onde está o meu filho! Ele é jovem, talvez esteja com uma namorada! Não sei, só sei que, a qualquer momento, ele voltará e esclarecerá tudo isso!

— Que moça séria estaria com um homem a esta hora da noite?

— Não sei, mas pode estar com alguém! Vou repetir, ele não é subversivo! Ele acredita nas leis!

— Embora não acredite no que está dizendo, espero que tenha razão! Além do mais, não importa o que diga, pois nós o encontraremos esteja onde estiver! Muitos fugiram e foram encontrados!

Felipe se calou, não sabia mais o que dizer. Por um bom tempo, conseguiu retardar aqueles homens. Tempo suficiente para que Danilo e os outros chegassem à estação de trem.

O homem fez sinal para os outros, saíram e foram acompanhados por Felipe e Luana. Parou e perguntou:

— De quem é aquele quarto?

— De minha filha, mas ela está dormindo.

— Será que está ou fugiu ao lado do irmão?

— Ela está dormindo.

Antes que Felipe ou Luana tivesse tempo para avisar Jerusa, o homem abriu com força a porta. Ela que fingia dormir, assustada sentou-se na cama.

O homem, olhando com ódio, perguntou:

— Onde está o seu irmão?

— Deve estar dormindo em seu quarto...

— Deveria, mas não está!

— Como não está? Não entendo o que o senhor está dizendo...

— Não importa, depois de olharmos o seu quarto e, se ele não estiver aqui, poderá voltar a dormir.

Olharam todo o quarto. Não encontrando Danilo, saíram novamente para o longo corredor.

— De quem são esses quartos?

— De visitas. Estão vazios. — respondeu Felipe.

— Sem nada dizer, entraram e revistaram todos os quartos.

Quando viram que estavam realmente vazios, saíram de volta ao corredor e desceram a escada.

Jerusa, tremendo muito e assustada, assim que eles saíram do seu quarto, vestiu um roupão e ficou ao lado dos pais.

Eles desceram a escada e não pararam, caminharam imediatamente para a porta de saída, no que foram acompanhados por Felipe, Luana e Jerusa...

Quando chegaram ao jardim, o homem olhou para a casa onde Luísa e Tobias estavam. Perguntou:

— Quem mora naquela casa?

— Nosso motorista, a esposa e o filho deles. Voltou a olhar para os homens:

— Vamos até lá!

Ao ouvir aquilo, Luana, muito nervosa, disse, também gritando:

— Não podem fazer isso!

— Não posso, por quê?

— Eles devem estar dormindo e têm uma criança muito doente, esteve internada no hospital até hoje.

— A senhora deve ter um motivo para não querer que revistemos a casa.

— Já disse ao senhor que eles nada têm a ver com isso e que têm uma criança doente!

— Não acredito no que está dizendo e, se não se importar, vamos verificar se está dizendo a verdade.

Antes que Luana ou Felipe dissesse alguma coisa, caminharam em direção à casa e, assim que chegaram, um deles bateu com muita força e os outros se colocaram em posição de tiro com as armas nas mãos.

Tobias e Luísa, ao ouvirem aquelas batidas, nervosos, levantaram-se. Quando abriram a porta, assustaram-se ao ver aqueles homens armados. Tobias olhou para os homens e, antes que dissesse qualquer coisa, o homem afastou-o com força e, depois, fez o mesmo com Luísa que, assustada, começou a chorar e olhou para Luana que, com a mão, fez sinal para que ficasse calma. Os homens entraram no pequeno quarto, olharam embaixo da cama e dentro do guarda-roupa. Perceberam que naquele espaço não havia como um homem se esconder.

O menino, com o barulho das batidas, acordou e começou a chorar. Os homens olharam para ele e, ao verem que se tratava de uma criança deficiente, não se importaram e saíram do quarto.

Luísa, assim que eles saíram, correu para o menino, pegou-o no colo e começou a embalá-lo.

Os homens, acompanhados por Luana, Felipe e Jerusa, se afastaram e caminharam em direção aos carros. Antes de sair, aquele que foi o único que sempre falou, disse:

— O carro não está aqui, isso significa que ele ou eles fugiram de carro. Vamos dar um alerta para a Polícia Rodoviária. Tenho certeza de que serão presos.

Luana, num último apelo, disse:

— O senhor está enganado, meu filho não é um subversivo!

O homem, fingindo não entender, se afastou juntamente com os outros. Saíram, entraram no carro e foram embora.

Luana respirou fundo e caminhou em direção à casa de Luísa. A porta ainda estava aberta. Bateu de leve. Luísa estava com o menino no colo e ainda chorando. Luana disse:

— Espero que estejam bem. Desculpem, mas eles vieram aqui contra nossa vontade.

— Não tem problema, senhora. Claro que nos assustamos, mas agora está tudo bem. O que está acontecendo?

— Eles estão acusando meu filho de ser subversivo.

— O que é um subversivo?

— Todo aquele que é contra o Governo Federal.

— Seu filho é contra o Governo?

— É, mas não é subversivo. Ele acredita nas leis.

— É contra, por quê? Parece que este governo fez muita coisa para o povo...

— Tem razão, mas tirou as liberdades individuais.

— O que é isso?

— O que você acabou de ver. Se alguém discordar do que fazem, agem da maneira como agiram aqui, prendem, torturam e até matam.

Luísa olhou para Tobias que, assim como ela, estivera o tempo todo preocupado com sua situação e em como cuidar do filho doente. Por isso, nunca se preocupara com a política ou com o Governo. Sem saber o que dizer, ficou calado.

Luana, ao perceber que eles estavam bem, disse:

— Agora, parece que tudo ficará bem, vamos nos deitar e tentar dormir.

Caminhou em direção a sua casa. Jerusa, antes de acompanhar os pais, olhou com muito carinho para Tobias, olhar que foi notado por Luísa.

Dentro da casa, o menino estava assustado:

— O que está acontecendo, Matilde?

— Nada que não estivesse previsto.

— Quem são aqueles homens?

— Fazem parte da polícia do governo. Estão aqui para prender Danilo.

— Por quê?

— Ele e quase todos desta casa são espíritos guerreiros que se dedicaram sempre a lutar contra aqueles que oprimem o povo. Você não se lembra do que eles fizeram contra a escravidão e para que a República fosse proclamada?

— Embora na época eu estivesse doente, lembro muito bem.

— A República foi proclamada, a escravidão terminou, mas a luta pela liberdade ainda continua e eles também continuam lutando em favor dela.

— O que vai acontecer com eles, principalmente com o meu Felipinho?

— Não sei, precisamos acompanhar os acontecimentos. Mas, sabendo que eles estão sob a proteção espiritual, precisamos acreditar que conseguirão sobreviver a tudo isso.

— Espero que sim...

— Todos esperamos agora você precisa dormir. Sua mãe e seu pai estão muito preocupados.

— Está bem...

Com um sorriso, o menino adormeceu.

Ao verem que o menino parecia dormir tranqüilo, Luísa disse:

— Parece que ele está bem. Fiquei com medo que se assustasse.

— Ele se assustou, Luísa, você não viu como chorou?

— Tem razão, mas agora parece que está bem. Vamos nos deitar e tentar dormir.

— Vamos, sim. Às dez horas, vou ter de levar a moça à biblioteca.

— Não gosto da maneira como ela olha para você...

— Por quê? Que maneira?

— Não sei explicar, mas não gosto.

— Ora, não se preocupe. Você está exagerando. Ela me olha da mesma maneira que olha para você e a todos os empregados da casa.

— Não sei, não... ela olha diferente para você.

— Diferente, como?

— Não sei explicar, acho que ela gosta de você.

— Está maluca? Ela não gosta de mim! Ao contrário, deixa sempre bem clara a diferença que existe entre nós.

— Não sei não...

— Mesmo que isso fosse verdade, o que não é não faria diferença alguma. Gosto de você desde sempre e do nosso filho também.

— Preciso continuar acreditando nisso, pois ela, além de ser rica, é também uma moça muito bonita. Já lhe disse várias vezes que, se um dia me trair, eu mato você! Sabe disso!

Tobias, rindo, abraçou-a:

— Você não é capaz de matar uma mosca... e, além do mais, também é muito bonita e a única que me interessa. Agora, vamos dormir.

Deitaram-se. Ela aconchegou-se nos braços dele, adormeceram.

A fuga

Enquanto tudo aquilo acontecia na casa de Luana, Danilo e os outros, como o planejado por Felipe, deixaram o carro em uma rua distante da estação ferroviária. Caminharam por algumas quadras, tomaram um táxi que os levou até a estação. Durante o caminho, para não levantarem suspeitas, conversaram sobre assuntos normais de estudantes. O motorista do táxi nem por um minuto desconfiou de que se tratava de fugitivos. Tomaram cuidado, pois não o conheciam e, em, tempos de ditadura, não se podia confiar em ninguém nem mesmo naquele que se dizia amigo.

Para disfarçar, desceram do táxi algumas quadras antes de chegarem a estação e caminharam até ela.

Logo que entraram, foram até o guichê e, para sorte deles, o trem sairia às seis horas da manhã. Faltava pouco mais de uma hora. Ao tomarem conhecimento daquilo, compraram as passagens e foram para a

plataforma. Caminharam displicentes, falando e rindo muito. Quem os visse, jamais imaginaria quem eram e o que estavam fazendo ali.

Assim que chegaram, Diva começou a sentir-se mal. A cor de seu rosto desapareceu, começou a suar e a tremer. Segurou-se no braço de Danilo que estava mais perto. Ele, ao perceber que ela não estava bem, perguntou assustado:

— O que está acontecendo, Diva?

— Como sempre acontece quando estou em uma estação de trem, estou muito nervosa e sentindo-me muito fraca. Tenho medo de desmaiar.

Júlio, também assustado, disse:

— Vamos nos sentar. Você deve estar precisando comer alguma coisa. Danilo fique com ela, vou providenciar um lanche para todos nós.

— Faça isso, Júlio. Também estou com fome.

Júlio afastou-se. Danilo, abraçando Diva, perguntou:

— O que acha que está acontecendo com você, Diva?

— Você nos alertou sobre seu problema com trens, mas nunca pensei que fosse tão grave assim. Infelizmente, terá de suportar. Não há outra maneira. Não temos outro lugar aonde ir nem outro meio de transporte. Fique tranqüila, estou aqui ao seu lado.

— Tem razão, sei disso. Achei que já houvesse passado, mas como estamos vendo, não passou... estou me sentindo muito mal... não sei se vou conseguir fazer esta viagem...

— Precisa tentar! Sabe como é importante, pois, se formos presos, não podemos nem imaginar o que nos acontecerá!

— Tem razão, vou tentar me controlar, mas, está sendo muito difícil. Pode me abraçar?

— Claro que sim. Tente se acalmar. Logo mais, Júlio vai trazer o lanche. Tomara que, comendo, sintá-se melhor.

— Preciso ficar melhor. O momento pelo qual estamos passando exige isso.

Ele abraçou-a e fez com que colocasse a cabeça em seu ombro. Ela aconchegou-se, fechando os olhos, evitando, assim, olhar para os trilhos e, aos poucos, foi sentindo-se melhor.

Júlio retornou com três lanches e três copos com leite e café. Tomaram o lanche e sentiram-se melhor.

Mesmo assim, após comerem, Diva continuou abraçada em Danilo, que, sem perceber, acariciava seus longos cabelos. Diva disse:

— Parece que faz um século que estamos aqui, não é?

— Tem razão Diva. Talvez seja a vontade que estamos de entrar logo nesse trem e ir embora. Sinto que, dentro dele, estaremos seguros.

— Será que fomos seguidos, Júlio?

— Acredito que não. Saímos de sua casa antes de eles chegarem. Neste momento, se já não estiverem lá, estão para chegar. Tomara que seus pais consigam disfarçar e enganá-los.

Danilo começou a rir:

— Não se preocupe com isso, Júlio. Está assim porque não conhece a dona Luana. Meu pai é mais tranqüilo, mas, mesmo assim, eles saberão enganá-los.

— Tem razão, sua mãe sempre me pareceu uma mulher determinada.

— É sim, tanto que tenho certeza de que encontrará uma maneira de nos ajudar.

— Que maneira poderia ser essa?

— Não sei, mas ela encontrará.

— Esperamos que sim.

A todo o momento, olhavam para o relógio suspenso, mas parecia que ele não se movia.

Diva, ainda evitando olhar para os trilhos, continuou com a cabeça deitada no ombro de Danilo que de vez em quando acariciava seu rosto.

Júlio acompanhava aquele gesto, mas permaneceu calado, estava muito

preocupado e com medo de tudo o que estava acontecendo. Em dado momento, disse:

— Danilo, sinto por tudo o que está passando. Eu e Diva temos motivo para fugir, pois, realmente, participamos de reuniões e podemos ser chamados de subversivos, mas você, não... sempre se recusou a participar de qualquer ato que julgasse ilícito e nunca deixou de confiar nas leis.

— Tem razão, Júlio, mas, já que estou envolvido, só nos resta ficar juntos.

— Por quanto tempo, Danilo?

— Não sei Diva, pelo tempo que for necessário.

Ela, embora estivesse sentindo-se melhor, ainda tremia um pouco, Júlio, olhando para ela e vendo seu estado, perguntou:

— Por que será que você fica assim sempre que está em uma estação de trem, Diva?

— Não sei, mas, desde que aconteceu aquilo comigo, quando era pequena, sempre evitei chegar perto de uma estação e de um trem.

— Deve ter alguma explicação, acho que deveria procurar ajuda. Danilo começou a rir. Júlio e Diva não entenderam. Ele perguntou:

— Do que está rindo, Danilo?

— Estou me lembrando daquilo que minha tia disse, Diva. Diva, relembrando-se do que Marília havia dito, também riu e perguntou:

— Acredita mesmo naquilo que ela disse Danilo?

— No momento em que ela falava, não, mas, diante do que está acontecendo com você, desse medo inexplicável, chego a pensar que pode ser verdade que poder haver reencarnação.

— Reencarnação? Do que estão falando? — Júlio perguntou, quase gritando.

Danilo, olhando para ele e ainda rindo, respondeu:

— Minha tia veio com essa conversa, confesso que, a princípio, não acreditei, mas, diante do que está acontecendo com Diva, pode ser verdade. Do contrário, qual seria o motivo de ela sentir-se assim em uma estação de trem?

— Não sei qual é o motivo, mas garanto que não se trata de reencarnação. Isso não existe, Danilo!

— Pode ser que não exista, mas se existir? Poderíamos imaginar que Diva possa ter morrido em uma estação de trem e por ele, ou que algo de muito grave tenha acontecido. Só isso responderia a esta situação.

— Sabe que pode ter razão, Danilo? Se aquilo que sua tia disse for verdade, teríamos a resposta. Será que foi isso que aconteceu? Será que fui atropelada e morta por um trem, ou teria acontecido algo muito grave?

— Não sei... não sei...

— Vocês estão loucos mesmo...

Danilo e Diva riram. Ela se aconchegou mais a ele, que, sorrindo, acariciou seu rosto.

Finalmente o trem chegou. Eles entraram. Sentaram-se e, ansiosos, esperaram que ele partisse. Só assim teriam certeza de que estariam fora de perigo.

Lentamente, após o apito, o trem começou a andar e a se afastar da estação. Os três respiravam fundo, aliviados.

Conversando com Rodolfo

Depois que os homens foram embora, Luana se deitou, tentou dormir, mas não conseguiu. Pensava:

“Será que eles conseguiram pegar o trem? Eu fiquei apavorada quando ouvi Júlio dizer que a polícia estava vindo para prender Danilo. Fiquei muito mais, depois de conhecer aqueles homens. Eles são frios e cruéis,

se os prender, não imagino o que poderão fazer. Preciso encontrar uma maneira de esclarecer esse engano. Mas o que posso fazer? Não conheço ninguém que possa me ajudar. Durante todo esse tempo da Ditadura, nunca me preocupei com política, somente em cuidar dos meus pacientes. Meu Deus preciso de uma luz, de um caminho para seguir. Queira Deus que eles, neste momento, estejam dentro do trem. Lá na fazenda, estarão protegidos.”

Naquele mesmo instante, Alda chegou e estranhou ao ver que ninguém havia se levantado.

“O que será que aconteceu? Por que ninguém se levantou? Desde que trabalho nesta casa, isso nunca aconteceu. Não sei o que fazer. Será que devo subir para saber o que aconteceu? Não, o melhor a fazer é pedir a Carlita que prepare o café e esperar que eles se levantem.”

Foi até a cozinha. Carlita estava junto ao fogão preparando o café. Ao vê-la entrar, perguntou aflita:

— O que aconteceu nesta casa, dona Alda? Por que ninguém acordou ainda?

— Não sei Carlita. Vamos terminar de preparar o café e esperar. Em algum momento, um deles acordará e saberemos.

Prepararam o café. Esperaram, mas, apesar de ter se passado mais de uma hora, a casa continuava em silêncio. Preocupada, saiu para o jardim e viu Tobias que lavava o carro. Aproximou-se:

— Bom dia, Tobias.

— Bom dia, dona Alda.

— Tobias, estou preocupada, os patrões e os meninos ainda não acordaram. Eles já perderam a hora para o trabalho e os meninos a da escola. Nunca vi isso acontecer.

— Não precisa ficar preocupada, esta noite aconteceu muita coisa e eles devem estar dormindo. Luísa também ainda está dormindo. O menino ficou muito assustado, chorou muito e demorou para dormir. Luísa

também estava muito assustada e não quis acordá-la. Sei que a doutora entenderá.

— O que aconteceu, Tobias?

Ele, sem saber se podia comentar, respondeu:

— Acho melhor a senhora esperar os patrões acordarem, eles poderão contar.

Ela, percebendo que ele não queria comentar o que havia acontecido e muito curiosa, insistiu:

— O que foi que aconteceu, Tobias? Você está me deixando preocupada!

— Desculpe senhora, mas não posso comentar, são coisas de família.

Ela, nervosa e curiosa, ia voltando para a casa, quando, olhando para a garagem que estava com a porta aberta, viu que o carro de Danilo não estava ali. Mais preocupada ainda, perguntou:

— Tobias, onde está o carro do Danilo?

— O senhor Danilo saiu com o carro de madrugada.

— De madrugada, por quê?

— Desculpe, mas não posso dizer. Logo mais os patrões vão acordar e a senhora poderá perguntar.

Percebendo que ele não ia dizer nada, ela se afastou e caminhou em direção da casa.

Entrou. Carlita, assim como ela, também estava preocupada. Conversavam, quando Luísa entrou. Assim que a viram, Alda perguntou:

— Luísa, sabe alguma coisa sobre o que aconteceu esta noite?

— Por que está perguntando? A senhora parece tão preocupada, dona Alda?

— Ninguém se levantou até agora e você mesma só chegou agora. O que aconteceu, Luísa? Perguntei ao Tobias, mas ele não quis me contar. Estou muito nervosa!

Luísa, vendo o desespero delas, disse:

— Não sei se devia. Talvez Tobias fique bravo comigo, mas a senhora está muito aflita. Vou contar.

Em poucos minutos, contou o que havia acontecido. Alda e Carlita ficaram apavoradas. Alda disse:

— Isso não podia ter acontecido com Danilo, ele é um bom moço, só quer estudar e ser um bom advogado.

— Embora não o conheça há muito tempo, também penso assim. Luísa falou visivelmente preocupada.

— O que vamos fazer dona Alda?

— Nada podemos fazer Carlita, a não ser esperar e pedir a Deus que tudo seja esclarecido.

O telefone tocou, Alda atendeu:

— Alô. Alda, bom dia, sou eu, o Rodolfo.

— Bom dia, doutor Rodolfo. Que bom que telefonou.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Aconteceu muita coisa e até agora ninguém acordou. Estou preocupada, são quase dez horas...

— Foi por isso mesmo que telefonei. Estou preocupado, pois nem Felipe nem Luana vieram para o hospital. Eles têm pacientes para atender. O que aconteceu?

— Não sei direito. Parece que a polícia veio para prender o Danilo.

— O quê? A polícia veio prender o Danilo? Por quê?

— Não sei doutor. A moça, mãe do menino, também não sabe muito. Ela não entendeu o que aconteceu e só contou o que entendeu.

— Faça-me um favor. Vá até o quarto de Felipe e acorde-o, estou muito preocupado.

— Farei isso, mas o senhor não acha melhor esperarmos mais um pouco?

— Não precisa Alda, estou acordado. Com quem está falando ao telefone?

Alda voltou-se e viu Felipe aproximando-se. Passando o telefone para ele, respondeu:

— É o doutor Rodolfo. Ele está preocupado.

— Está bem, Alda, obrigado, falarei com ele. Pegou o telefone, Alda se afastou.

— Alô, Rodolfo.

— O que aconteceu, Felipe?

— Muita coisa, mas não podemos falar por telefone. Luana está terminando de se vestir. Iremos para aí e lhe contaremos tudo o que aconteceu esta noite.

— O que foi que aconteceu, Felipe? — perguntou nervoso e gritando.

— Não posso lhe dizer por telefone, Rodolfo. Tenha um pouco de paciência, já estamos chegando.

— Está bem. Estou aguardando vocês e direi aos pacientes que tiveram um problema e que irão se atrasar.

— Faça isso, por favor, e obrigado.

— Quem era ao telefone, Felipe?

Quem perguntava era Luana que acabava de descer a escada e se aproximou de Felipe.

— Rodolfo está preocupado por não termos ido ao hospital.

— O que disse a ele?

— Nada, Luana, apenas que depois lhe contaremos tudo o que aconteceu.

— Melhor assim, não sabemos se nosso telefone está grampeado.

— Foi por isso que me limitei a dizer o estritamente necessário.

— Agora, vamos para o hospital. Precisamos manter a nossa rotina. Tomara que os meninos tenham conseguido pegar o trem e já estejam viajando.

— Devem estar Luana. O meu plano vai dar certo. O problema é que não teremos como saber até que consigam nos mandar notícias ou consigamos enviar alguém até lá.

— Preciso conversar com Alda. Por sua expressão, percebi que está preocupada e não entendeu o que aconteceu.

— Faça isso, vou terminar de me arrumar e iremos para o hospital.

Luana foi para a cozinha, Felipe voltou para a escada. Estava subindo, quando encontrou Jerusa, que descia apressada.

— Bom dia, papai. Estou atrasada. Preciso ir para a biblioteca.

— Bom dia, filha. Não se esqueça de que não deve comentar com ninguém o que se passou esta noite. Precisamos ser discretos.

— Fique tranqüilo, não comentarei com ninguém.

Desceu correndo e foi para a sala de refeições. Apressada, pegou um copo, colocou suco, tomou rapidamente e saiu. Luana, na cozinha, conversava com Alda:

— Sei que está preocupada, Alda, mas não precisa ficar, está indo bem.

— Como tudo bem, senhora? A Luísa me contou o que aconteceu. Foi algo muito grave. O carro do Danilo nem ele estão em casa. O que aconteceu, senhora? Para onde ele foi? Diva foi com ele também, por quê?

— Diva foi com ele, assim como o Júlio. Eles estão bem, assim espero, e para o seu bem, é melhor que não saiba o que aconteceu. Continue sua rotina como se nada tivesse acontecido. Precisamos manter a calma. Disso depende o bem estar deles.

— Está bem, senhora. Já que está tão calma, o que aconteceu não deve ser grave mesmo.

Luana sorriu:

— Preciso lhe pedir uma coisa.

— O que, senhora?

— Não comente com ninguém o acontecido e se alguém vier procurar pelo Danilo, diga que ele foi viajar. Somente isso.

— Está bem. A senhora e o doutor vão tomar café?

— Não, vamos terminar de nos aprontar e iremos para o hospital. Lá, comeremos alguma coisa.

Alda, embora preocupada, mas vendo no rosto de Luana total tranqüilidade, sorriu.

Luana saiu da cozinha e foi para seu quarto terminar de se arrumar. Embora, para não alarmar os empregados da casa, demonstrara tranqüilidade e despreocupação, seu coração estava apertado. Temia pelo filho, principalmente por saber que ele nunca quis se envolver em lutas contra a Ditadura, mas vencê-la através das leis. Porém, sabia que, naquele momento, nada mais poderia ser feito. Só desejava que ele chegasse bem à fazenda, pois, embora não soubesse a razão, sentia que ali ele estaria protegido.

Depois de terminarem de se arrumar, saíram e chegaram ao hospital. Rodolfo os esperava ansioso. Sabia que algo de grave havia acontecido, mas não podia precisar o quê. Assim que eles se aproximaram, ele, aflito, perguntou:

— O que aconteceu, Felipe? Por que não quis me dizer ao telefone?

— Não precisa ficar aflito dessa maneira, Rodolfo. Agora está tudo bem, ao menos por um tempo.

— Pelo amor de Deus, me conte o que está acontecendo, Felipe!

— Não tivemos tempo para tomar o café da manhã, vamos para a lanchonete e lá conversaremos.

Foram para a lanchonete, sentaram-se e pediram café e um lanche. Enquanto o lanche estava sendo preparado, Felipe começou a contar tudo o que havia acontecido. Terminou, dizendo:

— Como pode ver, agora está tudo sob controle. Eles estão indo para a fazenda e, enquanto ficarem lá, não correrão perigo.

Rodolfo não tinha tanta certeza. Disse:

— Como pode ter certeza de que eles chegarão à fazenda?

— Se tivessem sido presos, já saberíamos. A polícia teria nos avisado.

— Em que país você pensa que está vivendo, Felipe?

— Não estou entendendo.

— Pelo que está dizendo, pode-se ver que não entende o que está acontecendo no Brasil, Felipe! Este país está sem leis! A polícia prende e faz o que quer sem dar satisfação a ninguém! Pessoas desaparecem sem que famílias sejam avisadas e muitas não estão voltando para casa. Precisamos encontrar uma maneira de saber se eles estão bem, mesmo! Hoje mesmo, vou para a fazenda!

— Não pode fazer isso, Rodolfo!

— Por que não, Luana?

— A polícia deve estar seguindo os nossos passos. Se algum de nós for até a fazenda, com certeza nos seguirão e os três serão presos!

— Ela tem razão, Rodolfo. Precisamos pensar em um meio para termos notícias, mas não podemos nos precipitar. Precisamos acreditar que eles estão bem.

— Isso que está acontecendo com Danilo não é justo! Embora eu tenha tentado convencê-lo do contrário, pois acho que esse governo deve ser derrubado, ele, não! Nunca quis participar de movimento algum para derrubar o governo!

— Nós sabemos disso, Rodolfo, mas parece que a polícia não está interessada em saber a verdade. Ele foi denunciado e isso basta para ela. Por isso, precisamos tomar cuidado!

— Tem razão, Felipe, estou muito nervoso e, por isso, não estou raciocinando direito. Vamos encontrar uma solução.

— Isso mesmo, meu irmão. Agora, precisamos acreditar que estão bem e que encontrarão uma maneira de nos contatar. Vamos trabalhar, temos pacientes nos esperando.

Tomaram o café que a garçonete já havia servido e foram para seus consultórios.

Hora de escolha

Enquanto Luana conversava com Alda, Jerusa saiu da casa e viu Tobias que terminava de lavar o carro. Aproximou-se:

— Bom dia, Tobias, está pronto para me levar à biblioteca?

— Sim, senhorita. Bom dia.

Encaminhou-se para abrir a porta de trás para que ela entrasse. Antes de colocar a mão na maçaneta, ela disse:

— Não vou atrás, Tobias. Quero ir na frente com você?

— Na frente, senhorita?

— Sim, na frente. Não gosto de viajar atrás, meus pais me obrigam, porém hoje eles estão preocupados com o meu irmão e não perceberão.

Ele, sem entender o que estava acontecendo ou quais eram as intenções dela, ficou parado. Ela, alterando a voz, disse:

— Vamos, Tobias, abra a porta!

Ele, como se voltasse a si, deu a volta, abriu a porta da frente, por onde ela entrou e sentou-se. Ele, pelo outro lado, entrou no carro, ligou, acelerou e foram embora.

Da porta da casa, Luísa acompanhou toda a cena.

No carro, enquanto dirigia, Tobias lembrou-se do que Luísa havia dito. Estava nervoso, mas fazia o possível para demonstrar calma. Jerusa percebeu e, divertindo-se, perguntou:

— O dia está lindo, não é, Tobias?

— Está sim, senhorita...

— Quando estivermos a sós, não precisa me chamar de senhorita. Pode me chamar de Jerusa.

— Desculpe senhorita, não entendi.

— Entendeu muito bem, eu disse que pode me chamar de Jerusa.

— Não posso senhorita, sou seu empregado.

— Isso precisa ficar claro quando estivermos ao lado de outras pessoas, mas, quando sozinhos, não há necessidade.

Ao mesmo tempo em que dizia isso, ela colocou sua mão na perna dele, que, embora quisesse afastá-la, não podia, pois estava com o pé no acelerador. Ela, sorrindo por dentro, começou a acariciar sua perna. Ele, desesperado, disse:

— Por favor, não faça isso, senhorita. Além de ser seu empregado, sou casado e amo a minha esposa e meu filho.

— Não quero me casar com você, somente ficar algum tempo ao seu lado. Assim que o vi, senti que o conhecia há muito tempo e que queria ser sua. Tentei afastar o pensamento, mas não consegui. Sinto que algo mais forte nos une.

Ele, encostando o carro no meio-fio, disse, assustado:

— Está louca!

— Estou, sim, por você!

— Não pode ser!

— Claro que pode. Agora mesmo, poderemos ir para um hotel e ninguém ficaria sabendo. A nossa felicidade só depende de você. Vamos para um hotel?

— Não! A senhorita disse que ia para a biblioteca!

— Eu menti... queria ficar sozinha com você...

— Não pode ser senhorita. Já lhe disse que tenho mulher e um filho e amo aos dois...

— Como pode amar um filho como o seu? Doente e que nunca será nada na vida? E aquela mulherzinha sem graça?

— Embora sabendo que meu filho não tem futuro como qualquer outra criança, eu o amo e a minha mulher também, jamais os trairia!

— Vamos deixar de conversa e, agora, iremos para um hotel.

— Não, senhorita, desculpe, mas não posso.

— Claro que pode!

— Não, senhorita, por favor...

— Não venha com essa conversa! Como pode negar que assim que me viu se interessou e só não demonstrou por medo! Sei que gosta de mim.

— Não, amo minha mulher e estou agradecido aos seus pais por nos terem acolhido e ajudado. Jamais poderia trair a confiança deles...

— Pois não me importo com aquilo que pensa ou deseja fazer! Quero você e conseguirei ter de uma maneira ou de outra! Vamos!

— Por favor, senhorita, não faça isso...

— Está bem, pode não ser hoje, mas será em outro dia qualquer. Você ainda será meu! Vamos para a biblioteca! — ela disse isso, irritada e gritando.

Nervoso, ele tornou a ligar o carro e saíram.

Jerusa, embora não entendesse o que estava acontecendo e por que sentia amor e desejo por aquele desconhecido, seguiu em silêncio.

Ele, desesperado por aquilo que estava acontecendo, enquanto dirigia, pensava:

“Essa moça está completamente louca! Meu Deus acho que vamos ser obrigados a ir embora. Logo agora que na nossa vida estava tudo bem. Para onde poderemos ir? Luísa tinha razão, ela, antes de mim, percebeu as intenções dessa moça. O que vou fazer?”

Jerusa também seguiu em silêncio, mas pensava:

“O que está acontecendo comigo? Como posso estar agindo assim? Ele não passa de um serviçal! Como pude me apaixonar dessa maneira? Quero esse homem e, para tê-lo, farei o que for preciso! O que for preciso!”

Nervoso, Tobias dirigiu o carro. Sabia que, embora naquele momento, ele e Luísa estivessem vivendo tranquilos, tudo estava para terminar. Precisava tomar uma atitude, mas qual?

Parou o carro em frente à biblioteca, estava descendo para abrir a porta, quando Jerusa, nervosa, disse:

— Não precisa abrir a porta, não sou aleijada!

Ele ficou em silêncio, entendia que aquele momento era difícil. Ela desceu, ele voltou a ligar o carro e a sair.

Tobias dirigia de volta a casa. Estava nervoso, pois sentia que toda aquela segurança em que se encontravam poderia terminar. Sabia que não seria fácil deixar de atender aos apelos de Jerusa. Pensava:

“Ela é muito bonita e envolvente. Sinto que, se não formos embora, não resistirei à tentação. Não! Não posso nem pensar nisso! Amo Luísa e jamais poderei trair esse amor.”

Assim que estacionou o carro em frente a casa, desceu e foi para o quarto, onde Luísa passava roupas. Para que ela pudesse cuidar do menino, Alda levou a tábua de passar para lá. Assim que o viu entrar, ela percebeu que ele não estava bem, perguntou:

— O que aconteceu, Tobias? Você está nervoso.

Ele, sem coragem de dizer o que estava acontecendo, respondeu:

— Nada está acontecendo, Luísa! Não sei por que está perguntando isso!

— Por que está gritando comigo? Só lhe fiz uma pergunta.

— Desculpe, mas não estou bem. Desde que me levantei, estou com muita dor de cabeça.

— Dor de cabeça? Você nunca teve dor alguma...

— Também não estou entendendo, por nunca ter sentindo dor alguma, sei que ela vai passar. Vou perguntar a dona Alda se vai precisar do meu trabalho, se não precisar, vou me deitar e tentar dormir um pouco.

— Deve fazer isso. Deite-se que eu vou falar com ela. Explicarei sobre sua dor, ela vai entender. Nunca, em nossa vida, estivemos em uma situação de segurança como esta, não é Tobias? Agora, estamos protegidos. A doutora parece gostar muito da gente. Estranho isso, não acha?

— Estranho, por quê?

— Ela nunca nos viu e, mesmo assim, nos trouxe para sua casa e está nos dando toda assistência, não só a nós, mas ao nosso menino também. Tenho medo de que tudo isso acabe.

Ao ouvir aquilo, ele estremeceu. Lembrou-se da situação em que estava, mas ficou calado. Precisava esperar para ver o que ia acontecer daquele dia para frente.

Luísa viu quando Jerusa sentou no banco da frente do carro. Ficou preocupada, pois sabia que ela, além de ser bonita, tinha dinheiro, o que poderia levar Tobias a pensar muito, caso ela se interessasse por ele. Ao vê-lo voltar daquela maneira, sua desconfiança aumentou. Enquanto se dirigia para casa, onde pretendia conversar com Alda, pensava:

“O que será que aconteceu? Por que ele está tão nervoso? Será que ela lhe disse alguma coisa? Será que ela o ofendeu? Ele está estranho. Apesar de tudo o que já passamos, nunca o vi dessa maneira. Parece que está descontrolado...”

Entrou em casa. Alda estava na sala, mostrando para a empregada como deveria limpá-la. Luísa se aproximou:

— Dona Alda, preciso conversar com a senhora.

— Pois não, Luísa, o que aconteceu?

— Meu marido está com muita dor de cabeça, pediu que eu viesse até aqui para saber se a senhora vai precisar dele.

— Não, hoje, não pretendo sair. Diga a ele que pode tomar um comprimido e descansar. Quando os doutores chegarem e, se essa dor não passar, é melhor que converse com um deles.

— Obrigada, dona Alda, vou conversar com ele.

Estava saindo quando ouviu o telefone tocar. Alda atendeu. Ouviu alguma coisa do outro lado da linha e desligou o telefone. Voltou-se para Luísa e disse:

— Infelizmente, seu marido vai ter de esperar para tomar o comprimido. Jerusa acabou de telefonar e pediu que ele fosse buscá-la na biblioteca.

Luísa não gostou, mas sabia que nada poderia fazer, pois seu marido era o motorista da casa e precisava cumprir seu dever. Disse:

— Está bem, vou falar com ele. Obrigada, dona Alda.

Saiu da casa e, enquanto voltava para seu quarto, pensou:

“Alguma coisa está acontecendo, nunca vi o Tobias tão preocupado... não entendo, logo agora que estamos tão bem nesta casa. Temos trabalho e tratamento para o nosso filho, o que mais alguém poderia querer?”

Entrou em casa. Encontrou Tobias que, sentado na cama, olhava para o menino que dormia tranqüilo. Perguntou:

— O que está fazendo, Tobias?

— Olhando para o nosso filho e agradecendo a Deus por termos encontrado esta casa, onde ele está tendo toda assistência.

— Agradeço a Deus todos os dias. Ele nos enviou esses anjos e só podemos agradecer, mesmo.

— Também acho e, por isso, farei qualquer sacrifício para que tudo continue assim. Nada posso fazer que coloque nossa estabilidade em risco.

— Por que está dizendo isso, Tobias? Estamos seguros, protegidos e em paz, aqui nesta casa. Não precisa se preocupar, a doutora não vai nos abandonar. Estamos bem, Tobias...

— Sei disso, mas temo que alguma coisa possa acontecer para que essa paz termine.

— Nada vai acontecer. Conversei com dona Alda, ela disse que, depois que for buscar a moça na biblioteca, poderá tomar o comprimido e descansar. Estranho.

— O que é estranho?

— Você acabou de deixá-la na biblioteca, se sabia que seria por tão pouco tempo, poderia ter ficado e esperado. Essa moça é estranha...

— Não sei se é estranha, só sei que é a patroa, ela manda, eu faço! Ela percebeu que ele não estava normal. Perguntou:

— O que está acontecendo, Tobias? Por que está tão nervoso. Ele gritou:

— Quantas vezes vou ter de lhe dizer que nada está acontecendo! Será que não pode me deixar em paz? Vou buscar a moça, depois, vou tomar um comprimido, descansar e essa dor vai passar.

Percebendo que Tobias estava descontrolado, Luísa se calou.

Ele se levantou, pegou seu boné de motorista, aproximou-se de Luísa, deu-lhe um beijo na testa e saiu.

Ela ficou olhando-o se afastar e, por conhecer seu marido muito bem, sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não podia precisar o quê.

Tobias estacionou o carro em frente à biblioteca. Embora tentasse disfarçar, estava preocupado e pensava:

“O que vou fazer? Logo agora que tudo parecia estar tão bem... o que essa moça viu em mim para que ficasse dessa maneira? Meu Deus, por favor, me ajude. Amo minha mulher e meu filho, não quero cometer uma traição... o que vou fazer se ela continuar insistindo?”

Estava pensando, quando viu Jerusa se aproximando. Saiu do carro, abriu a porta traseira para que ela entrasse, mas ela, ao se aproximar, fechou a porta, abriu a da frente e entrou. Tobias deu a volta, entrou, sentou-se e ligou o carro. Estava saindo quando Jerusa, colocando a mão em sua perna, fez com que parasse. Olhou bem nos olhos dele e perguntou:

— Por que você não quer aceitar o meu amor? Ele é verdadeiro. Sinto que, se você quiser, poderemos ser felizes...

Ele, nervoso e sem saber o que responder, permaneceu calado. Ela continuou:

— Sabe que, ao meu lado, poderá ter tudo com o que sonhou e até muito mais.

Nervoso e tremendo, ele respondeu:

— A senhorita está enganada. Não pode gostar de um homem como eu. Por saber a minha situação, está apenas querendo se divertir. Além do mais, já lhe disse que amo minha mulher e meu filho, não quero e não posso cometer uma traição.

— O que sua mulher tem que eu não tenho? Ela é bonita? Também sou! Ela tem dinheiro para lhe dar tudo do que precisar? Não! Eu tenho e posso fazê-lo muito feliz!

— Apesar da pobreza em que sempre vivemos, somos felizes.

— Como podem ser felizes sem dinheiro e com um filho sem futuro como o seu? Sabe que aquela criança é um estorvo! Ele nunca vai ter uma vida normal, será sempre um peso na sua vida! Pense bem no que está fazendo! Estou lhe dando uma oportunidade que muitos queriam ter!

— Não fale assim do meu filho! Eu o amo da maneira como é! Sei que, se tiver condições de freqüentar uma escola especializada, poderá ser útil para a sociedade!

— Está tentando enganar a quem? Mesmo que tivesse dinheiro para matricular seu filho em uma escola especializada, na situação dele, não adiantaria, sabe que, para sempre, ele ficará preso a uma cama!

Ele sabia que o que ela falava era verdade. Seu menino nunca poderia ter uma vida normal como outra criança qualquer. Em seus olhos, lágrimas se formaram. Ela percebeu. Abraçou-o e começou a beijar seu rosto, procurando seus lábios. Ele tentou se afastar, mas foi impossível. O contato daqueles lábios e o perfume que ela exalava fizeram com que seu corpo reagisse. Ela percebeu e continuou com as carícias. Depois de algum tempo em que ele se deixou levar, reagiu com violência e afastou-a.

— Deixe-me em paz! Por favor!

Antes que ela tivesse qualquer reação, ligou o carro e saiu em disparada. Ela, feliz por sua reação, por um tempo, seguiu em silêncio. Depois, ainda acariciando sua perna, disse:

— Não precisa ficar nervoso, Tobias. Sei que, assim como eu gosto de você, está gostando de mim também. Ninguém precisará saber. Podemos nos encontrar escondido.

— Não posso fazer isso! Amo a minha mulher e não quero enganá-la!

— Ela não precisa saber... sei que teremos momentos felizes...

— Por favor, senhorita, não faça isso... é uma moça muito bonita, tem dinheiro e poderá ter o homem que quiser, por favor, me esqueça...

— Como posso esquecê-lo? Acredita que eu queria que esse amor acontecesse? Acredita que não sei quem sou e quem você é? Claro que sei de tudo isso, mas não consigo controlar esse desejo que estou sentindo.

— Por favor, senhorita. Seus pais confiaram em mim, deram abrigo para mim e minha família. Jamais poderia enganá-los dessa maneira.

— Já lhe disse que ninguém precisará saber.

— Eu saberei e nunca mais poderei olhar nos olhos da Luísa. Ela me ama e confia em mim...

— Vocês estão vivendo bem?

— Sim, depois de muito tempo, estamos nos sentindo seguros e protegidos. Por favor, senhorita, não faça com que tudo isso acabe.

— Você acabou de dizer que meus pais confiam em você, o que acha que fariam se eu lhes dissesse que você tentou me agarrar no carro?

— Não fiz isso, senhorita!

— Não fez, mas se eu disser que fez, tenho certeza de que acreditarão na minha palavra mais do que na sua... — disse com ironia na voz e rindo com o canto da boca.

Ele, desesperado e sem saber o que fazer, ficou calado. Ela, percebendo que estava ganhando terreno, disse:

— Tenho uma amiga que ficou órfã. Seus pais morreram em um acidente de carro. Eles deixaram como herança vários imóveis, entre eles muitos apartamentos. Ela reservou um deles para que servissem de encontros para si e para suas colegas. Sei que, se conversar com ela, nos emprestará o apartamento, poderemos nos encontrar lá e ninguém precisará saber.

— Não posso fazer isso, senhorita... trairia não só a minha mulher como aos seus pais também. Eles não merecem isso...

— Já que está tão preocupado com meus pais, se não fizer o que quero, hoje mesmo direi a eles que tentou me agarrar e vocês estarão no olho da rua! Pense bem!

— Não faça isso, senhorita, por favor...

Ela, ao ouvir aquilo, ficou mais nervosa do que já estava. Disse, gritando:

— Claro que farei! Está em suas mãos e pare de me chamar de senhorita. Meu nome é Jerusa! Entendeu Jerusa!

Ele percebeu que não havia mais argumentos e que precisava tomar uma decisão. Aceitar o que ela lhe propunha ou pegar Luísa e o menino e sair daquela casa, onde havia encontrado tanto carinho. Sem saber o que fazer, permaneceu calado.

Em casa, Tobias estacionou o carro e, antes de descer, Jerusa, disse:

— Lembre-se do que lhe disse! Agora, vamos almoçar, depois do almoço, ao invés de irmos para a faculdade, iremos para o apartamento da minha amiga! Entendeu? Espero que sim, pois, se não aceitar a minha proposta, hoje mesmo sairá desta casa!

Ele, em silêncio, desceu do carro e ia abrir a porta para que ela descesse, mas antes que chegasse, ela abriu a porta e, furiosa, desceu.

Luísa que, ao ouvir o barulho do carro, saiu para esperar Tobias, viu aquela cena e ficou intrigada:

“O que será que está acontecendo? Por que ela está no banco da frente? Por que está tão nervosa e ele também? Está acontecendo alguma coisa, mas o quê?”

Tobias se aproximou. Ela percebeu que ele estava nervoso, foi beijá-lo como sempre fazia, mas ele afastou o rosto e entrou em casa. Foi até o quarto, onde o menino parecia dormir sossegado. Nervoso, sentou-se na cama e, olhando para o menino, começou a chorar. O menino abriu os olhos e o viu chorando. Olhou para o lado. Matilde continuava ali. Curioso, perguntou:

— O que aconteceu, Matilde? Por que ele está chorando?

— Na vida tudo sempre se repete. Jerusa está de volta e querendo novamente o amor de Tobias, mas, como da outra vez, agora também não vai ser correspondida. Esperemos que, tanto ela como Maria Luísa consigam superar o erro de outros tempos. Só assim, poderão seguir adiante.

— Por que tudo tem que se repetir Matilde?

— Para que o espírito possa vencer suas fraquezas. Jerusa sofreu muito com aquilo que fez, mas, mesmo assim, precisa passar por tudo novamente e superar. Só assim, seu espírito estará livre para prosseguir no caminho da evolução. O mesmo está acontecendo com Maria Luísa. Ela vai ter a oportunidade de cometer o mesmo erro da vida passada, mas terá também a oportunidade de exercer o perdão, ficar livre e poder continuar.

— Será que elas vão conseguir?

— Não sei, esperamos que sim. Embora estejam sendo intuídas por bons amigos espirituais, nem sempre são ouvidos.

— Quando não são ouvidos, o que acontece?

— Seguirão nesta vida até o último instante e, depois, em outra encarnação, terão outra oportunidade.

— As oportunidades nunca terminam?

— Não, Deus é um Pai amoroso e nos dá todo o tempo de que precisamos para resgatarmos os nossos erros e encontrarmos o nosso caminho.

Luísa, preocupada, também entrou no quarto e, ao ver Tobias chorando, perguntou:

— Por que está chorando, Tobias? O que aconteceu?

Ele, sem responder, olhou para ela, levantou-se, abraçou-a com muito força e disse:

— Não posso lhe contar, só precisa saber que, aconteça o que acontecer, eu amo muito você e nosso filho e, se eu fizer alguma coisa que possa lhe parecer errado, saiba que fiz porque não havia outra saída.

— Está me assustando, Tobias, o que aconteceu? O que vai precisar fazer que possa parecer errado? O que pode acontecer, logo agora que tudo está dando tão certo e que temos toda segurança do mundo?

— Não se preocupe essa segurança não estará em perigo. Sei que precisamos continuar aqui, pois, além de termos trabalho e tratamento para o nosso menino, não temos para onde ir. Não se preocupe, está tudo bem. Agora, preciso almoçar. Depois do almoço, tenho de levar a moça para a faculdade.

— Essa sua preocupação tem a ver com ela?

Ele, admirado, respondeu:

— Claro que não! De onde tirou essa idéia?

— Não sei, estou estranhando sua atitude e a dela sentada ao seu lado no carro, quando deveria ir no banco de trás. Afinal, ela é a patroa.

— Ela não gosta de viajar atrás, é somente isso, nada mais! Não pode se esquecer de que sou só o motorista, mas quem dá as ordens são os patrões. Ela gosta de ir no banco da frente, o que posso fazer?

— Está bem, sei que me ama, por isso não fico preocupada. Além do mais...

Ela parou de falar, ele nervoso e preocupado, perguntou:

— Além do quê, Luísa? O que está querendo dizer?

— Nada, Tobias, nada...

— Nada, não! Você quis dizer alguma coisa, preciso saber o que é!

— Tobias, você está gritando comigo? Nunca fez isso!

Ele percebeu que havia gritado. Tentando demonstrar uma calma que não sentia, abraçou-a, dizendo:

— Estou mesmo muito nervoso, mas não sei qual é o motivo. Fique calma que logo tudo isso vai passar.

— Está bem, vou até a casa pegar o seu prato. Sei que não gosta de comer lá na cozinha.

Ele sorriu e, abraçando-a, disse:

— Viu por que eu amo você? Estamos há tanto tempo juntos que você me conhece mais do que eu mesmo.

Ela também sorriu e saiu.

O papel da Ditadura

Luana fez sua ronda e atendeu suas pacientes. Embora procurasse reagir calmamente, estava nervosa e impaciente por não saber o que havia acontecido com Danilo.

Será que eles conseguirão chegar à fazenda? E se estiverem presos e sendo torturados? Preciso saber, mas como? Tenho quase certeza de que estamos sendo vigiados.

Pensou por algum tempo, depois se lembrou de Horácio, um amigo de Danilo, filho de uma sua amiga. Telefonou:

Assim que uma voz de mulher atendeu do outro lado, ela disse:

— Bom dia, Selma, preciso conversar com Horácio, ele está em casa?

— Não, Luana, está na faculdade.

— É mesmo, estou tão aflita que esqueci.

— O que está acontecendo?

Luana, antes de responder, pensou um pouco e respondeu:

— Nada, só preciso conversar com ele a respeito de Danilo. Estou preocupada com ele.

— Por que, Luana? Ele sempre me pareceu um bom moço...

— Ele é, mas estou preocupada, outro dia lhe conto. Até mais.

Desligou o telefone. Selma, sem entender o que estava acontecendo, ficou esperando a volta do filho.

Luana, assim que desligou o telefone, agoniada e sem saber o que fazer, foi conversar com Felipe, que também havia terminado de fazer sua ronda. Entrou em seu consultório, dizendo:

— Felipe, estou desesperada sem saber o que aconteceu. Será que eles conseguirão chegar à fazenda?

— Fique calma. Devem estar viajando. Sabe que só chegarão quase a noitinha.

— Também quero acreditar nisso, mas e se não chegaram? E se estiverem presos, sendo torturados?

— Também estou preocupado, mas sabe que nada podemos fazer. Provavelmente, estamos sendo vigiados e se formos até a fazenda, com certeza seremos seguidos e eles serão presos mesmo. Precisamos esperar alguns dias e pensar em uma maneira de nos comunicarmos com a fazenda.

— Não vou agüentar esperar, Felipe... só de pensar que eles podem estar sendo torturados e até mortos...

— Nem pense nisso, Luana! Fazendo assim está me deixando mais nervoso do que já estou! — disse apreensivo.

— Felipe... o pai do Júlio não é militar? Será que ele sabe o que aconteceu com o filho?

— Sei que é militar, mas não o conhecemos. O que está pensando, Luana?

— Em ir falar com ele. Sendo militar, terá facilidade em descobrir se eles estão presos.

— Não sei, não... Danilo não nos disse que ele e o filho estão brigados. Talvez nem se interesse em saber do paradeiro do filho.

— Preciso tentar Felipe... não posso continuar nessa agonia...

— Sabe o endereço dele?

— Não, mas acho que o Horácio sabe. Vou até a faculdade tentar encontrá-lo.

— Não pode ir sozinha, vou também.

— Não, não podemos ficar ausentes do hospital. Um de nós já é o suficiente. Irei e, se conseguir o endereço, telefono para você.

— Está bem, faça isso.

Naquele mesmo instante, Luana tirou o jaleco com o qual estava vestida e, beijando Felipe no rosto, saiu.

Assim que chegou à Faculdade, foi para a secretaria. Perguntou:

— Estou procurando por Horácio Silva Jardim. Preciso conversar urgente, com ele.

— Ele está em aula e não pode ser perturbado.

— Sei disso, mas trata-se de um assunto muito urgente.

— Sinto muito, mas se eu entrar na sala de aula, não atrapalharei só a ele, mas aos outros alunos também.

— Por favor, senhora, é muito urgente. Caso de vida ou morte...

— Luana disse, quase chorando.

A mulher olhou no relógio e respondeu:

— Está quase na hora de terminar a última aula e ele estará saindo. Vou lhe dizer qual é a sala em que ele está e a senhora poderá ficar no corredor esperando.

— Muito obrigada, senhora. Não pode imaginar o favor que me está fazendo.

— Não tem de quê. A senhora deve ir por este corredor, virar no fim dele e seguir em frente. A sala dele é a última. Pode ficar esperando ali.

— Mais uma vez, obrigada.

Com passos firmes, Luana seguiu a indicação da mulher e chegou em frente à sala. Encostou-se na parede e ficou esperando.

Alguns minutos depois, viu que os alunos começaram a sair. Como eram muitos, ficou olhando com atenção, mas nem precisaria, pois eles também estranharam a presença daquela mulher no corredor e todos, ao passarem por ela, olhavam.

Não demorou muito para que Horácio a visse. Aproximou-se, perguntando:

— Dona Luana, o que está fazendo aqui? A sala do Danilo é no outro corredor.

— Estou esperando por você, precisamos conversar.

Os outros alunos, assim que viram Horácio parar, continuaram andando. Horácio, aflito, perguntou:

— Está bem, pode falar, aconteceu alguma coisa com o Danilo?

— Aconteceu, sim, mas não quero falar a respeito, preciso saber se você tem o endereço ou telefone do pai do Júlio.

— Do pai do Júlio, para quê?

— Não posso lhe contar, mas, por favor, preciso de sua ajuda.

— Está bem, não sei o nome da rua, mas fica aqui perto, posso acompanhá-la.

— Obrigada, Horácio. Não pode imaginar o bem que está fazendo a mim e ao Danilo...

— Não precisa agradecer, o Danilo é meu amigo. Para a senhora estar tão preocupada e querendo ir à casa do Júlio, posso adivinhar o que aconteceu. Fiquei sabendo que, ontem, aqui na faculdade, muitos dos

nossos colegas foram presos. Danilo e Júlio também?

— Sim, mas, por favor, não comente com ninguém.

— O que a senhora está pretendendo ao ir à casa do Júlio?

— O pai dele é militar, talvez possa me dizer onde eles estão.

— A senhora pode ir, mas acredito que esteja perdendo tempo, pois o pai e ele estão rompidos.

— Sei disso, mas, mesmo assim, quero tentar.

— Está bem, vamos.

Saíram e, em poucos minutos, Luana parou o carro em frente a uma casa pintada de azul e com um enorme jardim na frente. Horácio disse:

— É aqui. Tem certeza de que quer mesmo falar com o pai do Júlio?

— Quero sim. Só não sei se ele está em casa.

— Está sim. Esse carro preto que está no jardim é dele. A senhora tem certeza de que quer falar com ele?

— Tenho, não existe alternativa.

— Está bem, mas vou embora. Ele não gosta de mim. Acha que fui eu quem desviou seu filho.

Mesmo muito nervosa Luana não pôde deixar de rir e dizer:

— É mais fácil jogar a culpa nos outros. Os filhos, para os pais, sempre serão inocentes.

Horácio também riu e disse:

— Tem razão, a senhora está aqui porque acredita que Danilo seja inocente, não é?

— Nisso você está certo, mas tenho a certeza de que ele nunca esteve envolvido em subversão.

— A senhora está certa. Assim como eu, Danilo nunca quis se envolver. Acreditamos que a ditadura só será vencida através das leis e não importa o tempo que demore, um dia, ela terminará.

— Esperamos que sim. Nunca me preocupei com ela, pois não me atingia, mas agora, é diferente. Ela bateu à minha porta e desejo ardentemente que termine e que volte a haver democracia no Brasil.

— Esse também é o meu desejo e o de muitos.

— Obrigada, Horácio, por ter me trazido até aqui. Agora, pode ir embora. Não quero que a família de Júlio me veja ao seu lado, poderia complicar sua vida.

— Tem razão. Até mais e espero que tenha sorte.

— Obrigada mais uma vez.

Horácio se afastou.

Luana, receosa, tocou a campainha. Uma senhora abriu a porta e se aproximou.

— Pois, não.

— Bom dia, senhora. Meu nome é Luana e sou mãe do Danilo, colega e amigo do Júlio. Preciso conversar com o pai dele.

— Sou a mãe do Júlio. A senhora sabe se aconteceu alguma coisa com ele? Estou preocupada, ontem, não voltou para casa.

— É justamente sobre isso que quero conversar com seu marido.

— Ele não quer saber do filho... diz que foi traído por ele. Eu sofro muito por isso...

— Também estou sofrendo. Meu filho foi envolvido em algo que não tem culpa. Por favor, deixe-me falar com o seu marido.

— Pode tentar, se quiser, mas acho que não vai adiantar. Ele não quer saber do filho.

— Por favor...

— Está bem, mas quero lhe pedir desculpas antecipadas pela maneira com que ele possa tratá-la.

— Não se preocupe com isso. Meu filho está em perigo e farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo.

— Queria ter essa mesma força, mas não tenho. Meu marido controla a todos nesta casa.

Luana sorriu ao ver aquela mulher tão frágil. Disse:

— A senhora tem força, só não a encontrou ainda. Fique calma, depois de conversar com seu marido, conversarei com a senhora.

A senhora sorriu e abriu o portão. Luana entrou. Já na sala, notou que os móveis eram escuros, o que tornava o ambiente sombrio. A senhora pediu que ela esperasse e entrou por uma porta. Minutos depois, voltou:

— Pode entrar, ele concordou em atendê-la.

— Obrigada.

Luana, receosa, entrou pela porta por onde a mulher havia saído. Assim que entrou, percebeu que se tratava de um escritório. Atrás de uma mesa, estava sentado um senhor de aparência rígida, que ao vê-la entrar, levantou-se e estendeu a mão que ela apertou, tentando sorrir e dizendo:

— Bom dia, senhor. Desculpe meu atrevimento, meu nome é Luana, sou mãe de Danilo, amigo do seu filho Júlio.

Enquanto apertava sua mão, ele disse:

— Sente-se, por favor, mas devo-lhe adiantar que nenhum assunto referente a meu filho me diz respeito.

Ela, sentando-se e não se deixando abater por sua frieza, falou:

— Mas eu tenho muita preocupação em relação ao meu filho.

— O que deseja de mim?

Luana contou o que havia acontecido lógico que omitindo a fuga e a provável ida deles para a fazenda. Enquanto ela falava, o homem ouviu em silêncio. Quando ela terminou, ele disse:

— Ainda não entendi o que a senhora está pretendendo.

— Preciso saber se eles foram presos, onde estão e o que posso fazer para libertá-los.

— Não sei se foram presos, mas espero que sim e que meu filho tenha um bom corretivo para deixar de ser subversivo! — ele disse visivelmente nervoso.

— Embora não entenda o que acontece entre o senhor e seu filho, estou aqui para ajudar o meu.

O homem, ainda com o rosto crispado, olhando bem em seus olhos, disse:

— Se ele está sendo procurado, deve pertencer a algum grupo subversivo.

— O senhor está enganado. Ele nunca quis pertencer a grupo algum.

— Ele, como a senhora disse, é amigo do meu filho, portanto deve também estar fazendo Direito, não é?

— Sim.

— Os estudantes de Direito são os mais atuantes e aqueles que querem lutar contra a Ditadura. Como pode me fazer crer que seu filho não é um subversivo?

— Embora meu filho não faça parte de grupo algum de resistência, pois ele acredita nas leis, quer vencer a Ditadura, sim, mas através delas. Acredito que o jovem tem o direito de lutar pelo bem do país.

— Bem do país? O que acha que estamos fazendo?

— Desculpe senhor, mas não sei como responder. Minha família toda, com exceção do meu filho, é formada por médicos e nos dedicamos a salvar vidas, nunca nos preocupamos com política.

— Pois deviam. Se soubessem o que acontecia no Brasil antes da revolução, veriam que ele estava dominado pela corrupção e pelos desmandos. Com a revolução, não, ao contrário, temos um projeto para o país. Estamos construindo estradas para unir o Norte e o Nordeste ao resto do país. Estamos construindo hidroelétricas que trarão a soberania em energia. A senhora sabe quantos analfabetos existem no Brasil?

— Não.

— Pois são muitos, milhares. Pessoas que não tiveram a oportunidade de ter em suas mãos uma cartilha, muito menos um professor. Pensando nisso, instituímos o Mobral e, agora, em centenas de salas espalhadas por todo o país, estão dando a oportunidade para que essas pessoas possam aprender a ler. A senhora sabe quantos tiveram de abandonar os estudos por vários motivos?

— Não.

— São milhares. Por isso, criamos o Madureza, que permite às pessoas retornarem aos estudos e se formarem. Estamos criando centenas de escolas e hospitais. Como pode ver, a Revolução está fazendo tudo isso e vai fazer muito mais: na reforma agrária dando terras e trabalho para os agricultores; moradias que estão sendo compradas por um sistema de habitação. O mais importante: ninguém poderá dizer, jamais, que houve ou há corrupção ou desvio do bem público, pois o militar tem formação cívica e moral. Ele sabe que o roubo não deve constar de seu dicionário. A senhora talvez não se lembre, mas, quando tomamos o poder, a inflação estava galopante e o Presidente se aproximava cada vez mais, dos comunistas. Se não tivéssemos tido aquela atitude, o Brasil seria uma Ditadura, sim, mas comunista e aí sim, a senhora saberia o que é repressão. Como pode ver, estamos no caminho certo para colocar o Brasil, com toda sua grandeza, no caminho adequado.

— Porém, não temos liberdade.

— A senhora viu alguém do povo reclamando? Claro que não! Hoje eles têm trabalho, escola e bom atendimento na saúde e comida em sua mesa! O povo está feliz! Somente estão descontentes aqueles que querem transformar este país em uma ditadura comunista! Eles, sim, são bandidos! Assaltam bancos, cometem seqüestros, matam nossos soldados e atiram bombas em nossos quartéis! São bandidos, denominando-se de salvadores da pátria. Salvadores somos nós e não se

preocupe, pois, na hora certa, devolveremos o país aos civis. Tomara que eles não coloquem a perder tudo o que conquistamos!

— Nunca parei para pensar a esse respeito, pois, como já lhe disse, me preocupo em salvar vidas, mas, diante de tudo o que disse, vou começar a prestar atenção. Porém, não estou aqui para discutir política, estou aqui por causa dos nossos filhos. Preciso saber se estão bem. Não posso acreditar que o senhor não se preocupa com o Júlio! Ele é seu filho!

— Quando criança, ele dizia que, ao crescer, seria marinheiro. Para mim, aquilo era motivo de orgulho, pois assim como sua família é composta por médicos, a minha sempre foi formada por militares. Por esse motivo, sempre que podia eu o levava comigo. Ele ficava encantado dentro de um navio. Depois, quando cresceu e chegou a hora de ir para a marinha, negou-se e disse-me que queria ser advogado para poder me derrotar e à Revolução. O que a senhora queria que eu fizesse? Ele, assim como todos os outros subversivos, se transformou em um bandido! Não posso nem quero aceitar. Hoje, por causa da sua mãe, ele continua morando na minha casa, comendo da minha comida e freqüentando a Faculdade, apoiado por mim. Porém é só isso! Não quero chamá-lo de filho nem quero que me chame de pai!

— Preciso ajudar o meu filho! Por isso, imploro-lhe que me ajude a descobrir onde ele está e como posso ajudá-lo! Por favor...

— Já que a senhora me garante que seu filho não faz parte de grupo algum, vou tentar descobrir. Espere um momento, por favor.

Voltou-se para um telefone que estava sobre a mesa e perguntou:

— Como é o nome do seu filho e da moça que está com eles?

— Danilo de Albuquerque e Souza. Sei que o nome da moça é Diva, mas não sei o seu sobrenome.

— Assim será difícil encontrá-la, caso esteja presa, mas tentarei saber se seu filho está preso em alguma dependência do SNI.

Discou um número, depois outro e assim fez por seis vezes perguntando por Danilo, Júlio e Diva. Depois que terminou de falar, sob os olhos atentos de Luana, desligou o telefone e disse:

— Eles não estão em lugar algum, posso lhe garantir que eles não foram presos. Por enquanto, a senhora pode ficar tranqüila.

Luana respirou fundo. Em seu semblante, ele pôde notar que ela estava em paz. Sabia que eles deveriam estar a caminho da fazenda.

— Obrigada, senhor. Não pode imaginar como essa notícia me deixa feliz.

— A senhora sabe de algum lugar onde eles possam estar?

— Não, senhor, mas deve convir que, mesmo que soubesse, eu não diria. Estamos falando dos nossos filhos.

— A senhora tem razão, mas devo lhe dizer que, se não estão presos, estão escondidos em algum lugar e que continuarão sendo procurados. Não importa onde se encontram, serão achados.

— De coração, espero que isso não aconteça.

Ela levantou-se, estendeu a mão e se despediu. Ele, antes de ela sair, disse:

— Espero que a senhora pense mais a respeito da Ditadura e perceba que ela só está fazendo bem para o Brasil e para o povo brasileiro.

— Pensarei senhor, pode ter certeza disso e, quando encontrar o meu filho e o seu, farei com que pensem também.

— Está no caminho certo, minha senhora.

— Obrigada, mais uma vez.

Dizendo isso, ela se voltou e saiu do escritório.

Assim que saiu, encontrou a mãe de Júlio que, aflita, estava com os olhos vermelhos de chorar. Chegou perto dela, abraçou-a para se despedir e disse baixinho em seu ouvido:

— Não precisa chorar nem se preocupar, seu filho e o meu estão bem e protegidos.

A senhora, também com a voz baixa, disse, sorrindo:

— Obrigada por ter vindo a minha casa.

Afastaram-se e, tranqüila, Luana saiu daquela casa, claro que diferente daquela que havia entrado. O discurso do pai de Júlio fez com que pensasse um pouco mais a respeito do que era bom para o Brasil.

Já na rua, pensou:

Embora esteja feliz por saber que Danilo e os amigos não estejam presos, pois não acredito que o pai do Júlio tenha mentido, estou muito nervosa e sem condições de trabalhar. Acho melhor ir até o hospital contar ao Felipe e ao Rodolfo tudo o que conversei com ele e tranqüilizá-los. Depois, irei para casa. Quem sabe tenha alguma notícia, embora eles tenham sido instruídos para que não telefonassem.

A mãe de Júlio continuou parada, olhando em direção à Luana que se afastava altiva e com passos fortes. Depois de algum tempo, entrou na sala do marido e, com a voz firme, perguntou:

— Alberto, onde está o nosso filho?

Ele, prepotente, olhou para ela e também perguntou:

— Está falando do seu filho?

— Não, do nosso! O que aconteceu com ele? Onde está?

— Não sei nem me interessa. Ele deixou de me preocupar quando resolveu ser um traidor.

— Você precisa me dizer! Se não fizer isso, vou até a um seu superior!

Ele, espantado com a reação da mulher, perguntou:

— O que está dizendo?

— Isso mesmo que ouviu! Estou cansada de ser tratada por você como alguém que não existe, como um móvel a mais nesta casa! Sou sua mulher e quero ser tratada como tal! Quero saber onde está o meu filho! Estava nervosa e gritava. Ele percebeu.

— Você está pensando o que da vida? Como se atreve a falar dessa maneira comigo?

— Cansei de ser dominada por você! Não sou um de seus soldados! Sou sua mulher! Quero saber o que aconteceu com o nosso filho!

— Já lhe disse que não me interessa a vida daquele traidor, daquele subversivo! Eu o preparei para que entrasse na Marinha, pois esse era o seu desejo desde pequeno! Quando chegou a hora, ao invés de seguir o seu caminho, resolveu lutar contra aquilo que desejo e protejo! O bem para o Brasil!

— Bem para o Brasil! Como você e seus companheiros são prepotentes!

— Por que está dizendo isso?

— Acham realmente que estão fazendo o bem para o Brasil? Calando a imprensa e afastando, prendendo e torturando todos os que se opõem àquilo em que acreditam? Isso é o bem do Brasil? Onde o povo é amordaçado e vive em constante medo? Você diz que Júlio é traidor, subversivo? Ele não é isso! Foram vocês que traíram a Pátria! Foi você quem traiu seu filho que, por não aceitar no que vocês transformaram o Brasil, se afastou do seu sonho de vida! Não vai ser marinheiro por sua culpa!

— Você não sabe o que está dizendo! Está nervosa! Como isso aconteceu?

— Depois que vi aquela mulher sair daqui, ativa e feliz por saber que seu filho não está nas garras de torturadores, pensei: o que estou fazendo pelo meu filho, pelo Brasil? Por que aceitar tudo o que você diz e me obriga a aceitar? Por que continuar sendo um utensílio nesta casa? Não, não quero mais! Vou descobrir o que aconteceu com o meu filho e lutar por ele!

— Você está muito nervosa, não sabe o que está dizendo. Acho melhor sair desta sala.

— Tem razão, estou nervosa e vou sair não só desta sala, mas desta casa também! Vou ser uma mulher de verdade! Depois de tantos anos de escravidão, vou ser livre!

— Já pensou para onde vai? Pensa em viver como?

— Não pensei, mas sei que encontrarei uma solução! Só não quero mais continuar vivendo ao seu lado da maneira como vivi até hoje!

Para espanto dele, ela saiu, com a cabeça alta e pisando firme.

Ele sentou-se, abismado, por não reconhecer aquela mulher com a qual havia vivido durante tanto tempo. Abriu um livro e começou a ler.

Assim que chegou ao hospital, Luana foi falar com Felipe, que, como ela havia imaginado, realmente, estava muito preocupado. Antes de conversarem, foram em busca de Rodolfo que estava em um dos quartos, atendendo a um paciente. Eles entraram, Felipe fez um sinal com a mão, que Rodolfo entendeu e, também fazendo um sinal, pediu que esperassem.

Logo depois, ele saiu e foram para a lanchonete, pois lá seria seguro para conversarem.

Sentaram-se, pediram um refrigerante. Luana contou tudo o que havia conversado com o pai de Júlio e tudo o que ele havia dito a respeito da Ditadura. Terminou, dizendo:

— Ouvi com atenção e parece que, em algumas coisas, ele tem razão. O Brasil melhorou muito depois que os militares tomaram o poder.

— Como pode pensar isso, Luana? Esse homem faz parte daqueles que estão no poder e que tiraram a liberdade do povo!

— Sei disso, Rodolfo, e disse a ele, mas, mesmo assim, não podemos negar que muito do que ele disse é verdade. O Brasil está em pleno crescimento. Escolas, hospitais e casas populares estão sendo feitos. Estradas no Nordeste para a integração também.

— Tudo isso, sem liberdade, não tem valor algum!

— Ele disse que militar não tem dom para governar e que, quando chegar a hora, eles devolverão o Brasil para as mãos dos civis e espera que eles não coloquem tudo a perder novamente.

— Duvido que isso, um dia, aconteça! Jamais voltaremos a ser livres!

— Ora, Rodolfo, você acha que um pai de família que tem emprego, hospitais e seus filhos em escolas está preocupado em poder falar? Ele não está nem aí! O povo, em sua maioria, não está preocupado com política ou políticos, só quer o bem-estar de sua família.

— Infelizmente você tem razão, Felipe. O povo só quer tranquilidade para viver.

— Isso mesmo, Rodolfo. Como a maioria do povo, o importante para nós é que Danilo não está preso e, como você ganhou a confiança do pai do Júlio, Luana, se algo acontecer, ele nos avisará e ajudará.

— Quanto a isso, não resta dúvida, acho que consegui convencê-lo de que Danilo nunca quis fazer parte de grupo algum para derrubar a Ditadura. Ele quer, sim, que ela termine, mas que lutará, valendo-se das leis.

— É só isso que nos interessa. O resto vamos deixar para os políticos.

— É só com isso que você se preocupa, Felipe?

— É, Rodolfo, e também de poder dar um bom atendimento aos meus pacientes. O resto é só resto, pois, se eu não trabalhar, político algum colocará comida na minha mesa e de todas as pessoas.

— Você sempre foi assim, completamente alienado!

— E você, muito radical.

— Esperem aí, vocês dois, não é hora de brigarem, o mais importante é que Danilo deve estar viajando e, logo, chegará à fazenda e, se isso acontecer, tudo ficará bem. Lá, ninguém pensará em procurá-los.

— Você acha isso, mas como poderemos ter certeza?

— Receio que isso não será possível. Quando saí da casa do pai do Júlio, vi um carro preto que me seguiu até aqui. Nossos telefones devem estar com escutas. Precisamos esperar o tempo passar. Sei que Danilo encontrará uma maneira de nos avisar.

— Tomara que eles cheguem, realmente, à fazenda e bem. Nós também precisamos encontrar uma maneira de obter notícias sem despertar suspeitas.

— Tem razão, Felipe. Agora vou para casa. Estou muito nervosa e preocupada, sem condições de trabalhar.

— Faça isso, Luana, se algum dos seus pacientes precisar, eu e Rodolfo atenderemos. Vá tranqüila.

Luana sorriu, deu um beijo de leve nos lábios de Felipe e outro no rosto de Rodolfo. Saiu.

Fim de missão

Tobias, em casa, tentava almoçar, mas não conseguia. Estava nervoso e pensava:

“O que vou fazer? Se eu não aceitar o capricho dessa moça, tudo o que temos aqui será perdido. Para onde vou levar Luísa e o menino? Meu Deus do céu, por que não conseguimos ter um pouco de felicidade? Logo agora que tudo caminhava tão bem. Ela disse que hoje à tarde vai me levar àquele apartamento. Por que isso tudo está acontecendo?”

Luísa, que estava dando comida ao menino, prestava atenção nele e também pensava:

“O que será que está acontecendo com ele? Está assim desde que chegou... será que tem a ver com aquela moça? Por que ela sentou ao lado dele ao invés de no banco de trás, que é o correto? Não estou gostando disso, não estou mesmo!”

— Tobias, por que está tão nervoso?

— Não estou nervoso, Luísa!

— Claro que está. Conheço você o suficiente para saber que está com problemas, por que não me conta? Nunca tivemos segredos.

— Não tenho o que contar muito menos um segredo! Está vendo coisas que não existem!

— Está bem, mas não se esqueça do quanto gosto de você e que, por isso, pode sempre confiar em mim.

Ele largou o prato que tinha nas mãos e o colocou sobre uma pequena mesa. Disse:

— Não tenho segredo algum, mas só lhe peço uma coisa, você é quem nunca pode se esquecer aconteça o que acontecer, de que gosto muito de você e do nosso filho.

— Está me assustando, Tobias! Agora tenho certeza de que alguma coisa está acontecendo. Está assim por causa da Jerusa? Está gostando dela?

— De onde tirou essa idéia?

— Não sei, vi quando chegaram e ela estava sentada ao seu lado. Isso não é normal, Tobias!

— Não comece a imaginar coisas. Está vendo fantasmas onde não existe! Ao lado deles, sem que imaginassem, estava Matilde que sorria e disse:

— Chegou a hora, meus filhos. Principalmente para você, Tobias, sabe que não precisava voltar e só fez isso por causa do seu amor por Maria Luísa e para ajudar Jerusa. Sabe que elas, sim, têm o que resgatar, mas você, não. Por isso, não precisa se preocupar estou aqui e vou ficar ao seu lado enquanto precisar. Tudo o que estava programado começou a acontecer. Tanto Maria Luísa como Jerusa terão de passar pelas mesmas coisas de antes, mas terão, também, a oportunidade de não repetirem os mesmos erros. Vamos pedir a Deus que, desta vez, elas consigam.

Tobias não sabia que ela estava ali, mas, sem entender o porquê, sentiu uma paz imensa, tão grande que de seus olhos lágrimas rolaram. Ele, rapidamente, com as mãos, enxugou-as.

Luísa, que continuava dando comida para o menino, não percebeu.

Ela, assim que o menino terminou de comer, trocou sua fralda e colocou-o para dormir. O menino, que acompanhava tudo o que acontecia, perguntou:

— O que vai acontecer, Matilde? Ele está sofrendo muito. Tudo o que sofreu não foi o suficiente? Isso não está certo! Eu, sim, merecia sofrer todas as dores do mundo, mas ele, não!

— Não sei o que vai acontecer, só sei que elas estão tendo outra chance. Tobias sofreu muito, não precisaria ter renascido, mas, como Maria Luísa precisava, ele quis ficar ao lado dela. A sua missão aqui na Terra terminou, só falta mais uma coisa. Está na hora de voltar para casa.

— Já? Minha missão terminou? Qual foi a minha missão se não saí do berço, se estou sem condições de me mexer, muito menos de ajudar!

— Você veio para unir todos para que, assim, pudessem seguir o planejado. Agora, já estão juntos, só tem mais uma coisa para fazer.

— O quê? Não pode me contar?

— Por enquanto, não. Agora tente dormir, seu corpinho é muito fraco e precisa de descanso.

O menino fechou os olhos e adormeceu. Luísa pegou os pratos onde ela e Tobias haviam comido, pois não gostavam de comer com os demais empregados da casa, e saiu com eles para levá-los à cozinha, onde ela os lavaria junto com a louça do almoço. Assim que entrou na cozinha, encontrou Jerusa que estava ali, conversando com Alda. Em silêncio, foi para junto da pia e começou a lavar a louça. Jerusa, olhando-a de cima abaixo, disse:

— Como está aquele seu filho doente?

Luísa sentiu que o sangue subiu todo em seu rosto. Nunca pensou que algum dia poderia sentir tanto ódio. Ficou com vontade de dar um tapa na boca que havia dito aquilo, mas se conteve, pois, embora Jerusa fosse daquela maneira, o resto da família sempre a tratou muito bem.

Vendo que Luísa não respondia e que ela estava nervosa, Jerusa continuou:

— Por que está nervosa? Seu filho não é só doente, é uma criança feia e asquerosa! Imagino o que você sente sendo obrigada a cuidar daquele monstrinho todos os dias e o desejo que tem para que ele morra! Acho que reza todos os dias para que isso aconteça logo!

Luísa, com muito ódio, levantou a cabeça, olhou bem dentro dos olhos de Jerusa e disse:

— Está muito enganada, amo meu filho e rezo, sim, todos os dias, mas para agradecer por ele ter nascido! Sou agradecida a Deus, mais do que muitas pessoas que, embora tenham tudo, não dão valor e gostam de fazer as pessoas sofrerem.

Terminou de falar e, furiosa, saiu da casa.

Jerusa, não querendo entender o que Luísa disse, sorriu, pensando:

“Hoje mesmo seu marido vai ser meu!”

Luísa, tremendo muito e com raiva, saiu dali. Alda, que acompanhou aquela cena, não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Também furiosa, perguntou:

— Por que você é assim, Jerusa?

— Assim como?

— Malvada tão diferente do resto da sua família.

— Não sou malvada nem diferente, só falo o que penso você sabe que crianças como aquela são olhadas com curiosidade, desdém, asco e até medo. Pode notar que, quando as pessoas vêm crianças como ela, de tanto asco, viram o rosto para o outro lado! Eu sinto isso, só não sei fingir como a maioria das pessoas fazem!

— Talvez as pessoas virem o rosto para não constranger os pais ou por serem preconceituosas.

— Constranger, por quê? Preconceito? E horrível olhar uma criança como essa! Você acha que ela não pensa assim também? Já imaginou

cuidar de um monstrinho como aquele, sabendo que nunca vai andar, falar ou ao menos sorrir! Isso é castigo! Eles não dizem que amam seus filhos? Pois, então, se isso for verdade, não deveriam ficar constrangidos. Além do mais, não gosto dessa mulher, quero que sofra! — Como pode dizer isso, Jerusa? Ela é uma coitada, não tem nada nessa vida, só o filho e o marido que parece gostar muito dela. Como ela disse você tem tudo e não está dando valor. Deus pode castigá-la.

— Ora, Alda, não me venha com essa conversa, pois, se nasci rica, não tenho culpa. Sou feliz assim e não quero que mude e não vai mudar. Azar o dela de ter nascido pobre. Agora vou me arrumar, está na hora de voltar para a faculdade.

Saiu da cozinha. Alda ficou olhando e, desanimada, balançou a cabeça. Luísa, muito nervosa, estava atravessando o quintal para chegar ao seu quarto, quando viu Luana que estacionava o carro. Tentou entrar rápido em casa, não queria que ela a visse naquele estado.

Luana, percebendo que alguma coisa estava acontecendo, chamou:

— Luísa, espere, preciso falar com você.

Sem alternativa, Luísa parou e Luana, aproximando-se, perguntou:

— O que aconteceu, Luísa? Parece que está muito nervosa.

Luísa respirou fundo e tentou se acalmar, não queria que Luana soubesse o que havia acontecido, voltou-se para ela, quando ouviram Tobias que gritava, desesperado:

— Luísa! Venha cá! Corra!

Luana e Luísa se assustaram com o desespero dele e correram para ver do que se tratava. Ele, nervoso, não conseguia falar. Olhava e apontava para o quarto.

Luana foi a primeira a entrar no quarto. Olhou para o menino e, mesmo sem examinar, percebeu que ele estava morto. Não entendeu o que havia acontecido, pois achava que ele estava bem. Desesperada, gritou:

— Não pode ser! Estava bem! O que aconteceu? O que você fez Luísa?

Assustada e chorando, Luísa respondeu:

— O que faço sempre. Dei-lhe comida, troquei-o e coloquei-o para dormir, depois, fui para sua casa ajudar na preparação do almoço.

Quando saí daqui, ele estava dormindo...

Luana olhou para Tobias que, assim como elas, estava assustado e não entendia o que havia acontecido. Antes que Luana perguntasse, ele disse:

— Quando a Luísa saiu como faltava quase uma hora para eu sair com sua filha para levá-la a faculdade, eu me deitei. Estava deitado, ouvi uma espécie de grunhido, como se ele estivesse se engasgando, me levantei e ele deu um suspiro fundo e parou de respirar. Desesperado, corri para chamar Luísa.

Luísa e Tobias, abraçados, choravam sem parar.

Luana, incrédula, examinou o menino e não encontrou motivo para o óbito. Foi para casa e telefonou primeiro, para Felipe, depois para Rodolfo que, assim como ela, demorou a acreditar, pois, quando liberou o menino para ir para casa, sabia que ele estava bem. Disse:

— Estou indo para aí, Luana, depois traremos o corpo para cá e faremos uma autópsia para descobrirmos o que aconteceu.

— Está bem, Rodolfo, estarei esperando.

Rodolfo chegou com uma ambulância. Entrou, examinou o menino e disse:

— Luana, vamos levá-lo para o hospital e, depois que fizermos a autópsia, comunicarei às autoridades. Não entendo como isso foi acontecer. Sei que algumas crianças que nascem assim não têm muito tempo de vida, mas a crise dele havia passado. Preciso saber o que aconteceu.

— Está bem, vou com você. Também estou confusa.

Rodolfo enrolou o menino num cobertor-e, olhando para Luísa e Tobias, disse:

— Sinto muito pelo filho de vocês, não entendo o que aconteceu, mas vou descobrir. Agora, preciso levá-lo.

Ele e Luana saíram. Luísa e Tobias continuaram abraçados e chorando. Enquanto isso, Matilde sorria e olhava para duas entidades, que também sorriam. Uma delas levava o espírito adormecido do menino. Matilde disse:

— Obrigado por terem vindo, sei que, ao lado de vocês, ele estará bem. Seu tempo aqui na Terra terminou, o dos outros ainda não. Preciso continuar aqui para tentar ajudar nas escolhas que irão fazer.

Aquela que estava com o menino no colo sorriu e disse:

— Fique em paz, minha irmã. Ele, agora, está bem. Vamos levá-lo em segurança e desejamos que consiga terminar sua missão. Adeus.

Acenando, desapareceram. Matilde pensou:

O seu trabalho terminou, o meu está apenas começando, queira Deus que eu consiga intuir bem e ajudar aos outros.

Jerusa estava em seu quarto terminando de se arrumar para aquela tarde que, para ela, seria uma tarde de vitória. Não ouviu quando Tobias gritou nem percebeu quando Luana entrou em casa para telefonar, mas, ao ver a ambulância, se assustou e desceu correndo para saber do que se tratava. Assim que chegou à sala, encontrou Alda, que demonstrava em seu rosto uma grande dor. Assustada, perguntou:

— O que essa ambulância está fazendo aí em frente, Alda?

Alda, com muita raiva, respondeu:

— O seu desejo foi realizado!

— Que desejo? Do que está falando?

— O menino morreu!

— O quê?

— Sim, o menino morreu Jerusa, não era o que você queria?

— Não fale bobagem, claro que eu falei aquilo só por falar. Não tinha problema algum com o menino, só com a mãe. Embora não possa negar

que não gosto de olhar para crianças iguais a ele, não queria que morresse. Queria, somente, fazer a mãe sofrer.

— Não entendo por que está agindo assim, Jerusa! O que essa moça lhe fez?

— Ela nasceu Alda! Somente isso, nasceu!

Saiu da casa e foi até o quarto de Luísa que, assim que a viu, perguntou com muito ódio:

— O que está fazendo aqui?

Luana estranhou a atitude de Luísa. Perguntou:

— O que aconteceu entre vocês duas, por que ela está falando assim com você, Jerusa?

— Não sei mamãe, essa mulher é louca! Só vim ver o pobre menino que morreu e dar minhas condolências e ela me recebe assim.

Luísa não conseguia acreditar em tanta desfaçatez e fingimento. Respondeu:

— Nada, senhora, nada aconteceu...

Embora o rosto de Jerusa demonstrasse tristeza, por dentro ela estava feliz, pois teria menos um com que se preocupar.

Ficou ali por mais um pouco de tempo e seu coração batia de ódio ao ver com que carinho Tobias abraçava Luísa.

Quando o menino foi colocado na ambulância e Luana estava entrando no carro, Jerusa disse:

— Tobias, está na hora de irmos embora.

Ele estremeceu, mas, antes de dizer alguma coisa, Luana, que ouviu o que a filha dissera, voltou-se para junto dela e perguntou:

— O que você disse Jerusa?

— Que está na hora do Tobias me levar para a faculdade.

— Está louca? Acha que ele está em condições de sair agora e dirigir um carro? Não está vendo que o filho dele acabou de morrer?

— Ele é o nosso motorista e preciso ir para a faculdade.

— Tenha dó, Jerusa, vá de táxi ou de ônibus! Escolha!

Jerusa, sem ter o que fazer, virou as costas e, com muita raiva, entrou em casa.

Tobias respirou profundo, aliviado e, em pensamento, agradeceu a Luana por, mesmo sem saber, tê-lo livrado de uma situação embaraçosa. Pai Joaquim, que estava ao lado deles, sorriu.

Luana entrou no carro e saiu. Quando passou pela esquina, notou um carro preto parado. Passou devagar, olhou e viu dois homens. Acelerou e foi embora.

Tomando providência

Eram um pouco mais das seis horas, quando Luana chegou e foi falar com Luísa e Tobias. Assim que chegou à porta do quarto, percebeu que Luísa estava deitada com o olhar perdido em um ponto qualquer. Tobias, sentado em uma cadeira, estava com os olhos vermelhos de tanto chorar. Ela bateu de leve. Luísa continuou da mesma maneira, Tobias veio ao seu encontro:

— Tobias, a autópsia foi feita e a morte foi de causa natural. Não entendemos o que aconteceu. Ele parecia bem. O enterro vai ser amanhã cedo. Felipe está providenciando os documentos. Luísa, você está bem?

Embora Luana falasse com Luísa, ela continuou da mesma maneira, sem mover um músculo do rosto. Tobias, constrangido, disse:

— Desculpe doutora, mas ela está assim desde que o menino foi embora. Não se conforma com o que aconteceu. Estou preocupado, nunca a vi assim...

— Não precisa se desculpar entendo o que vocês estão passando, mas o tempo fará com que tudo volte ao normal. Quando puder, diga a ela para arrumar roupinhas para que sejam levadas ao hospital.

— Está bem, doutora, vou falar.

Luana se afastou. Entrou em casa. Tudo parecia normal. A casa estava arrumada e, da cozinha, podia sentir o aroma da comida sendo preparada. Foi para o seu quarto.

Tobias, assim que Luana saiu, deitou-se ao lado de Luísa e disse:

— Luísa, você ouviu o que a doutora disse. Precisa arrumar as roupinhas para levar ao hospital. Nosso menino se foi e precisa ser enterrado bem bonito...

Luísa continuou da mesma maneira, calada. Ele se desesperou:

— Luísa, por favor, não fique assim! Não tivemos culpa, chegou a hora dele, é a vontade de Deus. Precisamos ver o que vai acontecer com a nossa vida. Não podemos continuar aqui, temos de ir embora.

Ela continuou da mesma maneira. Ele saiu, foi até o carro e começou a lavá-lo.

Jerusa, frustrada por seu plano não ter dado certo, não foi à faculdade e ficou a tarde toda em seu quarto, planejando o que fazer para poder ficar com Tobias. Estava na janela e viu quando a mãe chegou. Estava com ódio e não lhe perdoava por ter impedido que Tobias a levasse para a faculdade. Ainda na janela, viu quando Tobias foi para o carro. Saiu do quarto e foi ao encontro dele. Aproximou-se e, com a voz macia, disse:

— Desculpe pelo que fiz hoje. Eu não entendi o que aconteceu.

Ele ficou calado. Ela continuou:

— Não pode negar que o que aconteceu nos pegou a todos de surpresa. Demorei um pouco para assimilar. Ainda bem que minha mãe me fez voltar à realidade.

Ele sabia que ela não estava dizendo a verdade, mas, por educação, disse:

— Está tudo bem e obrigado pela preocupação.

— Por alguns dias, não precisa me levar à Faculdade, vou de táxi.

Depois que tudo isso passar, voltaremos a conversar.

Ele, entendendo o recado, calado, voltou-se e entrou em casa. Ela também entendeu o recado e, com ódio, pensou:

Pode fazer o que quiser, mas não vou desistir. Quero você e vou ter! Hoje você se livrou por causa da morte do monstrinho, mas tenha a certeza de que não escapará. Vou ter você de qualquer maneira!

Luana estava em seu quarto, quando o telefone tocou. Atendeu:

— Alô.

— Alô, Luana, sou eu, Marília. Rodolfo me contou o que aconteceu. Estou telefonando para saber como você está.

— Pode imaginar Marília. Estou sem chão. Meu filho, acusado de algo que não fez, está desaparecido e sendo procurado pela polícia. Esse menino morre sem explicação. Como tudo pode mudar tão de repente? Há poucos dias, estava tudo bem e vivíamos em paz. Agora, vem tudo de uma vez... não sei o que pensar nem o que imaginar.

— Fique calma, Luana. Sei que é difícil de entender o que está preocupada. Às vezes, acontecem coisas que não entendemos, mas, logo à frente, veremos que não foram tão graves assim e que ocorreram para o nosso bem.

— Como pode dizer isso, Marília? Meu filho está desaparecido! Não sei onde está! Como isso pode ser para o meu bem?

— Sei que é difícil de entender, mas a vida, quando está fora do rumo, precisa voltar e ela mesma se encarrega de que isso aconteça.

— Fora do rumo? Está dizendo que nossa vida estava fora do rumo? Não estava fora do rumo! Estava tudo bem! Agora, sim, está fora do rumo! Estou me sentindo impotente e sem saber o que fazer! Estou de mãos atadas, Marília?

— Eu não havia lhe dito que se tivéssemos de saber as respostas a vida se encarregaria de nos levar até elas? Talvez, tudo o que aconteceu foi, exatamente, para que isso acontecesse. Ele está sendo obrigado a seguir

um caminho que não esperava nem queria, não é? Quem sabe tudo isso que está acontecendo não será para nos levar ao passado?

— Não entendo como pode ser assim, Marília? Meu filho está com o futuro comprometido e você vem me dizer que é para o seu bem e o nosso! Não dá para entender!

— Sei que é difícil, só estou dizendo isso, para que fique calma, porque, no final, tudo dá sempre certo.

— Queria ser como você, mas não consigo... estou perdida sem saber o que fazer...

— Pois, então, não faça nada, apenas confie em Deus. Ele é nosso Pai e sabe o que faz. Já que nada pode fazer, deixe que Ele faça.

— Não sei se consigo acreditar em um Deus que nos traz tanta tristeza e desespero! Será que Ele realmente existe? Chego a duvidar. Como médica, acredito na ciência e ela coloca esse Deus em dúvida.

— A ciência explica quase tudo, Luana, mas deixa de explicar muita coisa. Entretanto, agora, não é hora de falarmos sobre isso, deixemos para outro momento. Entendo o que está passando. Não se preocupe logo mais tudo voltará ao normal, talvez não como antes, algumas coisas poderão ser mudadas, mas tudo ficará bem e cada um terá a oportunidade de encontrar o seu caminho.

— Não sei como pode ser assim, Marília. Logo você que passou por tantas coisas. Foi chamada de louca e muitos a evitaram, inclusive eu.

— Foi difícil até que eu entendesse o que acontecia comigo. Depois que isso se deu, não tive mais problema algum. Estou bem e feliz por ser quem sou. Gosto de você e entendo o seu afastamento. Eu mesma, na ocasião, se pudesse teria me afastado de mim. — disse rindo.

— Você é maravilhosa, Marília. Obrigada por ter telefonado. Conseguiu que eu risse, mesmo passando por um momento tão difícil.

— A vida é assim mesmo. Em um momento, estamos bem e, em outro, tudo muda e nos sentimos sozinhos e impotentes, mas é assim que

vamos crescendo, evoluindo. Fique em paz, Luana, e dê tempo ao tempo. Logo, tudo estará bem e você voltará a sorrir novamente.

— Quero muito acreditar no que está dizendo, mas confesso que está sendo difícil. Obrigada por ter telefonado. Essa conversa me fez muito bem.

Marília se despediu e Luana desligou o telefone.

Marília tem uma fé que nunca tive e acho que nunca terei. Essa Doutrina que ela segue parece ser boa, ao menos me trouxe tranqüilidade. Queria tanto que tudo o que ela disse fosse verdade. Vou procurar saber mais.

Estava distraída, pensando, e não viu Felipe entrar no quarto. Ele se aproximou e, beijando-a, perguntou:

— Como você está?

— Pode imaginar. Desesperada por não saber o que aconteceu com Danilo. Será que ele está bem? Será que chegou à fazenda?

— Ele deve estar bem e, se não chegou, deve estar chegando. O pai do Júlio não disse que se fossem presos ele nos avisaria?

— Disse, mas não sei se posso confiar nele, pois se não se importa com o próprio filho, acha que vai se importar com o nosso? Acha mesmo que ele nos avisará?

— Talvez não, mas o que mais podemos fazer?

— Você está parecendo a Marília.

— Por que está dizendo isso?

— Ela acabou de telefonar.

— O que ela disse?

Luana contou e terminou dizendo:

— Ela disse para eu não fazer nada, para deixar nas mãos de Deus! Como se isso fosse possível! Como posso deixar nas mãos de alguém em quem não acredito a vida do meu filho?

— Sei que é difícil, mas ela tem razão, não temos o que fazer, a não ser esperar notícias do Danilo. Um de nós encontrará uma maneira para que isso aconteça. Agora, venha cá e me abrace.

Ela aconchegou-se em seus braços e disse: — Você é o amor da minha vida...

— Sei disso e você é o meu. Acho que nosso casamento foi planejado no céu.

— Será, Felipe?

— Por que não? Se acreditarmos na teoria da Marília, por que não? De acordo com o que ela disse e, se acreditarmos, acho que sempre estivemos juntos e continuaremos por toda a eternidade. Um amor igual ao nosso é difícil de ser encontrado, Luana.

Ela, beijando seu rosto e cabelos, disse:

— Tem razão. Amo você de todo o meu coração e não imagino minha vida sem estar ao seu lado.

Ele abraçou-a e lhe deu um beijo amoroso. Depois, levantou-se e disse:

— Os documentos para o enterro do menino estão prontos. Amanhã cedo, levaremos os pais até o hospital e os acompanharemos até o cemitério.

— Coitados, estão arrasados. Não esperavam.

— É fácil entender o que estão sentindo, mas, como diz a Marília, tudo vai passar e eles, sim, depois, verão que foi melhor e que a vida deles sem o menino será melhor.

— O que está dizendo, Felipe! É filho deles!

— Sim, era filho deles, mas não pode se esquecer de que era doente e que nunca seria independente. Precisaria sempre de alguém que cuidasse dele, inclusive a mãe. Ela nunca poderia trabalhar e tentar ter uma vida melhor.

— Os pais não se importavam com isso! Eles amavam o menino!

— Não duvido disso, mas imagine a preocupação que temos com nossos filhos, mesmo sabendo que se faltarmos, eles continuarão a vida sem problema alguma. Agora, com eles, não. Deviam ter sempre a preocupação de que, caso acontecesse alguma coisa com eles, quem cuidaria do menino?

— Pensando assim, você tem razão, mas duvido que eles quisessem que o menino morresse.

— Claro que não, Luana, eles não queriam, mas foi melhor.

— Tenho muita pena deles, são tão jovens e já sofreram tanto... por que será que algumas pessoas têm a vida tão difícil?

— Não sei Luana, talvez a Marília tenha uma resposta. Ela tem resposta para tudo...

Luana riu:

— Tem razão, ela tem resposta para tudo.

— Agora, vamos jantar e tentar descansar. Amanhã será outro dia e esperamos que seja melhor.

— Você é o melhor marido do mundo!

— E você, a melhor mulher! Vamos descer?

Desceram, a mesa estava colocada. Com tristeza, Luana notou que faltava um prato. Olhou para Felipe que também havia notado a falta do prato e sentaram-se.

Chegando ao destino

Assim que o trem saiu da estação, Diva ficou bem e aquele pavor que sentia de trem desapareceu. Durante a viagem, foram conversando e tentando adivinhar o que aconteceria dali para frente. Sabiam que iam para um lugar distante e que seria difícil serem achados, mas, mesmo assim, temiam pelo futuro. Embora nunca houvessem sido presos, sabiam o que acontecia quando isso se dava.

A viagem demorou muito. Estavam cansados quando chegaram à estação em que deveriam descer. Já eram quase seis horas da tarde.

Assim que o trem parou, levantaram-se, desceram e caminharam em direção a um táxi que estava parado. Danilo perguntou:

— O senhor poderia nos levar até a fazenda Maria Luísa? O homem olhou os três de cima abaixo, depois, respondeu:

— Posso levar, sim, senhor, só que vai custar caro...

— Caro, quanto?

— Vinte mil...

— Vinte mil? É muito dinheiro!

— Não é, não, moço! A fazenda Maria Luísa fica muito longe daqui e a estrada é muito ruim...

Danilo que só havia ido à fazenda quando era criança e, por isso, não conhecia a distância, disse:

— Está bem. Pode nos levar, pagaremos o combinado.

Entraram no táxi e o motorista colocou o carro em movimento.

Realmente, ele tinha razão, a estrada era horrível. Ainda parecia ser da época do Império. O tempo, ali, parecia haver parado. O progresso não chegara. Após alguns minutos na estrada, Danilo disse:

— Parece que estamos vivendo na era da escravidão...

— Tem razão, Danilo... e parece que já estive aqui...

— Não pode ser Diva, você nasceu no Nordeste e nunca estive por aqui...

— Sei disso, mas tenho essa impressão... começo a acreditar em tudo o que sua tia disse Danilo, acho que já estive neste lugar...

— Sabe que estou tendo essa mesma impressão...

Júlio, ao ouvir os dois, ficou calado, pois, embora não quisesse admitir, estava sentindo o mesmo que eles.

Quando chegaram à fazenda, já estava escurecendo. O motorista parou o táxi, dizendo:

— É aqui, podem descer.

Olharam para a placa sobre o grande portão de madeira, onde estava escrito:

Fazenda Maria Luísa

Desceram, Danilo pagou ao motorista, que se afastou.

Assim que o táxi se afastou, Danilo, embora não se lembrasse de muita coisa, sabia que havia uma corda. Esta deveria ser puxada para que, na casa-grande da fazenda, fosse ouvido um sino avisando que alguém estava na porteira. Procurou e encontrou a corda, puxou e puderam ouvir ao longe o sino, tocando. Poucos minutos depois, um homem, montado em um cavalo, se aproximou, perguntando:

— O que desejam?

— Meu nome é Danilo e sou bisneto do senhor Felipe. Estamos aqui para vê-lo.

O homem desceu do cavalo e abriu a porteira. Eles entraram.

Em silêncio, o homem, conduzindo o cavalo e andando a pé, acompanhou-os.

Assim que se aproximaram da casa-grande, puderam ver um senhor idoso que os olhava curioso.

Enquanto caminhavam, iam olhando em volta. Por estar escuro, pouco puderam ver, mas sentiam que já haviam passado por aquele caminho.

Aproximaram-se. O senhor esperou que subissem a escada. Assim que fizeram isso, Danilo disse:

— Vovô, sou eu, Danilo, filho de Luana e Felipe e esses são meus amigos, Júlio e Diva. Precisamos ficar por algum tempo aqui com o senhor, pode ser?

— Danilo? Claro que sei quem é! Podem entrar meus filhos, devem estar cansados!

— Estamos, sim, a viagem foi longa. Viemos de trem.

— De trem, por quê?

— É uma longa história e, para o seu bem, é melhor não saber.

— Está bem. Hoje está tarde, vocês precisam comer e, depois dormir. Amanhã, conversaremos e me contarão tudo.

Entraram na sala. Uma senhora negra entrou por uma das portas. Ao vê-los, admirada, ficou olhando. O senhor disse:

— Severina, este é Danilo, filho da Luana e do Felipe. Esses são seus amigos. Eles precisam ficar algum tempo aqui na fazenda.

A senhora sorriu, dizendo:

— Sejam bem-vindos, gosto muito de seus pais, principalmente da sua mãe.

— Ela também já falou a seu respeito e também gosta muito da senhora. A senhora sorriu. O senhor disse:

— Agora vamos deixar de conversa. Severina providencie um jantar para eles. São jovens e devem estar com fome. Também depois de uma viagem tão longa, não é mesmo?

Eles sorriram, ela, também sorrindo, voltou pela mesma porta por onde havia entrado. O senhor perguntou:

— Sabem por quanto tempo vão ficar aqui?

— Não, vovô, ainda não sabemos, mas não queremos dar trabalho e, se houver algum problema, basta dizer e iremos embora.

— Não é isso, ao contrário, estou feliz com a presença de vocês. Como sabem, moro aqui sozinho e fico feliz quando tenho visitas. Faz muito tempo que você não vem aqui, não é, Danilo? Não gosta da vida no campo?

Danilo, constrangido, respondeu:

— Não se trata disso, vovô, é que nasci e fui criado na cidade e não conheço o campo.

— Não sabe o que está perdendo. Agora, vai ter a oportunidade de saber o que é viver no campo e sei que vai gostar. Infelizmente, no momento está escuro e não poderão ver o lugar privilegiado em que esta fazenda se encontra, mas, amanhã, poderão ver e sentir.

Todos riram. Alguns minutos depois, Severina voltou e disse:

O jantar está servido. Desculpe se não é muita coisa, mas não estava esperando visita.

— Não se preocupe senhora. Minha mãe sempre fala muito bem da comida aqui na fazenda.

Levantaram-se e acompanharam Severina até a sala de refeições, que estava servida com arroz, feijão, macarrão e frango assado. Comida típica mineira.

Sentaram-se e comeram com muita vontade.

Após o jantar, sentaram-se nas mesmas cadeiras onde Dom Carlos e sua família sentaram-se há muito tempo.

O bisavô, que era filho de Felipinho e Divina, nunca se afastou da fazenda e, durante todo aquele tempo, fez questão de que a casa continuasse igual e sempre cuidou muito bem de todos os móveis, que, por serem de boa qualidade, não sentiram o tempo passar.

Conversaram por algum tempo, mas o senhor, ao ver que eles estavam realmente cansados, disse:

— Agora está na hora de irmos dormir. Amanhã, conversaremos mais.

Severina os acompanhou aos quartos que havia preparado para eles. Assim que entraram em seus quartos, admiraram-se pela arrumação e pelo estilo dos móveis.

Como estavam muito cansados, deitaram-se e logo adormeceram.

A confissão

Na manhã seguinte, após uma noite mal dormida, Luana acordou e seu primeiro pensamento foi para Danilo:

“Meu Deus, será que eles conseguiram chegar à fazenda? Se isso aconteceu, eles estão bem, mas como fazer para se ter certeza?”

Levantou-se, sabia que aquele dia também seria difícil. O menino seria enterrado. Após o que Felipe disse a respeito da morte dele, ela pensou:

“Sei que os pais, com certeza, não pensam a mesma coisa. Eles amavam aquela criança. Eu pude constatar isso. Estão sofrendo e eu, mesmo sem saber o porquê, também estou. Tanta coisa aconteceu em tão poucos dias. Tudo estava tão bem, como pôde mudar tão de repente?”

Olhou para o lado e viu Felipe que dormia tranqüilo. Sorriu, pensando:

“Ele, apesar de tudo, continua o mesmo, acreditando que no final tudo dará certo. Recusa-se a se desesperar e tem sempre uma maneira de me acalmar. Obrigada, meu Deus, por ter colocado esse homem maravilhoso na minha vida. Eu o amo e se acreditasse naquilo que Marília disse, acho que o amo há muito tempo, em todas as encarnações passadas e em todas as que estão por vir.”

Levantou-se e foi para o banheiro. Precisava tomar banho e se preparar para aquele dia.

Quando saiu do banheiro, Felipe estava acordado e sorriu:

— Bom dia, Luana. Não vou perguntar, porque sei que não dormiu bem.

— Você me conhece como ninguém.

— Só podia ser assim. Amo-a com todo o meu coração e agradeço a Deus por tê-la colocado em minha vida.

Ela começou a rir.

— Por que está rindo, Luana?

— Porque foi exatamente o que pensei assim que acordei e olhei para você. Agradei a Deus por tê-lo colocado no meu caminho.

— Venha cá, deite-se ao meu lado.

— Não temos tempo, Felipe. Sabe que o nosso dia não será fácil. Precisamos acompanhar os pais para enterrar o menino. Além do mais, estou preocupada com Danilo.

— Sei que temos muito que fazer e que está preocupada com Danilo. Quanto ao tempo, alguns minutos não farão diferença e Danilo deve estar muito bem na fazenda. Venha...

— O menino morreu Felipe...

— Morreu, mas o que é a morte, Luana? Não faz parte da vida? Todos não morrem um dia?

— Sim, mas a morte é sempre muito triste...

— Em algumas ocasiões, ela é bem-vinda. No caso desse menino, mesmo. A morte foi, para ele, o fim de uma existência triste e sofrida, não só para ele como para os pais também.

— Lá vem você com essa conversa outra vez. Não posso acreditar que os pais estejam felizes.

— Não estou dizendo que estejam felizes. Claro que não. Neste momento, devem estar sofrendo muito, mas, com o tempo, verão que foi melhor, pois poderão dar o rumo que quiserem para a vida e não terão mais a preocupação de não saber o que seria do filho, caso um ou os dois morressem.

— Será que eles tinham essa preocupação, Felipe?

— Claro que sim, Luana. Embora nossas crianças tivessem a saúde perfeita, não tínhamos o mesmo?

— Sim, realmente, tínhamos essa preocupação.

— Está vendo como eu tenho razão? Todos os pais, em um momento qualquer da vida, têm essa preocupação. Os filhos, mesmo depois de crescidos, continuam sendo as nossas crianças, e sempre tememos por eles e procuramos protegê-los. No caso desse menino, a situação era pior ainda.

— Não sei... acho que você tem razão, mas é difícil aceitar. Falando em preocupação, como estará o Danilo, Felipe?

— Está bem e feliz na fazenda, ouvindo as histórias do vovô.

— Será, Felipe?

— Sim, pois, se não fosse assim, já saberíamos. O pai do Júlio não lhe disse que a avisaria, caso eles fossem presos?

— Disse, mas será que estava dizendo a verdade? Ele me pareceu tão frio e distante. Tem certeza de que o que está fazendo é o certo, o melhor para o Brasil e para o povo.

— Claro que os militares acham que estão no caminho certo e estariam se não tirassem a liberdade de as pessoas falarem o que sentissem vontade.

— Você mesmo não disse que o povo não está preocupado com a política e que só pensa no seu bem-estar?

— Disse e é verdade, mas, mesmo assim, a Ditadura faz mal não só ao povo, mas, principalmente, ao país onde ela se instala. O país fica atrasado, não consegue acompanhar a evolução dos outros e, no final, mesmo sem perceber, quem sofre é o povo. Quanto ao pai do Júlio, só podemos esperar e desejar que ele, caso aconteça algo, se comunique, pois nada mais temos a fazer. Venha, deite-se, vamos nos amar.

Ela se deitou e, apesar de tudo o que estava acontecendo, amaram-se, selando aquele amor eterno.

Levantaram-se e desceram. Encontraram Jerusa que tomava café. Ao vê-los, perguntou:

— Mamãe, terei de ir de táxi para a faculdade?

Luana admirou-se com aquela pergunta. Nervosa, respondeu:

— Claro que sim, Jerusa, estamos saindo para enterrar o menino! Você imagina que o pai deixaria de enterrar o filho para acompanhar você à faculdade?

— Ele, apesar de ser pai do menino, é nosso empregado!

— Faça-me o favor, Jerusa! Cale-se e deixe de pensar só em você! Se quiser, vá para a faculdade, se não quiser, vá se deitar! Mas, por favor, não nos cause mais problemas do que aqueles que já temos!

Jerusa admirou-se por ver a reação da mãe. Ela fora sempre muito tolerante e quase nunca perdia o controle. Preocupada e temerosa, calou-se, terminou de tomar o café, pegou o telefone, chamou o táxi.

Tobias, após pegar café na cozinha, foi para seu quarto. Luísa, como aconteceu desde que soube da morte do filho, continuava com os olhos parados em um ponto qualquer. Ele lhe entregou o café, dizendo:

— Tome o café, Luísa. Precisa se levantar. A doutora e doutor, daqui a pouco, estarão aqui para que possamos enterrar o nosso menino.

Ela continuou com os olhos parados. Apenas disse:

— Eu não vou.

— Como não vai? Precisa ir.

— Não preciso e não vou!

— Não pode fazer isso, Luísa! Ele é nosso filho!

— Não vou, ele morreu e eu quero morrer também...

— O que está dizendo, Luísa?

Tobias se voltou e viu que Luana estava à porta e fazia a pergunta.

— Ela disse que não vai ao enterro e quer morrer, doutora! Não sei o que fazer.

Luana entrou no quarto e, com a voz firme, perguntou:

— Por que quer morrer, Luísa?

— Meu filho morreu e eu fui a culpada...

— Como foi a culpada? Sou testemunha de que cuidou muito bem dele!

— Não, não cuidei, deixei que morresse...

— Não deixou, não tinha o que fazer! Ele morreu porque chegou a hora.

— Não, sua filha tinha razão no que falou...

— Minha filha? O que ela tem a ver com isso e com essa sua atitude? O que ela falou?

— Ela disse que eu queria que meu filho morresse porque ele era um monstrinho!

— Ela disse isso, por quê?

— Não importa o porquê, era verdade...

— Como verdade?

Luísa começou a chorar em desespero, tanto que não conseguia responder.

Luana, lembrando-se do que Felipe havia dito, disse:

— Minha filha é muito criança e não sabe o que diz. Sei que amava seu filho, eu mesma constatei!

— Eu amava, mas queria que morresse! Ficava pensando o que poderia acontecer com ele se eu e o Tobias morrêssemos. Se ele fosse uma criança normal, bonitinha como as outras, não haveria problema, alguém continuaria criando-o, mas, não, ele era realmente um monstrinho e ninguém ia querer criar um monstrinho. Além do mais, dava

muito trabalho e atrapalhava a nossa vida! Muitas vezes, eu quis que ele morresse e agora que isso aconteceu, não consigo me perdoar, não mereço continuar vivendo! Sou uma assassina!

— Não fale assim, não se cobre uma postura que não é verdadeira. Você não é superior a ninguém, é apenas humana e como todo ser humano tem suas qualidades e fraquezas. Ninguém é perfeito, Luísa. Hoje mesmo estive conversando com meu marido e ele pensa exatamente igual a você. Ter um filho como o seu não é fácil. Todos nós, como você disse, queremos crianças lindas e saudáveis, mas o seu nasceu assim, o que poderia fazer? Cuidar dele e amá-lo como fez. Pare de chorar e levante-se, vamos enterrá-lo e entregá-lo a Deus. Ele sabe que, a sua maneira, você amou seu filho. Vamos, levante-se.

— Não posso, não posso olhá-lo...

— Pode, sim, ele é seu filho e você cuidou dele da maneira que sabia e podia. Não tem do que se arrepender nem se condenar. Fez a sua parte.

Tobias ouvia o que Luana dizia, com a cabeça, concordava. Disse:

— A doutora tem razão, Luísa, somos apenas humanos e, se lhe fizer bem, muitas vezes tive esse mesmo pensamento e desejei que ele morresse, mas, assim como a doutora disse, nunca me senti culpado, apenas achava que, para o bem dele e o nosso isso seria a melhor coisa que poderia acontecer. Muitas vezes me perguntei por que nosso filho tinha de nascer assim, por que fomos os escolhidos e nunca obtive respostas. Perdão, meu amor, por ter pensado isso, mas pensei... e não foi uma só vez, mas muitas. Naquele dia em que a doutora e o doutor nos encontraram, ao vê-la tão desesperada e sem condições de continuar vivendo, desejei, com todas as minha forças e pensei, até, Deus me perdoe, em matá-lo sem que você visse. O que me impediu foi o aparecimento da doutora e do doutor.

Até Luana ficou espantada com aquela confissão, mas sabendo que Luísa precisava de ajuda, disse:

— Está vendo, Luísa? Ninguém é perfeito. Você, Tobias, não precisa se culpar por ter pensado assim, se chegamos na hora certa, foi para impedi-lo de se tornar um assassino, mas tenho a certeza de que, mesmo que isso não tivesse acontecido, não teria feito o que pensava fazer. Jamais teria coragem de matar seu filho. Ele, embora fosse daquela maneira, era seu filho e sei que o amava. Não temos respostas definitivas para sabermos o porquê de muitas crianças nascerem com defeitos congênitos. Embora a ciência tente explicações, posso lhe dizer que nunca as aceitei completamente. Como você disse, por que alguns pais são os escolhidos? Seu filho está morto e vocês cumpriram seu dever. Estiveram ao lado dele enquanto foi necessário, agora, após enterrá-lo, poderão decidir o que querem fazer com suas vidas. A missão de vocês está cumprida.

Luísa, chorando, olhou para Tobias que também chorava. Levantou-se, abraçaram-se e choraram juntos.

Luana, olhando aquela cena e sabendo o quanto se amavam, começou a chorar também. Não viram Felipe que se aproximou e pôde ouvir o que Tobias havia contado. Com um nó na garganta, disse:

— Luana, está na hora. Precisamos ir.

Luana voltou-se e, ainda chorando, abraçou-se a ele, dizendo:

— Você tinha razão, meu amor... tinha razão.

Ele abraçou-a com carinho:

— Está bem, vamos cumprir a nossa obrigação. O menino está nos esperando para ser enterrado.

— Desculpe doutora, por tudo o que fiz. Vou me arrumar e enterrar o meu filho. Deus sabe o que faz.

— É assim que precisa falar Luísa. Vamos enterrar o seu filho e, com ele, uma fase da sua vida. Agora, poderá escolher que caminho seguir.

Luísa vestiu-se e foram para o hospital. Assim que chegaram, encontraram Rodolfo que, penalizado, disse para Luísa e Tobias:

— Sinto muito, mas não conseguimos evitar que ele morresse.

Tobias, com o rosto triste, disse:

— Sabemos disso, doutor, e só podemos agradecê-lo por toda dedicação. Rodolfo olhou para Luísa, não entendeu, mas sentiu uma vontade imensa de abraçá-la com carinho como se fosse seu pai ou seu irmão. Sem perceber, abriu os braços para ela, que se aconchegou, chorando. Ele, também chorando, abraçou-a e, beijando sua testa, disse:

— Não fique triste, sua vida está começando agora.

Pai Joaquim que a tudo assistia, rindo, disse:

— Bendita seja a reencarnação, Matilde, que dá oportunidade de amigos e inimigos se reencontrarem e poderem redimir-se. Obrigado, meu Deus.

Após ficarem algum tempo abraçados, constrangidos, Rodolfo e Luísa separaram-se.

Saíram dali, pegaram o corpo do menino e foram enterrá-lo.

Primeiro contato com o passado

Na fazenda, Danilo abriu os olhos e demorou um pouco para se lembrar de onde estava. Olhou para a janela e, através das frestas, pôde ver que o dia estava claro. Levantou-se e saiu do quarto.

Entrou na sala onde não havia ninguém. Foi para a varanda e lá, sim, estava o avô, sentado na velha poltrona. Aproximou-se:

— Bom dia, vovô.

— Bom dia, meu bisneto. Dormiu bem?

— Dormi muito bem. Preciso lhe pedir duas coisas.

— O quê? Pode pedir e, se puder, eu atendo.

— Primeiro, posso me sentar ao seu lado?

— Claro que pode, mas não seria melhor tomar café primeiro?

Ele sorriu e disse:

— Tem razão, estou com muita fome. A outra coisa que quero lhe pedir é poder chamá-lo de vovô, pois bisavô é muito comprido.

O velho senhor riu.

— Claro que pode! Também acho que bisneto é muito comprido!

— Obrigado, vovô. Agora, vou tomar café, estou, mesmo, com muita fome!

— Sabia disso, vá até a sala de refeições, a Marcela e a Serafina já colocaram a mesa. Serafina acordou bem cedo e fez alguns bolos. Coma à vontade, depois, volte para cá e conversaremos.

Antes de sair, Danilo olhou em direção do morro onde estavam as cruzeiras. Curioso, perguntou:

— O que são aquelas cruzeiras naquele morro?

— Nossos mortos estão enterrados ali.

— Nossos mortos?

— Sim, aqueles que vieram antes de nós, que abriram nosso caminho.

— O senhor conheceu aqueles que estão enterrados lá?

— Alguns pessoalmente, outros só de ouvir falar.

— Poderia contar a nossa história?

— Claro que sim, o que mais um velho pode fazer a não ser se recordar do passado. Tome seu café, depois volte e, se quiser lhe contarei tudo.

Danilo olhou para o horizonte e se deparou com uma montanha maravilhosa com um matiz de verde nunca visto antes. Disse:

— Vovô, este lugar é lindo. Como eu pude me esquecer de toda essa beleza?

— Quando você vinha aqui, era criança e não estava preocupado com as belezas naturais, só queria brincar e aqui tem muito espaço para isso.

— Tem razão, só mesmo depois de adulto é que damos valor à natureza. Parece que, aqui, o tempo não passou. Parece que estamos vivendo no Império. Até mesmo a estradinha pela qual o táxi nos trouxe faz parte de um passado distante.

— É verdade, aqui parece que o passado não passou e que todos aqueles que viveram nesse lugar continuam vagando por aí.

— Vagando? O senhor acha que estão vagando?

— Alguns talvez, outros devem ter renascido e estão enfrentando a nova vida.

— Renascido?

— Sim, renascido. Creio até que você e seus amigos são alguns deles e fazem parte do passado desta fazenda.

— O senhor acredita em reencarnação?

— Sim. Quando minha esposa morreu e meu filho, seu avô foi para a Capital, eu não quis ir, pois não queria ficar longe de tudo isto que amo muito. Mesmo amando tudo aqui, eu me sentia sozinho. A Serafina

freqüenta, lá na cidade, duas vezes por semana, uma casa onde ela dizia receber espíritos. Vendo que eu estava triste, ela me deu alguns livros para ler. Comecei a ler e, aos poucos, fui entendendo e aceitando tudo o que eles diziam. Comecei a acreditar em reencarnação. Sempre que vocês vinham aqui, quando crianças, eu ficava olhando, tentando encontrar em cada um de vocês um traço de semelhança com aqueles que se foram.

— Encontrou alguém com esses traços?

— Até ontem à noite, não.

— Ontem à noite, por quê?

— Quando você chegou e me olhou de frente, pareceu-me ver o meu pai.

— Seu pai?

— Sim, quando você era criança, nunca notei, mas agora, depois de adulto, você é a fotografia dele.

— Acredita que eu possa ter sido o seu pai?

— Por que não?

— É difícil se acreditar em uma coisa como essa.

— Difícil, por quê?

— Como eu posso ter sido seu pai e hoje seu bisneto? Isso não faz sentido...

— Por que não?

— Seria estranho, não acha?

— Sim, tem razão, seria estranho, mas não impossível, pois, se realmente existir reencarnação, seria natural.

— Pensando por esse lado, pode ser verdade. Essa conversa é nova para mim, ainda não tive tempo de avaliar. Tia Marília, esposa do tio Rodolfo, falou alguma coisa a respeito, mas confesso que não dei muita atenção. Talvez, agora, aqui com toda essa tranqüilidade, eu comece a pensar melhor a respeito.

— Depois de tudo o que aprendi, acredito que a vinda de vocês para cá deve ter um sentido.

— Fomos obrigados a vir, vovô.

— Por isso mesmo é que estou dizendo que a vinda de vocês deve ter algum propósito.

— Acha que eu, Diva e Júlio já vivemos juntos em outros tempos?

— Por que não? A reencarnação é para que encontremos amigos e inimigos. Com os amigos, seguimos, com os inimigos, teremos a oportunidade de nos perdoarmos mutuamente e, assim, também poder seguir em frente. Como pode perceber tudo é possível.

— Pode ser... não conheço a história da família. O senhor conhece?

— Sim, minha avó, Rosa Maria, e meu pai me contaram. Minha avó dizia que eu deveria contar a história para aqueles que nasceriam depois.

— O senhor fez isso?

— Tentei, mas foi impossível.

— Por quê?

— Os tempos mudaram e cada um começou a se preocupar com seus próprios problemas e não tiveram tempo de parar para ouvir histórias.

— Eu, agora, terei todo o tempo do mundo.

— Esperei muito tempo por este dia. Sabia que ele chegaria.

— Sabia vovô?

— Sim, pois não teria sentido eu ter vivido tanto tempo, ouvido tudo o que minha e avó e meu pai me contaram, se não tivesse para quem contar.

— O senhor lembra-se de tudo?

— Sim. Embora tenha passado muito tempo e eu já estou velho, tenho certeza de que não me esqueci de nenhum detalhe.

— Agora entendo por que disse que nossa vinda para cá tem um propósito, embora precise lhe dizer que nunca tive essa intenção. Nasci

na cidade e me acostumei com seu barulho. Quando meus pais me convidavam para vir aqui, eu sempre tinha outro compromisso. Na realidade, nunca senti vontade. Gosto do mar. Só vim, mesmo, obrigado e, agora, só posso agradecer, aqui, é realmente um céu na Terra.

— Foi isso mesmo que quis dizer. Não importa o motivo, a vida nos conduz sempre para o nosso caminho. Quando conhecer a história da família, posso lhe garantir que vai ficar impressionado e, se realmente foi meu pai, vai se sentir muito feliz e orgulhoso. Ele foi um grande homem. — disse rindo.

— Estou curioso, mas, agora, estou também com muita fome. Vou entrar e tomar café.

Entrou na sala. Estava indo para a cozinha, quando viu Diva que entrava nela. Disse, sorrindo:

— Bom dia, Diva, dormiu bem?

— Sim, como não dormia há muito tempo. O silêncio aqui é maravilhoso! Estava precisando mesmo de paz e aqui encontrei.

— Tem razão, também dormi muito e também estou em paz. Nem parece que temos tanto problemas, não é?

— É verdade, por isso, enquanto estivermos aqui, vamos tentar aproveitar toda essa beleza.

— Isso mesmo, vamos aproveitar Diva, mas, agora, estou indo tomar café, quer me acompanhar?

— Sim, o Júlio já se levantou Felipe?

— Ainda não. Acabei de me levantar e estava conversando com meu avô. Ele é uma figura. Tem uma conversa deliciosa. Sinto que poderei ficar o dia inteiro conversando com ele. Conversa sobre vários assuntos e gosta muito da fazenda.

— Ontem, quando chegamos, eu estava muito cansada e não tive muito tempo para conversar com ele, mas percebi esse amor do qual está falando. Ele me pareceu uma pessoa muito boa.

— É, sim e, apesar da idade, está lúcido. Depois do café, vou conversar mais um pouco com ele. Ele está lá fora, não quer cumprimentá-lo?

— Quero, sim.

Saíram da sala e foram para a varanda. O avô, assim que os viu, sorriu.

— Acordou minha filha?

— Sim e, antes que me pergunte, posso lhe garantir que não consigo me lembrar da última noite em que dormi tão bem como esta.

— Isso aconteceu porque você está no interior. Aqui, como dizem, dormimos com as galinhas e acordamos com o galo e o sono é sempre tranqüilo.

Ela riu e disse:

— Tem razão, o silêncio é delicioso para se dormir. Ontem, não lhe agradei por nos ter recebido em sua casa. Muito obrigada.

— Não tem o que agradecer, eu só não morri até agora, porque estava esperando por vocês.

— O senhor sabia que nós viríamos?

— Sabia, não, esperava.

— Como esperava? Não conhece a mim nem ao Júlio.

— E muito pouco o Danilo, meu bisneto, mas sabia que viriam, pois qual seria o motivo de eu viver tanto?

— Confesso que não estou entendendo.

— Sei disso, mas agora não é hora para isso, está na hora de tomarem café.

— Não posso mentir, estou com fome.

— Pois vá, garanto que vai gostar. Serafina caprichou.

— Obrigada.

Júlio também chegou à varanda.

— Bom dia para todos.

— Bom dia, parece que, assim como eu e a Diva, você também dormiu muito.

— Dormi, sim, e fazia muito tempo que isso não acontecia, Danilo.

— Estamos indo tomar café, não está com fome?

— E como! Parece que faz um mês que eu não como.

Danilo deu um beijo na testa do avô, entraram e foram para a sala de refeições.

Assim que entraram na sala de refeições, viram a mesa colocada com pães, doces e bolos. Sentaram-se e começaram a comer. Logo em seguida, Severina entrou e, ao vê-los, perguntou:

— Bom dia, não sabia que já estavam aqui. Vou mandar vir o café.

Disse para a Marcela que não o colocasse antes para que não esfriasse.

— Bom dia, Severina, eu ia avisar, mas ao ver esta mesa, não consegui ir até a cozinha. Tem coisas maravilhosas aqui! Severina sorriu:

— Eu levantei bem cedo para preparar tudo isso.

— Só podemos lhe agradecer por tanta consideração. — disse Danilo.

— Quase nunca vem ninguém aqui. Fiquei muito feliz quando chegaram.

— Embora não pensasse que fosse assim, estou feliz por estar aqui e creio que meus amigos também.

Olhou para os dois que sorriram e acenaram com a cabeça, concordando com ele.

— Seu avô também está contente. Ele se sente muito só, a família vem muito pouco aqui. Seus pais são os que mais vêm.

— Parece que ele gosta muito de conversar.

Ela voltou a rir.

— Tem razão, o que ele mais gosta é de contar a história da família.

— Já percebi isso, ele parece ter muito orgulho da família e do passado. Tem motivos para isso?

— Sim, todos os que viveram antes foram lutadores. Lutaram contra o preconceito e as injustiças. Tiveram escravos, mas os respeitaram. Viveram momentos de felicidade e de muita tristeza.

— O que fizeram? O que aconteceu?

— Seu avô vai lhe contar, com certeza. Não quero deixar que ele perca essa oportunidade. Agora, vou pegar o café.

Severina saiu e, poucos minutos depois, voltou acompanhada de uma moça muito bonita, mulata, com os cabelos longos e cacheados. Seus olhos, embora não fossem azuis nem verdes, eram claros.

Danilo, ao vê-la, se admirou com tanta beleza. Severina disse:

— Esta é a Marcela, trabalha aqui em casa.

Danilo, ainda espantado, disse:

— Bom dia, Marcela. Você é uma moça muito bonita.

Ela também sorriu, mas ficou calada. Colocou o bule de café e a leiteira sobre a mesa e saiu.

Eles colocaram café com leite na xícara e começaram a comer. Severina saiu e foi ao encontro do avô que continuava na varanda.

— O senhor está feliz, não está?

— Estou sim. A casa está cheia como era quando as crianças eram pequenas. Você notou alguma coisa no meu bisneto, Severina.

— O quê, senhor?

— Ele é a fotografia do meu pai.

— O senhor acha?

— Você não se lembra de quando lhe mostrei aquela fotografia do meu pai?

— Lembro-me de que o senhor me mostrou, mas não do rosto que está na fotografia.

— Depois vou pegar e mostrarei a você e a eles também. O Danilo é igualzinho ao meu pai. A única diferença é o nome.

— Quando pegar me mostre novamente. Quero ver essa semelhança.

— Semelhança, não! É igualzinho!

Ela sorriu e sentou-se ao lado dele.

Minutos depois, eles terminaram de tomar o café e se dirigiram à varanda. Danilo, muito feliz, disse:

— Seus doces e bolo são maravilhosos, Severina! Comi muito!

— Nós também! A Diva não parou de comer um só minuto! — disse Júlio, rindo.

Ela corou, Danilo falou:

— Não precisa ficar com vergonha, Diva. Quem poderia desprezar uma mesa como aquela.

Ela sorriu. Severina, demonstrando felicidade nos olhos, disse:

— Que bom que gostaram. Sei que gostarão muito mais do almoço. Marcela cozinha muito bem. Eu só sei fazer doces. A comida fica por conta dela.

— Estou curioso para que a hora do almoço chegue.

Danilo olhou outra vez em direção ao morro e perguntou.

— Como poderemos ir até o morro das cruzeiras, vovô, parece ser longe para se ir a pé?

— Aqui na fazenda nenhum lugar é longe. Todos andam a pé, mas, se quiserem, podem ir de charrete ou no Trovador.

— Quem é Trovador?

— Um cavalo negro, forte e imponente que também faz parte da história da família.

— Por que está dizendo isso?

— Meus avós tinham um cavalo chamado Trovador. Antes de morrer, deixou um potrinho que cresceu e teve outro Trovador. Assim foi até aqui. Todos eles tiveram sempre o mesmo nome.

— Gostaria de conhecer esse cavalo, mas não posso montá-lo, vovô.

— Por que não, Danilo?

— Nunca aprendi a cavalgar e só vejo cavalos no cinema ou na televisão.

— Agora vai ter a oportunidade de aprender. Sei que, depois que aprender, nunca mais vai querer andar de carro.

— Será, vovô? — Danilo perguntou, rindo.

O avô também riu. Danilo voltou a olhar para o morro e perguntou:

— Por que existem tantas cruzeiras lá no morro? Naquele tempo não havia cemitério?

— Havia na cidade, mas os meios de locomoção eram precários, por isso os fazendeiros enterravam seus mortos na própria fazenda.

— Todos foram enterrados aqui?

— Sim, todos, até os escravos.

— Havia escravos aqui na fazenda?

— Sim, muitos. Algumas famílias que ainda moram aqui são descendentes deles. Você ainda vai conhecer toda a história. Minha mãe foi a única que morreu no Rio de Janeiro. Os outros morreram aqui mesmo.

— Sua mãe morreu no Rio de Janeiro?

— Sim, e foi trazida para cá, mas agora não é hora para isso.

Olhou para Júlio e Diva, que acompanhavam a conversa e perguntou:

— Algum de vocês sabe andar a cavalo?

Os dois, com a cabeça, disseram que não. Ele sorriu e disse:

— Sendo assim, acho que terão de ir mesmo, na charrete.

— Receio que sim, vovô, mas não faz mal, outra hora, aprenderemos a andar a cavalo. Quero conhecer esse Trovador. Vamos aproveitar para ir olhando a fazenda. Ontem, quando chegamos, estava escuro e não deu para apreciar as belezas daqui.

— Façam isso. A charrete está em frente ao estábulo. Sigam por esse caminho e chegarão lá. Trovador também está, poderão vê-lo.

Desceram os degraus e caminharam em direção ao estábulo.

Marcela, depois que serviu o café, entrou na cozinha. Estava tremendo e seu coração batia acelerado. Enquanto lavava a louça do café, pensava:

“O que é isso que estou sentindo? Por que fiquei tão nervosa quando vi aquele moço? Ele é lindo. Acho que estou apaixonada...”

Estava tão distraída pensando que não viu quando Severina entrou e perguntou:

— Está tudo bem, Marcela?

Ela se voltou e respondeu:

— Sim, está tudo bem. Por que está perguntando isso?

— Você está parecendo distraída. Está pensando naquelas bobagens que sempre fala? Que não pertence a este lugar, que vai ser rica porque já foi um dia? Que merece se vestir com roupas bonitas e morar em uma mansão?

— No momento, não estou pensando isso, mas sabe que tenho certeza de que já fui rica. A senhora é a única pessoa que não pode duvidar disso! — disse nervosa.

— Por que está dizendo isso?

— Não é a senhora que vive falando em reencarnação? Se for verdade, eu posso ter sido rica em outra vida. Já lhe contei várias vezes os sonhos que tenho. Vejo-me com um vestido lindo, dançando em um salão muito iluminado e decorado com flores.

— Já me contou, sim. Pode também ter sido rica, branca e bonita, mas se isso for verdade, para ter nascido negra e na situação em que nasceu, deve ter feito muito mal a algum negro ou negra. Deve ter feito muita maldade, Marcela.

— Por que está dizendo isso?

— De acordo com o que aprendi, somos nós quem escolhemos como renascemos. Você nasceu negra.

— Não sou negra! Sou mulata!

— Está bem, nasceu mulata e pobre, aqui nesta fazenda. Embora isso tenha acontecido, nunca aceitou essa situação.

— Como posso aceitar viver nesta vida de pobreza e com esta cor? Queria ser branca, linda, desfilar pelos salões com lindos vestidos.

— Isso que disse já nos mostra que, em outra vida, deve sim ter sido branca, rica e bonita. Diz também que deve ter usado essas qualidades para prejudicar uma ou mais pessoas. Deve ter usado sua posição para cometer algum crime. Escolheu nascer assim, para sentir na pele o que fez outros sentirem.

— Não consigo aceitar que tenha escolhido esta vida! Não posso ter feito isso!

— Mas fez. Todos nós, antes de renascer, escolhemos a vida que julgamos ser melhor para a nossa evolução. Depois, muitas vezes, quando isso acontece, não aceitamos e culpamos a Deus por nossos infortúnios. É exatamente isso que aconteceu com você. Um dia escolheu e hoje não aceita.

— É por isso que não consigo aceitar a sua religião. Jamais teria escolhido esta vida!

— Não precisa aceitar apenas viva sua vida da maneira como ela é e procure ser feliz.

— Como posso ser feliz vivendo nesta miséria?

— Depende de como vai aceitar a vida, pois ela está aí e não adianta ficar sofrendo. Ao contrário, deve lutar para melhorar através do estudo e da vontade de vencer. Ficar reclamando do jeito que está fazendo não vai adiantar e não vai mudar.

— Acha que não quero mudar?

— Sei que quer, mas sei, também, que nada faz para que isso aconteça. Fica o tempo todo pelos cantos, reclamando, sem se interessar em estudar e ter uma profissão e, assim, conseguir uma vida melhor.

— Acha que vou perder meu tempo estudando? Quero me casar com um homem rico!

— É isso que toda mulher quer, mas nem sempre acontece.

— Pois, comigo, vai acontecer! Você vai ver Severina! Vou ser rica e ter tudo com o que sempre sonhei! Severina riu e saiu da cozinha.

A caminho do morro das cruces

Danilo e os amigos saíram e seguiram pelo caminho que o bisavô havia lhes mostrado. Estavam encantados com a beleza do lugar. Olharam no horizonte e viram as montanhas com um matiz de verde que pintor algum seria capaz de reproduzir. Passaram por várias casas dos empregados da fazenda. Estavam nos mesmos lugares, só que, agora, não eram mais de madeira. Foram reformadas e trocadas por alvenaria. Chegaram ao estábulo. A charrete estava em frente. Aproximaram-se e um senhor negro, sorridente, disse:

— Bom dia, moços, estão bem?

— Estamos, sim, bom dia. Sou Danilo, bisneto do senhor Felipe. Queríamos ir até o morro das cruces com a charrete. Qual é o seu nome?

— Celestino. Nasci aqui nesta fazenda.

— Muito prazer, Celestino.

O homem sorriu e disse:

— Espere um pouco, vou atrelar o cavalo.

— Qual, o Trovador?

— Não, ele é só para montaria.

— Onde está? Estou curioso para conhecê-lo. Pelo que meu bisavô disse, os antepassados dele também fazem parte da história da família.

— É verdade, moço. Todos os que vieram antes dele deixaram um potrinho. Este aqui já tem um.

— Então a fazenda já tem dois herdeiros?

— Tem sim. O moço quer ver o Trovador?

— Quero.

— Olhe lá no pasto, ele está correndo.

Olharam para o pasto e viram um cavalo imponente, lindo, que corria. Todos ficaram encantados com o porte dele.

— Como eu gostaria de saber cavalgar.

— O moço não sabe?

— Não, nasci na cidade.

— Se o moço quiser, eu posso ensinar.

— O senhor faria isso?

— É só o moço querer.

— Quero, sim, mas agora vamos até o morro das cruces.

O homem atrelou a charrete e ficou olhando para eles, que ficaram parados. Um olhou para o outro. O homem entendeu e perguntou:

— Ninguém sabe dirigir a charrete?

— Infelizmente, não. Poderia nos ensinar?

— Claro que sim, não é difícil.

Com paciência, ele deu as instruções. Danilo ficou encarregado de dirigir a charrete.

Subiram e seguiram as instruções do homem para que pudessem chegar ao morro.

A estrada que seguiram era estreita, mas a charrete seguiu sem problema. Em dado momento, o cavalo que puxava a charrete parou. Eles estranharam. Danilo fez tudo o que Celestino havia ensinado, mas não teve jeito, o cavalo não saía do lugar. Desceram da charrete.

Enquanto Danilo tentava fazer o cavalo andar, Diva andou alguns passos e percebeu que logo abaixo de onde estavam tinha um riacho. Eufórica, disse:

— Olhem, lá embaixo tem um rio!

Os outros, ao ouvi-la, ficaram curiosos e foram ao seu encontro. Júlio, ao ver o riacho, disse:

— Isso não é um rio, Diva, é um riacho!

— Será que tem peixe?

— Só saberemos se formos até lá.

— Mas e as cruzes, Danilo?

— Não sabemos por quanto tempo teremos de ficar aqui, iremos outra hora até o morro das cruzes. Agora, quero ver de perto o riacho.

Concordaram e desceram o morro, chegando ao riacho. Ficaram encantados com a água, muito limpa, que corria mansa. Diva gritou:

— Tem peixe, sim!

Eles também viram pequenos peixes que nadavam despreocupados.

— Vou conversar com o Celestino, ele deve ter varas. Depois, poderemos vir até aqui e pescar. Tenho certeza de que Severina não vai se importar de preparar para que possamos comer.

Sentaram-se à margem do rio e colocaram os pés dentro da água. Danilo perguntou:

— O que estão achando da vida no campo?

Diva suspirou fundo e respondeu:

— Tudo aqui respira tranqüilidade e saudade.

— Saudade, Diva? Do quê?

— Não sei Júlio. Parece que aqui o tempo não passou. É tudo tão diferente e, ao mesmo tempo, parece tão conhecido. Olhando para este pequeno rio, sinto que já estive aqui e que já me banhei nas suas águas.

— De onde tirou essa idéia?

— Não sei explicar, apenas sinto.

Júlio levantou-se e começou a caminhar na margem. De repente, parou e disse:

— Sabem o que estou com vontade de fazer?

— Não, o quê?

— Fazer barquinhos de papel e colocá-los aqui na água.

Danilo começou a rir:

— O que é isso, Júlio, voltou a ser criança?

— Não sei Danilo, mas não seria legal ver os barquinhos deslizando na água?

— Não adianta negar, você está triste por não ter entrado na marinha, pois sabe que o seu maior desejo é ser marinheiro.

— Não posso negar, mas me recuso a pertencer às Forças Armadas enquanto continuarem com essa Ditadura sem propósito.

— Está bem, depois voltaremos com jornais e faremos barquinhos. Sabe que também estou com vontade de fazer isso? Podemos até apostar corridas, o que acha?

— Acho legal, mas garanto que vou ganhar Danilo!

— Isso, vamos ver!

Estavam conversando descontraídos, quem os visse, não imaginariam o que estava acontecendo e por que estavam lá.

De onde estavam, podiam ver o morro. Danilo olhou para o alto e disse:

— Estive conversando com meu avô, ele disse que aquelas cruzeiras pertencem aos meus antepassados. Disse também que vai me contar a história.

— Você tem curiosidade, Danilo?

— Nunca tive, mas agora tenho. Só de pensar que pessoas viveram aqui antes de mim e tiveram suas histórias.

— A história da família é importante, mas o mais importante é sabermos por quanto tempo teremos de ficar aqui. Será que não seremos encontrados?

— Acho difícil alguém nos encontrar aqui, mas tem razão, Júlio, não podemos ficar por muito tempo, precisamos assistir às aulas.

— Que aulas, Danilo?

— Não estou entendendo você, Júlio! Não podemos ficar afastados por muito tempo das aulas.

— Nunca mais vai voltar à Faculdade, Danilo.

— Como não?

— Você ainda não entendeu o que se passou, não é, Danilo? Hoje, você é procurado e, se tentar voltar para a Faculdade, será preso. Ao ouvir aquilo, Danilo se desesperou:

— Isso não pode estar acontecendo comigo! Nunca quis fazer parte de grupo algum! Quero continuar meus estudos, quero ser advogado!

— Sei disso, mas até provar, terá de ficar escondido aqui ou em qualquer outro lugar.

— O que está acontecendo com você não é justo, Danilo. Eu e o Júlio escolhemos o nosso caminho, mas você, não...

— Não vou ficar aqui sem nada fazer! Preciso voltar e provar que não tenho nada a ver com tudo isso!

— Se quiser, pode voltar, mas garanto que ninguém da Ditadura vai querer saber das suas verdades. Assim que o encontrarem, será preso e nada do que disser será ouvido.

— Isso não pode estar acontecendo, não pode!

— Danilo, lembra-se do que seu bisavô disse?

— O quê, Diva?

— Ele não disse que estava esperando a nossa chegada?

— Sim, mas o que tem a ver com o que estamos falando?

— Se o que ele disse é verdade, deve existir uma razão para estarmos aqui e tudo o que aconteceu foi somente para que viéssemos.

— Meu avô está velho e vive do passado. Quero conhecer a história da minha família, mas isso não quer dizer que vou ficar aqui, parado, sem nada fazer!

— Se levarmos em conta o que sua tia e ele disseram e se já tivemos outra vida, não poderíamos arriscar e dizer que já vivemos aqui?

— Pelo amor de Deus, Diva! Não venha com essa conversa! Estou preocupado demais para ficar pensando nessas bobagens! Preciso voltar, não só à Faculdade, mas a minha vida também! Não quero me preocupar com vidas passadas, se é que realmente existem, preciso me

preocupar com o aqui e o agora que, da maneira como está, não pode continuar! Preciso viver o presente, não o passado!

— Tem razão, Danilo, mas, por enquanto, não temos o que fazer. Por isso, sugiro que aproveitemos as nossas férias. Não vale a pena desperdiçar um lugar bonito como este com discussões.

Danilo, que estava muito nervoso, olhou para Júlio e rindo, disse:

— Você é mesmo um palhaço.

— Palhaço, por quê?

— Para você, parece que nada está acontecendo. Está encarando toda essa situação como se fosse normal! Não está normal, Júlio! Estamos perdendo a nossa vida!

— Está bem, mas o que pode fazer a respeito?

Danilo pensou um pouco e disse:

— Nada... não temos o que fazer...

— Está vendo. Eu e meu pai, apesar de agora termos nossas diferenças, quando eu era criança, conversávamos muito. Ele sempre me dizia que uma das estratégias militares é: quando a situação está difícil ou nos encontrarmos perdidos em uma floresta ou na vida, devemos parar e ficar esperando, pois a solução, de um momento para outro, surgirá. Portanto, vamos voltar ao nosso plano original, também estou curioso para ver as cruces de perto. Tudo isso é tão diferente, jamais imaginei que existisse um lugar onde as pessoas foram enterradas em suas próprias terras.

— Tem razão, Júlio, vamos até o morro.

Voltaram para o alto, subiram na charrete e seguiram em direção ao morro.

Danilo e os amigos, finalmente, chegaram ao alto do morro. Desceram da charrete e se aproximaram das cruces. Embora a fazenda estivesse um tanto abandonada, as cruces estavam pintadas de azul, com os nomes em branco. Danilo olhou e disse:

— Parece que o meu avô não se preocupa com a fazenda, mas com as cruces, sim.

— É mesmo. Elas foram pintadas há pouco tempo.

— É isso que estou querendo dizer, Diva.

Começaram a olhar uma por uma. Júlio parou diante da cruz em que estava escrito o nome Manequinho. Sem entender por que, seu corpo estremeceu. Ficou olhando por um tempo, depois, disse:

— Esse túmulo é pequeno, deve ser de criança.

Os outros olharam e confirmaram.

Júlio continuou:

— Quem terá sido esta criança?

— Não sei, mas o bisavô disse que vai nos contar.

Olharam todos os nomes e cada um ficou imaginando como seriam as pessoas que estavam enterradas lá.

Diva, ao olhar para o túmulo de Divina, estremeceu, sentiu um arrepiado correr por todo o seu corpo. Assustada, disse:

— Nossa, estou toda arrepiada! Por que será?

— Está impressionada por ver tantos túmulos em lugar que não é costumeiro. Todos fazem parte da minha família, viveram antes de nós e tiveram suas histórias. Estou curioso para saber.

— Eles viveram no século passado, não foi, Danilo?

— Nunca me interessei em saber da história deles, mas o que sei foi meu pai quem contou. Meu tataravô veio de Portugal com a mulher, um filho, uma filha e uma amiga da família. Construiu esta fazenda e mandou vir móveis e decoração da Europa. Como eles terão sido? Olhe este aqui é de Rosa Maria, meu bisavô disse que foi sua avó e, que junto com os outros, sempre lutou contra o preconceito e as injustiças. Estou arrependido por nunca ter me interessado por essa história.

— Agora terá todo o tempo do mundo para conhecer a história de sua família.

— Tem razão, Diva. Jamais imaginei que isso pudesse acontecer. Tinha tantos planos e, agora, de um momento para outro, tudo terminou. Não sei por quanto tempo teremos de ficar aqui, sem que eu possa terminar meus estudos e continuar com os meus planos. Por que isso tinha de acontecer? Por que eu tive de ser envolvido em algo que nunca quis?

— Não sei, mas lembra-se do que sua tia disse Danilo? Não será coisa de reencarnação?

— Lá vem você com essa conversa outra vez, Diva?

— Por que é tão incrédulo Júlio? Você não ouviu o que ela disse e da maneira como falou, se tivesse ouvido, pensaria diferente, ou ao menos pensaria sobre o assunto. Ela foi muito convincente.

— Não consigo entender o que está acontecendo. Com tantos problemas, você vem com essas idéias malucas!

— Podem ser malucas, mas, como não temos o que fazer, por que não pensarmos a respeito do espírito e da vida eterna?

— Estou estranhando você, Diva. Sabe muito bem que essa história de religião não passa da esperteza de alguns que, com ela, dominam e oprimem um povo. Toda e qualquer religião não passa de enganação! Uma maneira de enganar os pobres com um céu depois da morte, para que eles não lutem pelo presente! A religião domina aqueles que menos deveriam deixar-se dominar!

— Não precisa ficar nervoso, Júlio! Ela está só conversando.

— Essa conversa burguesa me deixa nervoso! Com tudo o que está acontecendo, com o Brasil sendo dominado pela direita, como você, Diva, pode desviar o pensamento e ficar dando bola para esse tipo de conversa?

— Pois eu acho que essa conversa de esquerda e direita é que não nos leva a nada! Olhe onde estamos por acreditar em uma luta inglória!

— Inglória, por quê?

— Com muita luta, talvez, eu disse talvez, consigamos vencer a Ditadura e trazer a democracia de volta. Quem nos garante que, assim como aconteceu no passado, aqueles que vierem depois de nós não se deixarão dominar pela ganância, pelo poder e queiram promover outra Ditadura?

— Está louca, Diva! Acha que qualquer um dos nossos companheiros seria capaz de cometer uma traição como essa?

— Não sei o porquê desse espanto. Sabe que já aconteceu. Quando terminou a Ditadura Vargas, muitos daqueles que lutaram contra ela aproximaram-se dos poderosos, tomaram parte de corrupção, desviaram o dinheiro público e fizeram de tudo para continuar no poder.

— Não aceito uma coisa como essa, Diva! Você sabe quantos de nossos amigos têm sido presos! Não acredito que outros poderiam querer o mal para o Brasil!

— Eu acredito, por isso, estou repensando o que fiz até aqui. Por causa dessa luta, estou longe da minha família, não vou poder terminar meus estudos. Não sei se valeu a pena, Júlio...

— Prefere ser dominada por uma religião qualquer?

— Você disse que a religião é pregada por alguns que querem dominar o povo, o que me diz dos governantes, sejam de esquerda ou de direita, o que eles fazem? Dominam o povo e cada um procura ter sempre mais dinheiro e poder, não é mesmo?

— Existem aqueles que pensam, realmente, no bem-estar do povo.

— Pode ser, mas não me deixo mais iludir, Júlio. Quero que tudo isso termine para que eu possa retomar minha vida, sem me preocupar com quem está governando o país. Só quero ser feliz...

— Viemos aqui para ver as cruzes. Este lugar é sagrado, aqui estão enterradas pessoas que foram meus antepassados. Não deveríamos discutir aqui. Este lugar é de paz. Vamos embora?

— Sim, tem razão, Danilo. Este não é o lugar nem a hora. Vamos embora.

— Vamos. Estou preocupado. Precisamos pensar em uma maneira de avisar aos meus pais que chegamos e estamos bem.

— Como vamos fazer isso?

— Não sei, mas precisamos descobrir uma maneira.

Tornaram a subir na charrete e foram para a casa grande. Enquanto a charrete andava, eles iam olhando tudo. Ao passarem pela lavoura, Danilo viu como estava abandonada e poucas eram as casas ocupadas por trabalhadores. A maioria estava abandonada. Ao passarem pelo galpão onde funcionou a escola, Júlio disse:

— Pare Danilo, vamos descer.

Danilo estranhou aquele pedido, mas parou a charrete. Desceram.

Júlio foi o primeiro a entrar. Ficou olhando para todos os lados, depois disse:

— Que coisa estranha, parece que já estive neste lugar...

Danilo e Diva ficaram espantados. Júlio estava transfigurado. Branco como papel teve de se encostar em uma parede para não cair.

— O que está acontecendo, Júlio?

— Não sei, estou tonto.

— Deve ser fome, vamos para casa, o almoço deve estar pronto.

— Deve ser isso... Diva...

Voltaram para a charrete e foram em direção a casa. Júlio seguiu calado. Ele não entendia aquela sensação que teve. Podia jurar que já estivera naquela escola, mas isso seria impossível.

Realmente, quando estavam se aproximando, sentiram um cheiro muito bom de comida. Apressaram-se. O bisavô continuava sentado na varanda e os recebeu com um sorriso:

— Demoraram. Conheceram alguns lugares da fazenda?

— Sim, vovô. Apesar de faltar muito ainda. Ela é imensa!

— É sim e já produziu muito café.

— Notei que há várias casas de empregados. Existiam muitos?

— Sim, muitos, só que não eram empregados e, sim, escravos. A plantação de café era enorme e precisava de muitos braços.

— Por que está tudo tão abandonado?

— Depois que meu pai morreu, fiquei aqui na fazenda. Conheci a Eulália, filha de um fazendeiro vizinho, nos casamos. Éramos muito jovens. Eu tinha dezoito anos e ela dezesseis, fomos muito felizes. Tivemos dois filhos. Cresceram e foram para a cidade. A idéia era que estudassem e voltassem para cá. Mas isso não aconteceu, deixaram-se seduzir pelo conforto da cidade e continuaram lá. No princípio, vinham sempre, mas com o tempo as visitas foram rareando. Eulália também morreu muito cedo, com quarenta e cinco anos, depois, meus filhos também morreram. Mesmo assim, continuei aqui. Veio a crise do café e perdi tudo o que havia plantado. Só não precisei vender a fazenda, porque a nossa fortuna era antiga e tinha dinheiro guardado. Esta fazenda

é a minha vida. Enquanto eu conseguia montar o Trovador, corria tudo por aí e cuidava, mas depois, com a idade, foi ficando muito difícil e, hoje, embora minha cabeça esteja boa e sei o que falo meu corpo e, principalmente minha pernas, não acompanham o meu pensamento.

Só saio desta casa algumas vezes e sempre na charrete. Depois vieram seus pais, e agora, você é o único descendente homem que leva o nosso nome. Sei que, dificilmente, virá a cuidar de tudo por aqui. Sei que meus netos estão esperando que eu morra para venderem a minha fazenda. Só posso agradecer por terem permitido que eu vivesse aqui. Quando penso nisso, fico triste por saber que ela vai mudar de dono, que deixará de pertencer a nossa família.

Danilo lembrou-se da conversa que tivera com Rodolfo e Felipe. Sabia que intenção do pai e do tio era de vender a fazenda, assim que o bisavô morresse, mas mentiu:

— Não, vovô, ela será sempre nossa, nem que, para isso, tenhamos de contratar um bom capataz.

O velho sorriu.

— Obrigado por tentar me confortar, mas o tempo passa, a vida e os costumes mudam. Depois que eu morrer não terá mais importância. Vou morar em outra fazenda lá no céu. Só posso agradecer por terem me deixado aqui até o fim. Agora está na hora de almoçar. Vocês são jovens, devem estar com fome.

Danilo, intimamente, agradeceu o bisavô por haver mudado de assunto.

— Estamos, sim, e o cheiro está muito bom.

— Entrem, a Severina vai servir vocês. Desculpem, mas eu já almocei. Sabe como é velho tem de se alimentar na hora certa.

— Não se preocupe com isso, vovô. Nós nos distraímos lá no morro e, depois, no galpão que serviu de escola.

— Sim, era uma escola, minha avó não se conformava com o fato de os escravos não saberem ler e mandou construir a escola. Nela, todos aprenderam a ler inclusive o meu pai e o Manequinho, seu amiguinho escravo, que está enterrado lá no morro.

— Seu pai tinha um amigo escravo?

— Sim e eram muito amigos. Sempre que meu pai me falava sobre ele, seus olhos enchiam-se de lágrimas.

Júlio, calado, prestava atenção na conversa que Danilo estava tendo com o bisavô e pensava:

“O que está acontecendo comigo? Que sensação foi aquela que senti. Por que ao ouvir o que ele está contando me parece tão conhecida?”

Sem que percebesse o que Júlio pensava, o velho disse:

— Agora, entrem. A comida está muito boa. Depois, conversaremos mais.

Entraram. A mesa estava colocada com pratos de porcelana fina. Eles se admiraram. Diva pegou um dos pratos na mão e disse, entusiasmada:

— Estes pratos são lindos! Parece que são muito antigos!

— São, sim, vieram de Portugal. Faz muito tempo. Foram usados muito pouco, pois isso só acontecia em grandes festas ou comemorações. Depois eram embalados e guardados.

— Está dizendo que são do tempo do Império, quando meus antepassados viveram aqui, Severina?

— Sim, a avó do senhor Felipe foi para Portugal visitar sua família e trouxe. Ia ser usado no seu casamento.

— Ia? Por que ela não se casou?

— Essa é uma longa história, mais tarde seu bisavô deve lhe contar.

Agora está na hora de comerem.

Eles, desconfiando que nada mais seria dito, foram lavar as mãos e sentaram-se à mesa. Ficaram esperando que a comida fosse servida. Severina saiu e voltou logo depois acompanhada por Marcela, que trazia uma travessa com frango assado. Colocou sobre a mesa e saiu, sob os olhos espantados de todos. Não era para menos. Marcela estava linda. Com um vestido amarelo, diferente do que usava pela manhã, os cabelos presos por um laço de fita, também amarelo e os lábios pintados em tom levemente vermelho. Parecia uma pintura. Danilo ficou olhando sem saber o que dizer.

Ela, percebendo o seu olhar de admiração, sorriu e saiu andando altiva e sensual. Voltou várias vezes trazendo o restante da comida. Sempre olhava para Danilo e sorria.

Diva estranhou a reação de Danilo, mas se calou. Júlio, ainda preocupado com o que tinha sentido na escola, não percebeu.

Terminaram de almoçar e foram para a varanda. O bisavô, pensando no passado, olhava para o horizonte. Danilo se aproximou e sentou-se ao seu lado:

— O senhor tinha razão, a comida estava maravilhosa. Obrigado, vovô.

— Não lhe disse? Não existe comida igual à preparada no campo.

Aqui os alimentos são puros.

— Severina disse que os pratos onde comemos só são usados em ocasiões especiais. A nossa vinda aqui é uma ocasião especial?

— Claro que sim! Esperei muito por este dia!

— O senhor, realmente, sabia que um dia nós viríamos?

— Sim, por isso não morri até agora. Esta fazenda é nossa, Danilo, não pode passar para mãos estranhas.

— Já lhe disse que ela não vai ser vendida nunca! Não se preocupe, vovô.

— Agora, acredito nisso. Você está aqui e vai cuidar dela. A fazenda Maria Luísa voltará a ser esplendorosa como um dia foi.

— Espere aí, vovô, meu lugar é na cidade, vou ser um advogado! Nunca me imaginei sendo um fazendeiro. Só estou aqui por um motivo muito forte que ainda não lhe contei, mas espero que seja por pouco tempo. Preciso retomar a minha vida.

— Nosso espírito sabe o que necessita para evoluir. Por isso, embora muitas vezes não entendamos a vida nos leva por caminhos nunca pensados. Portanto, não importa qual seja o motivo que nos conduz ao nosso caminho. Apesar de não acreditar nem aceitar, seu lugar é aqui. Esta fazenda é sua por direito e deve mantê-la. Eu sempre soube disso, desde o dia em que você nasceu.

— Minha não, vovô! Ela pertence à família!

— Sim, mas você é quem vai fazer com que ela volte a brilhar. Ela é sua.

— Não, vovô! Não posso! Não era para eu estar aqui! Só estou porque aconteceu algo que me obrigou a fugir, mas minha vida não é aqui! Estou passando por um momento muito difícil!

— Está fugindo de quem?

— Da polícia.

— O que fez, matou, roubou?

— Não, vovô, não se trata disso, o problema é político. Estou sendo acusado de ser subversivo.

— Você é?

— Não! Estudo Direito! Quero ser advogado, para assim, sim, lutar contra essa Ditadura que tanto mal faz!

— Sendo assim, não se preocupe. Já vivi muito, nesse tempo todo, muitos governantes passaram pelo Brasil. Alguns bons, outros ruins que quiseram e transformaram o Brasil em Ditadura. Os governantes passaram. Porém, o Brasil, apesar deles, continua caminhando e nada impedirá que o desenvolvimento chegue. A Ditadura também passará e outros virão. Esperemos que sejam melhores e que não se deixem envolver nem por ganância nem por poder.

— Não imaginei que o senhor entendesse de política.

— Além de entender, em outros tempos, desejei participar, mas, ao ver como o mundo político é não aceitei, me afastei e só acompanhei pelo noticiário.

— Mesmo assim, vovô, não entendo por que isso aconteceu. Nunca acreditei em guerrilha, ou qualquer outra luta que não fosse através da lei!

— Como já havia dito, não importa o motivo, você, agora, está no caminho certo.

— Caminho certo? Como pode dizer isso, vovô? Posso ser preso a qualquer momento!

— Não se preocupe, não será preso.

— Como pode dizer isso?

— Eu sei. Sempre que nos acontece algo ruim, pensamos ser o fim do mundo e que não há um caminho a seguir, mas, na realidade, isso não é verdade. O caminho sempre surgirá e, na maioria das vezes, é o verdadeiro para o bem do nosso espírito. Tudo está sempre certo. Nada acontece que não tenha sido programado...

Severina, que ouvia a conversa e vendo o olhar atônito de Danilo, disse:

— Não fique preocupado, meu filho. Ele, depois que passou a ler os livros da Doutrina que estudo, começou a acreditar em reencarnação e acha que você é a reencarnação do pai dele. Por isso, disse que estava esperando por você e que a fazenda lhe pertence. Isso é coisa de velho.

— Velho não, Severina! Sabe que estou dizendo a verdade. Pegue a fotografia do meu pai e verá que ele é o retrato vivo dele.

— Está bem, mas vai ficar para outra hora, agora, o senhor precisa se deitar. São ordens médicas. Logo mais o doutor Francisco vai estar aqui e se souber que não seguiu o que ele disse, vai ficar muito brabo.

— Tem razão, só estava esperando os meninos almoçarem. Agora, se me derem licença, vou dormir por algumas horas.

Levantou-se e, amparado por Severina, foi para o seu quarto.

Eles ficaram sentados na varanda por algum tempo, depois Danilo disse:

— Não vamos ficar sentados aqui como se fôssemos o vovô. Por que não vamos pescar?

Foram até Celestino que lhes deu varas, iscas e os acompanhou.

Sentaram-se à margem e, seguindo instruções de Celestino, jogaram as iscas e ficaram esperando pelos peixes.

A água corria mansa e límpida. Em dado momento, Danilo disse:

— Vendo esta água correr assim tão devagar, tenho vontade de fazer uma coisa.

— O quê, Danilo?

— Aquilo que você falou Júlio! Fazer barquinhos de jornal e colocá-los na água. Eu fazia isso na piscina lá de casa.

— Que boa idéia, Danilo! Também, quando criança, gostava muito de colocar os barquinhos na piscina, mas lá não tinha graça, porque a água é parada. Aqui vai ser melhor e podemos apostar corrida! O que acha!

— Vamos fazer isso. Hoje, à noite, faremos uma porção de barquinhos e, amanhã, vamos apostar corrida. Garanto que vou ganhar!

— Fique esperando, Danilo! Fique esperando!

— Estão parecendo duas crianças! — Diva disse, rindo.

— Por que não? Já que estamos presos aqui, vamos aproveitar o que de bom existe.

— Tem razão, Danilo. Vamos aproveitar e eu vou ganhar a corrida!

Ficaram lá a tarde toda. Pescaram alguns peixes e, felizes, voltaram para casa. A idéia era pedir a Severina que fritasse os peixes para que eles pudessem comer.

Quando chegaram a casa, estavam descontraídos e felizes. Danilo contou ao avô e à Severina sobre a bela tarde que haviam passado e da idéia de fazerem os barquinhos de jornal. O avô olhou para Severina e sorriu.

— Não lhe disse que ele é o meu pai?

Severina ficou calada, mas pensativa.

— Por que está dizendo isso, vovô?

— Brincar com barquinhos de jornal era o brinquedo preferido do meu pai. Muitas vezes, eu e ele apostamos corrida. Ele brincava com as crianças escravas da fazenda, inclusive com Manequinho.

— Todas as crianças gostam de fazer barquinhos de jornal. Isso não quer dizer que eu seja a reencarnação do seu pai.

— Acho bom pararem com essa conversa. Está na hora de prepararmos o jantar. Danilo é melhor você me dar esses peixes para que eu possa fritá-los.

Danilo deu os peixes a Severina que entrou na casa.

A descoberta

Danilo, Júlio, Diva e o avô terminavam de comer os peixes que haviam sido pescados. Apesar de tudo o que acontecia, estavam tranqüilos. Após o jantar, foram para a varanda. Os jovens sentaram-se nos degraus da escada e o bisavô em sua poltrona.

A lua estava na fase crescente, o que tornava a noite clara e com muitas estrelas. Tantas que Diva se admirou:

— Nunca vi tantas estrelas em minha vida nem imaginei que houvesse tantas!

— Tem razão, Diva, também nunca havia visto. Essa é a desvantagem de se ter nascido na cidade.

Júlio, desde a visita ao galpão, estava pensativo e quase não conversava. Danilo percebeu:

— O que você tem Júlio?

— Nada, por que está perguntando?

— Você está estranho, muito calado e não é assim.

— Só estou pensando em algumas coisas.

— Já sei, está preocupado com a nossa situação, mas acho que não precisa se preocupar, só quem sabe que estamos aqui são os meus pais e eles não contarão a ninguém. Enquanto estivermos aqui, estaremos seguros.

— Quanto a isso não estou preocupado. E outra coisa...

— Pode nos contar?

— Agora não. Outra hora conversaremos. Preciso pensar...

Calaram-se e continuaram apreciando aquele belo espetáculo da Natureza. Alguns minutos depois, começaram a ouvir uma linda melodia tocada em um violino. Todos se admiraram, Danilo perguntou:

— De onde vem essa música, vovô?

— São os ciganos.

— Ciganos? Aqui na fazenda?

— Sim, eles também fazem parte da história da família. Chegaram hoje à tarde, quando estavam pescando. Podem se preparar para participarem de uma linda festa.

— Os ciganos fazem parte da nossa história?

— Sim, meu pai nasceu em um acampamento cigano e minha avó ficou muito amiga deles. Dali para frente, eles sempre aparecem por aqui e, quase sempre, neste mês. Naquele tempo, faziam festas grandiosas onde todos se misturavam ciganos e negros. Comiam, bebiam e dançavam por vários dias. Até hoje, todas as noites, comem, dançam e tocam ao redor da fogueira, fazem essas festas. O bom mesmo é a grande festa que sempre fazem quando chegam. Por isso, deixo alguns leitões e uma novilha para que sejam assados em uma espécie de forquilha, presos por um ferro, sobre uma fogueira. Vocês vão adorar a festa. Garanto que nunca viram igual.

— Está nos deixando ansiosos e curiosos, não, é?

— Tem razão, Danilo. Estou ansiosa para conhecer os ciganos. Sempre ouvi falar deles, mas nunca conversei ou ao menos estive perto de algum.

— E você, Júlio, não está curioso?

Júlio, que não prestava atenção à conversa, perguntou:

— Sobre o que estão falando?

— Sobre os ciganos, não está curioso para conhecê-los?

— Estou...

Danilo olhou para Diva, que também não estava entendendo o que estava se passando. Perguntou:

— Seu pai nasceu em um acampamento cigano? Como foi essa história, vovô?

— Não sei muito bem o que aconteceu. Só sei que a mãe do meu pai, minha avó, não sei por qual motivo, foi parar em um acampamento cigano, onde ele nasceu. Está quase na hora de eu me deitar. Outro dia conversaremos sobre isso.

Voltaram a se calar e a ouvir a bela melodia. Depois de algum tempo, Danilo perguntou:

— Será que podemos ir até o acampamento? Nunca estivemos em um e não temos a menor idéia de como seja.

— Claro que podem. Eles ficarão felizes. São muito alegres e amigos.

— Tem certeza de que quer ir até lá, Danilo? Sempre ouvi coisas horríveis sobre ciganos, dizem que eles mentem e roubam as pessoas, e também as crianças.

O avô, ao ouvir aquilo que Diva dizia, deu uma estrondosa gargalhada.

— Tudo isso é mentira, Diva! Puro preconceito. Embora não podemos negar que, como em toda sociedade, existem os bons e os maus. Entretanto, a maioria deles são pessoas maravilhosas. Vocês poderão constatar. Sei que muitos, também, como aconteceu com meus filhos, se deixaram envolver pela modernidade, mas estes que estão aqui não. Continuam como eram naquele tempo e seguem suas tradições. Recusam-se a mudar. Sei que se encantarão, não só com as danças e músicas, como também com eles. Podem ir. Tenho a certeza de que gostarão. Basta seguir o som do violino e chegarão lá.

— Então, vamos?

Júlio, ainda preocupado, respondeu:

— Eu não vou, Danilo, estou cansado.

— Cansado do que, Júlio?

— Não sei, acho que de nada fazer.

Começaram a rir. Danilo perguntou:

— Como alguém pode ficar cansado de nada fazer?

— Não sei, estou com vontade de me deitar.

— Está bem. Nós iremos, não é Diva?

— Sim. Estou muito curiosa.

— Eu vou acompanhar Júlio, também está na hora de me deitar.

Ajudado por Severina, o bisavô, entrou em casa. Júlio seguiu atrás.

Danilo e Diva começaram a caminhar em direção à música.

Marcela, que havia terminado de lavar a louça, viu quando eles saíram caminhando. Pensou:

“Será que eles estão namorando? Acho que não, parece que são só amigos. Mas se estiverem namorando, preciso tirar essa mulher do meu caminho. Ele é a única maneira que tenho para sair deste lugar e viver onde mereço!”

Sem que ninguém percebesse, ela foi atrás deles.

Continuaram caminhando, ouvindo a música. Diva disse:

— Sabe Danilo, estou tão tranqüila aqui. Há momentos em que chego a pensar que ficaria nesta fazenda para o resto da minha vida.

— Aqui?

— Sim. Nunca pensei que pudesse me sentir tão bem. Apesar de tudo o que estamos passando, estou feliz e tranqüila. Há muito tempo, não me sentia assim.

— E a sua luta, como fica?

— Estive pensando nisso também. Não sei se valeu a pena eu ter lutado, me envolvido em algo que não terá fim.

— O que está dizendo? Está arrependida de ter participado na luta?

— Acho que você tem razão quando diz que não adianta querer ganhar através das armas ou de mortes, que a luta deve ser através das leis. Depois de tudo o que fiz, estou sendo procurada e, se for encontrada, poderei ser torturada e até perder a minha vida a troco do quê? O Brasil sempre foi dominado pela corrupção. O que nos leva a crer que, se o governo for outro, não acontecerá a mesma coisa? Será que vale a pena eu perder minha vida? Minha juventude?

— E eu, como acha que estou me sentindo? Nunca acreditei em luta armada e fui envolvido, poderei, também, ser torturado e até morto por algo que nunca fiz e em que não acredito. Mas acho que não temos com o que nos preocupar, aqui ninguém nos encontrará. Enquanto estivermos na fazenda, estaremos protegidos. Agora, vamos esquecer tudo isso e aproveitar este tempo de paz e só nos preocuparmos quando chegar a hora.

— Tem razão. Vamos aproveitar esta paz que existe aqui.

Chegaram ao acampamento. Como o bisavô havia dito, realmente havia uma fogueira e os ciganos estavam em volta dela, tomando algo que parecia ser sopa. Aproximaram-se. Um homem que tocava o violino, ao vê-los, parou de tocar e se aproximou:

— Boa noite. Vieram nos visitar?

— Sim, meu nome é Danilo, sou bisneto do senhor Felipe e ele disse que poderíamos vir, pois seríamos bem recebidos. Esta é Diva, minha amiga.

— Muito prazer! Meu nome é Sergei!

— Estou feliz que estejam aqui. Meu avô nos disse que a sua família fez parte da história da família. Conhece a história?

— Sim, ela foi passada de geração a geração. Sempre nos foi dito que, enquanto esta fazenda pertencesse a sua família, deveríamos vir aqui, nem que fosse uma vez por ano. Sentem-se aqui ao redor da fogueira e tomem uma sopa conosco.

— Vamos nos sentar, mas terminamos de jantar. Comeremos na festa que meu bisavô disse que farão. Ele disse que gostam muito de festas.

— Sim, ele tem razão, gostamos de festas.

— Viemos atraídos pela música que estava tocando.

— Ela também faz parte da história e também foi passada por gerações. Meu bisavô, que também se chamava Sergei, foi quem a compôs. Dizem

que foi para uma moça que, embora morasse aqui na fazenda, viveu muito tempo com eles e eram muito amigos.

— Não conheço a história, mas gostaria de conhecer.

— Não faltará ocasião. Agora, preciso voltar ao meu violino. Podem apreciar.

Uma moça se aproximou. Sergei disse:

— Esta é Zara, minha esposa. Aquela que está junto a fogueira é Samara, minha filha.

— Muito prazer, senhora. Desculpe meu atrevimento, mas é uma mulher muito bonita.

— Obrigada e desculpo seu atrevimento. — disse, rindo. — Agora, vamos ouvir a música do Sergei e dançar.

Olhou para Diva e perguntou: — Você sabe dançar?

— Não! Nunca dancei, não tive tempo para aprender. Estive envolvida em outras coisas.

— Que pena, perdeu muito nessa vida. Agora vai nos ver dançar e sei que aprenderá e, antes de irmos embora, estará dançando como uma cigana.

— Não acredito nisso!

— Pois pode acreditar! Basta deixar que a música a envolva e dançará sem perceber.

Sergei apresentou todos os ciganos e recomeçou a tocar. Logo, estavam dançando. As mulheres trajavam vestidos longos e coloridos; os homens, calças apertadas, com uma fita que saía da cintura e caía pelo corpo. Sem perceber, Danilo e Diva começaram a balançar o corpo ao som da música.

Marcela, sem que fosse vista, escondida, acompanhava tudo.

Uma das ciganas, chamada Zoraide, puxou Diva pela mão e começou a ensiná-la a dançar. A princípio, ela não conseguiu e só dava alguns passos trêmulos, mas, aos poucos, foi deixando se envolver e começou a

dançar. Danilo acompanhava a dança e ficou encantado. O sorriso de Diva fez com que seu coração começasse a bater com mais força.

Após a dança, tomaram um chá oferecido por Sergei. Depois, despediram-se e voltaram para casa.

Caminhavam conversando sobre os ciganos. Diva disse:

— Nunca me imaginei dançando, ainda mais em uma situação como esta Danilo. Desde os meus quinze anos, comecei a me rebelar contra a Ditadura e, praticamente, não vivi a minha adolescência.

— Estou tendo a impressão de que você está arrependida do que fez.

— Não sei se estou arrependida, mas, com certeza, estou pensando muito a respeito. Sinto que agora seja tarde, pois, se for presa, não conseguirei convencer os outros de que mudei de opinião.

— O jovem é fácil de ser envolvido.

— Você não foi Danilo. Sei que também recebeu convites.

— Realmente aconteceu, mas nunca me deixei envolver. Sempre achei inútil essa luta praticada por você e seus companheiros. Não é assim que vamos conseguir trazer de volta a democracia.

Caminhavam por aquela pequena estrada de terra. A lua estava alta e sua luz iluminava o caminho. Em determinado momento, distraída, Diva pisou em um buraco, torceu o pé e quase caiu. Danilo, instintivamente, segurou-a. Constrangida, segurou-se nele. Abraçados, ela levantou a cabeça, ia começar a rir, mas quando os olhos se encontraram, houve um momento mágico e, sem que percebessem, começaram a se beijar. Quando se soltaram, olharam-se estupefatos.

Danilo perguntou:

— O que aconteceu aqui, Diva?

— Não sei, foi um impulso de momento.

— Acredita que foi só isso?

— Não sei o que dizer Danilo. Somente que estou feliz por ter acontecido.

— Por mais que não entenda, não posso dizer o contrário. Também estou feliz. Desde a primeira vez que a vi lá em casa, percebi que algo diferente estava acontecendo. Quando ia me deitar, mesmo durante o dia, não conseguia me esquecer dos seus olhos, do seu sorriso. Depois, quando vínhamos para cá, no trem, sabendo o medo que sentia, para protegê-la, permanecemos muito tempo abraçados. Esse sentimento ficou mais forte. Acho que estou apaixonado por você.

— Está dizendo a verdade, Danilo?

— Sim, por que está duvidando, Diva?

— Não estou duvidando, somente não acredito que realmente está acontecendo. Também, assim que o vi, fiquei encantada, mas nunca pensei que o mesmo acontecesse com você.

— Está dizendo que também gosta de mim?

— Sim e muito... mas...

— Mas, o quê, Diva?

— Não podemos pensar no futuro...

— Por que não?

— Embora estejamos vivendo neste paraíso, esqueceu-se de que estamos sendo procurados e que a qualquer momento poderemos ser presos...

— Não esqueci, mas, neste momento, estou muito feliz para pensar nisso. Disse que estamos vivendo neste paraíso, vamos aproveitar e deixar as preocupações para quando chegar a hora.

Abraçaram-se e beijaram-se novamente, só que, desta vez, com vontade e amor. Depois, seguiram caminhando pela pequena estrada, olhando o céu, a lua e aquela imensidão de estrelas. Ouviram, ainda, a música que Sergei continuava a tocar.

Marcela, tomada de ódio e, ainda escondida, viu tudo e pensou:

“Eles estão namorando, sim! Isso não pode acontecer! Preciso tirar essa mulher do meu caminho! Ele é a única maneira que tenho de sair daqui

e ocupar, neste mundo, o lugar que mereço! Não posso permitir que ela me atrapalhe!”

Danilo e Diva, felizes por terem, finalmente, assumido o amor que sentiam e alheios ao que pensava Marcela, chegaram a casa e, após mais um beijo, foram para seus quartos dormir.

Severina, que estava na janela de seu quarto ouvindo a melodia tocada no violino por Sergei, viu quando eles chegaram abraçados. Sorriu e pensou:

“Sabia que esses dois se gostavam... tomara que sejam felizes...”

Antes de terminar de pensar, viu que Marcela se esgueirava e os seguia. Preocupada, pensou:

“O que essa menina está fazendo? Por que está seguindo-os? Sei que boa coisa ela não está pensando. Preciso conversar com ela...”

Preocupada, foi para sua cama e deitou-se. Percebeu que seu quarto se enchia de luz. Sorriu, pois sabia de quem se tratava. Em poucos instantes, pai Joaquim apareceu e, sorrindo, disse:

— Boa noite, Severina. Está tudo bem com você?

— Está, pai. Ao que devo a sua visita?

— Estava com saudades. — disse rindo.

— Também estava, pois fazia muito tempo que o senhor não vinha me visitar.

— Estou com muito trabalho. Faço parte de uma equipe de cura. Tirei um tempinho para ir ver o sinhô, a Maria Luísa e o Tobias. Aproveitei para dar uma passadinha por aqui e visitar você.

— Como eles estão?

— O sinhô terminou sua missão e voltou para casa, a Luísa e o Tobias estão passando por um momento muito difícil.

— É fácil de entender... perderam o filho...

— Sim, como é difícil a morte ser encarada de outra maneira, não é, Severina? O dia em que todos aprenderem que a morte é somente um

até logo e que um dia todos voltarão a se encontrar, o sofrimento será tão menor, não é?

— Tem razão, pai, mas isso ainda vai demorar muito para acontecer. Para a maioria das pessoas, a morte é um fim. Mas não foi para me dizer isso que veio até aqui. O que está acontecendo, pai Joaquim?

— Você me conhece muito bem, não é, Severina?

— Sim, há quanto tempo estamos juntos na mesma jornada?

— Não sei Severina, perdi as contas. Só sei que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Ela riu e disse:

— Sei disso, ainda restam alguns do nosso grupo para resgatarmos...

— É por isso mesmo que estou aqui.

— O que está acontecendo?

— Está chegando a hora de passarem pelas mesmas provas de sempre. Jerusa quer porque quer Tobias para ela. Como sempre, não é?

— Sim, pai, e a Marcela também, acabei de vê-la seguindo Danilo e Diva quando voltavam abraçados do acampamento dos ciganos. Acho que ela está tramando alguma coisa...

— Como disse, está chegando a hora.

— O que podemos fazer para impedir que tudo se repita pai?

— Sabe que não podemos fazer quase nada a não ser tentar conversar com elas.

— Quando vi a Marcela seguindo os dois, resolvi que amanhã vou conversar com ela. Não sei se vai adiantar, mas vou tentar.

— Faça isso, Severina. Precisamos tentar tudo o que estiver ao nosso alcance. Enquanto fizer isso, voltarei para junto da Luísa e do Tobias. A Matilde está ao lado deles, mas estão precisando de muita ajuda. Por isso, ficarei ao lado deles, até que tudo termine. Queira Deus que consigamos evitar que um mal maior aconteça e que tanto Jerusa como Marcela percam mais uma encarnação.

— Vamos tentar, pai Joaquim, vamos tentar...

Ele sorriu mais uma vez e desapareceu.

Plano perfeito

Danilo se deitou. Estava feliz por ter assumido seu amor por Diva. Aos poucos e pensando nela, adormeceu. A madrugada ia alta, quando, ao se voltar, sentiu que alguém estava deitado ao seu lado. Julgando que fosse Diva, voltou-se, um pouco adormecido e com os olhos fechados, abraçou aquele corpo que se aconchegou a ele. Beijaram-se com ardor. Ao abrir os olhos, viu que quem estava ali era Marcela. Levantou-se, nervoso:

— O que está fazendo aqui, Marcela?

Ela retirou o lençol que a cobria e, mostrando o corpo nu, disse, com ternura na voz:

— Estou aqui porque amo você e quero ser sua.

— Está maluca? Saía daqui agora!

— Não vou sair, sei que, embora disfarçado, também me notou... acha que não percebi a maneira como me olhou?

— Claro que a olhei! Você, além de ser muito bonita, se insinuou, mas isso não quer dizer que esteja interessado em você. Amo outra!

— Não quero saber disso! Você é meu e será para sempre!

Danilo se assustou com a expressão do rosto dela. Disse:

— Não sabe o que está dizendo. Está confundindo as coisas, é ainda uma criança. Pensa que está apaixonada, mas na realidade não está. Outros homens aparecerão na sua vida e você rirá deste tempo. Vá embora, durma, que tudo isso passará. Farei de conta que nada aconteceu. Gosto da Diva e pretendo me casar com ela. Para que isso aconteça, só falta resolvermos alguns problemas pelos quais estamos passando no momento, mas sei que tudo passará e poderemos ser felizes. Vista-se e

saía Marcela, vá dormir, esqueça-se do que se passou aqui, prometo que também esquecerei.

— Não quero outro homem, quero você! Será que não entende isso?

— Não entendo e não quero entender, só quero que se vista e saia do meu quarto! — ele disse nervoso e fazendo um esforço tremendo para não gritar, pois não queria que ninguém da casa, muito menos Diva, a visse ali.

Ela continuou deitada, fazendo gestos insinuantes. Ele, tomado de muita raiva, levantou-a, pegou o vestido que estava sobre a cama, jogou-o sobre ela e empurrou-a para a porta. Precisou usar de muita força, mas, finalmente, conseguiu. Assim que conseguiu colocá-la para fora, fechou a porta e respirou fundo.

“Nossa, o que foi isso que aconteceu aqui? Essa moça está completamente louca!”

Ela, do lado de fora, nua e tremendo de ódio, colocou o vestido e pensou:

“Você vai me pagar por isso! Pode não ficar comigo, mas também não ficará com ela nem que para isso seja preciso que eu a mate!”

Em silêncio, foi para casa.

Na manhã seguinte, Severina estava na cozinha, quando Marcela entrou para ajudá-la a preparar o café. Assim que a viu, Severina percebeu que ela estava com os olhos vermelhos. Perguntou:

— O que aconteceu, Marcela, esteve chorando?

Ela, procurando disfarçar, olhando para outro lado, respondeu:

— Não, ontem, um inseto entrou no meu olho e eu esfreguei e ficou assim.

— Está bem, Marcela. Você mudou o pensamento em relação ao Danilo?

— Não estou entendendo o que está querendo dizer, Severina.

— Não se faça de boba, menina! Sei que está interessada nele!

— Se sabe, por que está perguntando?

— Para que tire essa idéia de sua cabeça. Ele gosta da Diva. Vi quando voltavam abraçados do acampamento e vi você também. O que estava fazendo seguindo-os? O que pretendia?

— Não viu coisa alguma, deve ter sonhado Severina!

— Tomara que eu esteja sonhando. Sabe que eles se gostam e que, quando isso acontece, ninguém consegue separar duas almas.

— Você é que pensa! Ele vai se casar comigo e me levar embora deste lugar! Pode ter certeza disso, Severina!

— Não vai, não, Marcela. Ele pertence a outro mundo. Além do mais, cuidado com o que está pretendendo fazer. Já lhe disse muitas vezes que tudo o que fizermos de bem ou de mal sempre tem volta na mesma proporção. Deixe que a vida se encarregue do seu destino, não queira tomá-lo em suas mãos.

— Não me venha com essa conversa! Sei o que pensa e não me importo com aquilo que poderá me acontecer depois de morrer, quero viver o aqui e o agora! Quero ser feliz e minha felicidade está nas mãos do Danilo!

— Ele não quer você, Marcela, ele quer a Diva!

— Não me importo, eu o quero e para mim, basta! Vou ficar com ele nem que, para isso, tenha de cometer um crime!

— O que está dizendo?

— Isso que ouviu, mas vou repetir! Vou ficar com ele nem que para isso tenha de cometer um crime, mas vou tirar essa mulher do meu caminho!

— Não pense assim, Marcela! Não tem esse direito!

— Claro que tenho esse direito, não pertenço a este lugar e se o que diz for verdade, já fui muito rica e pertenci a um mundo diferente deste! Quero voltar para ele! Quero voltar a usar lindos vestidos e dançar em grandes salões! Sei que já fiz isso e quero fazer novamente!

— Pense bem no que vai fazer Marcela. Deus sempre nos dá novas chances para repararmos erros praticados. Talvez, neste momento, ele esteja lhe dando uma nova chance. Aproveite, não perca, novamente, uma encarnação.

— Não venha com essas besteiras, Severina! Não quero viver em outra encarnação, quero viver e ser feliz nesta!

Diva acordou e estava feliz. Olhou para o relógio que marcava seis horas e dez minutos.

Ainda na cama, pensou:

“É muito cedo, mas estou feliz... gostei dele assim que o vi, mas não pensei que fosse correspondida... pena que não podemos pensar no futuro. Por que fui me envolver em algo tão perigoso e em um sonho de liberdade tão difícil de ser alcançado? O que será que vai nos acontecer? Será que não seremos, mesmo, encontrados aqui?”

Levantou-se, saiu e foi para a cozinha. Encontrou Severina que, ao lado de Marcela, preparava o café. Entrou, dizendo:

— Bom dia.

Elas se voltaram e, sorrindo, Severina respondeu:

— Bom dia. Dormiu bem?

— Sim, estou muito feliz!

— Isso é muito bom. Existe algum motivo especial para isso? Diva sorriu:

— Tem sim, descobri o amor... Agora foi a vez de Severina sorrir:

— Isso é muito bom, o amor é a coisa mais importante da vida. Marcela, que ouvia a conversa, embora estivesse com muita raiva, com a voz macia, disse:

— Também acho e estou feliz por você.

— Obrigada, Marcela.

Severina sabia que ela mentia, mas ficou calada. Marcela, tentando disfarçar seu ódio, perguntou:

— Conheceraam os ciganos?

— Sim, eles são adoráveis, Marcela.

— Tem razão, estão sempre felizes.

— É mesmo, Severina. Por serem livres, não se preocupam com o governo. Eles próprios se governam.

— É isso mesmo, Diva, é um povo livre. Eles falaram da festa?

— Sim e parece que estão muito animados.

— Pode ter certeza que sim. Eles gostam de festas e, aqui, são feitas com muita alegria.

— Apesar de estar feliz, estou preocupada, Severina.

— Preocupada com o quê, Diva?

— Amanhã, vai ter a festa dos ciganos, gostaria de ter um vestido bonito, mas com a pressa que saímos, não trouxe nenhum.

Ao ouvir aquilo, Marcela pensou rápido em algo e disse:

— Não precisa se preocupar com isso, Diva. Tenho muitos vestidos, mas, se preferir, poderemos ir até a cidade para comprar um tecido. À tarde, eu costurarei um para você.

— Você costura?

— Sim, e muito bem, não é, Severina?

— É verdade, Diva. Ela costura todas as suas roupas, as minhas e as das mulheres dos empregados da fazenda. Tem mãos de fada.

Marcela sorriu.

— Posso lhe fazer um vestido do tecido e do modelo que quiser.

— Acha que consegue aprontar para a festa?

— Sim, se sairmos agora cedo para comprarmos o tecido, amanhã a tarde estará pronto.

Diva pensou por um tempo e disse:

— Não vai dar...

— Não vai dar por que, Diva?

— Trouxemos pouco dinheiro e não posso gastar com o tecido.

— Não se preocupe com isso, Diva. Dona Luana tem uma conta com senhor Salomão. Pode ir até lá, compre o tecido, depois, quando ela vier, ela paga.

— Ela faz compras aqui?

— Sim e autorizou o senhor Salomão para que nos vendesse tudo do que precisássemos. Ele vende e não se preocupa com o tempo que ela vai demorar para voltar. Claro que não compramos à toa, mas o dia de hoje é especial. Sei que ela não vai ficar brava.

— Será, Severina? Não conheço muito bem a dona Luana.

— Por isso é que está preocupada. Pode ir com a Marcela, compre o tecido que quiser e não se preocupe.

Os olhos de Diva brilharam. Queria ficar muito bonita, naquela noite, para Danilo.

— Está bem, vou com você, Marcela. Não será melhor esperarmos o Danilo se levantar, assim ele pode nos acompanhar.

— Não, Diva, se fizermos isso, vai demorar muito. Não se preocupe, conduzo a charrete como ninguém, não é Severina?

Severina, preocupada com a conversa que havia tido com pai Joaquim e com Marcela, respondeu:

— Sei que conduz, sim, mas, como a Diva disse, acho melhor esperarem o Danilo se levantar. Ele poderá acompanhá-las. Se fizerem isso, ficarei mais tranqüila.

— Não tem com o que se preocupar, Severina. Se formos agora, voltaremos antes do almoço e terei tempo de costurar o vestido. Sei que vai ficar lindo, Diva!

— Está bem, assim que terminar de tomar o café, iremos.

Diva sentou-se, tomou rapidamente o café, subiram na charrete e foram. Ela, alegre por ter um vestido novo para a festa; Marcela, imaginando como faria para tirar aquela mulher da sua vida. Severina

viu-as desaparecer no fim da pequena estrada, preocupada com o tom de amizade de Marcela, que sabia ser mentira.

“Essa menina não está pensando coisa boa, não está não...”

Chegaram à cidade e foram para a loja do senhor Salomão que, assim que as viu, abriu um sorriso:

— Marcela, há quanto tempo você não vem aqui! Está precisando de alguma coisa?

— Sim. Os ciganos chegaram e, como sempre, vai ter a festa deles. A minha amiga precisa de um tecido para fazer um vestido.

— Pode escolher o tecido que quiser moça. Aqui tem para todos os gostos.

Diva sorriu e voltou-se para uma prateleira, onde havia tecidos de várias cores e qualidade. Queria um estampado para que Marcela lhe fizesse uma saia bem rodada, igual à das ciganas. Olhou, olhou e escolheu um bem colorido com a cor azul sobressaindo, depois, escolheu outro em um azul mais claro para que fosse feita também uma blusa igual à que as ciganas usavam. Ficou feliz com sua escolha. Perguntou:

— Marcela, acha que vai ficar bom?

— Claro que vai, o azul fica bem para a cor da sua pele. Vamos levar senhor Salomão.

— Pode levar quanto quiser, vou marcar aqui na caderneta e, quando a dona Luana vier, ela paga, não é?

Pegaram os tecidos e saíram da loja. Quando estavam na rua, enquanto caminhavam em direção à charrete que havia ficado do outro lado da rua, Marcela pensou:

“Aqui é o lugar ideal para que aconteça um acidente, mas como? Precisa ser de uma maneira que não reste dúvida alguma e que eu não seja responsabilizada.

Pensou, pensou e disse:

— Diva, antes de irmos embora, vamos até a estação de trem. Lá há um bar que vende doces maravilhosos!

— Não estou com fome, Marcela. Estou ansiosa para chegarmos a casa a fim de que você faça o meu vestido.

— Também não estou com fome, só com vontade de comer um doce. Vamos, alguns minutos não farão diferença!

Caminharam em direção à estação de trem. Caminhando, Marcela continuou pensando:

“Não tenho certeza, mas acho que há esta hora passam vários trens levando mercadorias para a Capital, se isso acontecer eu, sem que ninguém veja, empurro-a. Ela morre e ninguém ficará sabendo que fui eu. Quando me perguntarem, direi que não sei o que aconteceu. Claro que preciso ficar desesperada e chorar sem parar. Tudo vai dar certo, sei que, depois de algum tempo, Danilo vai me querer e me levará embora deste lugar que odeio!”

Chegaram à estação e Marcela ficou preocupada, pois havia várias pessoas. Umas com malas, outras sentadas, parecendo esperar alguém. Caminharam até o bar. Entraram e ela pediu um dos vários doces que estavam expostos. Diva fez o mesmo. Sentaram-se e começaram a comer. Marcela comia bem devagar. Perguntou ao garçom:

— Passa algum trem neste horário?

— Sim, vários. Está para chegar um que vem da Capital. Esse pára aqui, outros passam direto.

Diva, não imaginando o porquê daquela pergunta, comia com gosto o seu doce. Marcela sorriu, agradecendo, e pensou:

“Quando o trem que não pára passar eu darei um jeito de empurrá-la.”

Continuaram comendo. Marcela comeu um e pediu outro. Levantou-se e, comendo, foi até a plataforma e olhou para verificar se vinha algum trem. Ao longe viu um que se aproximava. Voltou para o bar e perguntou:

— Esse trem que está chegando vai parar aqui?

— Vai, sim, é de passageiros. Logo em seguida, assim que este partir vem o outro, só que esse não vai parar. Ele vai direto para a Capital, pois só carrega café para descarregar lá.

Diva, que continuava comendo, não entendia, mas também não estava preocupada com os trens que chegavam ou passavam, apenas apreciava o doce.

O trem parou. Algumas pessoas desceram, outras entraram. Marcela acompanhava os passos de todas. Após algum tempo, o trem foi embora e as pessoas, após cumprimentarem os que chegaram, foram se afastando. Em poucos minutos, a estação estava vazia. Marcela sorriu: “Quando o próximo trem estiver se aproximando, preciso encontrar uma maneira de atraí-la para cá e ficará fácil empurrá-la. Como a estação está vazia, ninguém perceberá. Só preciso ficar ao lado do bar para que o garçom não veja. Quando ela cair, começarei a gritar e direi que ela se jogou. Ninguém vai desconfiar...”

Viu ao longe o trem se aproximando. Ainda parada junto à plataforma, chamou:

— Diva, venha ver o trem chegando, olhe como é grande e como está rápido!

Diva, sem imaginar qual era a sua intenção, disse:

— Não posso ir até aí, Marcela, sinto muito medo de trens e de estações. Foi muito difícil chegar até aqui de trem...

— Mas chegou bem, não foi? Viu que não há problema algum. Esse trem que está se aproximando é diferente de todos que já viu. É moderno, acabou de ser comprado...

— Não sei... tenho medo...

— Deixe disso! Não tem perigo algum! Você mesma disse que viajou várias horas e que foi tudo bem. Precisa se livrar desse medo...

Diva, querendo se livrar do medo que sentia, levantou-se do banco em que estava sentada e aproximou-se. O trem estava chegando rapidamente e Marcela se preparava para colocar em prática o seu plano.

Finalmente, notícias

Naquele mesmo instante, Luana estava no hospital. Apesar de muito nervosa e de não ter conseguido dormir bem, resolveu que não poderia deixar de trabalhar, mas percebeu que não conseguiria. Foi até o consultório de Felipe e lhe disse:

— Felipe, não estou em condições de trabalhar, não consigo parar de pensar em Danilo e, por isso, não posso me concentrar no trabalho.

— Está bem, vá para casa. Muita coisa tem acontecido em tão pouco tempo. Não se preocupe se houver alguma emergência, eu lhe telefono. Tente se acalmar e acreditar que eles estão bem. Devem estar na fazenda, aproveitando toda aquela beleza.

— Tomara que isso seja verdade. Preciso ter alguma notícia, Felipe. Não posso continuar assim, nessa incerteza...

— Sabe que eles não devem e nem podem se comunicar. Precisamos ter paciência e esperar.

— Não entendo como você pode ser assim. Ficar tão tranqüilo, quando não sabemos o que aconteceu com nosso filho...

— Nada mais podemos fazer Luana. Ele e muito menos nós queríamos estar nesta situação, mas já que fomos envolvidos, precisamos ter paciência e esperar que tudo se esclareça e que nossa vida volte a ser como era antes de toda essa loucura. O importante é saber que nos amamos e que estamos juntos.

Ela sorriu, abraçou-o e disse:

— Você é mesmo um homem maravilhoso, por isso amo-o tanto...

Ele também a abraçou e beijou com carinho.

Chegou a casa e foi falar com Tobias e Luísa.

— Agora que tudo passou vocês podem descansar alguns dias. Sei que estão precisando disso. Depois, conversaremos. Agora, estou nervosa e preocupada, vou tentar me acalmar.

— Não, doutora, não quero descansar, pois sei que não vou conseguir, prefiro trabalhar e ocupar o meu tempo para não ficar pensando.

— Tem certeza disso, Luísa?

— Tenho e acho que o Tobias também. O que acha Tobias?

— Você tem razão, Luísa, quanto mais tempo ficarmos sem ter o que fazer, pior será.

— Está bem, se é assim que querem não me oporei. Voltem ao trabalho. Sorriu e entrou em casa.

Luísa e Tobias fizeram o mesmo. Entraram no pequeno quarto e, chorando, abraçaram-se. Tobias, lembrando-se de Jerusa e de sua obsessão, perguntou:

— O que vamos fazer agora, Luísa?

— Continuarmos aqui e trabalharmos na casa da doutora enquanto ela quiser.

— Preferia que fôssemos embora.

— Embora para onde, Tobias? Estamos muito bem aqui. Pela primeira vez, estou me sentindo segura.

— Não sei Luísa, queria ir para um lugar bem longe daqui...

— Por que esse desejo? Não estou entendendo. Estamos bem...

Ele, sabendo que não poderia contar o verdadeiro motivo, respondeu:

— Enquanto vivermos aqui, não conseguiremos esquecer nosso menino. Vai ser um sofrimento constante. Vamos embora. Podemos voltar para a nossa cidade.

— Não importa o lugar em que estivermos nunca conseguiremos esquecer o nosso menino. Ele seguirá para sempre no nosso

pensamento. Quer voltar para nossa cidade e vai fazer o que lá, Tobias? Aqui, temos salário e moradia. Sem despesa alguma, podemos guardar dinheiro para, um dia, comprarmos a nossa casa.

Sem mais argumentos, Tobias disse:

— Está bem, só quero que, aconteça o que acontecer, nunca esqueça que eu a amo muito e que você é a única mulher em minha vida.

— Não entendo por que está dizendo isso, sei que me ama, assim como também amo você. Agora, vamos ao trabalho. Vou ajudar a fazer o almoço e você vai preparar o carro para levar a moça para a Faculdade. Coitada, teve de ir de táxi. Como ela está tratando você, Tobias. Melhorou?

Novamente, ele sentiu vontade de lhe contar o que estava acontecendo, mas não teve coragem. Temia que ela interpretasse mal e julgasse que ele estivesse mentindo. Disse:

— Está me tratando bem. Agora, vou tirar o carro da garagem.

Saíram. Ela entrou na casa e ele foi para a garagem tirar o carro. Precisava lavá-lo.

Meia hora depois, um táxi parou em frente a casa e dele desceu Jerusa. Assim que entrou, viu Tobias junto ao carro, terminando de secá-lo. Aproximou-se, dizendo:

— Está tudo bem com você, Tobias?

— Está senhorita.

— Hoje, após o almoço, ainda terei de ir para a faculdade de táxi, não é?

— Não, senhorita, Luísa achou melhor voltarmos ao trabalho. Quando quiser, estarei a seu dispor.

Ela sorriu e, com ironia na voz, disse:

— Isso é ótimo. Já estava com saudade da sua companhia...

Ele estremeceu, sabia o significado daquelas palavras, mas não tinha o que fazer somente evitar ao máximo a sua aproximação.

Jerusa entrou em casa e ele continuou secando o carro.

Após o almoço, Luana, que continuava ansiosa e preocupada, foi para o seu quarto. Há dias não dormia bem. Embora seu corpo estivesse cansado, sua mente não conseguia parar de pensar em Danilo e na sua possível prisão. Apesar de saber que não conseguiria dormir, deitou-se. O telefone tocou, mas ela não atendeu, não queria conversar com ninguém, só queria saber se o filho estava bem.

Alda atendeu o telefone e, alguns minutos depois, bateu de leve à porta do quarto de Luana.

— Entre.

Alda abriu a porta e, com a voz baixa, disse:

— Desculpe por incomodá-la, senhora, mas um homem está no telefone e disse que precisa falar com a senhora, urgente.

— Um homem? Que homem?

— Não sei, ele não quis dar o nome. O coração de Luana começou a disparar:

— Meu Deus, será a polícia? Será que querem me avisar que Danilo está preso?

Pegou o telefone e, com a voz trêmula, disse:

— Alô!

— Alô, doutora Luana?

— Sim, quem é o senhor?

— Coronel Alberto. Preciso falar urgente com a senhora.

— O que aconteceu? Meu filho está preso?

— Não, por isso estou lhe telefonando. Um dos nossos agentes infiltrados na Faculdade confirmou-me o que a senhora havia me dito. Seu filho nunca participou de grupo algum de resistência. Ele é um bom estudante e sempre diz que quer nos vencer através das leis.

— Foi o que lhe disse.

— Porém eu precisava ter certeza. Pode dizer a ele que já pode voltar para não perder mais dias de aulas. Tudo, agora, está bem.

— E o Júlio?

— Infelizmente, nada poderei fazer por ele. Está muito envolvido. Ele e a moça que está com eles. Assim que forem encontrados, serão presos.

— Ele é seu filho! Pertence a sua família!

— Sim, é meu filho, mas também um subversivo. Ele escolheu o caminho que queria seguir, nada poderei fazer.

— É um jovem idealista como todos nós já fomos. Acredita que pode mudar não só o Brasil como o mundo inteiro! Com o tempo, quando tiver sua família, verá que não pode mudar o mundo, pois ele é composto de seres humanos que são distintos. Alguns são bons, outros se deixam levar pela ganância não só por dinheiro, como também pelo poder.

— A senhora pode ter razão, mas, no momento, faço parte do sistema e nada posso fazer. Além disso, preciso dar exemplo aos meus comandados. Não aceito que meu filho seja ou pense diferente do que é certo.

— Certo para o senhor, mas para ele e outros tantos, o que os senhores fazem é errado. Estão lhes tirando a liberdade de pensamento e de escolha.

— Não vamos discutir isso, agora. Seu filho foi envolvido e está sendo prejudicado. Faça com que volte e continue seus estudos e, depois, que lute com as armas em que acredita as leis, sem guerrilhas ou violência.

— Foram os senhores que provocaram a violência quando tiraram da população os seus direitos.

— Por favor, doutora, não vamos discutir sobre isso. O Brasil está caminhando bem, a população está tendo uma vida como nunca teve. Deve se importar somente com o seu filho.

— Vai mesmo mandar prender o seu filho?

— Esse não é um problema seu. Seu único problema deve ser o bem-estar do seu filho. Sabe onde eles estão?

— Não sei e isso está me matando...

— Sei que a senhora sabe. Não precisa se preocupar, seu filho não será preso.

— Mas o seu, sim. Se a liberdade dele depender de mim, nunca será preso. Por isso, não sei, mas, mesmo que soubesse onde eles estão não lhe diria. Como posso ter certeza de que não está mentindo, querendo que eu tente me comunicar com eles somente para prendê-los?

— Se eu quisesse que seu filho fosse preso, já estaria, sei que eles estão na fazenda da sua família.

Ela estremeceu.

— O que está dizendo?

— Que sei onde estão. Ninguém fica escondido da nossa inteligência. Por isso, não faça mais com que seu filho perca tempo e aulas. Ele pode voltar. Quanto ao Júlio, é diferente, ele sempre esteve envolvido e será preso.

Antes que Luana pudesse dizer qualquer coisa, ele desligou o telefone.

Ela, ainda com o telefone na mão, pensou:

“Como um homem pode pensar dessa maneira? Como pode permitir que seu próprio filho seja preso, torturado e, talvez, até morto? Preciso telefonar para o Felipe e o Rodolfo. Não, acho melhor ir até o hospital e hoje mesmo partirmos para a fazenda! É isso mesmo que vou fazer!”

Levantou-se, entrou no banheiro para tomar um banho.

Desceu, ia sair, mas Alda parou na sua frente, dizendo:

— A senhora não vai sair sem almoçar. Já está há alguns dias sem se alimentar e isso não é bom. Ninguém, melhor do que a senhora, sabe disso.

— Tem razão, mas não estou com fome. Estou preocupada com Danilo.

— Sei disso, mas se ficar fraca e doente, não poderá ajudá-lo. Coma nem que seja só um pouco.

— Está bem. Vou tentar.

Sentou-se e foi servida por Luísa.

Assim que terminou, apressada saiu. Jerusa também desceu e almoçou.

Enquanto Luísa lavava a louça do almoço, Tobias pensava no que faria se Jerusa voltasse a lhe fazer aquelas propostas. Enquanto ela não chegava, ele pensava:

“Se ela insistir, vou ter de contar toda a verdade para Luísa, só assim ela vai concordar em irmos embora. Não quero fazer isso, mas sinto que serei obrigado. Tomara que Luísa entenda e acredite em mim.”

Poucos minutos depois, Jerusa saiu da casa e foi ao encontro dele. Assim que a viu se aproximando, ele abriu a porta traseira do carro, mas ela, sorrindo, fez com que fechasse, entrou na da frente e sentou-se ao lado dele.

Ele, tremendo, ligou o carro e saíram. Quando chegaram a dois quarteirões da casa, ela disse:

— Pare o carro, Tobias.

— Não podemos senhorita, estamos atrasados...

— Pare o carro, precisamos conversar!

— Não temos o que conversar, só preciso levar a senhorita até a faculdade...

— Eu disse para parar o carro! — ela gritou.

Vendo que não havia alternativa, ele parou o carro. Ela voltou-se para ele e disse:

— Sabe quais são as minhas intenções com você. Desde que o vi, senti que você é o homem da minha vida e que vou ficar com você custe o que custar...

— Sabe que não pode ser eu sou casado e amo a minha mulher...

— Não quero me casar com você e, mesmo que quisesse, não poderia ser minha família nunca consentiria além de você ser casado, somos de classes diferentes.

— Está vendo como não pode ser...

— Não precisamos nos casar, basta nos encontrarmos e você ser meu e eu ser sua. Ninguém precisa saber.

— A senhorita não sabe o que está dizendo. É uma moça direita, como pode pensar e falar assim?

Sem que ele esperasse, ela abraçou-o e beijou-o com loucura.

Ele tentou desviar o rosto, mas ela não permitiu.

Depois de beijá-lo, ela disse:

— Agora preciso ir para a faculdade, tenho prova. Daqui a duas horas, vá me pegar e iremos para o apartamento da minha amiga.

Ele ficou calado.

Momento decisivo

Na fazenda, quase uma hora depois de Marcela e Diva saírem, Danilo acordou, ao mesmo tempo em que estava feliz por ter encontrado Diva, estava preocupado com Marcela e sua atitude. Sabia que uma mulher apaixonada e rejeitada era perigosa. Levantou-se, olhou no espelho e sorriu, pensando:

“Não vou me preocupar com isso, ela não passa de uma menina. O importante é que estou feliz e só espero poder sair dessa confusão em que me colocaram para poder retomar minha vida, me casar com Diva e ser feliz para o resto da minha vida. Assim que tomarmos o café e se o Júlio quiser, iremos até o acampamento cigano, eles são maravilhosos. Estava saindo do quarto, quando encontrou Júlio, que também saía do seu:

— Bom dia, Júlio? Está melhor?

— Eu não estava doente, Danilo, só preocupado.

— Preocupado com o quê?

— Com tudo o que nos está acontecendo, pois não sabemos se não seremos encontrados aqui.

Ele mentiu, pois não queria que o amigo soubesse que o motivo real de sua preocupação era o que sentiu no galpão.

Chegaram à sala de refeições. Danilo estranhou que a mesa estivesse servida somente para duas pessoas. Severina não estava lá. Ele, preocupado, foi para a varanda onde seu bisavô cochilava. Vendo que Diva não estava lá conversando com o avô, foi para a cozinha procurar por Severina.

Júlio, sem entender o que estava acontecendo com o amigo, calado, acompanhava seus passos.

Realmente, Severina estava junto ao fogão de lenha, completamente aceso. Danilo se aproximou, dizendo:

— Bom dia, Severina.

— Bom dia, está tudo bem com você?

— Sim, só um pouco preocupado, a Diva já se levantou?

— Já faz algum tempo. Ela e a Marcela foram até a cidade. A Diva queria um vestido para a festa dos ciganos. Como Marcela costura muito bem, foram comprar o tecido.

Danilo lembrou-se da noite anterior e, ainda mais preocupado, perguntou:

— Como elas foram?

— Na charrete. A Marcela conduz muito bem. Desesperado, ele disse:

— Preciso ir ao encontro delas!

— Por que, Danilo? — ela perguntou assustada.

— Não sei, mas preciso ir ao encontro delas!

— Não tem como ir, Danilo, elas foram na charrete e não temos outra condução.

— Severina, não me diga isso! Preciso ir!

— Só se for no Trovador, mas disse que nunca montou um cavalo.

— Nunca montei, mas preciso aprender, tenho de ir o mais rápido possível!

— Então, vá falar com o Celestino. Ele o ensinará, só não sei se o suficiente para que possa ir até a cidade.

— E isso mesmo que vou fazer! Preciso ir rápido!

Saiu da cozinha, foi para a varanda e desceu a escada rapidamente. Correu em direção ao estábulo. Com o barulho dos seus passos, o avô, que cochilava, acordou e, assustado, perguntou para Severina que, ao lado de Júlio, perplexo, acompanhara Danilo:

— O que aconteceu com ele, Severina?

— Não sei, disse que precisa ir até a cidade encontrar Diva e Marcela que foram logo cedo.

— Sei que foram eu estava aqui. Mas por que tanta pressa e por que ele precisa ir?

— Não sei, ele não disse.

Danilo chegou ao estábulo. Celestino estava escovando um dos cavalos. Ao vê-lo daquela maneira, assustado, perguntou:

— O que aconteceu, moço? Parece que está muito apressado.

— Estou, sim, preciso ir até a cidade e só restou o Trovador.

— O moço não disse que nunca montou?

— Disse, mas agora preciso aprender, é muito urgente!

— Está bem, vou pegar o Trovador e colocar a sela. Depois, vou tentar ensinar o moço, não sei se vai conseguir, embora ele seja um cavalo muito manso.

Entrou e, poucos minutos depois, voltou trazendo Trovador. Com paciência, ensinou como Danilo deveria fazer. Terminou dizendo:

— Acho que o moço vai conseguir. Converse com ele. Pode não acreditar, mas ele entende.

Danilo, passando a mão na cabeça do cavalo, disse:

— Trovador, preciso da sua ajuda. Permita que eu monte em você e me leve o mais rápido que puder. Tudo depende de você. Tomara que já não seja tarde.

Trovador, parecendo entender o que ele dizia, relinchou.

— Está vendo, moço, ele entendeu. Pode montar e vá com Deus.

Danilo montou no cavalo que, após uns primeiros ensaios, saiu galopando. Passou pela varanda onde estavam Severina, Júlio e o avô. Acenou com a mão e seguiu.

Na estação, o trem se aproximava, Marcela estava ao lado de Diva que tremia muito. Com a voz calma, ela disse:

— Não fique assim, Diva. Não há perigo algum. Deixe que eu a abrace, assim, se sentirá melhor. Depois que o trem passar, verá que não havia motivo algum para ter medo. Precisa se livrar desse medo. Isso é psicológico...

— Será que vou conseguir me livrar, Marcela? Confesso que não entendo o porquê disso e, realmente, quero ficar livre, ser como todas as outras pessoas...

— Vai ficar bem, pode ter certeza disso que estou dizendo. Deixe-me abraçá-la.

Colocou o braço nas costas de Diva e esperou o trem se aproximar. Sabia que ele não ia parar, por isso deveria ser rápida.

O trem estava chegando, ela ia empurrar Diva, quando ouviu:

— É você mesma Marcela?

Ela se voltou e viu um rapaz que sorria e que tinha feito a pergunta.

Ficou parada sem saber o que responder. Ele insistiu:

— É você, mesma, Marcela?

— Samuel? Você está aqui?

— Não sei por que a surpresa, não lhe disse que ia embora estudar, mas que voltaria para buscá-la?

— Disse, mas não pensei que estivesse dizendo a verdade... nunca mais me escreveu ou mandou notícias...

— Pois estava dizendo a verdade e só não escrevi porque tive muito que estudar e não me sobrou tempo. Além do mais, sabia que você estaria

aqui quando eu voltasse. Estou aqui e vim buscá-la para que possamos nos casar e ir morar na Capital.

— Está mesmo dizendo a verdade?

— Claro que estou. Qual seria o motivo de estar aqui? Quando desci do trem, com aquela confusão de pessoas entrando e saindo, passei por você, mas não a vi. Depois, já lá fora, foi como se alguém me dissesse que estava aqui, voltei para ver e não é que você está mesmo? O que está fazendo aqui? Vai viajar?

Marcela olhou os últimos vagões que passavam, rapidamente. Respondeu:

— Não, eu e a minha amiga viemos comer doce no bar do Zezão.

— Os doces dele são conhecidos, mas, vamos, preciso ir até a fazenda conversar com seus pais, isto é, se você ainda me quiser. Comprei a nossa casa, ela é imensa, sei que vamos ser felizes.

Ela, abismada com tudo aquilo e sem saber o que dizer, olhou para Diva que, feliz, acompanhava a conversa. Sentiu um aperto no coração e só naquele momento pôde avaliar o que pretendia fazer. Começou a chorar e abraçando-a, disse:

— Perdão, Diva... perdão... perdão, meu Deus...

Diva, sem saber o verdadeiro motivo daquelas lágrimas, abraçou-a com carinho e disse:

— Não chore. Por que está pedindo perdão, Marcela? A felicidade sempre chega. Espero que seja muito feliz ao lado do Samuel. Ele parece ser um bom moço e já provou que gosta realmente de você. De hoje em diante, sei que será feliz.

— Isso mesmo, não chore, pois se já teve motivo, hoje não tem mais. Só preciso agradecer por ter tido aquele impulso de voltar aqui e encontrar você.

Pai Joaquim, que a tudo acompanhava, sorriu.

— Como vocês vieram da fazenda?

— De charrete.

— Será que podemos voltar nela, assim não perderei tempo e falarei logo com os seus pais.

— Podemos, sim, só que terá de ir atrás, não seria justo uma de nós ir ali.

Ele riu e, com felicidade na voz, disse:

— Claro que vou atrás, as damas sempre têm preferência.

Já do lado de fora da estação, viram Danilo que chegava no cavalo que corria muito. Admirada, Diva perguntou:

— Aquele não é o Danilo no cavalo preto?

Marcela viu e, entendendo todo o desespero dele, respondeu:

— E ele, sim, não pode ficar um minuto longe de você, Diva.

Diva sorriu. Ele se aproximou e, descendo do cavalo, correu para ela. Abraçou-a, perguntando:

— Você está bem?

— Estou, mas por que a preocupação?

Ele olhou para Marcela que sorrindo, disse:

— Ela está bem, Danilo. Essa atitude dele, Diva, demonstra o quanto ele gosta de você.

Voltando a cabeça para Samuel, continuou:

— Este é o Samuel, meu antigo namorado que foi embora e voltou para nos casarmos.

— Você sabia que ele viria, Marcela? Veio aqui na estação para encontrá-lo?

— Não, foi coisa do destino, Danilo, mas estou feliz que tenha vindo, pois sua presença evitou que eu cometesse uma loucura.

Sorriu e piscou um olho. Danilo entendeu a mensagem, abraçou Diva e disse:

— Não sei o que seria de mim se algo tivesse acontecido com você...

— Por que está dizendo isso? Nada aconteceu nem acontecerá, só viemos comprar um tecido para que a Marcela costure um vestido bem bonito para eu ir à festa dos ciganos.

— Os ciganos estão aqui?

— Sim, Samuel, chegaram ontem e já estão preparando a festa.

Você conhece muito bem as festas dos ciganos, não é?

— Sim e como. Foi em uma delas que nos apaixonamos e que descobri que você era a mulher da minha vida.

Chegaram perto de onde estava a charrete e de onde Danilo havia deixado Trovador. Ele disse:

— Diva, aprendi a montar, não quer voltar sentada ao meu lado?

— Não sei, nunca montei um cavalo, não será perigoso?

— Não, não é. O Trovador é manso e obedece aos comandos. Venha, sei que vai gostar.

Ele ajudou-a a montar. Ela, embora receosa, mas confiando nele, montou. Seguiram viagem. Ele envolveu-a com carinho e proteção. Ela sentiu-se a mulher mais feliz do mundo.

Na charrete, seguiram Samuel e Marcela que também estava feliz por ter sido impedida pelo destino de cometer um ato do qual se arrependeria pelo resto da vida.

Encontro inesperado

Júlio não entendeu o porquê de Danilo estar nervoso daquela maneira. Assim que o amigo se afastou, despediu-se do bisavô e saiu andando pela fazenda. Estava preocupado com a sensação que teve, quando passou pelo galpão.

Andava olhando tudo à sua volta. Quanto mais andava, mais tinha a sensação de já ter estado ali naquele lugar.

“Não pode ser. Nunca estive em uma fazenda, muito menos aqui. Sendo assim, o que é isso que estou sentindo? Por que parece que já conheço tudo?”

Chegou ao galpão, entrou. Imaginou que ele estivesse com muitas crianças. Seu corpo estremeceu e se arrepiou.

Não resta dúvida, conheço este lugar, já estive aqui. Não sei qual é a explicação, mas não posso mais negar.

Saiu dali, olhou para o morro com as cruzes e continuou andando. Chegou ao ponto de onde poderia descer até o riacho. Do alto, viu uma moça que estava com os pés dentro da água. Ficou olhando por alguns minutos e resolveu:

“Vou descer e ver quem é essa moça.”

Desceu. Ela estava de costas e não viu quando ele se aproximou:

— Bom dia.

Ela, assustada, se voltou e ao vê-lo, disse:

— Bom dia. Quem é você?

— Meu nome é Júlio. Sou amigo da família e estou passando férias aqui na fazenda. E você, quem é?

— Meu nome é Samara. Sou cigana e estamos visitando a fazenda como fazemos todos os anos.

— Cigana?

— Sim, não percebeu por minhas roupas?

— Desculpe, mas não notei. Posso me sentar ao seu lado?

— Claro que sim. Sempre que voltamos a esta fazenda, gosto de vir até aqui e ficar apreciando esta água límpida que corre tranqüila e os pequenos peixes que deslizam por ela. Aproveito, também, para molhar os pés. Não sei você, mas eu estou com calor.

— Está calor, sim e ainda é cedo. Imagine como vai ficar mais tarde.

Ele tirou os sapatos, levantou a barra da calça, sentou-se e também colocou os pés dentro da água. Teve uma sensação agradável. Sorriu, dizendo:

— Tem razão, esta água está bem fresca. Nunca estive ao lado de uma cigana, nada conheço a respeito. Vivem, realmente, andando sem destino?

Ela sorriu e respondeu:

— Sim. Nossa casa é o mundo. Vivemos assim desde sempre.

— Essa vida não é muito triste e sacrificada?

— Não. Somos livres. Não temos governo, portanto, não temos a quem obedecer.

— Se não têm governo e não obedecem, como conseguem viver sem lei?

— Temos nossas próprias leis, todos as conhecem e as seguem.

— Não existe um líder?

— Sim. Temos um rei. O nosso chama-se Sergei, é meu pai. Ele nos orienta em todos os momentos.

— Acho interessante o que está me dizendo. Jamais imaginei uma sociedade assim. Embora saiba que isso só é possível em comunidades pequenas como a de vocês. Em uma sociedade complexa como a nossa, isso seria impossível.

— Por quê? Cada um não conhece seus deveres e direitos?

— Deveriam conhecer, mas, infelizmente, isso não acontece. As obrigações são muitas e os direitos, poucos. Existe muita desigualdade.

— Pois, entre nós, não. Somos todos iguais. Seguimos nossas leis e somos felizes assim.

— Sabe que você é muito bonita?

Ela corou:

— Obrigada. Está sendo gentil.

— Não! Você, realmente, é muito bonita! Talvez não acredite, mas, muito cedo, me envolvi com alguns problemas e nunca tive tempo para olhar uma moça da maneira como estou olhando você.

— Não sei se posso acreditar nisso que está dizendo.

— Pode acreditar.

— Tem namorado, é casada?

— Vá com calma! Não, não tenho namorado nem sou casada, mas sou cigana.

— E o que tem isso? Não tenho preconceitos.

— Ainda bem que não é preconceituoso. Meu povo já sofreu muito com a discriminação e ainda sofre. As pessoas não nos conhecem e inventam muitas coisas que, na realidade, nunca existiram.

— Confesso que o pouco que conheço não é muito bom.

— Sei disso. Já ouviu dizer que os ciganos roubam as pessoas e até crianças. — ela deu uma gargalhada e mostrou seus dentes lindos.

— Do que está rindo?

— Do que as pessoas pensam. Não roubamos muito menos crianças. Vivemos nossas vidas em paz. Cantamos e dançamos muito. Hoje à noite, teremos uma festa linda. Verá como somos felizes e conseguimos fazer feliz todo aquele que estiver ao nosso lado.

— De onde surgiram esses boatos?

— As ciganas lêem as mãos ou as cartas e cobram por isso. Muitos inventam que elas roubam, mas é mentira. Elas cobram pela curiosidade, somente isso.

— Interessante. Gostaria de passar um tempo com vocês para conhecer seus costumes.

— Isso é impossível.

— Por quê?

— Uma das nossas leis é não nos misturarmos com os gajis.

— O que é isso?

- Vocês. Todos os que não são ciganos.
- E se uma cigana se apaixonar por um gaji, o que acontece?
- Nada acontece. Precisam se afastar.
- Nunca houve um que ficou entre vocês?
- Na nossa tribo, não, e acho que seria muito difícil. Embora existam tribos que vivem em sociedade, nós somos conservadores. Vivemos da maneira como sempre foi.
- Gostaria de conhecer a história de vocês.
- Não há muito que conhecer. Vivemos em uma sociedade, dentro das nossas leis e, assim, somos felizes.
- Pois eu não estou feliz com a sociedade em que vivemos. Existe falta de democracia. Não podemos falar nem a imprensa. Os estudantes estão revoltados e tentam derrubar o governo que transformou este país em uma Ditadura.
- Você também luta contra isso?
- Sim, por isso estou aqui. Estamos fugindo da polícia, pois fomos denunciados.
- Acredita que vão conseguir vencer?
- Não sei, mas se não tentarmos, não saberemos.
- Admiro aqueles que se dedicam a um bem maior, mas acho essa luta inglória.
- Pode ser, mas agora não há mais volta. Preciso ir até o fim. Sei que, um dia, o Brasil voltará a ser um país democrático, onde as pessoas, livremente, poderão escolher seus governantes.
- Quem lhe garante que estes não serão iguais ou piores dos que os que aí estão?
- Não posso, sequer, admitir uma idéia como essa! Estamos lutando e, se um dia, chegarmos ao poder, será diferente. Pensaremos só no bem-estar do povo brasileiro.

— Espero que esteja certo e que não tenha perdido sua liberdade e até a vida a troco de nada.

Júlio, calado, ficou com o olhar perdido na água que corria mansamente.

Samara começou a rir. Ele, sem entender, perguntou:

— Por que está rindo?

— Acabamos de nos conhecer e já contamos a nossa vida. Não acha isso estranho?

Ele também riu.

— Tem razão. Mas, embora só tenhamos nos conhecido agora, parece que a conheço há muito tempo.

— Tenho esse mesmo sentimento.

— Acredita em amor à primeira vista, Samara?

Ela ficou olhando sem responder. Ele insistiu:

— Acredita em amor à primeira vista?

— Não sei... nunca pensei a respeito...

— Pois eu, embora também nunca tenha pensado a respeito, estou acreditando que pode ser verdade.

— Por que está dizendo isso?

— Não me leve a mal, mas estou sentindo por você algo que nunca senti. Acho que estou apaixonado.

Ela voltou a rir.

— Não posso negar que também estou impressionada com você, mas isso que disse, mesmo que fosse verdade, jamais poderia acontecer.

— Por quê?

— Como lhe disse, sou cigana e nunca poderia me apaixonar por alguém que não fosse cigano.

— Isso não é justo! Se gostar de alguém, não poderá se casar?

— Não e não me importo...

— Estou lutando pela liberdade e você não se importa?

— Até agora, não, Júlio.

— Não entendi... o que está querendo dizer?

— Nada... nem sei por que disse isso...

Juntos, foram colocar as mãos na água. Sem que quisessem, as mãos se tocaram e os olhos se encontraram. Ela, constrangida, começou a se levantar, mas sem que esperasse, ele a segurou pela mão puxou-a para si e deu-lhe um beijo. A princípio ela quis se afastar, mas, aos poucos, se entregou àquele beijo e àquele amor.

Depois que se afastaram, saiu correndo e subiu o morro. Ele ficou olhando-a se afastar.

Já no alto, Samara não conseguia parar de correr. Lágrimas corriam por seu rosto.

Isso não poderia ter acontecido... jamais poderemos ficar juntos...

Júlio voltou a se sentar e a olhar a água que corria mansamente. Sem perceber, seu olhar voltou-se para o morro das cruces.

“O que está acontecendo aqui? Por que tive de vir para cá e conhecer essa moça que sinto ser a mulher da minha vida e a qual nunca terei.”

Levantou-se e começou a subir o morro.

Samara chegou ao acampamento e correu para sua tenda. Zara, sua mãe, viu quando ela chegou e percebeu que não estava bem. Esperou algum tempo, depois foi até a tenda. Assim que entrou, percebeu que a filha estava chorando. Estranhou, pois nunca havia visto aquilo. Perguntou:

— Que aconteceu, Samara, por que está chorando?

— Nada aconteceu. Só estou triste.

— Triste, por quê?

— Não sei... por nada, mãe... por nada...

— Como nada? Pela manhã, quando saiu para ir até o rio, estava bem. O que aconteceu para que voltasse assim?

— Já disse que nada aconteceu!

— Algo deve ter acontecido. Pensei que confiasse na sua mãe.

- Eu confio mãe, só estou confusa...
- Confusa, por quê? O que aconteceu?
- Por que não posso escolher o homem com quem desejo me casar?
- O quê? Por que está perguntando isso? Conhece as nossas leis.
- Conheço, mas não acho justo. Se eu me apaixonar por um homem que não seja cigano, precisarei me afastar dele e ser infeliz para o resto da minha vida?
- Conheceu algum homem?
- Não!
- Como não? Quando saiu estava bem, agora, volta chorando e com essas perguntas estranhas...
- Não se preocupe mãe. Logo vou ficar bem.
- Não, preciso saber o que aconteceu. Você conheceu um homem e está apaixonada?
- Está bem, sei que não vai sossegar enquanto eu não lhe contar o que aconteceu. — — Conheci um moço. Conversamos muito. Sinto que gosto dele e que queria ficar ao seu lado para sempre.
- O que está dizendo? Acabou de conhecer um rapaz e acha que está apaixonada? Isso não pode ser por dois motivos. Primeiro ninguém se apaixona assim, de repente. Segundo, se ele não for cigano, não pode nem pensar. Sabe que isso nunca será possível.
- Sei disso que está dizendo, por isso estou confusa e com vontade de chorar. Não entendo como isso pôde acontecer.
- Ainda bem que entende. Tire isso de sua cabeça. Logo mais iremos embora e você se esquecerá de tudo isso.
- Sei que isso vai acontecer. Fique tranqüila, mãe.
- Está bem. Pense bem em tudo o que está acontecendo. Como disse, está confusa e questionando a nossa vida, mas sei que vai encontrar o seu caminho. É cigana e, sendo assim, sujeita às leis. Pense bem nisso.

Não nos obrigue a afastá-la. Sabe que, se isso acontecer, embora eu sofra muito, terei de aceitar. Sou cigana...

— Não se preocupe. Sei quem sou. Isto tudo vai passar. Não entendo como teve de acontecer. Por que fui encontrar aquele moço?

— Também não entendo, mas espero que não cometa uma loucura.

— Não se preocupe mãe. Tudo isso vai passar.

Zara beijou a filha e saiu dizendo:

— Espero que passe... espero que passe...

Saiu dali e foi conversar com Sergei, seu marido e rei da tribo.

Samara ficou deitada, lembrando-se de Júlio e do beijo.

Júlio, andando devagar, voltou para a casa grande da fazenda. Chegou no exato momento em que Danilo e Diva chegavam, montados em Trovador.

Situação que se repete

Na casa de Luana, Luísa lavava a louça do almoço Alda se aproximou:

— Luísa, quero fazer um bolo para o jantar, mas olhei na dispensa e não tem farinha. Será que não dá para você ir até a padaria e comprar?

— Claro que vou, só preciso terminar de lavar a louça.

— Pode deixar para quando voltar. Se eu não fizer o bolo agora, não ficará pronto para a noite.

— Está bem, estou indo.

Tirou o avental e saiu da casa. Estava caminhando, pensando no seu menino que fora embora e que a deixara sozinha, quando viu o carro da família parado. Estranhou, aproximou-se e, estarrecida, viu Tobias beijando Jerusa. O sangue de todo o seu corpo subiu para a cabeça. Ficou parada por algum tempo. Depois, saiu correndo feito louca. Chorava sem parar. Por sua cabeça passavam pensamentos desencontrados:

“Como ele pôde fazer uma coisa como essa? Nosso filho acabou de ser enterrado! Vou matá-lo e a ela também, depois me matarei, não tenho mais nada nesta vida!”

Estava desorientada. Corria sem parar. Seu único pensamento era de ódio e desespero.

“Embora tenha visto, não consigo acreditar que ele tenha me enganado dessa maneira! Também ela é uma moça muito bonita e tem dinheiro! Eu, quem sou? Uma bronca, assim como ele! Deve estar completamente louco! Mas nunca vou aceitar essa traição! Já passamos tantas coisas juntos, como ele pôde esquecer e se deixar envolver por ela? E ela, o que pode querer com um homem como ele? Vou matar os dois e, depois, me matarei, é a única coisa que posso fazer!”

Continuou correndo.

Luana pegou as escovas de dente e saiu do banheiro. Apressada, desceu a escada e foi para a cozinha falar com Alda.

Assim que entrou, notou que Luísa não estava ali. Perguntou:

— Alda, onde está a Luísa?

— Foi até a padaria, preciso de farinha para fazer um bolo.

— Se for para o jantar, não se preocupe, pois estamos indo viajar.

— Viajar?

— Sim, mas voltaremos o mais tardar, depois de amanhã. Cuide de tudo e não deixe que Jerusa fique sem se alimentar, sabe como ela gosta de comer besteiras.

— Não se preocupe senhora. Cuidarei de tudo. Vou acompanhá-la até o carro.

— Não precisa. Sei que cuidará de tudo. Até a volta.

— Até a volta, senhora. Vá tranqüila.

Luana saiu, foi até o carro, abriu o porta-malas e colocou a maleta dentro dele. Entrou no carro, acelerou e saiu. Estava dirigindo

tranqüila, quando viu Luísa que corria e parecia chorar. Parou o carro e perguntou:

— Por que está correndo assim, Luísa, e chorando? Luísa se assustou ao vê-la ali. Respondeu:

— Minha vida terminou! Só quero morrer!

— Por que está dizendo isso, o que aconteceu?

— Desculpe doutora, mas, agora, não tenho como conversar... preciso ir para casa e resolver o que vou fazer!

Assim dizendo, continuou correndo.

Luana ficou sem saber o que fazer. Olhou para frente e viu o carro que Tobias dirigia. Estranhou. Voltou a acelerar o seu carro e foi até lá. Assim que se aproximou, viu Jerusa abraçada a ele. Levou um choque e, por alguns minutos, ficou parada, apenas olhando. Percebeu que ele se esquivava, mas que Jerusa insistia. Desceu do carro e, tomada de raiva, bateu no vidro do carro que estava fechado. Jerusa e Tobias se assustaram. Ela, assim que viu a mãe, afastou-se e começou a gritar:

— Ele está tentando me agarrar, mamãe não tive culpa! Ele não me dá sossego!

— Não faça isso, moça, a senhorita sabe que tentei evitar ao máximo! A senhorita não me deu opção. — Tobias disse, apavorado.

— Foi por isso que encontrei Luísa chorando e correndo desesperada!

— A Luísa nos viu?

— Sim, Tobias, mas aqui não é lugar para conversarmos, vamos para casa!

Luana, tremendo de raiva e decepção, fez com que Jerusa descesse do carro e entrasse no seu. Depois de ela ter entrado aos trancos, Luana também entrou, manobrou e foi para casa.

Tobias, desesperado, fez o mesmo.

Jerusa, fingindo estar desesperada, chorava e dizia:

— Não tive culpa, mamãe, foi ele que me atacou! Eu disse que a senhora não deveria ter trazido desconhecidos para a nossa casa! Está vendo o que aconteceu? Trouxe para nossa casa um bandido!

— Cale-se, Jerusa! Eu vi que era você quem estava sobre Tobias que queria se afastar, mas você não deixava. Como pôde fazer isso? Logo agora que estamos tão preocupados com seu irmão!

— A senhora sempre esteve preocupada só com o Danilo! Nunca teve tempo para mim!

— O que está dizendo? Tenho a mesma preocupação com os dois! Nunca fiz diferença alguma. Você, sim, foi quem sempre se comportou de uma maneira que me afastava!

— Eu sou assim por sua causa!

— Não venha querer se defender me atacando, pois tenho consciência de que sempre tentei ser uma boa mãe. Dei a vocês a educação que sabia! Não poderia dar além! Você sempre foi assim, distante, reservada, mas não sabia que tinha tão mau caráter. Posso até adivinhar as artimanhas que usou para convencer e intimidar esse rapaz!

— A senhora está vendo como age comigo? Por que não acredita quando digo que foi ele quem me atacou?

— Porque eu vi a cena! Vi que você estava sobre ele! Agora, precisamos voltar para casa e fazer com que Luísa acredite nele.

Jerusa, que tentava disfarçar o que sentia e procurava dizer que havia sido atacada, ao ouvir a mãe dizer aquilo, esqueceu-se do que pretendia e gritou:

— Não vou fazer isso, mamãe! Eu quero aquele homem, será que a senhora não entende que estou apaixonada? Eu quero ficar com ele!

— Você não sabe o que está dizendo! Ele é casado, ama a esposa e os dois já sofreram muito. Não entendo o que você quer da vida! Sempre teve tudo, dinheiro, posição e uma boa casa para morar! Sempre teve o amor tanto meu como do seu pai! O que você quer mais? Destruir duas

vidas! Sinto muito, minha filha, mas não vou permitir! Você é jovem, está enganada e terá muito tempo para encontrar alguém que a ame e que ame também e será feliz, mas não com esse homem.

— Está dizendo isso porque ele é pobre! Tem preconceito!

— Não seja tola! O problema não é ele ser pobre, o problema é que ele ama a esposa! O problema é que acabou de perder o filho! O problema é que sempre tiveram uma vida difícil, mas, mesmo assim, estão juntos e, se depender de mim, ficarão para sempre!

Chegaram a casa. Luana entrou primeiro, Tobias logo atrás. Ele estava constrangido e apavorado, pois não sabia o que ia acontecer. Amava Luísa, sempre a amara, temia que aquele mal-entendido fizesse com que ela não o quisesse mais.

Luana voltou-se para ele e disse:

— Entre conosco, Tobias. Precisamos conversar com Luísa. Ela precisa saber o que aconteceu realmente.

— Juro que não tive culpa doutora, mas a Luísa não vai acreditar!

— Sei disso, não se preocupe, conversarei com ela e acertarei essa situação provocada pela irresponsável da minha filha.

Luísa, que havia chegado antes, foi até a cozinha. Nem Alda nem Carlita estavam ali. Viu sobre a pia uma faca grande, pegou-a e foi para seu quarto. No caminho, pensava:

“Ele não sabe que o vi, assim que chegar, com esta faca, vou matá-lo e depois me matarei! Não tenho motivo algum para continuar vivendo! Perdi meu filho e, agora, o homem que sempre amei...”

Entrou no quarto e ficou esperando.

Luana, Tobias e Jerusa entraram em casa. Vendo que não havia ninguém na sala, foram para a cozinha, mas lá também Alda e Carlita não estavam. Tobias, desesperado, perguntou:

— Para onde ela foi doutora?

— Não sei, deve estar em seu quarto, vamos até lá. Jerusa vá para o seu quarto depois conversaremos!

Jerusa, conhecendo sua mãe e sabendo como ela era justa, obedeceu. Sabia que havia perdido e que Tobias nunca seria dela. Chorava muito. Alda, que descia a escada, ao ver Jerusa em casa e chorando, preocupada, perguntou:

— O que aconteceu, Jerusa? Estava lá no alto e vi quando sua mãe voltou, estranhei, pois ela me disse que ia viajar. E você, por que não foi para a Faculdade?

Jerusa não respondeu. Chorando, terminou de subir a escada e entrou no seu quarto. Da janela, podia ver o quarto de Luísa e de Tobias. Por detrás da cortina, ficou olhando.

Luana e Tobias entraram no quarto. Luísa estava encostada em uma parede, com as mãos para trás. Da maneira como estava nem Luana nem Tobias podiam ver a faca que estava em sua mão.

Luísa não chorava mais, mas seus olhos estavam com um brilho estranho que chamou a atenção de Luana.

Luísa, assim que viu Tobias, correu em sua direção com a faca em punho, gritando:

— Vou matar você e depois me matar! Você me enganou, traiu!

Luana, que estava desconfiada daquele olhar, colocou-se à frente de Tobias e só não levou uma facada, porque Luísa, vendo o gesto dela, parou com a faca no alto.

Luana segurou sua mão e disse:

— Dê-me essa faca, Luísa, não é assim que resolvemos as coisas. Precisamos conversar.

Além de não largar a faca, Luísa disse muito nervosa:

— Não tenho o que conversar doutora! Minha vida está destruída e não tenho motivo para continuar vivendo! Meu filho morreu e o homem que sempre amei me traiu.

— Eu não traí você, Luísa! Amo-a e sabe disso... — ele disse, com lágrimas nos olhos.

— Não queira mentir, vi com meus próprios olhos você beijando a moça!

— Ele não a estava beijando, Luísa. Ela era quem o estava beijando. Ele tentava impedir.

— Como a senhora sabe disso?

— Porque, diferente de você, me aproximei e pude ver tudo o que estava acontecendo. Minha filha pensa que está apaixonada por ele, mas ela não passa de uma criança.

— Foi por isso que pedi a você para irmos embora, você lembra? Ela me ameaçou. Disse que, se eu não me rendesse aos seus caprichos, diria a seus pais que eu a havia importunado e eles, com razão, nos mandariam embora. Nosso menino precisava de atendimento médico e não tínhamos para onde ir. Mesmo assim, eu quis ir embora, mas você não aceitou o meu pedido. Faz dias que ela vem tentando e só não me levou a um apartamento ontem porque nosso filho morreu. Mesmo sofrendo muito por sua perda, agradei a Deus, pois sua morte me salvou. Não pensei que, depois disso, ela continuaria insistindo, mas, hoje, fez com que eu parasse o carro e voltou com sua proposta. Quando viu que recusei, me abraçou e beijou, deve ter sido nesse momento que você nos viu. Eu já havia decidido que hoje mesmo iríamos embora, não sabia para onde, mas precisa fazer isso. Como você nos viu tudo foi atropelado, e se você acreditar no que estou dizendo, vamos pegar nossas coisas e iremos para algum lugar.

Luana, estarrecida, ouvia o que Tobias dizia. Não conseguia acreditar que sua filha poderia ter tanta maldade. Aproveitar-se da situação dele para exigir um amor que não tinha. Tentou manter a calma:

— Como vê Luísa, seu marido gosta de você e não teve culpa do que minha filha fez. Ele tem razão, vocês não podem continuar aqui, pois,

apesar de saber que Jerusa errou, ela é minha filha e, talvez, em algum ponto eu tenha errado na sua educação. Preciso descobrir no que foi.

Luísa entregou a faca para Luana, aproximou-se de Tobias e abraçaram-se. Chorando, ela disse:

— Bem que desconfiei de que alguma coisa não estava indo bem, porque você, de repente, começou a ficar nervoso e a insistir para irmos embora.

Voltando-se para Luana, disse:

— Obrigada, doutora, por ter impedido que eu cometesse uma loucura. Só posso agradecer à senhora, ao doutor Felipe e ao doutor Rodolfo, que tanto nos ajudaram. Como a senhora disse, precisamos ir embora. Entendo sua situação, somos apenas pessoas que a senhora recolheu em uma estrada, mas ela é sua filha e está precisando de ajuda, muito mais do que nós. Vou pegar nossas coisas e iremos embora.

— Para onde vão?

— Não sei, mas encontraremos um caminho. Acreditamos em Deus e sabemos que Ele nunca nos abandona e sempre manda um de seus anjos para cuidar dos seus filhos, assim como mandou a senhora naquele dia. Sua missão terminou. Fez o que pôde para nos ajudar e salvar o nosso filho, agora, precisamos continuar nossas vidas.

Luana ouvia tanta sabedoria na voz daquela moça simples. Percebeu que, apesar de tudo, ela não sentia raiva de Jerusa. Pensou um pouco e disse:

— Tobias, você não disse que sempre foi agricultor?

— Disse e é a única coisa que sei fazer.

— Pois bem, quando tudo aconteceu, eu estava indo me encontrar com Felipe para irmos à fazenda. Agora, vou lhe telefonar e contar o que aconteceu. Se quiserem, podem nos acompanhar e poderão ficar morando lá. O lugar é agradável, sei que vão gostar.

Luísa voltou a chorar:

— A senhora faria isso? Nos daria emprego e um lugar para morar?

— Por que não? Vocês são pessoas de bem e merecem ajuda.

Luísa e Tobias se olharam e tornaram a se abraçar. Ela, chorando, disse:

— Viu, Tobias, Deus sempre manda um anjo para ajudar seus filhos. Sabia que Ele não nos deixaria desamparados. Vamos aceitar, sim, doutora e prometemos trabalhar muito.

— Só precisarão trabalhar o necessário, lembrem-se de que não são escravos.

Luana disse isso, sorrindo e feliz. Outra vez sentiu vontade de abraçar Luísa, como uma irmã que não via há muito tempo, mas se conteve.

— Está bem, preparem suas coisas. Vou telefonar, depois, iremos para o hospital.

— Doutora, por favor, não conte a ele o que aconteceu com sua filha. Sei que vai ficar muito triste.

— Não se preocupe Luísa. Com minha filha, conversarei mais tarde. Dizendo isso, voltou a sorrir e saiu em direção a casa.

Luísa não sabia, mas, naquele momento, havia resgatado seu crime cometido no passado. Teve a oportunidade de voltar a cometer o mesmo crime, mas, com a ajuda de Luana, se conteve e perdoou à Jerusa.

Pai Joaquim, feliz, jogou luzes brancas sobre eles.

Luana entrou em casa, telefonou para Felipe e lhe contou o que o pai de Júlio havia dito. Combinaram que ela passaria pelo hospital para que seguissem viagem.

Assim que terminou de falar com Felipe, desligou o telefone e foi para o quarto de Jerusa que, deitada em sua cama, chorava. Luana aproximou-se e disse:

— Não sei o que passou por sua cabeça, Jerusa, mas quase provocou uma desgraça. Por muito pouco, Luísa não mata o marido e se mata também. Jerusa, chorando muito, disse:

— Também não tenho explicação para o que aconteceu... assim que vi Tobias, me apaixonei e não pensei em mais nada, somente em tê-lo. Por que isso aconteceu, mamãe?

— Também não tenho explicação, só sei que, para ter esse homem, usou dos mais terríveis argumentos. Como pôde intimidá-lo, dizendo que se ele não fizesse o que queria, mentiria, dizendo que havia sido atacada por ele?

— Não sei mamãe, não sei como pude fazer aquilo... estava completamente louca...

— Sei que deveria ficar brava e lhe dar um castigo, porem entendo. É jovem e não pensou no que estava fazendo, mas espero que isso lhe sirva de lição. Ainda terá muitos amores e decepções, mas a vida é assim mesmo. Numa próxima vez, pense nas conseqüências dos seus atos, não só em relação ao amor como em tudo na vida. Lembre-se de que sempre colhemos o que plantamos. Estou brava, é claro, mas também muito feliz para que o meu dia seja estragado. Eu e seu pai estamos indo para a fazenda buscar Danilo. O pai do Júlio telefonou e disse que está tudo bem, que Danilo nunca fez parte de grupo algum.

— Posso ir também, mamãe?

— Infelizmente, não. Com a sua atitude, Luísa e Tobias não poderão continuar aqui. Estou levando-os para que morem e trabalhem na fazenda. Fazendo isso, evito futuros problemas.

— Só posso dizer que estou arrependida do que fiz e que vou até lá contar a Luísa que a culpa foi toda minha, que ele é inocente.

— Não será preciso, ela já sabe e entre eles está tudo bem. Agora, você, minha filha, precisa pensar bem no que fez para que, de uma próxima vez, não use o dinheiro nem sua posição para intimidar outras pessoas, seja em que situação for.

— Está bem, mamãe, e obrigada por ser tão compreensiva. Desculpe por aquelas coisas horríveis que eu disse. A senhora sempre foi uma ótima mãe.

Luana sorriu, abraçou a filha:

— Não sei se fui uma ótima mãe, mas sei que fui aquela que sabia ser e que só quis que você e seu irmão tivessem uma vida tranqüila e fossem felizes. Também, não sou compreensiva, somente já tive sua idade... agora preciso ir, seu pai está me esperando. Quando Danilo voltar, poderá abraçá-lo.

— Só posso agradecer a Deus por ter uma mãe como a senhora.

Abraçaram-se. Luana deu um beijo na testa da filha e saiu do quarto.

Novamente, Pai Joaquim sorriu e jogou luzes brancas sobre elas.

Felipe, como não podia deixar de ser, ficou feliz e contou para Rodolfo que, imediatamente, telefonou para Marília e lhe contou tudo. Quando terminou de falar, ela disse:

— Não havia lhe dito que Deus não abandona seus filhos, que não precisava se preocupar porque no fim tudo daria certo?

— Disse, mas confesso que não tinha muita certeza. Senti muito medo por Danilo.

— Pois, a partir de agora, tenha sempre isso em mente.

— Estive pensando, estou com vontade de ir até a fazenda abraçar o meu sobrinho e meu avô.

— Por que não faz isso?

— Tenho muito trabalho no hospital.

— Você sempre trabalhou muito. Há quanto tempo não tira férias?

— Faz muito tempo...

— Pois então, converse com o Jorge. Com certeza ele o substituirá por alguns dias.

— Tem razão, vou fazer isso. Prepare nossas malas e venha para cá. Iremos junto com Felipe e Luana. Afinal, será só por um fim de semana. Você me acompanha?

— Claro que sim, também quero abraçar Danilo!

— Está bem, pode ir preparando nossas malas, vamos tirar um fim de semana de férias.

Luana saiu do quarto de Jerusa e foi ao encontro de Tobias e Luísa que já a esperavam. Estavam cada um com uma mala. Assim que ela chegou, Luísa disse:

— Desculpe doutora, mas tive de pedir para dona Alda que nos emprestasse essas malas para colocarmos as roupas que a senhora nos deu. Não tínhamos onde as levar.

— Não tem problema algum. Vamos embora. Saindo agora, chegaremos à fazenda à noite e vocês começarão uma nova vida, agora, com toda segurança. Poderão ter outros filhos e ser felizes.

— Obrigada, doutora, a senhora é mesmo um anjo que Deus colocou em nossas vidas.

— Anjo, eu? Não sou anjo, estou muito longe disso. Não sei explicar o motivo, mas gostei de vocês assim que os vi. Talvez, Marília, a minha cunhada, tenha uma explicação para isso. Agora vamos embora. Do contrário, chegaremos muito tarde.

— Já nos despedimos da dona Alda e da Carlita e agradecemos todo o bem que fizeram por nós.

— Agiu corretamente. Agora vamos embora.

Visita indesejável

Quando chegaram à fazenda, eram nove horas da noite. Assim que os carros pararam em frente à porteira, ouviram uma música tocada em

um violino. Luana estremeceu e o mesmo aconteceu com Luísa, que disse:

— Doutora, essa não é a música que a senhora estava tocando na sua casa naquele dia?

— Sim, é ela mesma. Como pode ser? Nunca a ouvi...

— Não sei, só sei que é muito bonita!

— Tem razão, vamos entrar e ver quem está tocando.

Felipe e Tobias desceram do carro e abriram a porteira. Os carros entraram. Ainda ouvindo a música, aproximaram-se do pátio em frente à casa grande, onde os escravos eram torturados. Viram que uma fogueira muito grande estava acesa e sobre ela um pedaço de carne assava como se fosse um espeto. Estacionaram os carros e, admirados, notaram que havia muitas pessoas. Enquanto algumas comiam, outras dançavam ao som da música tocada por Sergei. Quando chegaram mais perto, viram Danilo e Diva que dançavam com os rostos colados e bem juntos. Em outro lado, Júlio também dançava com Samara, mas da maneira como os ciganos, distantes. Ela, naquele momento, esqueceu-se de que era cigana e só queria se entregar àquele amor. Júlio vibrava de felicidade, por estar sentindo algo que não conhecia. Quem via como brilhavam seus olhos percebia, imediatamente, que estavam apaixonados.

Zara, à distância, olhava a filha e pensava:

“Ela vai sofrer muito. Por que isso teve de acontecer? Sergei não vai permitir que ela se una a esse gaji.”

Sergei, envolvido pela música, não notou.

Rodolfo, admirado, perguntou:

— Felipe, o que está acontecendo aqui?

— Parece ser uma festa cigana.

— Ciganos? Aqui na fazenda?

— Parece que sim, Rodolfo. Vamos nos aproximar. Olhe lá, o vovô está sentado na varanda e parece muito feliz.

Realmente, o avô estava feliz e ficou mais ainda quando os viu chegando. Aproximaram-se e o beijaram.

— Estou feliz que tenham vindo logo hoje.

— O que está acontecendo aqui, vovô? Que festa é essa?

— São os ciganos que estão nos visitando.

— Ciganos vovô?

— Sim, esses ciganos são descendentes dos primeiros que aqui chegaram e sempre voltam. Com a sua chegada, trazem música, alegria e felicidade.

— Nunca soube dessa história de ciganos amigos da família.

— Eu sabia, vovô me contou e até me deu um colar lindo. Disse que foi presente de uma cigana para sua avó.

— Vocês, Felipe e Rodolfo, nada sabem a respeito da história da nossa família. Mas, se quiserem isso poderá ser consertado. Se quiserem, contarei tudo o que sei. Tudo que meu pai e minha avó me contaram, ou melhor, desde a construção desta fazenda, mas não será hoje, porque é dia de festa.

A música parou. Danilo, Júlio e Diva olharam para a varanda e os viram ali. Correram. Danilo foi o primeiro a chegar

— Mamãe, papai, o que estão fazendo aqui?

Luana abraçou o filho e respondeu:

— Estamos aqui para levá-lo de volta para casa.

— Levar-me de volta? Como pode ser? Não sabem que estou sendo procurado?

— Não está mais... está livre, meu filho, e poderá retomar sua vida, estudar e ser o melhor advogado que este país já teve!

— Livre? Como pode ser?

Luana contou a conversa que teve com o pai de Júlio e o resultado dela. Terminou, dizendo:

— Sinto muito, Júlio, mas, quanto a você, seu pai está inflexível. Ele diz que você merece ser preso, pois traiu tudo em que ele sempre acreditou. Por isso, acho melhor que saia daqui e vá para outro lugar. Embora acredite que, por mais longe que for, ele o achará. Sabe que está aqui e poderá chegar a qualquer momento. Sobre você, Diva, ele nada disse, mas acredito que deva ir embora também.

— Ela não pode ir embora, mamãe!

— Por que não?

— Estamos apaixonados e pretendo me casar com ela.

— Casar?!

— Sim, mamãe, essa é a minha intenção.

— Você nem terminou seus estudos...

— O casamento não me impedirá de continuar estudando, mas, hoje, não é dia para falarmos sobre isso, é dia de festa e a música voltou a tocar! Vamos dançar Diva!

Abraçados, afastaram-se e recomeçaram a dançar. Luana, abismada, olhou para Felipe que sorriu:

— Nosso filho já é um homem, Luana.

— Ele é muito novo, Felipe!

— Que idade tínhamos quando nos casamos?

Ela pensou um pouco, depois sorriu:

— Tem razão, vamos aproveitar essa música maravilhosa e dançar também?

— Ótima idéia, vamos!

— Vamos também, Marília?

— Claro Rodolfo! Adoro dançar!

Logo, todos estavam dançando, felizes.

Dançaram, comeram e beberam uma bebida preparada pelos ciganos. Depois, cansados, voltaram para junto do avô.

O avô fez um sinal para Zara que se aproximou.

— Zara, estes são Felipe e Luana, pais de Danilo, e estes são Rodolfo e Marília, tios de Danilo. Felipe e Rodolfo são meus netos. Estou admirado com a visita deles. Esta é Zara, esposa do rei dos ciganos, aquele que está tocando violino.

Zara sorriu, estendeu a mão.

— Muito prazer, espero que gostem da festa e aproveitem.

— Aproveitaremos, pode ter certeza, mas, antes, que bebida deliciosa é essa que estamos tomando?

— Nós mesmos a preparamos.

— Como?

— Colocamos milho dentro de uma garrafa com água, depois a enterramos por uma semana. Desenterramos, coamos e temos essa bebida deliciosa.

— Deliciosa, mesmo! Vovô, o senhor não me disse que a cigana que deu o colar para sua avó se chamava Zara?

— Sim, esse era o nome dela. O colar pertencia a sua filha que morreu muito cedo. Como ela gostava muito da minha avó e a considerava como filha, deu-lhe o colar com a recomendação de que nunca deveria se desfazer dele.

— Ainda está na família? Que bom.

— Sim, está comigo e não darei a ninguém. Talvez, quando ficar mais velha, o dê para minha filha ou minha nora.

— Ouvi falar nesse colar. Gostaria muito de vê-lo. Poderia me mostrar, Luana?

— Claro que sim. Pena que não está aqui comigo. Mas vou trazer em outra oportunidade.

— Infelizmente, vamos ficar só um mês. Talvez não dê tempo para voltar. Acredito que ficará para uma próxima vez.

— Eu voltarei na próxima semana e trarei o colar, não é Felipe? Podemos voltar?

Felipe olhou para Luana. Conhecia a mulher. Sabia que quando ela pedia algo, sempre queria receber uma resposta positiva. Respondeu:

— Talvez eu não possa voltar. Sabe que temos muito trabalho no hospital, mas, se quiser, pode voltar com Marília. Você se opõe Rodolfo?

— Claro que não! Até acho bom que Marília saia de casa. Você quer vir, Marília?

— Quero! Embora ainda não tenha conhecido a fazenda, por ser noite, estou adorando!

O avô, feliz e rindo, disse:

— Que bom! Acho que, por um bom tempo, não vou ficar sozinho.

Agora, aproveitem a festa, vão dançar!

Obedeceram e foram dançar. Danilo e Diva continuavam dançando com o rosto colado. Júlio e Samara, como os ciganos.

Estavam rindo, felizes, quando viram aquele carro preto, tão conhecido, parando junto aos de Felipe e de Rodolfo.

Dele desceu o pai de Júlio e mais dois soldados. Todos tremeram principalmente Júlio e Diva. Sabiam que seriam presos.

A música parou e todos ficaram olhando para o coronel que se aproximou do meio da roda, impedindo que Júlio ou Diva fugissem.

Luana, embora assustada, colocou-se na frente dele e disse:

— O senhor não vai levar seu filho nem minha futura nora!

— Sua nora, uma subversiva?

— Pode ter sido, mas agora não será mais! Vai se casar com meu filho e me dará muitos netos, por isso estou dizendo que o senhor não a levará!

Júlio, calado, ficou olhando para o pai. Conhecia aquele rosto, sabia o que ele era capaz de fazer por aquilo em que acreditava. O pai, ignorando Luana, olhou para o filho e perguntou:

— Está tudo bem com você?

— Até agora, estava. O senhor vai me levar?

— O que acha que vim fazer aqui?

— Levar-nos, mas para quê? Em nome dessa Ditadura ridícula, sejamos presos e torturados? Entretanto, devo lhe dizer que, façam o que fizerem, não mudaremos de idéia. Um dia, tudo isso vai terminar e voltaremos a ser um país livre, com democracia, onde todos poderão falar o que tiverem vontade!

— Você é mesmo atrevido, não é?

— Sou seu filho! Queria que eu fosse como? O senhor acredita na sua luta e eu na minha!

— Fique sabendo que essa ridícula Ditadura, como você diz, só terminará no dia em que quisermos. Nesse dia, entregaremos o país aos civis e talvez você se decepcione. Só chegamos até aqui, por culpa daqueles que se acharam donos do país e se deixaram envolver pela corrupção, roubando o dinheiro público. Todavia, não estou aqui para isso. Não quero discutir política. Vim para ver você. Conversei com essa senhora e ela me fez ver muitas coisas. Você é meu filho e eu, embora possa não parecer, o amo muito e quero que seja feliz. Entendi que, como pai, eu o decepcionei, mas, daqui para frente, tentarei mudar e dar a você e a sua mãe o amor, carinho e respeito que merecem e, embora não esteja acostumado, vou procurar respeitar suas opiniões. Só não posso garantir que não será preso, pois, se isso acontecer, nada poderei fazer... por isso, não pode continuar aqui. Precisa ir para outro lugar. Quanto à política, continue lutando por aquilo em que acredita e eu farei o mesmo. Agora, venha cá...

Abriu os braços, Júlio, sem conseguir disfarçar a emoção, abraçou-se ao pai e aqueles dois homens tão lutadores, choraram como criança.

Júlio não acreditou que aquilo estava acontecendo. A última vez em que seu pai o havia abraçado, ele deveria ter dez anos. Daí para frente, sempre manteve uma distância significativa. Tudo piorou, quando seu pai descobriu que ele não queria mais ser marinheiro, por discordar do que as forças armadas fizeram com o país.

Depois do abraço, separaram-se, olhou para Luana, que sorriu. Voltou a olhar para o pai:

— Não tenho para onde ir, papai, pois sei que não há como fugir. Em qualquer lugar serei achado. A prova é que o senhor me encontrou aqui, tão distante.

Sergei, que acompanhava a conversa e ao ver o olhar de desespero de Samara e de Zara, disse:

— Desculpem-me pela interrupção, mas, se você quiser, Júlio pode nos acompanhar. Tenho certeza de que ao nosso lado estará seguro.

O pai de Júlio, admirado, perguntou:

— Faria isso pelo meu filho?

— Sim, em nome da grande amizade que existe há muito tempo em nossas famílias. Ele não é cigano, mas, segundo sei, o primeiro Felipe desta família, embora também não o fosse, se tornou um. Será um prazer ter você ao nosso lado, Júlio.

Júlio não conseguia acreditar que aquele homem que estava ali fosse o pai que conhecia até então. Olhou para Luana e disse:

— Só mesmo a senhora poderia fazer com que meu pai mudasse. Nem mesmo minha mãe conseguiu. O que falou para ele?

— Somente o quanto eu amava meu filho e que ele deveria amar o seu.

O Coronel sorriu:

— Falando em sua mãe, olhe quem está ali.

Voltaram-se para onde ele apontava e a mãe de Júlio, chorando, se aproximava. Abriu os braços e ele se aconchegou a ela num abraço saudoso e feliz.

— Meu filho, que bom que esteja bem. Eu estava tão preocupada... não sabia por onde você andava. Minha paz só voltou quando a doutora Luana foi em casa e me disse que você estava bem. Depois que ela saiu, tentei conversar com seu pai, mas como ele sempre fez, não permitiu que eu me intrometesse em política. Fui obrigada a sair de casa.

— A senhora saiu de casa?

— Sim. Depois de ver a altivez com que a doutora Luana defendia o filho, não restou outra solução.

— Foi isso mesmo que aconteceu. Ela saiu de casa, o que me fez pensar em toda a minha vida. Em como tenho sido intransigente com vocês dois. Nunca permiti que se expressassem que dessem opinião. Como a doutora disse, além de Coronel, sou seu pai. Por isso, estou aqui.

— Isso não tem mais importância, Coronel. O importante é que, agora, está tudo bem e você poderá continuar livre, Júlio. Desejo que seja muito feliz. Quanto a minha futura nora, o que o senhor pretende fazer com ela?

— A senhora não perde tempo, não é?

— Claro que não, assim como está protegendo seu filho, preciso proteger o meu.

— A senhora não disse que ela lhe dará muitos netos?

— Sim. Assim sendo, não terá mais tempo de tentar destruir o nosso governo. O meu único desejo é que sejam felizes e que realmente tenham muitos filhos.

Luana, para o espanto dele, não se conteve. Abraçou-o fortemente e beijou seu rosto. Felipe e os outros que a conheciam sabiam que só ela seria capaz de mudar o pensamento de um homem como aquele. Sorriram.

Sergei voltou a tocar aquela música tão conhecida. A mãe de Júlio pegou o marido pela mão e o conduziu para o meio do pátio. Começaram a dançar em volta da fogueira. Isso aconteceu com todos os ciganos e trabalhadores da fazenda que, felizes, rodopiavam, como se estivessem em um grande salão.

Dançaram, comeram e beberam a noite toda.

Luísa e Tobias também dançavam. Ela disse:

— Tobias, quando cheguei aqui neste pátio, senti um arrepio de horror, não entendi o motivo. Nunca estive aqui.

— Estranho, também senti o mesmo. Meu coração chegou a doer, Luísa.

— Não entendi o que aconteceu, mas, agora, estamos bem. Sinto que aqui, seremos felizes. Esta fazenda é maravilhosa. Não entendo, mas me sinto como se, finalmente, tivesse voltado para casa.

— Estranho... estou tendo essa mesma impressão... será que já vivemos aqui, Luísa?

— Não sei Tobias, mas estou me lembrando muito daquilo de que sua tia fala...

— Reencarnação?

— Sim, só ela explicaria isso que estamos sentindo.

Tobias ficou pensando. Luana se aproximou:

— Então, como estão se sentindo?

— Muito bem, doutora. Eu e o Tobias estávamos falando exatamente isso. Estamos nos sentindo tão bem que parece que voltamos para casa.

— Que bom que se sintam assim. Espero que, daqui para frente, sejam felizes. São muito jovens e já sofreram tanto.

— Só não sabemos no que vamos trabalhar.

— Não se preocupem. Aqui terão tudo do que precisam para ser felizes. Agora é noite e não dá para ver nada, a não ser esse céu maravilhoso com todas essas estrelas. Além do mais, vamos aproveitar a festa e dançar. Vamos?

Sorrindo, eles a acompanharam. Ela pegou Felipe pela mão e saíram rodopiando.

Marcela e Samuel também dançavam felizes.

O dia estava clareando quando, cansados, foram se acomodando.

Os mais velhos ficaram com os quartos. Os mais novos deitaram-se em redes penduradas na varanda.

Conhecendo a história

No dia seguinte, estavam todos cansados. O Coronel queria ir embora, mas foi convencido por Luana a ficar ali por mais dois dias. Ele concordou e, ao lado da mulher, do filho e de Samara, foi conhecer a fazenda.

Os casais foram se formando e também passeavam por ali. Foram até o riacho. Felipe e Júlio fizeram barquinhos de jornal, colocaram-nos na água e corriam, acompanhando-os. Estavam felizes. A paz havia voltado não só à casa de Luana, como à de Júlio também.

Após o almoço, o avô foi se deitar. Quando se levantou, encontrou Luana e Marília, sentadas nas cadeiras da varanda, conversando. Sentou-se ao lado delas. Luana, olhando para as montanhas, disse:

— Por mais que eu olhe tudo aqui, não me canso. Este lugar é maravilhoso e pensar que sempre pertenceu a nossa família. Quanta história deve ter acontecido aqui.

— Tem razão, minha filha. Muita história aconteceu.

— Vai nos contar vovô?

— Somente o que sei.

— Conte vovô, estou curiosa.

O avô respirou fundo e começou a contar:

— Meu bisavô, que era um português rico e poderoso, veio para o Brasil. Trouxe, com ele, sua esposa, Matilde, seus filhos, Maria Luísa e

Rodolfo, e Rosa Maria, uma amiga de Maria Luísa que ficou órfã, por causa de uma febre que atingiu toda a vila onde moravam. Minha avó dizia que muitas pessoas morreram. Como naquele tempo o café era muito valorizado, ele construiu esta fazenda e comprou muitos escravos. Minha avó, Rosa Maria, casou-se com Rodolfo, meu avô. Não sei qual foi o motivo, porque nunca me contaram, minha avó foi parar em um acampamento cigano, onde meu pai nasceu. Quando voltaram para a fazenda, ele estava com dez anos. Meu avô, Rodolfo, e meu pai, Felipe, eram atuantes. Meu avô, mesmo antes da abolição, libertou seus escravos. Lutaram muito contra os outros fazendeiros para que a abolição fosse proclamada. Depois, fizeram o mesmo pela República. Lutaram, também, contra toda e qualquer injustiça. Acreditando no que diz Severina, acho que são aqueles espíritos lutadores pelo bem e pela justiça e que sempre voltam.

Minha avó dizia que via um espírito que sempre aparecia nos momentos difíceis ou de felicidade. O nome dele era Felipe. Foi por causa dele que ela deu o nome para o meu pai que, depois, o deu a mim.

— Essa é a história dos Felipes da nossa família?

— Sim. Como os Rodolfos existem por causa do meu avô.

— Que interessante. Nunca imaginei que havia acontecido assim.

— Quando Danilo me disse que estava fugindo da polícia por lutar contra a Ditadura, vi meu pai falando. Naquele momento, tive a certeza de que ele é a reencarnação dele.

— Será?

— Tenho certeza, Danilo é o retrato vivo do meu pai.

O avô continuou:

— Meu pai se apaixonou por uma negra, disseram que era linda. Meu pai nunca soube o que aconteceu realmente. Não sabia se ela tinha sido jogada na linha do trem, por escravocratas, quando ele se aproximava, ou se havia se jogado. Não a conheci, mas minha avó me criou com todo

carinho e amor. Meu pai amava esta fazenda e pediu que eu nunca me desfizesse dela. Prometi e cumpri. Agora que estou velho e que o mundo

mudou tanto, não sei o que vocês farão. Gostaria muito que continuassem com ela, mas sei também que, por morarem longe e terem suas vidas, isso se tornará inviável. Enfim... cumpri minha parte...

Luana, que conhecia as intenções de Felipe e Rodolfo, mentiu:

— Não se preocupe com isso, a fazenda não será vendida, continuará na nossa família.

— Espero que esteja dizendo a verdade. Mas, se não for possível, não se preocupe, minha filha. Aprendi que não somos donos de nada. Tudo o que conseguimos, durante a nossa vida, é um empréstimo de Deus. Quando retornamos para a casa do nosso Pai, tudo fica aqui.

Marília, percebendo que ele estava emocionado, para mudar de assunto, disse:

— Que linda história, Luana. Nem parece que aconteceu mesmo.

— Mas aconteceu, sim. Sabe de uma coisa, Marília, enquanto vovô contava, parecia já conhecer essa história. Segundo a sua doutrina, se Danilo foi seu pai, quem acha que eu poderei ter sido, vovô?

— Não posso afirmar, mas desde que a conheci, achei que fosse a reencarnação da minha avó, Rosa Maria. Foi por isso que lhe dei o colar que era dela.

— Será, vovô?

— Não sei, mas, de qualquer maneira, quem fomos ontem não importa o que importa é quem somos e você, tendo ou não sido Rosa Maria, hoje é uma grande mulher e eu sou muito feliz por ter se casado com o meu neto. Ele é um bom rapaz, merecia uma mulher como você.

— Obrigada. Eu é que me sinto honrada por poder pertencer a uma família como esta.

O avô voltou-se para Marília:

- Estou feliz por você também pertencer a nossa família, Marília.
- Também sou feliz por esse motivo.
- Preciso me penitenciar por, durante tanto tempo, ter duvidado e ficado tão distante de você, Marília. Perdão...
- Não tenho o que perdoar Luana. Gosto de você. Só não estou gostando de uma coisa.
- Do quê?
- Se você foi Rosa Maria, será que foi casada com o meu Rodolfo?
- Agora quem não sabe responder sou eu, mas, se fui não se esqueça de que eu ficava sonhando e vendo Felipe a todo instante, mesmo que não estivesse vivo. Como o vovô disse, o que passou não importa o que importa é o momento e estou muito feliz. Meu filho está feliz, minha filha, embora com alguns problemas, também encontrará o seu caminho. Tenho Felipe a quem amo com devoção e vocês como amigos. Que mais posso querer? Mas, vovô, será que todos fizemos parte da história da família?
- Tenho quase certeza que sim, pois aprendi que, durante a vida, sempre nos encontramos com amigos e inimigos para que possamos juntos, continuar a nossa jornada.
- Que bom seria se isso fosse verdade.
- Quem pode dizer que não é, Luana?
- Tem razão, ninguém pode afirmar com certeza que a reencarnação não existe e, se ela existir, que bom que eu tenha sido Rosa Maria, gostei muito dela.
- Danilo, Felipe e Rodolfo conversavam sentados em um banco no pátio. Assim que os viu conversando na varanda, aproximaram-se. Danilo disse:
- Que bom que estão aqui. Mamãe estive conversando com papai e tomei uma decisão.
- Qual? Já sei, quer se casar amanhã!

— Não, mamãe Será no mês que vem, mas não é sobre isso que quero falar.

— Sobre o quê, então?

— Sobre uma conversa que tive com papai e o tio Rodolfo. Um dia, eles disseram que o único que poderia cuidar da fazenda seria eu. Naquele dia, fiquei nervoso e disse que não queria, mas, hoje, mudei de idéia. Quero ficar aqui, cuidar de tudo, voltar a plantar café e ver esta fazenda exuberante como já foi um dia.

— Estou feliz por isso, mas e os seus estudos?

— Na cidade, tem uma Faculdade de Direito. Basta eu trazer o meu carro e fazer a minha transferência, continuarei estudando e cuidando da fazenda também.

O avô, que acompanhava a conversa, disse, rindo:

— Eu sabia que a minha fazenda não ia morrer! Sabia que meu pai voltaria para cuidar dela!

Eles, ao ouvirem o que ele disse, pensaram ser por causa da velhice. Marília, olhando para Luana, sorriu.

Samuel conversou com os pais de Marcela e resolveram que se casariam dali a um mês. Combinaram com Danilo e Diva que o casamento seria no mesmo dia.

Sergei chamou Júlio. Perguntou:

— Deseja mesmo seguir ao nosso lado?

— Sim.

— Quero lhe avisar que nossa vida, apesar de parecer fácil, não é.

— Isso não me importa. Além do mais, amo Samara e quero me casar com ela.

— Sabe que isso é impossível. Você não é cigano.

— Mas posso me tornar. Farei qualquer coisa que me pedir para ficar ao lado dela. Sergei olhou para Samara e Zara que, aflitas, também olhavam para ele. Disse:

— Sei que minha filha também gosta de você. Embora não seja o normal, você seguirá conosco e, se depois de um ano, ainda quiser ser um cigano e eu achar que pode, voltaremos a conversar.

— Tenho certeza de que o senhor me aceitará.

Olhou para Samara e sorriu. Ela, entendendo o recado, sorriu também.

Depois que os dois dias passaram, todos voltaram para casa e para seus afazeres. Danilo ficou triste ao saber que o menino de quem tanto havia gostado falecera, mas, ao mesmo tempo, sabia que ele não teria muitas oportunidades na vida.

Tobias foi contratado como capataz e começou o plantio do café. Com a ida de Marcela para a Capital, Luísa ficou no seu lugar, ajudando Severina a cuidar da casa.

O avô estava feliz, pois sabia que sua fazenda ia renascer.

Epílogo

Assim que chegou a casa, Luana foi até o quarto de Jerusa que estava deitada em sua cama. Aproximou-se:

— Como você está Jerusa?

— Triste, mamãe, muito triste... eu gosto mesmo dele...

— Entendo o que está passando. Você é jovem, portanto, sonhadora. Como todo ser humano, sempre escolhe o caminho mais difícil e quer aquilo que lhe é considerado impossível. Com o tempo, tudo isso passará. Vai se apaixonar muitas vezes até encontrar aquele que será seu companheiro. Até lá, continue estudando, se preparando para a vida. Agora, vou lhe contar o que aconteceu na fazenda.

Contou tudo. Terminou, dizendo:

— Danilo vai se casar com Diva daqui a um mês. A festa vai ser na fazenda.

— Não diga mamãe! Quando trouxe Diva aqui para casa, jamais poderia imaginar que terminaria assim.

— Estive conversando muito com Marília e com o vovô que seguem a mesma doutrina. Segundo eles, nada do que acontece em nossa vida é por acaso. Está tudo programado. Só nos resta seguir ou não a estrada que se abre diante de nós.

— Acredita nisso, mamãe?

— Estou começando a acreditar. Não foi só você ter encontrado Diva, mas Danilo ter que fugir para a fazenda e conhecê-la, se apaixonar e querer tomar conta dela. Quando ele teve de fugir, fiquei desesperada, não imaginava que havia sido para o melhor.

— Tem razão...

— Agora, vamos nos preparar para o casamento. Quero uma festa linda!

— Vamos, mamãe. A senhora me convenceu de que preciso continuar minha vida. Desejo, sinceramente, que Tobias e Luísa sejam felizes.

Luana sorriu. Beijou a filha e saiu do quarto.

“Obrigada, meu Deus, por ter feito Jerusa entender.”

Os dias passaram. O mês passou. O dia do casamento chegou. Todos foram para a fazenda. A festa, preparada por Severina e a mãe de Marcela, foi linda. Os ciganos continuaram ali. Só iriam embora depois do casamento.

Em um altar improvisado no pátio da casa grande, Danilo e Diva se casaram. A festa, como não poderia deixar de ser, foi linda. Houve muita música, tocada por Sergei, dança e comida.

Luana estava feliz. Mais feliz ficou quando viu Júlio abraçado ao pai, conversando e rindo alegremente. Sua mãe olhou para Luana, que os observava e disse baixinho:

— Obrigada.

Luana sorriu. Olhou para o morro das cruces e também disse baixinho:

“— Obrigada a todos vocês que vieram antes de nós.”

Serafina também estava feliz por ver a fazenda viva novamente. Sentiu uma vontade imensa de ir até o seu quarto. Assim que entrou, viu o quarto se iluminar. Sabia que pai Joaquim a estava visitando. Sorriu, e ficou olhando para a luz. Logo ele, sorrindo, e Matilde apareceram:

— Tudo bem com você, Serafina?

— Sim, véio. Agora parece que está tudo em paz.

— Sim, Severina, o passado ficou para trás. Marcela, Jerusa e a sinhazinha Maria Luísa foram resgatadas pelo amor dos amigos. Estão felizes, cada uma cumprindo sua missão e caminhando para a Luz. Só podemos agradecer a Deus por toda essa felicidade. O menino Danilo e a menina Diva, embora tenham sido impedidos, finalmente estão juntos e poderão seguir caminhando um ao lado do outro.

— Agora, podemos ir embora, Matilde. Nosso trabalho aqui terminou. Você trabalhou muito bem.

— Nada fiz além de acompanhar os meus queridos. Também estou feliz por eles. Apesar do passado, estão todos bem. Tomara que não se desviem do caminho.

— Tomara. Neste instante, estão vivendo um momento mágico e, por isso, o passado não importa. O que importa é o futuro e a caminhada de cada um. Até uma próxima vez, Severina.

— Até, véio, que sua luz aumente sempre mais.

Pai Joaquim sorriu, pegou na mão de Matilde e desapareceram. Severina deitou-se na cama e disse baixinho:

— Que Deus os acompanhe.

Fim